



*E-book digitalizado por: Levita
Com exclusividade para:*



<http://ebooksgospel.blogspot.com/>

WALTER MARTIN

O IMPÉRIO DAS
SEITAS

____Vol. II____

ZEN-BUDISMO
ISLAMISMO
FRATERNIDADE ROSACRUZ
RELIGIÕES ORIENTAIS
MORMONISMO

Título do original em Inglês:

The Kingdom of The Cults

Copyright © 1965, 1977, 1985, Walter Martin

Publicado originalmente em inglês por

Bethany House Publishers.

Minneapolis, Minnesota 55438.

Tradução de Myrian Talitha Lins

Primeira edição, 1992

Todos os direitos reservados pela

Editora Betânia S/C

Caixa Postal 5010

31611-970 Venda Nova, MG

Composto e impresso nas oficinas da

Editora Betânia S/C

Rua Padre Pedro Pinto, 2435

Belo Horizonte (Venda Nova), MG

Capa: Jairo Larroza

Printed in Brazil

Em memória de
Peter de Visser

Meu amigo e irmão na fé. Sua ajuda e estímulo
tornaram possível a feitura deste livro.
Se alguém quiser conhecer seu monumento,
consulte a biblioteca dos bem-informados.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar meus agradecimentos a Pierson Curtis, antigo professor da Escola Stony Brook, que ajudou a revisar e corrigir os manuscritos originais; ao Rev. Anthony Collarile, e aos srs. Herbert Jacobsen, Robert Smith e John Carter que contribuíram com valiosas Informações e dados de pesquisas; ao Sr. Walter Bjorck Jr., da Sociedade Americana de Folhetos, que deu inúmeras sugestões valiosas, a maioria delas aproveitadas, a Gretchen Passantino, editora de pesquisas, que fez uma revisão de grande parte do material que compõe a edição em inglês e ao colega Clark F. Hyman que também deu importante contribuição na revisão dessa edição.

ÍNDICE

Prefácio	08
1. O Império das Seitas Heréticas	09
2. Superando a Barreira da Linguagem	13
3. A Estrutura Psicológica das Seitas	16
4. Zen-Budismo	21
5. Islamismo, a Mensagem de Maomé	30
6. Fraternidade Rosacruz	34
7. Religiões Orientais	39
8. Mormonismo, os Santos dos Últimos Dias	52
9. As Seitas no Campo Missionário	107
10. O Jesus das Seitas	111
11. A Evangelização das Seitas	114
12. Recuperando o Terreno Perdido	119
Bibliografia	122
Contracapa	127

NOTA DA EDITORA

A obra *O Império das Seitas* constitui, no original, um só volume encadernado. Visando torná-la mais acessível ao leitor brasileiro, a Editora Betânia optou pela divisão em volumes, com encadernação brochurada. Na obra original, há alguns capítulos que se aplicam a todas as seitas. Assim, para que cada volume fosse completo em si mesmo esses capítulos gerais foram resumidos e reproduzidos em todos os livros da série.

PREFÁCIO

Sinto-me honrado em apresentar ao público leitor de língua portuguesa, a obra mais importante e mais conhecida do saudoso Dr. Walter Martin. Mais de 400 mil exemplares já foram vendidos nos Estados Unidos.

Impelido por Judas 3, que nos ordena a "batalhar pela fé que uma vez por todas foi dada aos santos", o Dr. Martin fundou em 1960, nos Estados Unidos, o *Christian Research Institute*, uma organização interdenominacional que assiste às igrejas evangélicas no evangelismo de seitas. Quatro anos mais tarde, numa estação de rádio em New Jersey, ele começou o programa *The Bible Answer Man* (O homem que responde pela Bíblia). Em 1974, mudou-se para El Toro, Califórnia. Em 1980, começou a transmissão por satélite, alcançando a maior parte dos Estados Unidos e Canadá.

Conheci o Dr. Walter Martin em 1979, na Califórnia, Estados Unidos. Pouco tempo depois tornei-me seu discípulo na área de seitas e religiões. Fiquei deveras impressionado com o seu profundo conhecimento de heresiologia e acima de tudo, pelo seu vasto domínio no campo da teologia cristã. Além de *O Império das Seitas*, escreveu vários outros livros, livretes, artigos para muitas revistas e periódicos nos Estados Unidos e ainda participou inúmeras vezes de debates públicos, defendendo a fé cristã dos ataques advindos das seitas, e, muitas vezes, do liberalismo teológico.

Em 1983, o Dr. Martin e sua equipe estiveram no Brasil para uma série de conferências sobre a defesa da fé cristã. Naquela ocasião, tive o privilégio de ser um de seus intérpretes. Suas reuniões, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, causaram um impacto de tal dimensão que ele viu-se persuadido a iniciar uma extensão do seu ministério em nosso país. Assim nasceu o Instituto Cristão de Pesquisas, uma organização dirigida hoje por brasileiros. Na manhã do dia 26 de junho de 1989, enquanto orava, veio a falecer, encerrando assim uma carreira frutífera no ministério cristão, e por meio da qual, depois de morto, ainda fala.

O Brasil é um país místico, obcecado pelo sobrenatural. Entre os vários países onde estive desenvolvendo o trabalho de Deus, não encontrei qualquer outro tão faminto pela sua Palavra ou pelos valores espirituais como o nosso. Esta é certamente uma das razões por que as seitas crescem tanto aqui. Já faz tempo que um livro como este tem-se tornado necessário no contexto religioso brasileiro.

O Império das Seitas avalia as religiões e grupos controversiais sob três aspectos:

1. Fazendo uma análise histórica de cada grupo.
2. Fazendo uma análise teológica dos principais ensinamentos de cada seita.
3. Fazendo uma refutação de seus ensinamentos à luz da Bíblia Sagrada, enfatizando a exegese e doutrina.

Desde que foi escrito no contexto norte-americano, certas modificações tornaram-se necessárias, tais como a remoção de alguns capítulos que não fariam sentido dentro do nosso universo religioso e a inclusão e adaptação de outros para um melhor aproveitamento no português.

Este livro é, sem dúvida, a melhor obra de referência já produzida sobre o assunto, o que a tornou, logo depois de sua publicação em inglês, um clássico da apologética cristã. Qualquer cristão que leva a sério o estudo da doutrina cristã e a pesquisa apologética não poderá ignorá-lo.

Instituto Cristão de Pesquisas
Paulo Romeiro — Diretor Executivo
Caixa Postal 5011 — Agência Central
01059-970 São Paulo, SP

1 O IMPÉRIO DAS SEITAS HERÉTICAS

Em seu livro *These Also Believe* (Eles também crêem), um estudo das seitas e crenças de grupos minoritários, o Dr. Charles Braden, professor jubilado da Universidade Northwestern (1954) e John G. Schaffer, conferencista (1955) e professor convidado da Faculdade Scripps (1954 a 1956), ambas nos Estados Unidos, fazem diversas observações interessantes, com as quais concordo plenamente. Com relação ao termo "seita", o Dr. Braden diz o seguinte:

"Ao empregar o termo "seita", não é minha intenção depreciar nenhum grupo ao qual ele se aplique. Seita, no meu entender, é qualquer grupo religioso que, em doutrina ou prática, difira, de forma significativa, dos grupos religiosos considerados a expressão normativa da religião em nossa cultura." (Prefácio, XII.) Gostaria de acrescentar que a palavra pode ser aplicada também a um grupo de indivíduos reunidos em torno de uma interpretação errônea da Bíblia, feita por uma ou mais pessoas. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, em sua maioria, são seguidores das interpretações bíblicas de Charles T. Russell e J. F. Rutherford, Nathan H. Knorr e Frederic Franz. Os atuais adeptos da Ciência Cristã são discípulos de Mary Baker Eddy, pois seguem sua interpretação pessoal das Escrituras. Os Mórmons, como eles próprios confessam, adotam a interpretação bíblica feita por Joseph Smith e Brigham Young, registrada nos escritos deles. Do ponto de vista teológico, as seitas apresentam muitos desvios em relação ao cristianismo tradicional. Paradoxalmente, porém, continuam a afirmar que têm o direito de ser consideradas religiões cristãs. Não posso concordar em tudo com o Dr. Braden, que se confessa um "liberal convicto", nem afirmar como ele que "não defendo nenhuma dessas seitas... e não me oponho fortemente a nenhuma delas". Embora esteja de acordo com o fato de que "as seitas, de modo geral, representam uma busca sincera de milhões de pessoas que procuram respostas para as profundas e legítimas aspirações do espírito humano, que a maioria delas não encontrou nas igrejas estabelecidas", acredito também que haja muito mais para ser dito a esse respeito. Alguém já observou, aliás, com muita sabedoria, que "quem não toma posição em favor de uma idéia, poderá ser levado por qualquer idéia". Então resolvi posicionar-me dentro das fronteiras do cristianismo bíblico, ensinado pelos apóstolos, defendido pelos pais da igreja, redescoberto pelos reformadores, e chamado por alguns de "doutrina dos reformadores".

Os teólogos liberais se preocupam mais com o modo de atuar das seitas do que com a razão de ser das suas doutrinas, e parece que adotaram como norma de conduta a afirmação de Gamaliel. Lembremos, porém, que Gamaliel estava aconselhando os judeus a não se oporem aos cristãos dizendo que "se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los" (At 5.38,39).

Não devemos esquecer também que o conselho dele não constitui doutrina bíblica, e se fôssemos aceitá-lo na forma como é expresso, teríamos de crer que o Islamismo é "de Deus", pois experimentou um crescimento rápido e propagou-se vigorosamente por todo o mundo. E também enquadrar nessa mesma categoria o Mormonismo (que começou em 1830 com apenas seis pessoas e hoje, 1991, conta com cerca de oito milhões de adeptos), o que a maioria dos liberais não aceita, embora se

digam tão liberais. Não quero dizer com isso que devemos examinar as seitas sob "microscópios eclesiásticos", mas, sim, à luz da revelação divina que possuímos, a Palavra de Deus, a qual pode pesá-las "na balança de precisão da verdade absoluta". O Senhor mesmo disse: "Porque se não crerdes que eu sou morrereis nos vossos pecados". O critério final para se julgar qualquer coisa relacionada a grupos, seitas, crenças, etc, sempre foi e sempre deve ser a pergunta: "Que pensais vós do Cristo? de quem é filho?"

Sou obrigado a discordar também da idéia de que "todos os caminhos que nos levam a Deus são bons", pois creio na palavra do Senhor que diz: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim". (Jo 14.6.) Observamos que Jesus não diz aí: "Eu sou um dos muitos caminhos bons" ou "Sou o melhor caminho, sou um aspecto da verdade, sou um fragmento da vida". Nada disso. Ele fez uma afirmação em termos absolutos, e a aceitação de que ele é o Salvador do mundo anula todas as afirmações semelhantes de outros homens ou religiões.

Quero deixar bem claro também que apesar de fazer algumas críticas a certas posições dos liberais nessa questão de seitas e crenças, não deixo de reconhecer as valiosas contribuições deles para esse estudo. Mas por mais completa que seja uma pesquisa, por mais longo que seja o tempo dedicado a um estudo, é impossível levantar todas as informações e avaliar todos os fatos necessários a uma compreensão plena da origem e desenvolvimento das seitas. Meu tratamento do assunto segue uma orientação confessadamente teológica, com o objetivo de contrastá-las com o Cristianismo, confirmando-o como a verdadeira religião.

O Dr. Van Baalen está certo quando diz que "as seitas são as contas vencidas da Igreja" (*O Caos das Seitas*, p. 8). E elas o são de fato; mas são muito mais: constituem um desafio para que a Igreja afirme mais uma vez os grandes princípios e fundamentos do Evangelho de Cristo, tornando-os relevantes para a atual geração. Não há dúvida de que o rumo geral que as religiões estão tomando hoje em dia é o do sincretismo, isto é, de uma homogeneização das crenças, como já demonstrou mais de uma vez o grande historiador Arnold Toynbee.

Há pessoas que estão sempre tentando convencer-nos, por meio de livros, artigos de revistas e jornais, de pronunciamentos em concílios e congressos ecumênicos, que "devemos dar menos valor às questões que nos separam, e mais ênfase àquelas que temos em comum uns com os outros, e que atuam como elos de ligação entre nós e eles". Estamos de acordo com a sugestão desde que aquilo que nos une a outros seja uma firme base doutrinária, uma verdade moral e ética, e que essa unidade de que se fala seja a união verdadeira do corpo de Cristo. Mas, se como querem alguns, esse fator de ligação se ampliar mais, para incluir também aqueles que não se acham em harmonia com os princípios essenciais do Cristianismo, então temos de nos opor decisivamente à idéia.

A Perspectiva Bíblica

A era que presenciou o advento de Jesus Cristo foi uma época rica de religiões, que iam desde o Animismo crasso e dos rituais sexuais adotados em grande parte do mundo, até os panteões romanos, com seus deuses, e as misteriosas crenças dos gregos. Basta ler a obra de Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano* para vermos claramente a multiplicidade de deuses e deusas, bem como os sistemas filosóficos que figuravam no horizonte religioso daquela era da história. O Judaísmo cessara com suas atividades missionárias, já que os judeus se achavam debaixo do tacão de ferro do paganismo romano que lhes era adverso. Seus escribas e rabinos haviam interpretado e reinterpretado tanto a lei de Deus e acrescentado a ela tantas emendas que Jesus chega a dizer o seguinte, aos líderes religiosos de seus dias: "Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição?... E

assim invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição". (Mt 15.3,6.)

E foi no meio desse torvelinho de filosofias humanas deterioradas e de revelação divina deturpada que apareceu o Filho de Deus e, com seus ensinamentos e exemplo, revelou o homem divino, e com seu poder miraculoso, sua morte viçaria e sua ressurreição corpórea, abriu um atalho no emaranhado de dúvidas e temores dos homens quando levantado da terra para atrair todos a si. Acertadamente alguém já disse que o homem tem liberdade para aceitar ou rejeitar a Jesus Cristo, e a Bíblia como Palavra de Deus; tem liberdade para fazer oposição a ele e até para desafiá-lo. Mas não tem liberdade para alterar a mensagem essencial das Escrituras: a boa-nova de que Deus ama os perdidos e ama tanto que enviou ao mundo seu Filho unigênito para que todos pudéssemos viver por intermédio dele.

Juntamente com esse evangelho da graça de Deus, o Senhor anunciou e profetizou que seus seguidores iriam enfrentar provações e tribulações, tanto dentro como fora da igreja, e que uma das maiores dificuldades que teriam seria a presença de falsos cristos e falsos profetas, que viriam em seu nome e enganariam a muitos (Mt 24.5). Jesus estava tão preocupado com essa questão que certa vez disse:

"Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz; Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade". (Mt 7.15-23.)

Cristo revelou que haveria falsos profetas. O Filho de Deus não tinha dúvida de que isso ocorreria. E as heresias dos primeiros cinco séculos da era cristã comprovam a veracidade de suas predições. Cristo disse ainda que os frutos dos falsos profetas seriam visíveis e que a igreja iria identificá-los prontamente. Não nos esqueçamos de que os frutos de uma árvore má, além de éticos e morais, podem ser também doutrinários. Talvez uma pessoa possa ser até ética e moralmente correta, segundo os padrões humanos. Mas se der as costas a Jesus Cristo, rejeitando-o como Senhor e Salvador, o fruto dela será ruim, e deverá ser repudiado, pois não passa de um simulacro da verdade. O apóstolo João compreendeu bem isso quando disse: "Eles saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos". (1 Jo 2.19.)

Então a Bíblia de fato fala de falsos cristos, falsos profetas e falsos apóstolos, bem como de "obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras" (2 Co 11.13-15).

Então a perspectiva bíblica com relação a esses falsos profetas e seus falsos ensinamentos é a de que devemos ter compaixão e amor por aqueles que foram envolvidos nos ensinamentos deles, mas também precisamos nos opor vigorosamente às doutrinas, com o supremo objetivo de ganhar a alma do indivíduo, e não de discutir com ele. Não devemos esquecer que os adeptos dessas seitas são almas pelas quais Jesus morreu, pois "ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro" (1 Jo 2.2).

Nosso propósito com este livro é despertar maior interesse entre o povo de Deus para esse importante campo missionário que são os adeptos das seitas, apontar as falhas de seus diversos sistemas doutrinários, e fornecer recursos aos crentes para que saibam responder corretamente, quando abordados por eles, e ao mesmo tempo apresentar-lhes as bases do evangelho de Cristo com uma forte preocupação pela salvação deles. Outra meta deste livro é deixar o leitor bem familiarizado com as restauradoras verdades do evangelho, para que ele possa enxergar a maravilhosa herança que temos na fé cristã e se sinta inspirado a viver para o Salvador e a testemunhar dele de modo eficaz.

A Associação de Bancos dos Estados Unidos utiliza para treinamento de pessoal um recurso, que exemplifica bem o nosso objetivo. Todos os anos eles levam a Washington centenas de caixas para ensiná-los a identificar o dinheiro falso, que sempre acarreta enormes prejuízos para o tesouro do país. O mais interessante é que, nos quinze dias de duração do treinamento, nenhum dos "caixas" manuseia cédulas falsas; só lidam com notas verdadeiras. E que a direção da associação está convencida de que, se o funcionário estiver bem familiarizado com o dinheiro verdadeiro, identificará o falso assim que este lhe cair nas mãos, por mais perfeita que seja a falsificação.

A verdade é que, quando os cristãos se familiarizarem com as doutrinas fundamentais da fé, saberão identificar facilmente os falsos ensinos que divergem dos do cristianismo bíblico.

As seitas têm lucrado muito com o fato de a igreja cristã não compreender bem os ensinos delas e não criar uma metodologia prática para evangelizar seus adeptos, refutando seus argumentos.

É verdade que a estrutura doutrinária delas contém inúmeras verdades, todas elas, diga-se de passagem, retiradas de fontes bíblicas. Mas acham-se tão mescladas de erros humanos que acabam sendo mais mortíferas que uma mentira frontal. Além disso, algumas seitas têm dado ênfase a aspectos que a igreja cristã tem ignorado, como cura divina (Ciência Cristã), profecias (Testemunhas de Jeová e Mormonismo) e outros.

2

SUPERANDO A BARREIRA DA LINGUAGEM

A era em que vivemos, com sua mentalidade científica, criou, no sentido exato do termo, um vocabulário novo que, se não for compreendido, pode trazer sérios problemas para a comunicação humana. A revolução cultural que modificou o vocabulário da tecnologia, psicologia, medicina e política afetou também as religiões do mundo, de modo geral, e a teologia cristã em particular. Em artigo publicado na revista *Éternity*, o famoso teólogo, Dr. Bernard Ramm, fazendo uma avaliação do pensamento teológico do Dr. Tillich, importante teólogo moderno, já falecido, ex-professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Chicago, chama a atenção para esse fato. Diz ele que Tillich reinterpretoou os conceitos teológicos tradicionais de forma tão radical que o efeito disso sobre a teologia cristã chega a ser desastroso. "Ele reinterpreta ensinamentos bíblicos como pecado, culpa, condenação, justificação, regeneração, etc., de forma totalmente estranha ao sentido original revelado na Bíblia."¹

Portanto, um teólogo moderno pode empregar a terminologia da Bíblia e da teologia histórica com um sentido totalmente diverso do que pretendia a dos escritores sacros.

Antes de começar a examinar as seitas não-cristãs focalizadas nesta obra, precisamos lembrar que seus fundadores e pregadores fizeram com a estrutura semântica da teologia cristã, exatamente o mesmo que os teólogos modernistas. Assim, uma Testemunha de Jeová, um Mórmon ou um adepto da Ciência Cristã, por exemplo, pode usar a terminologia bíblica cristã tranquilamente, mas empregará esses termos dentro de uma estrutura teológica própria, por eles criada, dando um sentido quase sempre diferente do sentido historicamente aceito.

Já ouvi várias vezes a pergunta: "Por que será que quando converso com um membro de uma dessas seitas, tenho a impressão de que ele concorda em tudo com o que estou dizendo. Mas, terminada a conversa, sinto que não houve uma comunicação de fato, como se não tivéssemos falado a mesma língua?"

Naturalmente a resposta é que não houve comunicação porque o vocabulário empregado pelas seitas não é o da Bíblia, por definição.

O Quebra-Cabeças da Semântica

A questão semântica sempre teve um papel preponderante nos negócios humanos, pois através do seu uso, ou abuso — seja qual for o caso — muitas igrejas, tronos e até governos têm-se levantado, permanecido no poder, e depois sido destituídos.

A melhor maneira de se utilizar a chave que poderá desvendar o segredo do jargão semântico das seitas é ilustrada pelos fatos que narro a seguir, e que foram coletados nos meus mais de trinta anos de pesquisa e trabalho prático junto a elas.

Uma típica seita não-cristã deve sua existência ao fato de sempre utilizar a terminologia do Cristianismo, citar passagens bíblicas (quase sempre fora de contexto), e colocar em sua estrutura doutrinária inúmeros "clichês" e termos evangélicos, sempre que eles favorecem seus interesses. Até o presente, eles têm obtido muito sucesso nessa tentativa de apresentar seu sistema como sendo cristão.

Portanto, ao ter um confronto com um adepto de uma dessas seitas, devemos lembrar que estamos lidando com alguém que está familiarizado com a terminologia cristã, e que a reinterpreta para que se harmonizasse com seu sistema teológico.

Um exemplo concreto dessa reinterpretação é o caso de quase todas as seitas gnósticas que dão ênfase à cura, terem em comum um conceito panteístico de Deus (como por exemplo Ciência Cristã, Seicho-No-Iê, Rosacruzianismo, Escola da Unidade, Novo Pensamento e outras).

Nos inúmeros contatos que tive com adeptos delas, pude observar que faziam uso desse terrível labirinto semântico. Geralmente eles começam falando muito sobre Deus e Cristo. Falam principalmente de amor, tolerância, perdão, sobre o Sermão do Monte, e constantemente citam, fora de contexto, a famosa passagem de Tiago: "A fé sem obras é morta".(Tg 2.17.)

É interessante notar que esse indivíduo raramente aborda questões como o problema do mal, a existência do pecado na vida do homem, a necessidade da expiação viçaria de Cristo como a única forma de se obter a salvação dos pecados, por intermédio da graça divina e mediante o exercício da fé. Aliás, eles evitam tais assuntos como quem foge da peste, e se insistirmos, só depois de muita relutância é que aceitam tocar neles.

Outro aspecto dessa manipulação semântica que deixa confuso o crente que tenta evangelizar um membro de uma seita é o volume de citações bíblicas que ele faz e o fato de dar a impressão de que concorda com quase todos os argumentos do cristão. Está sempre citando frases feitas, como "Nós cremos assim também", "Nós estamos de acordo nesse ponto".

A solução desse difícil problema não é simples. O crente precisa estar ciente de que, a cada termo ou doutrina bíblica que ele mencionar, na mente do outro se acenderá como que uma luzinha vermelha com a reinterpretação deles, e ele prontamente dará sua explicação distorcida. Quando o crente perceber que, embora o membro da seita aparente concordar com a doutrina em discussão, na verdade discorda de sua conceituação histórica e bíblica, estará começando a lidar de forma correta com a terminologia da seita.

É muito simples para o adepto da seita espiritualizar e modificar o sentido dos textos e ensinamentos bíblicos, de forma a estar em harmonia com a fé cristã histórica. Essa harmonia, porém, é bastante superficial, e baseia-se numa ambivalência das palavras, que não passa pelo crivo do contexto e da gramática bíblicos, e nem de uma exegese correta. Na verdade, a língua é algo muito complexo; todos concordamos com isso. Mas há um fato que ninguém nega: em um mesmo contexto cada termo só pode ter um sentido. Ou aceitamos isso ou podemos preparar-nos para negar todos os avanços da gramática e da erudição, para voltar a escrever nas cavernas como nossos supostos ancestrais da idade da pedra. Para ilustrar melhor esse ponto, vejamos como a experiência do dia-a-dia mostra o absurdo da reinterpretação de termos nas diversas áreas de atividade humana.

Se um advogado vai defender certo réu, precisa conhecer bem as leis que regulam os procedimentos relacionados com o julgamento, como a inquirição das testemunhas, o exame das evidências, etc. Mas acima de tudo, ele precisa crer que seu cliente é inocente. Se este diz ao seu advogado que cometeu uma contravenção e não um crime, está empregando terminologia jurídica. Mas se o advogado descobrir depois que o indivíduo modificou o sentido desses termos, atribuindo-lhes o mesmo significado, ou deverá recusar-se a defendê-lo ou esclarecer essa terminologia perante o júri. Por definição, crime é crime e contravenção é contravenção. Se alguém confessar que roubou cerca de cem dólares (que seria um pequeno furto), querendo dizer que foi mais ou menos cem dólares, sabendo que na verdade foi mais de quinhentos (que é considerado pela lei americana um roubo maior) está fazendo um

joguinho que a lei não admite. Certamente ele será punido por manipular os termos jurídicos oficiais.

No âmbito da medicina, se um cirurgião anuncia que irá proceder a uma cirurgia cardiovascular, mas em seguida, na presença de colegas de profissão, faz a remoção da vesícula do paciente e depois defende-se dizendo que, no seu entender, cirurgia cardiovascular significa remoção da vesícula, não irá praticar medicina por muito tempo. A operação do coração é uma cirurgia muito delicada. A remoção da vesícula, por definição, é outra operação.

Tanto na medicina como na ciência jurídica, os termos são aquilo que são, e pronto. E isso se aplica também a outras áreas da atividade humana, como a economia e o comércio. Mas para os adeptos de uma seita herética, as palavras, dentro de um determinado contexto não significam aquilo que sempre significaram. E assim como a Ordem dos Advogados e o Conselho de Medicina não tolerariam uma modificação no sentido de termos num diagnóstico ou numa cirurgia, assim também a igreja de Jesus Cristo tem todo o direito de não aceitar distorções grosseiras e reinterpretações da terminologia bíblica tradicional apenas para agradar a uma cultura e uma sociedade que não aceitam que haja um padrão ou critério absoluto para a verdade, mesmo que essa verdade seja revelada por Deus em sua Palavra, por intermédio do testemunho de seu Espírito.

As principais seitas modificam, sem o menor constrangimento, o sentido de termos estabelecidos ao longo da História. E depois respondem às interpelações dos teólogos cristãos com esta argumentação sem sentido: "Você interpreta do seu jeito, eu interpreto do meu. Precisamos ter mente aberta. Afinal, qualquer interpretação é boa".

Portanto, não é de admirar que os cristãos ortodoxos se sintam impelidos a censurar as distorções praticadas contra uma terminologia definida e já de longa data aceita, e a afirmar que as seitas não têm base nem na Bíblia, nem na lingüística, nem na escolástica para reinterpretar os termos bíblicos da forma como o fazem.

Espiritualizar os textos e doutrinas bíblicas ou tentar explicá-los com frases obscuras é praticar desonestidade intelectual. Não é incomum encontrar esta prática nas principais obras das seitas. Seus adeptos ainda irão descobrir que o poder do Cristianismo não se encontra em sua terminologia, mas no relacionamento do indivíduo com o Cristo da revelação. Trata-se do encontro do homem com seu Deus. Ele tem de se tornar uma nova criatura em Cristo. Despir a terminologia cristã de seu significado histórico só serve para criar confusão e nunca diminuirá a força do evangelho, que é a pessoa do Salvador a executar sua função vital: redimir o pecador pela graça divina.

O Cristo das Escrituras é divino e eterno, e não pode desaparecer ao simples toque do botão de uma reinterpretação de termos, por mais bem feita que ela seja. Sempre que um crente tiver um confronto com um adepto de uma seita, seja ela qual for, deve manter-se ao conflito básico da terminologia que certamente ocorrerá.

1. Novembro de 1963.

3

A ESTRUTURA PSICOLÓGICA DAS SEITAS

Durante meus contatos com os adeptos das seitas, observei que todos eles, embora diferentes entre si como indivíduos, possuem em comum certos traços psicológicos. Um estudo atento dessas semelhanças revelou algumas tendências interessantes.

Em primeiro lugar, e acima de tudo, o sistema doutrinário das seitas se caracteriza por um fechamento da mente. Eles não buscam uma avaliação cognitiva racional dos fatos. A cúpula da organização interpreta os fatos para os membros, geralmente invocando a autoridade da Bíblia ou do seu fundador, como suprema fonte de suas afirmações. Esse sistema de crença ocupa uma posição isolada; nunca adota uma coerência lógica. Essas crenças como que ocupam um compartimento fechado na mente do adepto, que, uma vez inteiramente submisso ao padrão de autoridade de sua organização, nunca mais questiona nada, nem tem mais dúvidas.

Em segundo lugar, essas seitas se caracterizam também por forte antagonismo pessoal contra os cristãos, já que associam seu desagrado pela mensagem cristã com o mensageiro que adota crenças opostas às suas.

Teoricamente falando, se pudermos levar o adepto a fazer distinção entre o indivíduo (isto é, a pessoa a quem ele se mostra antagônico) e o ideário doutrinário dele (que é o verdadeiro alvo do antagonismo), passaríamos a ser para ele apenas uma fonte de informação objetiva, neutra, o que facilitaria o diálogo. Desse modo ele nos veria apenas como uma pessoa que adota um pensamento teológico oposto ao dele, mas que não se acha necessariamente numa posição de antagonismo pessoal.

Essa medida pode ajudar a remover o sentimento de hostilidade. Depois que o membro da seita, que recebeu uma "lavagem cerebral" psicológica por parte da organização (seja a Sociedade Torre de Vigia, ou os livros de Mary Eddy, ou os escritos de Joseph Smith e Brigham Young) aprende a aceitar um cristão em bases pessoais, separando as diferenças teológicas, as possibilidades de uma boa comunicação aumentam enormemente.

A quase totalidade das seitas ensina a seus discípulos que todos aqueles que se opõem às suas crenças só podem estar motivados por influência satânica, preconceitos cegos e grande ignorância. Portanto, quando um deles encontra um cristão que não corresponde a essa descrição, os resultados podem ser excelentes. Um crente sábio, que dá mostras de não possuir preconceitos, que se acha razoavelmente informado e demonstra um genuíno interesse pelo seu bem-estar (o que ele percebe facilmente pela preocupação do crente com sua alma e sua condição espiritual) pode conseguir derrubar os mecanismos de condicionamento de qualquer seita.

Em terceiro lugar, todas as seitas, quase sem exceção, apresentam uma espécie de dogmatismo institucional e uma forte intolerância para com qualquer outra forma de pensamento que não a sua. Obviamente no caso das seitas não-cristãs que desejam ser associadas ao Cristianismo, isso decorre do fato de que a base de suas teses quase sempre é, como alegam eles, de origem sobrenatural.

A história das seitas sempre começa com uma declaração autoritária por parte do fundador ou fundadores. Após a morte deles, ou mesmo durante sua vida, essa afirmação é institucionalizada, tornando-se um dogma que exige do seguidor uma

confiança absoluta na autoridade sobrenatural daqueles que receberam a revelação inicial, que estaria contida em seus escritos e pronunciamentos.

A questão da intolerância acha-se intimamente ligada ao dogmatismo institucional ou autoritarismo. E as seitas que adotam essa linha de ação mostram-se muito resistentes a mudanças e a influências externas, pois sua mola mestra é a conformidade absoluta, a ambigüidade, e o extremismo.

O quarto e último ponto a ser analisado em qualquer estudo que se faça das seitas é o isolamento.

Nota-se dentro da estrutura das seitas não-cristãs a existência de crenças que, sem dúvida alguma, são logicamente contraditórias, e que em termos de diagnóstico psicológico seriam classificadas como "compartmentalização". Em seu clássico livro, 1984, George Orwell define o fato como "duplo pensar".

Rokeach ilustra esta questão de forma magnífica:

"Vemos muitos exemplos desse duplo "pensar" no dia-a-dia: uma pessoa manifesta profunda aversão pela violência mas ao mesmo tempo crê que em certas situações ela é justificável; outra afirma possuir uma imensa confiança no ser humano, mas apesar disso crê que as massas são estúpidas; alguém apoia a democracia, mas também defende a idéia de que o país seja governado por uma elite intelectual; crê na liberdade, mas acha também que certos grupos devem sofrer limitações; acredita que a ciência não fez apreciações sobre o que é certo ou errado, bom ou mau, mas vê distinção entre uma teoria boa e outra que não é boa, entre um bom experimento e um experimento errado. Essas expressões de crenças claramente contraditórias constituem uma indicação de isolamento dentro do sistema... O supremo indicador é a negação frontal de que haja contradição. Esses indivíduos negam os fatos contraditórios de várias maneiras. Invocam argumentos como o do "absurdo" ("evidentemente, isso é absurdo") do "acaso", da "exceção que confirma a regra", e o de que "não temos acesso à verdade e as únicas fontes de informação de que dispomos são tendenciosas".¹

Acho que não poderíamos explicar esse fato de forma mais clara no que diz respeito às seitas. O Dr. Rokeach colocou o dedo bem na ferida. Todas as Testemunhas de Jeová estão bem cientes de que a Sociedade Torre de Vigia, sob a liderança do juiz Rutherford, afirmava que Abraão, Isaque e Jacó voltariam à terra em 1925 (*Milhões que Agora Vivem Jamais Morrerão*, p. 110/111), e chegaram até a comprar uma casa para esses patriarcas — a "Bete Sarim" ou "casa de príncipes", em San Diego, Califórnia (*Salvação*, p. 276). E embora eles estejam perfeitamente cientes de que os patriarcas não apareceram na data marcada, ainda se apegam obstinadamente aos mesmos princípios de interpretação profética pelos quais chegaram às "revelações", hoje invalidadas, recebidas pelos líderes da organização. E não há dúvida de que ainda se acham apegados a esses princípios, pois recentemente tiveram um novo fracasso quando predisseram que a batalha de Armagedom ocorreria em 1975 (*Vida Eterna — Na Liberdade dos Filhos de Deus*, p. 28/35). E claro que ela ainda não ocorreu, mas as fiéis Testemunhas de Jeová continuam de porta em porta, insistindo em falar das "revelações" que recebem por intermédio da Organização.

Os historiadores e teólogos mórmons mais bem informados estão cientes de que da primeira edição do Livro de Mórmon para a atual houve pelo menos 3.913 mudanças (e se levarmos em conta as diferenças de pontuação serão mais de 25.000). A primeira edição já sofreu várias revisões, primeiro por Joseph Smith, e depois por seus sucessores ao longo dos últimos cento e cinquenta anos. Contudo, tanto os dados removidos como os atuais são apresentados como revelação divina. Esse é outro exemplo da coexistência pacífica de contradições claras dentro do sistema de crenças do mormonismo, que permite o isolamento ou segregação de evidências ou conceitos conflitantes.

Outro exemplo de contradição é o fato de que a Ciência Cristã sabe, há muito tempo, que embora Mary Baker Eddy criticasse violentamente a classe médica e os remédios, e afirmasse que a dor, o sofrimento e as doenças fossem irreais, em seus últimos anos de vida ela recebeu cuidados médicos, tomou injeções de morfina para aliviar as dores, usava óculos e extraiu dentes que cariaram. Contudo, a despeito disso, a Ciência Cristã continua afirmando que são válidos todos os ensinamentos dela, que na prática negam o que ela viveu. Eis um exemplo clássico de isolamento que se encaixaria muito bem com o ditado: "Médico, cura-te a ti mesmo!"

O Processo de Condicionamento Psicológico

Para concluir nossas observações nessa área pouco focalizada nos estudos sobre as seitas, vejamos alguns exemplos de como o Mormonismo, a Ciência Cristã e as Testemunhas de Jeová condicionam seus adeptos para reagir aos incrédulos, fora do seu círculo.

No caso das Testemunhas de Jeová, a literatura da Torre de Vigia está repleta de exemplos de condicionamento psicológico pelo qual, mediante um determinado estímulo, o indivíduo emite um tipo de reflexos religiosos.

"A classe clerical sempre se apresentou como a representante de Deus na terra. Satanás tomou posse da mente desses homens e injetou nela doutrinas acerca de Jesus e seu sacrifício que eles estão ensinando há séculos. Esses ensinamentos têm causado uma grande confusão. Os apóstolos ensinaram a verdade, mas pouco depois da morte deles o diabo encontrou algum sacerdote que se julgava muito sábio e capaz de ensinar melhor que os apóstolos inspirados."²

"Então, consciente ou inconscientemente, (essa classe) é um instrumento nas mãos do deus deste século, Satanás, o diabo, que a tem usado para cegar o entendimento do povo, a fim de impedir que eles compreendam o grande plano de salvação e reconciliação por Deus."³

Obviamente, a classe pastoral do Cristianismo é sempre a vilã da história, sendo então, o alvo dessa "ira santa". Mas a Sociedade Torre de Vigia nunca explica a diferença entre essa "ira santa" e o velho e conhecido ódio. Deixam claro, que o Cristianismo (todas as igrejas históricas), dirigido por uma classe clerical corrupta, instilou na humanidade essa doutrina da Trindade, concebida por Satanás, bem como as doutrinas do inferno e do castigo eterno, sem que ninguém se desse conta disso. Portanto, eles são sempre suspeitos em tudo, e as doutrinas que ensinam foram inspiradas por Satanás, não sendo dignas de crédito.

Não é de admirar, portanto, que Stanley High, uma pessoa sempre equilibrada e imparcial, tenha escrito o seguinte em um artigo de *Seleções do Reader's Digest*, em junho de 1940:

"As Testemunhas de Jeová odeiam todo mundo e se esforçam para que o sentimento seja recíproco... Eles fazem do ódio uma religião".

Para a Torre de Vigia, as doutrinas do inferno e do castigo eterno, que provocam no homem o medo da punição, são "absurdas", e não se coadunam com o caráter de Deus. Portanto, tanto elas como a doutrina da Trindade são de origem satânica e, sendo falsas, devem ser rejeitadas.

Em essência, o que eles fazem é atribuir um significado controvertido a certos termos teológicos comuns (Trindade, Divindade de Cristo, inferno, castigo eterno, Cristianismo, alma imortal), e assim todas as vezes que esses termos são mencionados, as Testemunhas de Jeová têm uma instantânea reação de hostilidade.

A Torre de Vigia não hesita em acusar a classe ministerial e o Cristianismo como um todo, de trazer todo tipo de males ao mundo. Aliás, chegam ao ponto de insinuar que o Cristianismo favoreceu as grandes guerras deste século, e não fez nada para evitá-las.

"Se o Cristianismo quisesse, poderia ter facilmente evitado a primeira e a segunda grandes guerras."⁴

Enquanto as Testemunhas de Jeová estão preocupadas com o Armagedom, com a teocracia, com o "Tempo do Fim" e com o "ódio puro", os Mórmons têm outras preocupações teológicas e psicológicas.

O cerne do sistema teológico mórmon é uma forte ênfase à autoridade de que o grupo sacerdotal se acha investido, bem como aos rituais e símbolos dirigidos pela hierarquia da igreja Mórmon. Logo no início, um convertido mórmon aprendeu que a chave da autoridade se acha em poder dos sacerdotes e que uma das características da restauração da verdadeira igreja de Jesus Cristo na terra é o fato de que os sacerdotes existem e perpetuam essa autoridade.

Um mórmon fiel usa roupas de baixo simbólicas pelas quais ele está sempre lembrando seus deveres como membro do grupo. Se pensarmos ainda na forte ênfase dada ao batismo para a remissão dos pecados, ao dízimo, e ao serviço missionário voluntário, vemos como os seguidores ficam encerrados dentro de um círculo fechado, homogêneo, do qual é praticamente impossível fugir, a não ser com sérias penalidades espirituais e econômicas.

Todo mórmon é ensinado que sua seita é a verdadeira religião cristã; ou, usando seus próprios termos, é "a restauração do cristianismo na terra". Os ritos privados dos templos Mórmons os rituais associados com o batismo pelos mortos, os apertos de mão secretos, os sinais e símbolos adotados, tudo isso prende o membro da seita e seus familiares num laço que em Psicologia é chamado de "grupo social". Quem não for aceito nesse grupo não terá paz, nem gozará de prestígio, nem terá posição na comunidade.

Da mesma forma, o mórmon que se converte ao Cristianismo muitas vezes sofre perseguições nas regiões de maior concentração de membros da seita. Se alguém incorrer no desagrado dessa igreja pode facilmente perder seu ganha-pão.

Outro modo pelo qual os mórmons prendem seus fiéis é seu programa de amparo social. Se um chefe de família perde o emprego, sofre algum acidente ou morre, a igreja assume o sustento da esposa e filhos. E esse amparo é tão eficiente que durante a grande depressão econômica da década de 30 nos Estados Unidos, as famílias mórmons não passaram fome, nem se viam filas para distribuição de sopa ou pão nas áreas de domínio deles.

Outro aspecto do Mormonismo é apelar conscienciosamente para o princípio bíblico de se ajudarem uns aos outros. Eles fazem empréstimos uns aos outros, trabalham uns para os outros, e todos se esforçam no sentido de alcançar o objetivo comum de transmitir o "cristianismo restaurado" a toda a humanidade. Esses e outros pontos fortes da seita fazem dela uma religião centrada na família, que associa o sentimento religioso aos fortes laços de unidade e lealdade familiar. Isso cria uma espécie de coação e um intrincado sistema de valores extremamente complexo, sobre o qual se estabelece a estrutura teológica da igreja, que assim se coloca como um alvo a ser alcançado para que o mórmon comum atinja a "exaltação" ou o avanço até a condição de divindade.

Portanto, para um deles conseguir desvencilhar-se desses diversos jugos e passar a caminhar com a liberdade de uma genuína experiência com o Filho de Deus, deve possuir grande coragem, já que sofre fortes pressões psicológicas, econômicas e religiosas. Mas o fato é que um grande número está tomando essa posição, nesse momento em que o Espírito Santo continua a chamar do meio deles a igreja que é o corpo de Cristo.

Diferentemente das duas seitas já analisadas, a Ciência Cristã não está interessada em conferir a seus adeptos a divindade (mormonismo), nem derramar sobre eles o pânico escatológico do Armagedom (Testemunhas de Jeová).

A Ciência Cristã é uma engenhosa mistura do gnosticismo do primeiro século, com a filosofia hegeliana do século XVIII, mais o idealismo do século XIX, misturados a uma estrutura de teologia cristã reinterpretada, na qual se dá ênfase à cura física com base na questionável prática da negação da realidade material e objetiva do corpo.

Na Ciência Cristã, faz-se total distinção entre o mundo objetivo da realidade física (matéria), e o mundo espiritual da existência sobrenatural (mente). Mary Baker Eddy ensinava que o "homem como idéia de Deus já estava salvo, com uma salvação eterna".⁵

Portanto, o adepto da Ciência Cristã não precisa ver-se como um pecador que necessita de salvação, pois crê que já a possui pelo fato de que o "homem já está salvo", porque é um reflexo da mente divina.

A Ciência Cristã apresenta inquietantes aberrações psicológicas. A Sr.^a Eddy exigia que seus seguidores evitassem todo contato com os elementos não-espirituais do ilusório mundo material. Proibia que lessem "literatura prejudicial", para que não se convencessem da realidade do corpo físico, de suas enfermidades e dores e da inevitável morte.

Então o cientista cristão pratica uma repressão subconsciente, e conscientemente remove da lembrança certos fatos que perturbam toda a configuração dos padrões de condicionamento psicológico. Ele é condicionado para não acreditar na existência do mundo material, embora seus sentidos físicos comprovem essa realidade. Está continuamente afirmando que a matéria não existe de fato e, portanto, sofre de uma espécie de esquizofrenia religiosa.

Um lado de sua personalidade dá testemunho da realidade do mundo material e de sua inexorável decomposição, enquanto o condicionante processo da doutrina da Ciência Cristã martela de modo incessante em sua mente, afirmando que a única realidade verdadeira é a espiritual ou mental, com o objetivo de anular esse testemunho.

Federíamos fazer ainda muitas outras observações, mas falta-nos espaço. Minha esperança é que, se o leitor analisar e estudar bem os vários aspectos do padrão de conduta das seitas aqui debatidas, possa obter uma visão mais profunda da estrutura psicológica dessas religiões, que continuam a influenciar uma parcela cada vez maior de cristãos professos, que se acham mal preparados para fazer frente aos perigos e sutilezas dessas distorções psicológicas e teológicas.

1. Do livro *The Open and Closed Mind*, p. 36/37.
2. *Reconciliation* (reconciliação), de J. F. Rutherford.
3. Idem.
4. *The Wuchtower* (A Sentinela. versão americana), 1.º de dezembro de 1951.
5. *Miscellaneous Writings*, de Mary Baker Eddy.

4

ZEN-BUDISMO

Entre as seitas focalizadas neste livro, a segunda mais antiga é uma ramificação do budismo, uma das principais religiões do mundo, que conta com milhões de seguidores.

Conhecida na América como *Zen*, essa seita originou-se do ramo japonês da escola de meditação da filosofia budista, levada da China para o Japão no século VII de nossa era.

Os dois grandes pioneiros do Zen-Budismo no Japão foram Eisai, que fundou a seita Rinzai em 1191 A.D., e Dogen, que fundou a seita Soto em 1227 A.D. A Rinzai dava ênfase a uma proteção especial para a nação japonesa, enquanto a outra acentuava mais a centralização do poder nas mãos do imperador. Dessa forma o Zen-Budismo ficou muito ligado à existência do povo e do governo japonês.

Hoje o Zen-Budismo afirma possuir mais de três milhões de seguidores no Japão. Na América do Norte há mais ou menos 300.000 budistas, muitos dos quais praticam o Zen, dentre os quais Jerry Brown, ex-governador da Califórnia.

Os leais seguidores do Zen-Budismo atribuem sua origem a Buda que, segundo eles comunicou a seus discípulos o *Mahakasyapa* (ou simplesmente *Kasyapa*), a chamada "doutrina da mente de Buda". Diz a lenda que Buda apenas colheu uma flor em silêncio, e desse modo comunicou o fragmento místico de sua mente. Daí provém a importância da "mente de Buda" nessa seita.

Essa escola do Budismo, precursora do Zen, foi criada formalmente na China pelo famoso Bodhi-Dharma (480-528 A.D.) por volta do ano 528 A.D., embora supostamente tenha sido iniciada pelo grande Buda e transmitida por uma linha sucessiva de vinte e oito patriarcas.

Nos Estados Unidos essa religião tem crescido com grande rapidez nos últimos anos. Isso se deve principalmente ao fato de o povo se encontrar desiludido com um sistema social sem valores definidos e estar-se voltando para os falsos valores oferecidos pelas religiões e filosofias orientais.

Hoje temos de olhar o Zen com certa consideração, já que está recebendo atenção favorável por parte de publicações de renome como *Time*, *Newsweek*, *Life*, *U. S. News and World Report* e *Seleções do Reader's Digest*, para citar apenas algumas. O Zen-Budismo propriamente dito é ainda mais complexo do que faz parecer o deturpado jargão empregado pelos falsos intelectuais que anseiam desesperadamente conquistar "um lugar ao sol". Não que tenham capacidade para isso, mas acham que têm direito a ele, devido a uma suposta superioridade intelectual e filosófica em relação a outros homens. E não estamos exagerando. Qualquer um que travar conhecimento com esses falsos adeptos do Zen poderá constatar isso. Eles acreditam de fato que o mundo lhes deve o seu sustento. Assim, enquanto vão soltando sentenças fragmentadas, enxertadas de linguagem simbólica, terminologia Zen e uma lógica mutilada, pregam sua fé ao povo simples, instando com eles a que abracem essa mensagem que, dizem eles, libertou-os.

As Implicações Teológicas do Zen-Budismo

Gautama Buda, o fundador do Budismo, era filho de Sudodana, um governante de uma região próxima ao Himalaia, no que hoje é o Nepal. Ainda bem jovem, Sidharta Gautama (seu verdadeiro nome) começou a perceber as diversas contradições e problemas da vida. Não podendo mais suportar uma vida de nobre aristocrata, abandonou a mulher e o filho e tornou-se um asceta errante à procura da verdade

sobre a existência humana. Dizem os historiadores budistas que, após quase sete anos de peregrinações, ele encontrou "o verdadeiro caminho" e experimentou a "grande iluminação" debaixo da lendária árvore *bodhi* (árvore da sabedoria) e desse modo atingiu o *nirvana*, o supremo estado que, segundo o Zen-Budismo, pode ser alcançado por qualquer membro da escola de meditação. Nesse ponto eles divergem do budismo clássico, que ensina que para se alcançar o nirvana são necessários diversos ciclos de reencarnações. Segundo o Zen é possível chegar-se a ele agora, ainda nesta vida.

Os ensinamentos de Buda focalizam as "Quatro Nobres Verdades" e suas ramificações: o sofrimento, sua causa, seu fim e o caminho que leva a este fim. De acordo com o budismo:

"Nesse ensino percebem-se imediatamente três elementos comuns a todas as ideologias do Hinduísmo pós-védico, quais sejam, a transmigração, o *carma* e a dissolução da individualidade. Resumindo o ensino de Buda da forma mais sucinta possível, pode-se dizer que o nascimento é sofrimento, a velhice é sofrimento, a doença é sofrimento e o apego às coisas terrenas é sofrimento. O nascer e renascer, o ciclo da reencarnação, resulta da sede de viver inerente ao homem, aliada à paixão e ao desejo. A única maneira de alguém se libertar dessa sede é seguir a "senda óctupla": fé correta, vontade correta, linguagem correta, conduta correta, vida correta, esforços corretos e pensamentos e meditação corretos.

"A meta do Budismo é atingir o nirvana, um termo de definição praticamente impossível, pela simples razão de que o próprio Buda nunca forneceu uma conceituação clara desse estado. Provavelmente ele mesmo também não possuía uma idéia clara dele. Vários de seus discípulos lhe perguntaram se o nirvana era um estado que se seguia à vida terrena, a existência celestial, ou se era uma aniquilação total. Mas ele se negou a responder a essas questões, pois uma característica de seu ensino era que se aplicava apenas a esta vida e pouco focalizava os problemas da filosofia meramente acadêmica ou do desconhecido... o bem supremo é ser liberto do *carma* e da reencarnação, o que se consegue através do conhecimento, e consiste na união ou absorção da alma humana pela Super Alma. Isso implica na aniquilação da individualidade. Nesse sentido, o nirvana é niilismo. Portanto, como os ensinamentos de Buda tacitamente ignoram qualquer conceito de divindade, parece que o nirvana implica na aniquilação da alma, e não na sua absorção."¹

O ramo Zen do Budismo dá uma forte ênfase à vida presente e à meditação prática. Alan Watts, que introduziu o Zen-Budismo na América, descreveu-o nos seguintes termos:

"Talvez o aspecto mais atraente do Zen seja o seu imediatismo. Em outras escolas do pensamento budista, o despertar, ou *bhodi*, parece muito remoto, quase sobre-humano, um estado só atingido depois de muitas vidas e paciente esforço. Mas no Zen há sempre a impressão de que o despertar é algo muito natural, um fato incrivelmente óbvio, que pode ocorrer a qualquer momento. Se apresenta alguma dificuldade é a de que é simples demais. Outro aspecto em que o Zen é bastante direto é no seu método de ensino. Ele aponta a verdade aberta e diretamente, e não joga com simbolismos"²

Portanto, o Zen é revolucionário, pois afirma que o homem obtém a iluminação através do esclarecimento e simplificação, pondo em prática os velhos valores do tempo e da experiência, e estribando-se apenas na suprema experiência, o "agora". Nenhum estado de consciência, nem o atual nem o próximo, pode ser medido em horas ou quilômetros, como o Mestre ensina em um de seus koans (o ensinamento padronizado do Zen, no qual se emprega uma das mil e setecentas perguntas tradicionais usadas para ensinar). O estalar de um dedo pode ser um ensinamento, indicando que esse momento é o vivenciar imediato da realidade, que transcende ao

tempo e abrange todas as dimensões.

"Os ensinamentos Zen são incisivos e dirigidos contra a incoerência. Exigem um curioso tipo de ação. Um ensinamento só consegue isso quando é simples, natural e totalmente correto. Ele encontra a verdade esforçando-se para afastar-se do erro, não procurando descobrir o caminho da verdade.

"Embora pareça estranho, essa filosofia mística tem certa semelhança com o cristianismo primitivo. Como os fervorosos fundamentalistas aguardam a segunda vinda de Cristo que trará o céu à terra, o ideal do Zen é atingir o nirvana e um estado de santidade ainda na terra... Hoje, a maioria dos seguidores do Zen no Japão não quer mais saber do koan, que remonta ao século XII e foi criado com o objetivo de testar a compreensão dos discípulos acerca do espírito da seita e desviar seu raciocínio do pensamento convencional. Naturalmente só se pode atingir o *satori* — uma compreensão clara, não racional e intuitiva da verdade — depois de entender bem os exercícios do *koan*.

O Zen é um paradoxo dentro e outro paradoxo, uma doutrina mística que zomba de todas as doutrinas e dogmas, mas que na prática se torna uma doutrina e um dogma (Richard Mathison, *God is a Millionaire* — Deus é milionário, New York: The Bobbs-Merrill Company, Inc., 1960, pp. 365, 367, 368).

Tendo uma filosofia assim, não é difícil compreender por que os zen-budistas ficam assentados, pernas cruzadas à moda oriental (no japonês, *zazen*), meditando sobre uma pétala de flor ou uma pedra encontradas ao acaso no chão ou num canto de jardim. Para eles, a realidade não é a verdade objetiva, cor-relativa, mas a reflexão subjetiva, egocêntrica, que pode tornar-se realidade se eles se dignarem a participar de sua manifestação. As citações que damos a seguir apresentam os ensinamentos do Zen-Budismo de modo generalizado, pois se existe uma seita que não possui uma teologia é o Zen. Só podemos entender suas doutrinas através de interpretações e inferências.

Os Ensinos do Zen-Budismo

1. Revelação

"O Zen é, ao mesmo tempo, o conhecedor e o conhecido. Também é o fator que une os dois em um. É um caminho para a verdade, não fatos sobre a verdade. Como disse o Dr. Suzuki, "quando pensamos que sabemos alguma coisa, há algo que não sabemos", pois existe ainda uma antítese, o conhecido e o conhecedor, e o Zen busca saber o que jaz além das antíteses, por mais sutil que possa ser." (Christmas Humphreys, *Zen Buddhism*.)

"Não obstante, estritamente falando, o Zen é incomunicável. Assim como "O Tao que pode ser descrito não é o eterno Tao" o Zen expresso em termos e instrumentos do intelecto não é o verdadeiro Zen. Desta forma, há uma distinção inevitável entre Zen e as formas de Zen, entre expressões do Zen e fatos sobre o Zen." (*ib.*)

"Os livros sagrados do Zen têm utilidade apenas no início de nossa compreensão. Mas assim que os viramos apenas como folhas de papel, podemos encontrar outra utilidade melhor para eles." (Christmas Humphreys, *Buddhism*.)

2. Autoridade

"Contudo o Zen situa-se, teoricamente, além do intelecto, pois nele não têm validade as "moedas" de uso intelectual, como palavras e diagramas." (Humphreys, *Zen*, op. c/7.)

"O Zen nada tem a ensinar, no que diz respeito à análise intelectual, nem impõe qualquer conjunto de doutrinas aos seus seguidores. A esse respeito, o Zen é caótico, se assim o quiserem chamar. Os adeptos do Zen podem formular conjuntos de doutrinas, fazendo-o porém por sua conta e para benefício próprio, e não devido ao

Zen. Portanto não há no Zen livros sagrados ou assertivas dogmáticas, nem qualquer fórmula simbólica através da qual se obtenha um acesso à sua significação. Se me perguntassem o que ensina o Zen, eu responderia que o Zen nada ensina. Qualquer ensinamento que exista no Zen vem mediante nossa própria mente. Ensinamo-nos a nós mesmos. O Zen meramente aponta o caminho. A menos que consideremos este apontar como um ensinamento, nada há no Zen propositadamente estabelecido como doutrinas cardeais ou filosofia fundamental." (Daisetz Teitaro Suzuki, *An Introduction to Zen Buddhism* — Introdução ao Zen-Budismo.)

3. A Natureza de Deus (Panteísmo) e Moralidade

Há um místico alemão do século XIV, Meister Eckhart, ainda amplamente lido no Ocidente, cujo misticismo parece ter muitas idéias em comum com o Zen-Budismo. Ele escreveu o seguinte:

"Os olhos com que vejo Deus são os mesmos com que ele me vê. Os meus olhos e os de Deus são os mesmos: os mesmos para ver, para conhecer e para amar..."

"Quando cerro as portas de meus cinco sentidos e busco a Deus fervorosamente, encontro-o no fundo de minha alma, com a mesma nitidez e gozo com que ele existe na eternidade..."

Afirmações como essa têm boa acolhida na literatura Zen (Sohaku Ogata, *Zen for the West* — Zen para os ocidentais).

"O consciente, para o Zen, é a união da mente com a vida, e, mesmo em proporções mínimas, propicia a quem o atinge um senso de unidade com toda a humanidade. Quem possui isso precisa de regras de moralidade?" (Humphreys, *Zen*, *op. cit.*)

"É o Zen uma religião? Não. Não é uma religião, no sentido em que esse termo é popularmente compreendido. O Zen não cultua nenhum Deus; não observa nenhum rito cerimonial, nem tem um lugar para onde os mortos irão no futuro, e, acima de tudo, o Zen não vê a alma como algo cujo bem-estar deva ser obtido através de outrem, e cuja imortalidade é uma questão importante. O Zen está livre de todos esses entraves dogmáticos, religiosos e filosóficos.

"Quando eu digo que o Zen não cultua nenhum Deus, o leitor mais devoto pode sentir-se chocado, mas isso não significa que o Zen negue a existência de Deus. Nem a afirmativa nem a negativa importam ao Zen. Quando uma coisa é negada, a própria negativa sugere algo que não é negado. O mesmo pode ser dito em relação à afirmativa. Isto é inevitável na lógica. O Zen quer ultrapassar a lógica, quer encontrar uma forma de afirmação mais elevada onde não haja antítese. Portanto, o Zen não afirma nem nega a existência de Deus. Somente nele não existe o Deus concebido pelas mentes judaicas e cristãs. Pela mesma razão que o Zen não é uma religião, não é também uma filosofia." (Suzuki, *op. cit.*)

4. Auto-Salvação

"... Não é a vida da alma que vive em perfeita liberdade e unidade? Não há liberdade ou unidade com exclusão ou limitação. O Zen está plenamente consciente disso. Leva-nos de acordo com as necessidades da nossa vida interna a um reino absoluto em que não existe nenhuma antítese." (*ib.*)

"O Zen não significa uma fuga da prisão intelectual, que algumas vezes pode acabar em completo desregramento. Há algo no Zen que nos liberta dos condicionamentos e nos dá ao mesmo tempo um firme apoio que, entretanto, não é um apoio no sentido relativo. O mestre Zen tenta retirar todos os apoios que o discípulo possui desde que nasceu na terra. Em troca, ele lhe oferece um que realmente não é apoio." (*ib.*)

"No Zen não existem milagres, nem intervenções, recursos ou refúgios

sobrenaturais. Somos inteiramente responsáveis por nossos atos e nenhum sábio, seja ele quem for, tem o direito de invadir nosso livre arbítrio.

"Somos responsáveis tanto por nossa liberdade quanto por nossa escravidão. Somos nós mesmos que forjamos as correntes que nos prendem e somente nós podemos rompê-las...

"Também não temos nada para adquirir, ensinam os mestres Zen. Não há nada que possamos receber de fora para dentro, nem nada que possamos edificar ou "criar" no sentido mais comum da palavra. Pelo contrário, temos de "desfazer" o complexo amontoado de falsos valores que cultivamos.

"Tudo é o presente. Nós somos a realidade, mas não sabemos disso, como o Zen nos diz inúmeras vezes. Em nós não há nada faltando, nem nas profundezas de nosso espírito, nem nas estruturas materiais de nosso corpo. Precisamos apenas estabelecer uma coordenação, uma harmonia funcional entre os diversos elementos que constituem o nosso ser. A falta de harmonia que há entre esses diversos componentes

e a própria sensação de que estamos divididos em diversos compartimentos, sensação essa que no nosso espírito tende a criar, decorrem de um erro básico de nossa visão mental. Contudo, essas miragens que ele cria desaparecem assim que é corrigido por meio da "atenção correta". (Robert Linssen, *Living Zen — O Zen vivo*, London: George Allen and Unwin Ltd., 1958, p. 74.)

5. O Pecado e o Mal

"Os elementos antitéticos (*dvandva*) luz e trevas, bem e mal, prazer e dor, são partes essenciais do jogo, pois embora a Divindade esteja identificada com a Verdade (*sat*), com a Consciência (*chit*) e com o Gozo (*ananda*), o lado escuro da vida também tem parte integral nesse jogo, assim como todo drama precisa ter seu vilão a tumultuar a situação e como as cartas precisam ser embaralhadas para que a partida tenha um desenrolar significativo. Para o pensamento hindu não existe o problema do mal. O mundo convencional, relativo, é obrigatoriamente constituído de elementos antagônicos. É impossível conceber-se a luz sem as trevas; a ordem não teria sentido sem a desordem; o alto não existiria sem o baixo, o som sem o silêncio, o prazer sem a dor." (Watts, *op. cit.*)

"É por isso que os mestres do Zen falam sobre ele o mínimo possível, e preferem apresentar-nos sua realidade concreta. Essa realidade é a "essência" (*tathata*) de nosso mundo natural, não verbal. Se pudermos enxergar isso da forma como é, veremos que não há nada bom e nada mau, nada inerentemente longo ou curto, nada subjetivo e nada objetivo. Não existe um ego simbólico a ser esquecido, nem a necessidade de qualquer idéia de uma realidade concreta a ser lembrada." (*ib.*)

Pelos textos citados, temos uma visão bem acurada do profundo misticismo filosófico da escola de meditação zen-budista. Eles revelam que o Zen é uma filosofia que nega a existência de um Deus pessoal. Nega também a realidade do pecado, por falta de um padrão absoluto de lei e santidade. E rejeita ainda a idéia de que o homem precisa livrar-se do castigo do pecado, livramento esse revelado na Pessoa de Jesus Cristo, que é o Caminho.

Diz o apóstolo João que "se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós" (1 Jo 1.8). Essa é a maldição do Zen, com a qual seus adeptos são obrigados a conviver e da qual nunca poderão escapar, nem psicológica, nem espiritualmente. A transgressão da lei de Deus produz sentimento de culpa na mente e na alma humana. Por mais que alguém se entregue à meditação, seja de pernas cruzadas ou de cabeça para baixo, nunca conseguirá removê-la. Os zen-budistas têm forte ojeriza pelo ensino cristão de que o indivíduo é responsável pelo seu pecado. Eles se revoltam instintivamente contra qualquer forma de autoridade, principalmente em se tratando de uma autoridade revelada, diferente

de seus subjetivos critérios de moralidade, realidade e verdade. Ao conversarmos com um zen-budista temos de focalizar prioritariamente a questão da depravação humana e questionar a realidade do famoso "eterno agora" que eles pregam, pois "Enganoso é o coração, mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto" (Jr 17.9).

Os adeptos do Zen-Budismo não têm respostas para as incisivas afirmações da Palavra de Deus: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus. Não há justo, nem sequer um". (Rm 3.23 e 3.10.) Através de uma aplicação correta dos textos bíblicos e de conceitos lógicos podemos convencê-los da realidade do castigo divino. Como já mencionamos, basta lembrar os fornos de extermínio nazistas em Dauchau, Belsen, Auschwitz e Buchenwald, que valem por mil proposições teológicas, para eles sentirem que esses crimes contrariaram um padrão absoluto, objetivo e universal, que nada tem de subjetivo, isto é, a lei divina: "Não matarás". (Êx 20.13.)

Na realidade, a verdadeira natureza do Zen-Budismo é a auto-absorção, já que o indivíduo vive todo voltado para si mesmo e não vê seus pecados nem a necessidade de removê-los. Além disso, o zen-budista vive alheio à sua responsabilidade social, nada tendo para justificar sua existência na terra.

Do ponto de vista cristão, a melhor obra acerca do Zen-Budismo é o livro de Lit-Sen-Chang, ex-adepto da seita que se converteu ao Cristianismo. Ele foi diretor da Universidade Kiang-nan e é professor convidado do Seminário Teológico Gordon, Massachusetts, onde leciona a disciplina Missões. Lit-Sen-Chang prestou enorme serviço ao Cristianismo, fazendo uma análise visceral dessas seitas em seu elucidativo livro *Zen Existencialism: The Spiritual Decline of the West* (Existencia-lismo Zen: o declínio espiritual do ocidente).

Os excertos abaixo ilustram algumas das falhas e imperfeições do Zen:

"Assim, embora o Zen pareça ter alguns aspectos louváveis devido a certos ensinamentos plausíveis, na verdade sua grave imperfeição e total vacuidade são condenáveis... Embora contenha algumas verdades, elas provêm da relação geral, que não transmite ao homem nenhum conhecimento seguro de Deus, nem lhe ensina o único caminho da salvação. Com relação a isso precisamos explicar mais...

"1. Descarta a doutrina de um Deus Criador. Em primeiro lugar, o Zen é uma sutil e peculiar forma de ateísmo. Nega a existência de um Deus infinito e transcendente, um Deus vivo e pessoal, pois identifica-o com a natureza. Então, todos os objetos visíveis são considerados modificações subjetivas de uma essência auto-existente, inconsciente e impessoal, que pode ser chamada de Deus, Natureza, o Absoluto, a Unidade, Tathata, etc. O Zen-Budismo retira de Deus sua soberania, despiando-o de sua capacidade de autodeterminação em relação ao mundo. Ele fica reduzido às dimensões do desconhecido. Como eles não afirmam a existência de Deus, acham-se destituídos não apenas da revelação especial que ele deu em sua Palavra, mas desconhecem também o Deus que se revelou...

"2. Cria um espírito de misticismo. Em segundo lugar, ele possui (embora o negue) uma forte tendência para criar um espírito de misticismo ao refugiar-se nas suas doutrinas da intuição radical, tais como: "Não há necessidade de palavras e letras"; "a transmissão especial da Mente"... O *satori* é quase que inteiramente destituído de conteúdo intelectual. Contudo, acha-se repleto de intensa emoção, de convicção, e ao voltar a si após o êxtase o místico tem grande sensação de iluminação. "O fenômeno básico é comum também entre místicos cristãos. Muitas vezes, após um êxtase espiritual eles afirmam ter recebido extraordinárias revelações e, no entanto, não conseguem explicar nenhuma delas."

"Ademais, o misticismo dissociado da revelação divina é perigoso e leva o homem à destruição...

"3. Ignora a santidade de Deus. Em terceiro lugar, o Zen-Budismo é uma forma muito radical de iconoclastia. Pelo que diz Prajnaparamita-hrdaya Sutra: "A natureza neutra de todos os dharmas não é elevação nem extinção, nem pura nem impura, nem aumento nem diminuição... Quando se compreende que a realidade não é pura nem impura, encontra-se Buda tanto no céu quanto no estéreo". "... Na concepção dos adeptos dessa seita não existe pecado contra Deus. E eles afirmam abertamente que "nem mesmo os mais imaculados iogues entram no nirvana, e os monges que violam preceitos não vão para

o inferno; a tentativa de evitar o pecado e o mal obedecendo a uma lei moral não passa de um ato vão..."

"4. Nega a necessidade de um Salvador. Em quarto lugar, o Zen é a mais completa forma de auto-salvação. Como observa Herman Bavinck, o princípio básico do paganismo é negar a existência do Deus verdadeiro e o dom da sua graça; ao mesmo tempo é a noção de que o homem pode obter a salvação através de seu próprio esforço e sabedoria. Lemos o seguinte nos ensinamentos de Linchi; "Destrua tudo que se interpuser em *seu* caminho. Destrua budas, destrua seus pais e parentes. Assim você alcançará a verdadeira emancipação". No Zen "não existem intervenções, recursos ou refúgios sobrenaturais. Somos inteiramente responsáveis por nossos atos, e nenhum sábio, seja ele quem for, tem o direito de invadir nosso livre arbítrio...". Embora eles insistam em dizer que isso não é prova de orgulho pessoal, esse ensinamento logicamente leva ao endeusamento do eu, o que é uma característica blasfema e uma falácia idolatra do paganismo.

"III. OS PIORES ERROS DO ZEN-BUDISMO

"1. "Estudar a própria natureza." Alguns filósofos descrevem o homem como um microcosmo, um espécime raro de poder, sabedoria e virtude divinos, que contém em si mesmo maravilhas tais que deixam nossa mente intrigada. Isso não está totalmente errado. O apóstolo Paulo, depois de dizer aos atenienses que eles podiam buscar "a Deus se, porventura, Tateando o possam achar", logo revela: "ele não está longe de cada um de nós". Todo homem possui em si mesmo uma evidência clara da graça celestial, pela qual "vivemos, e nos movemos, e existimos..."

"Como só existe vida em Cristo, que o mundo perdeu logo no início, precisamos voltar a essa vida fundamental e nos tornar de novo filhos de Deus, crendo em seu nome. Portanto, será necessário aniquilar nossa antiga natureza, e não "estudar nossa própria natureza", e formar de novo em nós a imagem de Deus que foi conspurcada quando Adão pecou.

"2. A experiência da iluminação. Paulo ensina claramente em 1 Coríntios 2:5: "Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus".

"O Zen afirma que sem a iluminação (*satori*), o "Zen é um livro selado". Mas o problema é que sem uma revelação especial o "satori" também não pode concretizar-se. E ao dizer isso não estamos deixando levar por preconceitos contra a seita. Até o psicólogo Carl G. Jung, que era simpatizante dela, partilhava dessa opinião. Disse ele: "Se não houver um critério a respeito da iluminação, nunca poderemos saber com certeza se um indivíduo é de fato um iluminado ou se ele simplesmente imagina que o é..."

"...Na China, os mestres Zen muitas vezes são denominados "mo-wang" (rei dos demônios). O fato é que embora afirmem haver atingido o estágio de iluminados ou terem conseguido entender a própria natureza, e embora preguem e escrevam com

atraente eloquência, não percebem que se acham encerrados na sombra da morte e que ainda continuam na triste condição de perdidos...

"3. Sobre o caminho da salvação. Será que o Zen pode ensinar o caminho da salvação? A experiência do *satori* exige muita incubação inconsciente. Dizem eles que ela pode sobrevir em consequência de uma ocorrência meramente casual, um som, uma cena que se presencia. Muitas vezes é acompanhada de fenômenos emocionais intensos, como tremor, uma crise de choro ou suores frios...

"IV. CONCLUSÃO

"Pelo que acabamos de ver, fica evidente que o Zen-Budismo atrai adeptos através de seus argumentos ilusórios, mas não oferece a verdade ao homem. É antes a mentira dos "guias cegos", e não o verdadeiro caminho. A luz que oferece é muito débil; ele não dá a verdadeira luz, nem a vida, "a vida (que) era a luz dos homens". Toda a criação geme e sente dores de parto; procura e tateia nas trevas. E no entanto, os homens não entenderam a luz que veio ao mundo e brilhou nas trevas. Eles amaram mais as trevas do que a luz, e por isso tornaram-se presa fácil dos falsos profetas.

"O Zen é condenável não apenas porque seus ensinamentos são imperfeitos, mas também porque não realiza nada. É imperfeito porque nega a existência de um Deus vivo, pessoal, infinito e transcendente, já que o identifica com a natureza. Na verdade é uma forma sutil de ateísmo, camuflada com a linguagem do teísmo e embelezada por sua atraente eloquência. Além disso, cria um espírito de misticismo quando defende sua doutrina da intuição radical, que dá ênfase à idéia de estudar a própria natureza. Quem procura "dentro de si mesmo" uma orientação segura, não levando em conta a revelação divina, poderá ser enredado na mentira de Satanás... Depois, nega também a necessidade de existir um padrão absoluto de moralidade. Isso inevitavelmente conduz a humanidade para um relativismo anárquico total. Ademais rejeita a graça de Deus e a necessidade de o homem ter um Salvador, ao exaltar e divinizar o ser humano. Tal atitude certamente levará a humanidade à perdição, pois "o mundo jaz no maligno". E não há dúvida de que o Zen-Budismo é um "caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte". (Pv 14.12.)

"Em suma, além de não ter base bíblica, nem teológica, o Zen-Budismo é psicológica e socialmente pernicioso. Como já mencionamos em outro capítulo, trata-se na realidade de um bom meio de se provocar um colapso nervoso. Hoje em dia, muitos ocidentais, cansados de sua religião e de sua filosofia, estão-se interessando por ele e se tornando presa de seus ensinamentos lógicos. Se essa tendência não for revertida, as consequências serão desastrosas para a nossa cultura."³

A Tônica do Zen

O Zen-Budismo é uma das seitas mais filosóficas e marcadamente orientais. Ele se adapta à mente ocidental, pois elimina decisivamente o sobrenatural, entretanto ensina o *satori* (iluminação), que é "a descoberta de nossa original união indissolúvel com o universo". A meta suprema da seita é a "libertação da vontade", na qual "tudo borbulha conjuntamente numa contínua inter-relação". Quem quiser ser discípulo da seita tem de permitir que seu ego se desligue de tudo, até que afinal "o seu verdadeiro ser passe a flutuar calmamente acima do mundo caótico" à semelhança de uma bolinha de pingue-pongue ricocheteando sobre as turbulentas corredoiras da vida. Porém, o fato é que a negação de realidades tais como a privação, a fome, doenças, morte e a constante ameaça de uma guerra nuclear, chega a ser um crime. Em nossa opinião, o Zen-Budismo é o sistema filosófico mais egoísta, mais egocêntrico que a alma humana decaída pode abraçar. Ele nega os dois princípios básicos sobre os

quais se apóia a realidade espiritual: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento... Amarás o teu próximo como a ti mesmo". (Mt 22.37,39.)

Para o adepto do Zen, o amor a si mesmo vem sempre em primeiro e último lugar. Essa é a tônica da seita, libertar o indivíduo de sua responsabilidade espiritual e substituir a conversão por uma iluminação intelectual, e a paz com Deus por desinteresse para com o próximo. Historicamente o Budismo não produziu nada, a não ser as indescritíveis condições em que vivem seus adeptos. Em quase todas as regiões do mundo onde ele predomina, em qualquer uma de suas formas, prevalecem as doenças, fome e corrupção moral e espiritual. Os povos orientais são escravos de suas religiões. E uma das piores é o Budismo, com seu egocentrismo, seu conceito de vida e responsabilidade social inerentemente egoísta. Aqueles que consideram o Zen como uma forma superior de filosofia religiosa precisam examinar bem sua história e os frutos que ele produz, pois "pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7.20).

1. Samuel Macauley Jackson, editor: *The New Shaff-Herzog Encyclo-pedia of Religious Knowledge*, Grand Rapids, MI: Baker Book Housc, 1977 reprint, volume 2, p. 293.

2. Alan W. Watts, *The Wzy ofthe Zen* (O que é Zen), New York: The New American Library, 1957, p. 83.

3. Lit-sen Chang, *Zen-Existencialism: The Spiritual Decline ofthe West*, Nutiey, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1969, pp. 128-147.

5

ISLAMISMO

A MENSAGEM

DE MAOMÉ

O Islamismo é uma das principais religiões do mundo, e não uma seita, sendo bastante diferente do Cristianismo. Na edição original desta obra tratamos apenas de seitas. De lá para cá, entretanto, o Ocidente experimentou uma imprevista invasão da crença muçulmana. Mesquitas estão sendo erguidas em muitas regiões antes consideradas cristãs. Quem vive numa cidade grande provavelmente conhece vários desses templos muçulmanos. Infelizmente, a maioria dos cristãos tem pouco conhecimento do Islamismo e receia testemunhar de Cristo para seus adeptos. Neste volume queremos oferecer algumas orientações ao leitor para que se sinta apto a falar de sua fé aos muçulmanos.

"Não há Deus senão Alá, e Maomé c seu Profeta." Essa é a *Shahada*, a "confissão" que os fiéis muçulmanos do mundo inteiro repetem diariamente. E essa declaração de fé realmente os distingue de todas as outras religiões do mundo, inclusive do Cristianismo e Judaísmo. Há no mundo entre 600 e 800 milhões de indivíduos que afirmam que Alá é seu Deus e Maomé seu profeta. O Islamismo é uma das quatro principais religiões da terra, ao lado do Cristianismo, Judaísmo e Hinduísmo. Nesta breve análise da crença, iremos definir seus termos mais importantes, mencionaremos suas seitas mais proeminentes e daremos um resumo de seu ensino básico, contrastando-o com o Cristianismo bíblico. Apresentaremos ainda alguns conselhos práticos sobre a melhor forma de se falar do evangelho a um muçulmano.

Contam-se em milhões os adeptos da fé islâmica. Há países governados e dominados pelos ensinamentos, leis e práticas muçulmanas. Grande parte do hemisfério ocidental depende de nações islâmicas para seu suprimento de petróleo. A vida ocidental, as cidades, as universidades e a área econômica estão recebendo um influxo cada vez maior de muçulmanos, em proporções nunca vistas anteriormente. O Islamismo é uma força religiosa, social e política que precisamos conhecer bem.

Os crentes, e principalmente os ocidentais, precisam preparar-se para fazer uma forte defesa da fé bíblica, opondo-se às afirmações islâmicas, e pregar o evangelho de Jesus Cristo, em amor, aos seguidores de Maomé. Pensando nesse desafio, vamos iniciar nosso estudo do Islamismo.

Definições

Como muitas religiões, o Islamismo possui um vocabulário próprio para a descrição de suas crenças. Vejamos rapidamente alguns dos seus termos mais importantes que vão-nos dar base para o estudo da história e doutrinas dessa religião.

*Islamismo*¹ é o nome da religião que surgiu a partir das revelações e ensinamentos de Maomé. O vocábulo Islã em árabe significa "submissão".

*Muçulmano*² é o nome que se dá ao adepto do Islamismo. O termo é o cognato de Islã em árabe, e significa "aquele que se submete". Muçulmano é o indivíduo que se submete à vontade de Alá, revelada através de Maomé. Alá é o termo islâmico que significa Deus, e seria difícil a tradução para a nossa língua. Certo escritor muçulmano definiu-o da seguinte maneira: "Essa palavra designa um Deus singular,

que possui todos os atributos da perfeição e beleza elevados ao infinito. Nós, muçulmanos, achamos que o termo "Deus" não comunica com exatidão todo o sentido do nome "Alá".³ *Maomé* é o nome popular de um árabe que nasceu na cidade de Meca em 570 A.D. (e morreu por volta de 632 A.D.). Ele afirmava ser profeta e dizia que iria restaurar a verdadeira religião de Alá e a adoração a ele em todo o mundo, assim como Jesus Cristo fora profeta em sua época, para o seu povo. Maomé significa "o louvado".

O *Alcorão* é um termo árabe que significa "recitação" e designa o conjunto de revelações que Alá teria supostamente dado a Maomé através do seu arcanjo, sendo portanto o livro sagrado do Islamismo. Os muçulmanos crêem na lei de Moisés, nos Salmos de Davi e no *Injil* ou evangelho de Jesus Cristo. Contudo crêem que esses textos sagrados foram revogados e substituídos pelas escrituras que vieram através de Maomé, e que a Bíblia dos cristãos e judeus não passa de uma versão distorcida dessas escrituras. Em todos os pontos em que a Bíblia diverge do Islamismo, eles afirmam que a Bíblia está incorreta. O termo *sura* designa as divisões do Alcorão, e corresponde aproximadamente ao que nós chamamos de "capítulos". O Alcorão contém cento e quatorze revelações, cada uma constituindo uma *surá* ou capítulo. Eles aparecem em ordem de extensão: as mais breves primeiro, as mais longas por último. O livro não é estruturado em ordem cronológica. Outro texto importante na literatura islâmica é o *Hadith*, que em árabe significa "coletânea de tradições". São costumes que dão origem à intrincada estrutura política e social do Islamismo. O termo *califa* em árabe significa líder e designa os principais dirigentes dessa fé, principalmente os sucessores imediatos de Maomé. O nome *aiatolá* designa um mestre ou líder espiritual do islamismo.

As Seitas do Islamismo

Grande parte dos milhões de muçulmanos que há no mundo pertencem à seita Sunita. Eles reconhecem apenas os quatro califas que sucederam diretamente a Maomé, e só eles. Praticam uma forma de Islamismo de interpretação moderada. Noventa por cento dos muçulmanos do Oriente Médio são sunitas (isto é, 90% dos muçulmanos egípcios, jordanianos, sauditas e 98% dos muçulmanos líbios).

O segundo maior grupo é o da seita Xiita. Embora numericamente inferiores aos sunitas, os xiitas interpretam e aplicam os textos do Alcorão de forma bem literal, mostrando-se mais ativos e fanáticos que os primeiros. Noventa e três por cento dos muçulmanos do Irã pertencem a essa seita, tendo sido liderados pelo mais poderoso aiatolá xiita, Khoumeini.

Outra seita muçulmana que precisa ser mencionada é a Amdian, fundada no século-XIX. Apesar de pequeno, é o grupo que, nos últimos 40 anos mais tem produzido material em defesa do Islamismo perante o Cristianismo e o Judaísmo. Acha-se em grande atividade nos campi universitários dos Estados Unidos, onde exerce um forte proselitismo entre os estudantes. Outra seita é a Sufi, o grupo místico do Islamismo. Muitos dos muçulmanos mais conservadores rejeitam esse grupo. Alguns dos escritores sufis parecem trocar o monoteísmo estritamente unitariano do Islamismo tradicional por uma forma de "panteísmo imanente".

Crenças Islâmicas

À primeira vista, o Islamismo pode parecer quase compatível com o Cristianismo e o Judaísmo. Estamos sempre ouvindo algumas pessoas afirmarem que os muçulmanos crêem no mesmo Deus que os cristãos, ressalvando: "Apenas não aceitam Jesus Cristo". Entretanto, como veremos, o Deus dos muçulmanos não é semelhante ao Deus dos cristãos. O Islamismo rejeita as doutrinas bíblicas da Trindade e da divindade de Cristo.

Deus

Para o muçulmano, o único Deus verdadeiro é Alá. A Trindade é um conceito blasfemo; não existe tal coisa. Jesus Cristo é um profeta de Alá. Não é filho de Deus, nem é Deus (Surá 4.171). O pecador não pode aproximar-se do Deus muçulmano, tão perfeito e santo que só se comunica com a humanidade através de uma série de anjos e profetas. É um Deus que castiga, não um Deus que concede graça; um Deus cheio de ira, e não de amor. O grande desejo do muçulmano é submeter-se a ponto de conseguir deter o braço vingador de Alá. Assim, se por um capricho Alá o permitir, ele talvez consiga herdar a vida eterna e viver num paraíso terreno caracterizado por glotonaria e prazer sexual. O conceito que os muçulmanos têm de Deus não é o de um Pai amoroso e compassivo.

Jesus Cristo

Como já mencionamos, para o muçulmano, Jesus é apenas um dos vários profetas de Alá. Ele foi profeta para o seu povo, em sua época. O profeta Maomé é superior a ele. Jesus não é o Filho de Deus, nem uma Pessoa da Trindade. Ele não expiou os pecados de ninguém, embora fosse um homem sem pecado. Rara os muçulmanos, Jesus não morreu na cruz. Dizem as suas tradições que ou ele colocou Judas Iscariotes lá, em seu lugar, ou então Deus o livrou das mãos dos judeus de forma miraculosa, antes de ele ser crucificado. A maioria dos adeptos dessa religião crê que ele foi levado para o céu cor-poralmente, sem ter passado pela morte (Surá 4.157).

Pecado e Salvação

Para o Islamismo, o pecado e a salvação acham-se associados a dois conceitos: as obras e o destino (*kismet*). O muçulmano que deseja escapar ao castigo de Alá tem de realizar as obras dos "Cinco Pilares da Fé" (Surá 10.109). São eles: (1) recitar o *Shahada* ("Não há Deus senão Alá e Maomé é seu Profeta."); (2) recitar diariamente as cinco orações prescritas, em árabe (*Salat* ou *Namaz*), para a qual tem de ajoelhar-se e prostrar-se na direção de Meca, a cidade santa do Islamismo; (3) dar esmolas (*Zakat*), o que é bem diferente do dízimo, pois o muçulmano tem de gastar apenas a quadragésima parte de sua renda em contribuições de caridade; (4) jejuar (*Saum* ou *Ruzehk*) durante todo o mês de ramadã, período em que o fiel deve abster-se de alimentos sólidos e líquidos desde o nascer do sol até o pôr-do-sol, para assim expiar os pecados cometidos no ano anterior (contudo, após o pôr-do-sol, muitos deles jantam fartamente, e alguns ainda se levantam pela madrugada, para comer mais, antes do amanhecer, quando têm de reiniciar o jejum); (5) fazer uma peregrinação (*Hajj*) à Meca, a cidade santa, pelo menos uma vez durante a vida.

Antigamente a "guerra santa" (*Jihad*) era uma das condições impostas pela fé. Os primeiros muçulmanos criam ser obrigação sagrada matar todos aqueles que não abraçassem a fé verdadeira. Atualmente o Islamismo é mais moderado, embora ainda existam alguns xiitas que querem que a *Jihad* volte a ser exigência básica da fé islâmica.

Pregando o Evangelho a um Muçulmano

Os três tópicos mais importantes que o crente deve abordar em conversa com um muçulmano são: a natureza de Deus, a divindade e identidade de Jesus Cristo e a salvação pela graça, sem as obras. O crente deve passar ao adepto do islamismo o conceito de que o Deus dos cristãos transcende a pecaminosidade do homem e sua condição de ser finito, pois ama os homens individualmente, importando-se com cada pessoa. No Islamismo não há esse conceito de amor divino, e no entanto, ele é essencial à felicidade humana e à paz com Deus. Um texto que apresenta de forma

clara o amor de Deus é João 3.16: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". É verdade que muitos muçulmanos rejeitarão nosso testemunho acerca de Jesus, afirmando que nossos textos sagrados são distorcidos e não merecem crédito. Nesse caso, a melhor coisa a fazer é indicar àquele que se mostrar interessado os diversos livros cristãos que demonstram a inerrância e a inspiração da Bíblia, tanto do Velho como do Novo Testamento. A partir daí o crente terá mais base para apresentar-lhe o ensinamento neotestamentário de que Jesus Cristo é verdadeiramente Deus, e o único meio para a salvação do homem. (Desejando mais argumentação sobre a divindade de Cristo, consultar nosso texto sobre as Testemunhas de Jeová — Volume I desta coleção.)

Em seguida, procure comunicar-lhe a boa nova de que a salvação e a paz com Deus não dependem do esforço humano, que aliás é sempre insuficiente. Somente pela graça de Deus, revelada na expiação que Jesus Cristo realizou na cruz, podemos experimentar paz e salvação. Ninguém pode ir para o céu (ou para o paraíso dos muçulmanos) por seu próprio esforço. Os islamitas concordam que Alá poderia perfeitamente impedir a entrada de qualquer pessoa no paraíso, já que ninguém é perfeito como ele. Contudo, segundo *a Bíblia*, a salvação do homem não se baseia na superação das imperfeições humanas. Baseia-se no amor e na operação de Deus. "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie." (Ef 2.8,9.)

Finalmente, o crente precisa amar o muçulmano. Esse povo tem um forte zelo por Deus e um grande desejo de segui-lo e adorá-lo durante toda a vida. Precisamos respeitar sua sinceridade e comunicar-lhe o evangelho transformador de Jesus Cristo. Se o crente demonstrar o poder da Palavra de Deus por intermédio do Espírito Santo, e seu viver for uma constante demonstração da paz e gozo que têm aqueles que amam a Jesus Cristo, constituirá para o muçulmano uma prova de que ele também pode conhecer e adorar o verdadeiro Deus, e não os distorcidos conceitos ensinados por Maomé.

1. Como não existe uma padronização concernente à transliteração da escrita árabe para a nossa, encontramos diversas formas para esses nomes (ex.: Muamar, Maomé, etc.). Decidimo-nos pelas formas mais comumente empregadas em nossa língua.

2. É incorreto chamar o muçulmano de maometano. Eles têm forte aversão por qualquer forma de idolatria. Se lhes fosse aplicado o termo "maometano", pensariam estar sendo acusados de adorar Maomé.

3. Badru D. Kateregga com David W. Shenk, *íslam and Christianity* (Islamismo e Cristianismo), Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1980, p. 1.

6

FRATERNIDADE ROSACRUZ

"Que as rosas floresçam em vossa cruz!", entoa a voz mística e firme do líder, de um típico Centro da Fraternidade Rosacruz. E o eco dos discípulos, probacionistas e estudantes responde: "E na vossa também!" Assim se inicia outra incursão pelos labirintos metafísicos do antigo movimento sectário de 600 anos que hoje, com suas várias facções rivais, é conhecido coletivamente como "rosacruz".

Juntamente com o Espiritismo, a Teosofia e o Swedenbor-gianismo — que serão examinados em outro volume desta série — o Rosacrucianismo é um conjunto de seitas de forte inclinação mística. Mais que qualquer outro grupo de seitas, ele possui um minucioso conjunto de doutrinas que contém traços de várias fontes, o que o torna de difícil compreensão, sendo assim praticamente impossível analisá-lo.

O sistema teológico rosacruciano não somente é eclético, com sua mistura de mitologia paga, Cristianismo e Judaísmo, com laivos de Hinduísmo e Budismo, mas é também um sistema de pensamento que procura sintetizar as verdades básicas de todas as religiões, incorporando-as à sua linha principal.

Consideraremos neste capítulo principalmente a Fraternidade Rosacruz, embora muito do que iremos expor se aplique igualmente aos outros grupos rosacruz. Adiante falaremos também um pouco sobre a AMORC. Fundada em 1907 pelo engenheiro alemão Carl Louis Von Grasshof (1865-1919) — mais conhecido pelo pseudônimo Max Heindel, a Fraternidade Rosacruz preservou muitas das crenças da Sociedade Teosófica (da qual Heindel fazia parte), e alguns aspectos de seu vocabulário mostram grande semelhança com o glossário da teosofia, compartilhando o conceito de que o homem passa por várias encarnações, expiando em cada uma os pecados da existência anterior.

Nas publicações da seita encontramos significativos fragmentos de simbolismo, antropologia, transmigração e até espiritismo. Sua doutrina ensina que há sete mundos, com sete divisões, cujo nível superior é dirigido por um "espírito universal". Nesta lógica, toda a natureza, toda a criação acha-se unificada, estando em relação direta com a cruz, que representa tanto o passado evolutivo do homem como seu destino futuro. Nessa seita a cruz perde o que a Bíblia chama de "vitupério". Nenhum membro desta fraternidade está disposto a sair a ele (Jesus) "fora do arraial, levando o seu vitupério" (Hb 13.13).

Para eles, a cruz é o símbolo do desenvolvimento evolutivo do homem — seu passado, presente e futuro — e não tem sentido como símbolo do preço que Deus pagou para redimir os filhos dos homens (Ap 1.5). Embora seja um sinal importante para a seita, ali ela é vista de forma diferente, pois embora ocupe uma posição central nas suas crenças, aparece cercada de rosas. Cria-se assim o conceito de cruz rosada.

O homem se desenvolve com base no místico número 7. Aos sete anos ele possui um corpo vital; aos quatorze, um corpo de desejo, e aos vinte e um a mente atinge sua plenitude, embora o chamado "corpo denso" esteja presente desde o seu nascimento.

Segundo eles, a missão do Senhor Jesus Cristo era manifestar-se ao mundo para auxiliar a humanidade no seu processo evolutivo. Jesus para ele se acha no nível da mais elevada manifestação: a iniciação do Filho. Assim como ocorreu com Buda e outros grandes líderes religiosos, ele foi revelado para facilitar a evolução humana. O soberano sobre todas as manifestações é o mais elevado iniciado proveniente de Saturno. Esse é chamado de Pai. O Espírito Santo e conhecido como o mais alto

iniciado da lua. Contudo nem o Espírito Santo nem o Filho têm atuação no sentido de operar uma expiação viçaria ou regeneração espiritual que culminaria com a redenção do indivíduo. Isso ocorre pela reencarnação psíquica.

Caminhando pelo labirinto terminológico e doutrinário dessa seita, encontramos ainda os três céus, aos quais se pode chegar através do sofrimento, do silêncio e da meditação e, eventualmente, pelo ciclo da reencarnação. Ensinam eles que o corpo físico ou denso está ligado ao espiritual por um cordão de prata. Por ocasião da morte, esse cordão se rompe, libertando nossa natureza superior da física. Dizem os rosacruzistas que Platão cria em suas doutrinas, já que falava tanto sobre o "mundo das idéias" ou mundo da alma. Afirmam também que inúmeros outros homens ilustres foram estudiosos, ainda que secretamente, das verdades veiculadas pela seita. Eles incluem em suas especulações até o continente perdido da Atlântida e a misteriosa raça lemuriana. Aliás, existe muito pouca coisa que eles não incluem em sua história mágico-mitológica. E tudo que retiram do Cristianismo apresentam de forma distorcida. Quando um leitor de suas publicações consegue entender os seus vários períodos (do sol, da lua, de saturno, etc.) e depois os éteres, os corpos, e enfim as numerosas hipóteses de sua filosofia, fica profundamente impressionado com o grande volume de dados que a seita conseguiu juntar para substituir as revelações bíblicas. Quase sempre, esse leitor fica confuso, pois o vocabulário e os conceitos empregados têm de fato certa semelhança com o Cristianismo. Mas ao mesmo tempo pode perceber que é nitidamente diferente.

A visão rosacruziana de mundo é panteísta, isto é, de algum modo, tudo que existe é parte ou expressão da essência ou natureza de Deus. Deus é tudo. Essa visão panteísta afeta todos os aspectos da crença. Assim sendo, ela possui muitos pontos de analogia com outras seitas panteístas, como a Unidade, a Ciência Cristã, a Teosofia e o Grande Eu Sou.

Não é nossa intenção dedicar muito espaço à teologia da rosacruz, o que não acrescentaria nada ao leitor. Contudo, como essa seita está-se tornando muito popular no mundo ocidental, será bom mencionar sua história e estrutura teológica, no que diz respeito à doutrina de Deus, à Pessoa, natureza e obra de Jesus Cristo e ao destino final da humanidade.

Resumo Histórico

O fundador do Rosacruzianismo teria sido Christianus Rosenkreutz (1378-1484), um filósofo alemão que fazia firme oposição à igreja católica e alegava ser ele o revelador dos mistérios da rosacruz. Desde o seu início, a seita deu ênfase ao ocultismo e à relação mística do Cristianismo com as outras grandes religiões do mundo. Confessadamente era uma sociedade secreta numa época em que tais sociedades estavam em moda. "Um século depois de sua fundação, o Rosacruzianismo passou por uma fase de grande crescimento, com o apoio da maçonaria, que não apenas o considerava genuíno, mas ainda adotou alguns usos e costumes citados nos escritos daqueles que haviam satirizado a sociedade." (Samuel Macauley Jackson, *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge* — A nova enciclopédia SchaffHerzog do conhecimento religioso, Grand Rapids, MI: Baker Book House, reedição de 1977, vol. 10, p. 97.)

Numa época em que o mundo estava tentando entender o sentido dos cometas, da alquimia e do ocultismo oriental, o pensamento rosacruziano passou a ser uma interessante alternativa para quem rejeitasse a ortodoxia cristã. Contudo, eles tiveram o cuidado de utilizar um vocabulário cristão ortodoxo e atacar com veemência a Igreja Católica, a alquimia e qualquer tipo de dogmatização teológica, embora ardorosamente defendessem alguns princípios da reforma protestante, cujas doutrinas, é bom que se diga, são a antítese do que eles ensinam.

Existem hoje mais de quinhentos grupos rosacruz espalhados pelo mundo, dos quais o maior é a AMORC. Em 1961 tivemos oportunidade de visitar a ordem, obtendo valiosas informações sobre os métodos utilizados na propagação de suas crenças, bem como outros dados sobre seus ensinamentos mais "espirituais". O primeiro fundador e imperador foi o Dr. H. Spencer Lewis.

Nesta nossa era de ecumenização, os rosacruz dão grande ênfase à chamada "fraternidade universal". A AMORC publica milhões de exemplares de suas revistas (*O Rosacruz e Fórum Rosacruz*), e mantêm a "Suprema Grande Loja", localizada até o momento em San José, Califórnia, no Parque Rosacruz*.

O grupo identificado pela sigla AMORC também nega que seja uma religião ou igreja. Apresenta-se como uma fraternidade ou uma organização que está procurando ajudar a humanidade a tomar as rédeas de seu destino. Também no Brasil é a maior subdivisão rosacruz, e conta com cerca de 200.000 associados, 60.000 em São Paulo. A Grande Loja do Brasil (sede) está situada em Curitiba, Paraná, no chamado "Bosque Rosacruz".

O número de adeptos é relativamente pequeno. Contudo, devido a uma forte campanha promocional, os rosacruz estão se tornando uma grande seita não-cristã que emprega a terminologia cristã sempre que possível (e conveniente) para atrair os incautos aos labirintos de uma religião filosófica tão complexa que até os que a conhecem melhor reconhecem ser bem limitada a sua compreensão dela.

Rosacrucianismo e Cristianismo

1. *A Natureza de Deus*

A Fraternidade Rosacruz afirma, e isto é amplamente conhecido, que Deus é um ser impessoal constituído de sete espíritos que se manifestam numa "divindade trina" com Pai, Filho e Espírito Santo. E para que não fique nenhuma dúvida sobre isso, transcrevemos o que diz Heindel em um dos seus diversos livros:

".. Os sete espíritos que se acham diante do trono... são coletivamente Deus e constituem a divindade trina... o Pai é o mais elevado iniciado na humanidade de Saturno... o Filho é o mais elevado iniciado na do Sol... o Espírito Santo (Jeová) é o mais elevado iniciado da Lua..."¹

Nesse emaranhado semântico, a natureza de Deus, a Trindade santa ou Deus trino da revelação bíblica, é apresentada de forma distorcida. Configura-se uma espécie de panteísmo oculto, que culmina com um ser espiritual impessoal, coletivamente designado como Deus. Crêem que a Trindade retrata aspectos divinos:

"... o único gerado,,o Verbo mencionado por João, é o segundo aspecto do supremo Ser. O Verbo, e só ele, é gerado por seu Pai, o primeiro aspecto para todos os mundos... Portanto, o Unigênito é o Ser exaltado que se acha acima de qualquer outra coisa do universo, menos do aspecto que o criou, o Poder."²

Para a Fraternidade, o Espírito Santo é Jeová, o terceiro aspecto da Divindade trina. Mas essas definições não têm sentido para o Cristianismo, pois a Bíblia afirma inequivocamente que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas divinas, todas coexistentes, com a mesma natureza e atributos, iguais e eternas e, acima de tudo, pessoas. O Senhor mesmo disse:

"Eu sou o que sou... Assim dirás aos filhos de Israel: Eu sou me enviou a vós outros". (Ex 3.14.)

* De acordo com uma resolução recente do *Imperador* Christian Bernard, a "Suprema Grande Loja" está sendo transferida para Quebec» no Canadá. Nota do Revisor.

Então não podemos dizer que essa caricatura da doutrina da Trindade apresentada por esses rosacruzistas seja igual à ensinada pelo Cristianismo. Contudo é importante notar o esforço tremendo que eles empreendem para que sua doutrina panteísta se pareça com o ensino cristão, para dessa maneira identificá-la com a forma de religião predominante nos Estados Unidos, o Cristianismo. Mas do mesmo modo, podem ficar à vontade junto de budistas, hinduístas e muçulmanos. E que sabem adaptar seus ensinamentos aos dessas seitas, assim como o camaleão adapta sua cor ao ambiente em que se encontra. Eles adotam a coloração do clima teológico de onde estiverem.

Textos como Mateus 28.19; João 1.1, 14; 14.14,26; Lucas 1.35; Atos 5.3,4 e Colossenses 2.9 comprovam a realidade da Trindade, não deixando margem para dúvidas.

2. A Natureza e a Obra de Jesus Cristo

Assim como a Fraternidade Rosacruz se opõe à doutrina cristã da Trindade tal como vem sendo ensinada através dos séculos, assim também rejeita a divindade de Cristo. Ela ensina que Jesus Cristo não era Jesus, nem o Filho unigênito de Deus. Para ela, ele foi apenas homem, o mais notável que existiu. O Cristo espiritual foi uma manifestação do Cristo cósmico, e o unigênito é "um ser exaltado que se acha acima de tudo o mais que há no universo, a não ser do Pexier que o criou".³

Está claro que, do modo como a Ciência Cristã faz distinção entre Jesus e Cristo, dizendo que Jesus é uma manifestação corpórea de um homem no qual há uma consciência ou idéia de Cristo, os rosacruzistas praticam a mesma esquizofrenia espiritual das seitas gnósticas. E todas acabam tendo um Messias dividido.

Segundo a filosofia da Fraternidade "o espírito de Cristo, que entrou no corpo de Jesus quando o próprio Jesus o desocupou, era uma centelha do Cristo cósmico. Temos condições de apontar todas as encarnações anteriores de Jesus e acompanhar seu desenvolvimento até hoje".⁴

Segundo o ensino da seita, Jesus Cristo, "assim como Gau-tama Buda, foi um espírito que entrou na cadeia da evolução humana". Essa tese nega a possibilidade de Deus estar encarnado na Pessoa do homem de Nazaré (1 Jo 1.1,14,18).

É impossível conciliar o Cristianismo com a Fraternidade Rosacruz, pois o primeiro afirma que Jesus é a figura central de toda a história humana, é Deus, e a segunda coloca-o num panteão de divindades ou espíritos encarnados. Mas o Senhor nega vigorosamente tais inferências quando afirma acerca de sua missão: "Todos quantos vieram antes de mim, são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não lhes deram ouvido". (Jo 10.8.)

O Cristo apresentado na Bíblia não pode ser dividido e subdividido em segmentos panteístas e gnósticos. Ele não permite que o consideremos apenas um dos diversos bons caminhos, ou apenas uma faceta da verdade. Pelo contrário; ele declara que é a própria vida, e como tal é o único caminho e a verdade. É uma grande tolice tentar conciliar o Cristo da revelação com o dos rosacruzistas. Esse Cristo de Heindel, e o da "fraternidade", é na verdade, "outro Jesus" (2 Co 11.4). Foi criado por uma imaginação fértil. Depois um intelecto privilegiado (Heindel) inseriu-o no século XX. A ele foram acrescentados ensinamentos místicos, alguns aspectos do ocultismo e mais uma camada de terminologia bíblica. É uma falsificação muito bem feita, mas não passa de uma falsificação.

Creio ser desnecessário abordar o conceito de expiação ensinado pela seita, pois para eles não houve uma expiação viçaria, no sentido em que Cristo recebeu o castigo que nos era devido pelos nossos pecados. E a razão básica para isso é que eles não crêem que Jesus era o Cristo.

As Sagradas Escrituras ensinam que existe só um Deus (Dt 6.4; Gl 3.20) e que conhecer a ele e a Jesus Cristo, que ele enviou, é possuir a vida eterna (Jo 17.3). A Fraternidade Rosacruz não o conhece. Não aceita seu sacrifício vicário pelos nossos pecados (Is 53) e troca a ressurreição pela reencarnação. Ensina que o homem passa por diversas encarnações e várias esferas de perfeição progressiva, sempre como resultado da evolução cósmica.

A História e o Destino da Humanidade

Vamos concluir este breve estudo da Fraternidade Rosacruz, observando que seu conceito de humanidade também é antibíblico. Segundo o pensamento deles, o desenvolvimento do homem na terra teve vários estágios. Os negros, por exemplo, eram conhecidos como lemuriano* constituindo o terceiro desses estágios. Depois deles vieram a raça vermelha, a amarela e a branca. A raça branca era originalmente semítica, sendo a quinta das raças da Atlântida.

Além de propor essa antropologia ocultista, os rosacruzes querem que acreditemos que a Atlântida, um legendário continente perdido, produziu a raça branca que, por sua vez, foi a ancestral dos que seriam os pais da atual raça ariana.

Para a seita, o homem está-se evoluindo e chegará a ser divino. Aliás, na grande escala da evolução cósmica ele é uma espécie de ser divino, um semi-deus.

Tendo essa visão da humanidade, eles podem de fato esforçar-se para criar uma fraternidade internacional pois, segundo sua doutrina, a evolução cósmica e a lei da progressão apontam sempre para a frente e para o alto, culminando com a salvação de todos os homens.

Com relação a isso, podemos lembrar as palavras do apóstolo *PAULO* que ofuscam um pouco a luz da antropologia ocultista desses místicos. Diz ele: "O primeiro homem, (foi) Adão". (1 Co 15.45.)

Essa concisa palavra de Paulo derruba o conceito do aparecimento progressivo das raças, algumas das quais, segundo essa seita, seriam anteriores a Adão. Pela inspiração do Espírito Santo, o apóstolo afirma que houve só uma raça humana, e que o progenitor dela foi Adão, e que nele todos morremos (Rm 5.12; 1 Co 15.22) por causa do pecado, e os rosacruzes não são exceção. Portanto, nem todos os amuletos ocultistas, nem os símbolos secretos, nem as cruces cercadas de rosas, podem reconstituir o Adão esfacelado pelo pecado. Em toda a história humana só houve e só há um remédio para o pecado: a graça divina, expressa profeticamente antes do Calvário, e que o homem pode conhecer por experiência após o Calvário. Não há nada que possa substituir as ordenanças de Deus. A Fraternidade Rosacruz faria bem se desse ouvidos à voz daquele que deixou de herança para a humanidade uma cruz manchada de sangue, e não envolta em rosas. A promessa que ele fez aos seus seguidores foi: "Porque eu vivo, vós também vivereis". Esse é o Cristo que o Cristianismo vem apresentando desde o início. E é a palavra dele, não a nossa, que afirma que "naquele dia" (2 Tm 1.12,18) julgará todos os homens, inclusive os rosacruzes.

1. *The Rosicrucian Cosmo Conception* (O conceito rosacruz do cosmo), Max Heindel, Oceanside, CA, The Rosicrucian Fellowship, 1909.

2. *Ib.*, p. 374.

3. *Ib.*, p. 374.

4. *The Rosicrucian Philosophy*, Max Heindel, p. 181.

7 RELIGIÕES ORIENTAIS

Rajneeshismo, Hare Krishna e Meditação Transcendental

Nosso objetivo neste livro é fazer um levantamento das principais seitas que se acham hoje em atividade no Ocidente. Nesses meus mais de trinta anos de ministério no campo da apologética, vi centenas de pequenas seitas surgirem e desaparecerem. Observei também o aparecimento de determinadas tendências na estrutura das seitas. Muitas vezes os modismos adotados pela sociedade passam para as seitas ou crenças populares. Isso está bem evidente no estranho interesse atual dos americanos por tudo que é oriental. Esse modismo remonta à virada do século, quando um guru hindu esteve presente à Feira Mundial de Chicago, embora o interesse pelo orientalismo só tenha-se manifestado plenamente nas décadas de 60 e 70. Nesses últimos anos, a influência oriental tem permeado toda a cultura ocidental, desde a adoção de paletós à *Nehru* até a atração pelo taoísmo e naturalismo dos anos 80.

Nos últimos quinze anos, presenciamos um fantástico desenvolvimento de seitas religiosas da *new age* (nova era), ligadas ao ocultismo, cujas raízes estão plantadas no pensamento clássico hinduísta. Existem hoje virtualmente centenas de seitas, pequenas ou grandes, que adotam idéias e práticas orientais. No breve sumário que apresentamos em seguida, vamos examinar as raízes hindu ístas dessas seitas e analisar de forma sucinta três das mais conhecidas dessas crenças importadas, o Rajneeshismo, a Sociedade Internacional Para a Consciência de Krishna (ISKCON ou Hare Krishnas) e a Meditação Transcendental. Daremos então a seguir um breve histórico do Hinduísmo e um estudo introdutório dessas três seitas, com um resumo doutrinário delas.

Hinduísmo

O Hinduísmo hoje não é mais o mesmo de cinco mil anos atrás. Em todos esses séculos de história religiosa da Índia, essa religião se modificou muito. Ela procura ser uma síntese das diversas idéias e correntes religiosas em circulação no país, representadas por centenas de grupos culturais, sociais e tribais distintos. O termo *hindu* não é originário da Índia. É o nome persa dado ao rio Indo. O iogue Ramacharaka faz a seguinte observação:

"As diversas seitas hindus, embora praticamente sejam religiões distintas, na verdade consideram-se apenas seitas ou divisões de uma mesma "religião eterna" da Índia. Obviamente cada uma se apresenta como a melhor delas, e o melhor veículo de expressão e interpretação da crença".¹

Livros Sagrados

Os escritos sagrados do Hinduísmo foram compilados durante centenas de anos, iniciando-se com a transcrição da tradição oral, por volta da segunda metade do segundo milênio antes de Cristo. Esses escritos são conhecidos como Vedas ("sabedoria" ou "conhecimento"). A parte final dos Vedas constitui os Upanixades, uma síntese dos ensinamentos védicos. Entre as teses apresentadas pelos Upanixades estão o panteísmo, a punição pelo *karma* e a reencarnação. Talvez a parte mais conhecida dos Vedas seja o épico hindu *Bhagavad-Gita*, que narra a história de um príncipe guerreiro de nome Arjuna e seu cocheiro Krishna, que na verdade era a

encar-nação do deus hindu Vishnu, sob disfarce. O *Gita* foi escrito em 200 a.C. e subseqüentemente sofreu modificações até o ano 200 de nossa era.

Para termos um exemplo do pluralismo (ou da natureza contraditória) dessa religião, basta compararmos o deus mostrado no *Gita* com o da literatura védica anterior. O deus descrito no *Gita* é um ser pessoal, o que dá até uma impressão de monoteísmo (a crença de que existe um só Deus pessoal, distinto da criação). Contudo, ao lermos as primeiras partes dos Vedas, vemos que esse deus é apresentado como um ser claramente panteísta (a crença de que tudo que existe, de alguma forma, é divino), ou talvez monista (tudo que existe é um, se é que existe alguma divindade). O fundador do Hare Krishna adotou as características do *Gita*, e por isso essa seita hoje tem um conceito de deus mais monoteísta do que panteísta.

O Hinduísmo na Atualidade

As centenas de seitas hindus podem ser divididas em três grupos básicos. Primeiro, há os monistas abstratos, que acentuam a unidade filosófica do universo, em vez de idéias teístas e religiosas. Em segundo lugar, temos os vishnuítas, que adoram de maneiras as mais variadas o deus Vishnu (em suas diversas manifestações), considerando-o a suprema forma de divindade. O terceiro grupo é o dos shivaítas, que adoram o deus Shiva, considerado por eles como a mais elevada manifestação divina. A Meditação Transcendental, com sua ênfase na concentração filosófica, situa-se no grupo monista. Os hare krishnas crêem que o deus supremo é Krishna, também conhecido como Vishnu. Portanto identificam-se com o grupo vishnuíta. Os seguidores de Rajneesh diferem dos dois pelo fato de serem filosoficamente agnósticos, mas na prática são hinduístas. Eles não têm o menor acanhamento em modificar o hinduísmo para adaptá-lo às suas interpretações pessoais, principalmente na área da moralidade.

O professor Ninan Smart, especialista em religiões, comenta os problemas existentes nas diversas divisões do Hinduísmo contemporâneo. Diz ele:

"E para concluirmos, podemos perguntar: Qual é a essência do Hinduísmo? É uma questão complexa. Existem hindus ortodoxos que negam a existência de Deus. Existem outros que, embora não a neguem, relegam Deus a um segundo plano, uma espécie de fase secundária ou ilusória do Absoluto. Então, em meio a tal variedade de pontos de vista teológicos, o que resta que possa ser considerado crença hinduísta? Só as doutrinas da reencarnação e da alma eterna. Há três milênios o pensamento hinduísta vem sendo dominado pela idéia de que o mundo é um lugar onde o espírito imoral que habita no interior do homem acha-se preso a um interminável ciclo de reencarnações. Além disso, o subcontinente possui um sistema social bastante denso que, há muito tempo, vem dando forma à prática religiosa que hoje existe neto™

Crenças Hindus

Deus. O Hinduísmo não comporta apenas uma idéia acerca de Deus. Seus conceitos de divindade podem abranger: monismo (tudo que existe é feito de uma só substância); panteísmo (tudo que existe é divino); panenteísmo (Deus está na criação como a alma está no corpo); animismo (Deus ou deuses vivem em objetos, como pedras, árvores, animais, etc.); politeísmo (existem muitos deuses); henoteísmo (existem muitos deuses, mas adoramos apenas um) e monoteísmo (existe apenas um Deus).

Karma e Samsara. Uma idéia fundamental na crença hinduísta é a de que todas as almas são eternas e responsáveis pelos atos que praticam. O *Karma* é o débito que pesa sobre nós devido aos pecados que cometemos e que precisam ser expiados (por meio dos vários sistemas hindus), para que o indivíduo possa libertar-se do *samsara* ou reencarnação (a alma habita sucessivamente diversos corpos humanos) ou trans-

migração (a alma habita sucessivos corpos: humanos, de animais ou mesmo plantas e objetos inanimados).

Salvação. Os três principais caminhos para a "salvação" no Hinduísmo são: *Karma marga* (método), o caminho da ação altruística; *bhakti marga*, o caminho da devoção; *ejnana marga*, o caminho do conhecimento ou da revelação mística. Pela *jnana marga*, o indivíduo alcança a auto-realização através de uma consciência intuitiva e iluminação mística. Na *bhakti marga*, atinge-se a auto-realização através de sacrifícios e disciplina ritualística.

Bhagwan Shree Rajneesh (Rajneeshismo)

No que diz respeito ao noticiário da mídia, *Bhagwan Shree* (Senhor Deus) *Rajneesh* (nascido em 1931) é o líder da seita que mais tem recebido notoriedade nos últimos tempos, à exceção talvez de Sun Myung Moon. Sem dúvida alguma, ele foi o mais importante guru oriental dos anos 80.

Em uma entrevista concedida à revista *Forward*, Eckart Flother, antigo seguidor de Rajneesh, fez um excelente resumo da vida e formação do líder da seita:

"Rajneesh Chandra Mohan nasceu a U de dezembro de 1931, num vilarejo no interior da Índia, sendo o mais velho de sete filhos e cinco filhas. Uma nuvem que obscureceu sua infância foi o fato de que seu pai, um comerciante malsucedido, estava sempre ausente de casa, em viagem. Então, para Rajneesh, a "figura paterna" foi preenchida por seu avô, de quem ele gostava imensamente. Mas o avô faleceu quando ele tinha apenas sete anos, o que foi uma experiência fortemente traumática para ele. A partir de então ele se sentiu estranhamente atraído pela idéia da morte. Em seu diário de 1979 (que foi levado a público) há a informação de que ele acompanhava enterros como outras crianças correm atrás de um circo. Rajneesh prosseguiu os estudos e em 1957 concluiu o seu mestrado em filosofia. Entre 1957 e 1966, lecionou filosofia em duas universidades. Em 1966 pediu demissão de seu cargo de professor, como explica ele, para dedicar-se a realizar a vontade de Deus. Sentia-se chamado a trabalhar pela regeneração espiritual da humanidade, para que ela possa sobreviver ao holocausto que segundo ele deverá ocorrer futuramente.

"Nessa ocasião tornou-se "mestre", adotando o título de *Acharya** Rajneesh. Percorreu vários estados da Índia, a pé ou montado num jumento, com o objetivo de ensinar ao povo que todos deveriam mudar de vida e dar meia volta, se quisessem sobreviver.

"Mas não obteve muito sucesso nessa missão. Em 1970 encontrava-se pobre e cansado, mas pelo menos descobrira que possuía carisma e poder. Instalando-se em Bombaim, resolveu formar um grupo de seguidores aos quais pudesse transmitir sua mensagem. O número de discípulos foi aumentando, chegando ao ponto de seu apartamento não ser mais suficiente para acomodá-los. Em 1974, mudou-se para Poona, que fica cerca de 190 quilômetros ao sul de Bombaim. Alugou várias casas e fundou ali o seu *ashram*⁴. Mudou seu título de *acharya* para *Bhagwan* (que significa "deus"), determinou que seus discípulos usassem túnicas alaranjadas e colares de conta de madeira, e iniciou o movimento que hoje conhecemos.

No início de 1978, já calvo e de barba, mas sempre fotogênico, Rajneesh ganhou destaque nos meios de comunicação dos Estados Unidos quando a revista *Time* publicou um artigo sobre ele intitulado "God Sir' at Esalen East" (Senhor Deus em Esalen East). Dizia o artigo que esse carismático guru se tornara muito popular entre algumas celebridades e junto à liderança do Movimento do Potencial Humano que, como milhares de outros interessados, faziam peregrinações à sua comunidade religiosa em Poona, na Índia. O grande interesse despertado por Rajneesh originou-se, em parte, do emprego da "tantra ioga" (que entre outras coisas adota o nudismo e a liberação sexual), bem como do fato de utilizar uma grande variedade de terapias e

técnicas "psico-espirituais" muito populares.

No final da década de 70 e início de 80, ele foi sendo cada vez mais aclamado pelo movimento *new age* da América, Inglaterra, Alemanha e de quase todos os países industrializados do mundo livre. Com a presença de até 6.000 ocidentais em Poona, a população da comunidade cresceu para 10.000 pessoas. Depois esses *sannyasins*⁵ (hoje mais conhecido como "rajneeshes") regressaram aos seus países e abriram centros de estudo da doutrina desse guru. Nessa fase foram fundados em torno de 500 centros em 22 países. Em 1984 Rajneesh contava com cerca de 350.000 discípulos, cuja média de idade era de 34 anos.

Os discursos diários de Rajneesh são transcritos em livros e boletins. Já foram publicadas mais de 350 dessas obras, e cada exemplar custa entre quinze e vinte e dois dólares. Suas falas também são gravadas em fitas, que são vendidas a quase dez dólares cada, e em fitas de videocassete, cujo preço varia entre cinquenta e cento e setenta dólares. Esses objetos são divulgados pela Fundação Internacional Rajneesh, uma empresa que movimenta milhões de dólares. Como disse um dos seguidores dessa seita no filme *Ashmm* (um documentário sobre o Rajneeshismo), "a organização há muito tempo já descobriu que o dinheiro é uma energia poderosíssima". Rajneesh, cuja frota de Rolls Royces está sempre aumentando — no momento em que escrevemos são 70 — acredita que "a espiritualidade é privilégio e regalia dos ricos"⁶.

Rajneesh é, como ele próprio diz, um rebelde religioso que vive da controvérsia que criou, primeiro na Índia e agora nos Estados Unidos. Tal Brooke, um ex-adepto do popular guru indiano Sathya Sai Baba, fez uma visita a Poona e depois descreveu com muita perspicácia o que viu por lá. Diz ele:

"Rajneesh, uma pessoa que ao mesmo tempo fascina e horroriza os meios de comunicação, é mais conhecido por seus estranhos ensinamentos sobre o sexo. Ele criou uma imagem do "Novo Homem" que repudia todas as normas e tradições pré-estabelecidas. Pelo que ele ensina, o homem é um deus hedonista, totalmente dono de si mesmo (e não dá ouvidos ao que Rajneesh denomina "voz interior"), sendo livre para recriar o cosmos à sua própria imagem.

"É soberano em sua busca de prazeres, transcende a si mesmo e não deve nada a ninguém. A família é anátema; os filhos, um lixo a mais. Enquanto o *sannyasin* tiver dinheiro, tudo vai às mil maravilhas, mas depois que gasta tudo o discípulo se torna uma vítima inútil. Seguem-se homicídios, estupros, desaparecimentos misteriosos, ameaças, incêndios, explosões. Menores abandonados, filhos da gente da comunidade, ficam a esmolar pelas ruas de Poona; drogas circulam livremente, e tudo mais. Tudo isso é praticado por esses estranhos seres híbridos, vestidos de vermelho, que acham que estão lançando um novo sentido para a palavra "amor". Um grupo cristão que dirige um hospital psiquiátrico em Poona confirma essas informações e acrescenta que o número de indivíduos que enlouquecem é tão elevado que a comunidade está manipulando as autoridades para impedir a divulgação desses relatos."⁷

Mais de uma vez Rajneesh tem manifestado abertamente sua hostilidade contra as religiões estabelecidas: "Isto é uma revolução", diz ele. "Estou queimando textos sagrados, desarraigando tradições... e para provar que estou certo, vou ser assassinado."⁸

No início de 1981, circularam rumores de que Rajneesh recebera ameaças de morte. A direção do *ashratn* montou uma guarda intensa na área, e qualquer pessoa que ali entrasse era revistada de alto a baixo, para o caso de estar portando armas. Pouco depois houve um incêndio num depósito da comunidade e ocorreu uma explosão próximo ao centro de saúde da seita. Pelo que relatam os próprios membros da comunidade, em fevereiro houve um atentado contra a vida do guru, e a liderança do grupo acelerou o processo (que já tinha sido iniciado) de procurar uma nova sede.

Segundo informa a revista *Índia Today*, uma publicação bem conceituada, "...

tanto a polícia como... as autoridades (de Poona) são unânimes em dizer que os incidentes foram "armados" pelos seguidores de Rajneesh".⁹ Para quê? A mesma revista informa que "revelações feitas (em Poona) há duas semanas mostram que a Fundação Rajneesh estava enterrada até o pescoço em problemas como imposto de renda atrasado, desvio de verbas de instituição beneficente, fraude em uma empresa de seguros e uma série de casos criminosos ainda em fase de investigação quando eles deixaram o lugar".¹⁰

O consulado americano em Bombaim concedeu a Rajneesh um visto de entrada nos Estados Unidos, e a 1.º de junho de 1981 ele fugiu para Nova Iorque acompanhado de dezessete de seus discípulos mais chegados.

Depois que Rajneesh saiu de Poona, seus seguidores multiplicaram-se no Ocidente. "A estratégia atual na Europa é estabelecer "cidades sagradas". O boletim informativo n.º 8 de 1981, dirigido para a Europa, diz o seguinte: Temos de estabelecer uma cidade *sannyasyn* em todos os principais países europeus. O Bhagwan determinou que essas cidades devem ser sociedades alternativas autofinanciadas, que serão modelos de *sannyas*."¹¹

Já na América, eles começaram a trabalhar para criar a suprema "cidade sagrada", um lugar que estivesse à altura do próprio "mestre". Assim, no dia 10 de julho de 1981, o Centro de Meditação Chidvilas Rajneesh, de Montclair, Nova Jersey, comprou das mãos de uma companhia de investimentos de Amarillo, Texas, a fazenda Big Muddy (onde fora feito o filme de John Wayne, *Big Muddy*), por seis milhões de dólares, sendo que um milhão e meio foram pagos em dinheiro. A propriedade, que fica perto de Madras, Oregon, tem uma área de mais de 160 quilômetros quadrados. Além disso, o centro conseguiu arrendar junto às autoridades um outro terreno na mesma região, de mais de seis mil hectares.

Pouco depois, cerca de duzentos "rajneeshes", provenientes de dezesseis países ocidentais, dirigiram-se para *Big Muddy*, e em setembro festivamente receberam seu "mestre" no novo lar.

Algum tempo depois que adquiriram a fazenda, eles anunciaram seu intento de construir ali a "primeira cidade iluminada dos Estados Unidos", que se chamaria *Rajneeshpuram* (cidade ou expressão de Rajneesh). Em 4 de novembro de 1981, a câmara da comarca de Wasco resolveu, mediante votação favorável de dois terços de seus componentes, marcar para o mês de maio do ano seguinte um plebiscito na comarca para resolver se a fazenda Big Muddy podia ser emancipada e tornar-se cidade. E como num plebiscito como esse só votam aqueles que *residem* na região interessada (nesse caso, os rajneeshes), o resultado já era de se esperar: 154 votos a favor da transformação do local em Rajneeshpuram, e nenhum contra. E desde então, Rajneesh, seus seguidores e sua "cidade iluminada" aparecem constantemente no noticiário dos jornais.

Trabalhando doze horas por dia, nos sete dias da semana, sem receber salários (suas necessidades básicas são atendidas pela própria comunidade), esses 2000 membros da Comunidade Internacional Neo-Sannyas foram acertadamente apelidados de "formigas vermelhas", devido à sua operosidade e capacidade de realização. "Os rajneeshes se instalaram em 32.800 ha. de terra árida, pedregosa, acidentada e inútil... e estão construindo ali uma cidade auto-suficiente, com subestação de força, reservatório de água, praças, conjuntos habitacionais, estradas, plantações, estufas para plantas e um aeroporto."¹²

Mas esse projeto de transformar em paraíso uma parte do deserto do Oregon vem recebendo oposição ferrenha desde o início. Os opositores questionam a legalidade da situação da cidade com base em dois argumentos principais. Primeiro, ela fere a constituição do país no que diz respeito à separação entre igreja e estado. Em segundo lugar, eles alegam que a decisão da câmara de Wasco em favor de um

plebiscito para a transformação da região em cidade contraria as leis estaduais que dispõem sobre o uso e a divisão do solo. Até o presente momento, nenhum dos dois argumentos foi derrubado. Se houver uma decisão contrária à legalidade da cidade com base em qualquer um dos dois argumentos, a maioria de suas construções poderá ser demolida.

Como medida de segurança, para o caso de Rajneeshpuram ser declarada ilegal (e para garantirem para si os serviços e o controle governamental de um município), os rajneeshes ocuparam politicamente uma cidadezinha próxima chamada Antelope, cujo nome mudaram para Rajneesh. Os quarenta moradores originais do lugarejo, na maioria pessoas idosas, viam-se constantemente sujeitos à observação da polícia local, constituída de sannyasins. Além disso, os impostos municipais foram triplicados, e o dinheiro aplicado na seita. A câmara de vereadores da cidade, também dominada por elementos da seita, designou um espaço numa das praças locais para prática de banhos de sol e nudismo. A maior parte da população local desistiu de lutar e se mudou.

Apesar de tudo, a cidade vem crescendo, pois os rajneeshes estão comprando todas as casas da cidade e construindo outras.

Nesse meio tempo, o Departamento de Imigração e Naturalização está "conduzindo uma investigação da Fundação Internacional Rajneesh, com suspeitas de violação das leis de imigração e de estatutos criminais correlatos, violações essas praticadas pela fundação, por organizações a ela associadas, ou por seus membros*", diz Carl Houseman, diretor distrital do departamento em Portland.¹³ Suspeita-se que alguns rajneeshes, uns vinte e cinco a trinta deles (inclusive alguns da liderança), estejam implicados em casos de "casamentos por conveniência" de estrangeiros com cidadãos americanos. O próprio Rajneesh também corre o risco de ter sua residência permanente cancelada, caso fique provado que seu visto de entrada no país foi concedido com base no relato exagerado de uma enfermidade.

A tomada de Antelope, entre outras coisas, atemorizou muito a população das cidades próximas, que temia as ambições políticas da seita. No final de 1984, o Rajneesh Humanity Trust promoveu um projeto que levou o nome de "Partilhe seu lar". Arrebanharam cerca de 3.500 pessoas que viviam nas ruas e as instalaram na propriedade. A maioria dos observadores interpretou a operação (que acabou não indo adiante) como uma tentativa de aumentar o número de votantes locais, com a finalidade de obter o controle político da comarca de Wasco.

Os rajneeshes dominaram todo o cenário jornalístico do estado de Oregon naquele mês de novembro, ofuscando até a cobertura das eleições presidenciais. Foi preciso que se tomassem providências para controlar os temores da população, que parecia estar quase entrando em pânico diante dos rumores de que a seita ameaçava ocupar o estado inteiro.

Alguns tinham certo receio de que um confronto entre as autoridades governamentais e os rajneeshes — que muitos defendiam desde que a seita comprara o Big Muddy — terminasse como o episódio de Jonestown, na Guiana. Isso foi mencionado por Sheela Silverman, secretária pessoal de Rajneesh e presidente da Fundação Internacional Rajneesh, que discutiu a questão em termos exacerbados. A combativa discípula indiana, que é quem dá a última palavra nos aspectos materiais da seita, assumiu uma posição radicalmente belicosa.

"Em uma entrevista concedida ao canal de televisão KGW, que foi ao ar em 29 de junho de 1984... Sheela... explicou como agiria no caso de uma tentativa de demolição das casas de Rajneeshpuram. "Eu morreria", disse ela. "Os tratores vão ficar manchados com meu sangue." Em artigo publicado a 5 de julho no *San Francisco Chronicle*, foram citadas palavras dela dando a entender que resistiria a quaisquer tentativas de prisão dos moradores de Rajneeshpuram por violação das leis de

imigração ou de qualquer outro tipo de lei. "E eu falo sério", disse ela, com os lábios tremendo de raiva (segundo o jornal). "Se alguém vier aqui para causar algum dano a mim, ou ao Bhagwan ou a qualquer pessoa do meu grupo, vai ver o que acontece... Eu farei o que for preciso. Estamos dispostos a morrer em prol da liberdade humana. E meu povo está comigo 100 por cento."¹⁴

Embora hoje alguns não creiam que se deva levar muito a sério as ameaças de Sheela, ninguém duvida que Rajneesh esteja fomentando uma mentalidade catastrófica em seus seguidores. Em 1983, o guru falou de suas idéias acerca da crise mundial que, segundo ele, ocorrerá.

"O período da crise será entre 1984 e 1999. Nesse intervalo, haverá diversos tipos de destruição na terra, como catástrofes naturais e investidas autodestrutivas por parte do próprio homem. Haverá dilúvios como nunca houve desde os dias de Noé, terremotos, erupções vulcânicas e todo tipo de calamidade na natureza... Haverá também guerras nas quais serão utilizadas bombas atômicas, e portanto as simples arcas de Noé não vão salvar a humanidade. Mas o rajneeshismo está criando uma arca de Noé de conscientização, em que o homem se salvará se permanecer exatamente no centro do ciclone.

"E eu afirmo que não há outra saída a não ser a nossa (o rajneeshismo).

"Tóquio, Nova Iorque, São Francisco, Los Angeles, Bombaim — todas essas cidades vão desaparecer. E esse holocausto não ficará limitado apenas a certas regiões. Será de âmbito global, portanto não haverá meios de escapar dele.

"A única saída é ficar dentro. É isso que ensino."¹⁵

No início de 1984, Rajneesh ampliou sua exposição do desastre iminente, explicitando que iria cumprir-se uma pre-dição supostamente feita por Nostradamus: a Aids vai matar dois terços da população mundial.

Pelo que se percebe nas palavras que acabamos de citar, Rajneesh se vê como um salvador, um ser igual (ou superior) a Jesus. Seu sentimento messiânico está claro em suas previsões de uma catástrofe global. E procura rapidamente construir uma "arca de Noé de conscientização" em seus seguidores, antes que a humanidade se destrua. Ele afirma que "revolucionar a consciência humana hoje não é mais um luxo, é uma necessidade. Existem apenas duas alternativas para o homem: o suicídio ou um enorme salto para a conscientização, que Nietzsche chamou de Super-homem". *

Quando lhe perguntaram se os rajneeshes iriam sobreviver ao seu anunciado holocausto nuclear, ele replicou:

".. os macacos deram um salto e se tornaram seres humanos, mas nem todos o fizeram. Alguns continuam sendo macacos. Não estou afirmando que os rajneeshes irão sobreviver ao holocausto, mas posso dizer com absoluta certeza: aqueles que sobreviverem serão rajneeshes e os restantes serão macacos (isto é, seres humanos que não evoluíram, tornando-se "super-homens") ou se matarão. Aliás, os que restarem *não terão importância*".¹¹ (Grifo nosso.)

Assim como Rajneesh acha que é o único homem "conscientizado" em todo o planeta, acredita também que é o único capaz de conduzir esse "importante salto para a conscientização", para assim salvar a raça. Por isso, todos "os esforços do Bhagwan são dirigidos no sentido de criar as circunstâncias adequadas para que se efetive essa mudança de consciência".¹⁸

Portanto, a Rajneeshpuram pode ser vista como um imenso projeto experimental humano: o "mestre iluminado" procura criar as condições básicas e a energia espiritual (que Rajneesh chama de *Buddhafield*) necessárias para dar origem a uma super-raça. Aqueles que não quiserem ou não puderem encaixar-se nesse grupo "não terão importância". O que importa de fato é que se cumpram as aspirações espirituais de Bhagwan Shree Rajneesh para a humanidade.

E como é a estrutura espiritual sobre a qual são baseadas essas aspirações? Um

breve estudo dos ensinamentos de Rajneesh logo revela claramente que o "rajneeshismo" em todos os seus aspectos, é contrário à fé cristã. Vejamos alguns trechos de seus discursos:

"Por que ser cristão, se você pode ser um Cristo?"¹⁹

"Permita que *eu* seja a sua morte e ressurreição."²⁰

"Ninguém é pecador. Mesmo aquele que está vivendo o momento mais negro de sua vida ainda é divino. Ninguém pode perder essa divindade. Eu afirmo, não há necessidade de salvação; ela já está dentro de nós."²¹

"... a desobediência não é pecado; é um aspecto do crescimento."²²

"Deus não é nem ele nem ela... se alguém disser que ele é mulher, direi que é homem; se disser que é homem, direi que é mulher... *seja qual for a sua crença, eu a anularei.*"²³ (Grifo nosso.)

"Se (Jesus) tivesse tido um pouco de inteligência e ponderação, não teria ido (para Jerusalém, para morrer na cruz). Mas assim também não haveria necessidade (de ele) declarar (que era o) Messias e Filho de Deus... Esses messias são essencialmente loucos.

"Ele cria piamente que sua crucificação demonstraria que estava certo. É por isso que acho que ele abrigava interiormente uma tendência suicida. Se há alguém que é responsável pela sua crucificação é ele mesmo. Foi bem merecida. E não há documentação judaica daquela época que comprove a ressurreição; só o Novo Testamento afirma isso. E uma narrativa fictícia. Ele não ressuscitou."²⁴

"O argumento do diabo para Eva foi de que Deus quer que sejamos ignorantes... Ele tem ciúmes. E isso faz sentido, pois o Deus dos judeus é muito ciumento. Não quer que eles se tornem iguais a ele. Essa não é a atitude de um pai amoroso... Não é pecado ter o conhecimento. Eu os aconselho a comerem da árvore do conhecimento."²⁵

Todo aquele que leva o ensino bíblico a sério logo vê, pelas citações acima, qual é o verdadeiro espírito que inspira e impulsiona Rajneesh e sua "religião" (Mt 24.2,4,5,23,24; 7.15; 1 Tm 4.1-6).

"... e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo." (1 Jo 4.3.)

Parece bem claro que o mesmo poder espiritual que falou no jardim do Éden por intermédio da serpente, fala agora abertamente por meio de Rajneesh. Evidentemente ele está totalmente dominado por esse espírito. Isso mostra como estão em perigo os milhares de interessados que buscam sinceramente a verdade, e que cantam em adoração ao guru: "Coloco meu coração, meu coração, em tuas mãos".²⁶ Os crentes deviam preocupar-se com o fato e orar seriamente por eles.

Se um dia o governo resolver intervir e acabar com o sonho de Rajneesh e seus seguidores, tal intervenção pode desencadear um violento confronto, pois eles dão uma tremenda importância ao projeto do Rajneeshpuram. Em vez de ficar "localizada bem no meio do ciclone", a "arca de conscientização" de Rajneesh deverá naufragar em meio à tempestade com a qual Deus punirá a idolatria humana (ver Apocalipse 16.17-21). Aqueles que, ingenuamente, forem refugiar-se junto dele, em vez de achar salvação, sofrerão as devastadoras consequências da rebelião e blasfêmia de seu líder.

E preciso alertar os *sannyasins* e principalmente os simpatizantes de Rajneesh que ainda não fizeram um compromisso total com ele, mostrando-lhes a verdadeira natureza an-ticristã e anti-humana dos ensinamentos desse homem. Precisamos mostrar-lhes também o Jesus *bíblico*, que é diferente do de Rajneesh, como a luz é diferente das trevas.

Até onde sabemos, Eckart Flother é a única pessoa que, após converter-se a Jesus, teve um confronto com Rajneesh. Ele narra o acontecido e seu depoimento é fortíssimo:

"Em julho, exatamente quando estava-me envolvendo mais com o *ashram*, tive uma experiência extraordinária. Era uma daquelas noites quentes e úmidas da Índia, com mosquitos por todo lado, e estava sentado no quarto do hotel, lendo o livro *Decah (ifa Guru* (Morte de um guru, Edições Vida Nova, 1990), do Rabi Maharaj. De repente vi um ser brilhante e luminoso de pé no meio do quarto, que me disse com uma voz possante: "Quero que você se torne meu discípulo". Logo compreendi que era Jesus chamando-me, mas não sabia ao certo como deveria agir.

"Procurei Rajneesh e contei-lhe o que havia ocorrido. Quando estava narrando essa experiência, senti uma espécie de energia ou luz quente irradiando de meu ser, e percebi que ele ficou muito irritado. Olhava-me grandemente admirado, sem conseguir dizer nada. Naquele momento, compreendi que ele não era um "senhor" igual a Jesus Cristo, como afirma ser. E no mesmo dia tomei a decisão de me tornar discípulo de Jesus Cristo."

Flother abandonou o Rajneeshismo e hoje dedica parte de seu tempo a ajudar outros a escaparem dessa seita na qual estivera mental e espiritualmente preso.

Como Ganhar os Sannyasins Para Cristo ²⁷

Quando se tenta falar do evangelho a um sannyasin, enfrenta-se uma dificuldade óbvia: ele não quer pensar objetivamente sobre a experiência que está vivendo, não quer exercitar a mente. Quanto mais o indivíduo tiver se aprofundado no movimento, mais grave se torna o problema. Existe alguma forma de se lidar com eles, convencendo-os a fazer uma análise crítica da experiência que estão vivendo e encarar com objetividade o que Rajneesh está fazendo com todos eles?

E.F.: Trabalhando com adeptos da seita que queriam abandoná-la, descobri que, inicialmente, os argumentos lógicos ou racionais não adiantam nada.

O método que tenho utilizado com bons resultados é criar uma situação emocional, fazendo-os lembrar um incidente de sua infância, ou um momento de sua vida em que precisaram de privacidade (coisa que eles não têm no *ashram*) ou uma ocasião em que ajudaram outrem. Tenho aconselhado seus pais e amigos a recriar uma situação em que eles praticaram caridade para com alguém. Ao reviver isso, normalmente eles têm uma explosão emocional, revivem a experiência passada. Isso é chamado de "despertar".

Tenho percebido que depois disso consigo conversar com eles num plano mais racional, e muitos abanam a cabeça como se estivessem dizendo: "Parece que eu estava tendo um sonho muito longo".

Então, primeiro precisamos criar uma situação na qual eles possam reviver fortemente uma experiência anterior à sua entrada no movimento, só depois então poderemos ajudá-los a se restaurarem. Aí é bom deixar que façam perguntas, pois geralmente dizem: "Onde estou? O que estava acontecendo?" E eles sempre têm muitas dúvidas e indagações. Após esse ponto podemos apresentar-lhes a mensagem do evangelho.

Uma boa tática é não criticar os atos de Rajneesh logo de início. É melhor limitarmos-nos a mostrar as diferenças entre o ensino dele e o de Jesus Cristo, ponto a ponto, e ressaltar a forma como um e outro nos auxiliam no confronto com as realidades da vida. Agindo assim, estamos ajudando o indivíduo a chegar a uma conclusão por si mesmo, sem impor-lhe uma certa linha de pensamento.

Então você acha que criticar Rajneesh ou atacar seus pontos de vista frontalmente é contraproducente?

E.F.: Logo de início, é. Temos de entender que, na verdade, esse guru se tornou para eles a base da vida, e os ensinamentos dele, o seu referencial. Então se começarmos a remover essa base de sustentação, eles poderão sentir-se ameaçados, não ouvindo o que lhes dissermos.

Temos de deixar que ele próprio faça críticas a Rajneesh e ao seu sistema, pois mais cedo ou mais tarde terá uma visão clara da realidade. Contudo, se ele não demonstrar essa atitude crítica até umas duas ou três semanas depois de ter abandonado o movimento, será bom começar a mostrar-lhe os fatos. Mas inicialmente, não.

Que cuidados se deve ter com uma pessoa que está-se desligando dessa seita?

E.F.: É muito importante que familiares e amigos criem uma atmosfera acolhedora de amor e apoio. Aquele que sai do movimento de Rajneesh precisa não apenas receber amor, apoio e carinho de seus familiares e amigos, mas também sentir que precisam dele; precisa convencer-se não apenas de que estava perdendo algo, mas que sua ausência também representou uma perda para a família.

Outro aspecto importante que descobri foi que uma das razões por que o jovem deixa a família e vai para a seita é que, muitas vezes, os pais e amigos vivem como se tudo estivesse muito bem, como se nenhum deles tivesse problemas. Então é bom que os pais, parentes e amigos felem dos problemas que enfrentam, da luta que têm para aceitar a realidade, e assim o jovem verá que eles também são humanos. Aquele que sai da seita precisa entender que ser humano implica em ser imperfeito, implica em ter problemas que nem sempre sabemos resolver.

Acima de tudo, os *sannyasins*, bem como seus familiares e amigos, precisam compreender que, em última análise, só podemos resolver problemas através de um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Só ele tem as soluções de que tanto precisamos.

Hare Krishnas (ISKON)

Uma das principais seitas hinduístas é o Hare Krishna, uma divisão moderna do hinduísmo vishnu, que é um desdobramento dos ensinamentos de um homem chamado Chaitanya, que viveu no século XV. Ele instituiu o culto ao deus Vishnu, opondo-se ao culto da divindade local, Shiva. Ele ensinava que Krishna era a principal divindade.

O Hare Krishna propriamente dito teve início em Nova Iorque, na década de 60, fundado pelo iogue vishnu, Sua Divina Graça Abhay Charan De Bhaktivedanta Swami Prabhupada, nascido em Calcutá, Índia, em 1896. Os seguidores da seita, chamados de hare krishnas, são muito conhecidos na América pela sua prática de levantar fundos pedindo esmolas pelas ruas e cantarem em público o *sankirtana*, seu cântico religioso.

As Crenças dos Hare Krishnas

Deus. Embora grande parte dos livros sagrados hinduístas seja panteísta (a crença de que tudo que existe é parte de Deus), há porções deles, principalmente do *Bhagavad-Gita*, que são manifestações basicamente monoteístas do Hinduísmo. Por ser uma síntese das crenças e do pensamento indiano, o Hinduísmo contém em sua vasta tradição escrita grande variedade de idéias- acerca de Deus, embora elas sejam contraditórias entre si. Como o *Bhagavad-Gita*, que sugere uma forma de monoteísmo, é a mais sagrada escritura dos hare krishnas, podemos concluir que eles têm uma fé basicamente monoteísta, sendo Krishna, para eles, a principal divindade. Qualquer encarnação do deus único, é uma encarnação de Krishna. "Todas as listas de encarnações da divindade são extensões plenas do Senhor, ou partes delas. Mas o Senhor Sri Krsna é a personalidade original da divindade."²⁸

Cristo. Para os hare krishnas, Jesus Cristo é Filho de Krishna, mas não se acha numa posição superior impossível de ser atingida pelo homem. Para eles, então, Jesus Cristo não é o Filho de Deus, uma pessoa singular, Deus manifesto na carne — nem é tampouco uma encarnação de Krishna.

Salvação. Para os hare krishnas alcança-se a salvação removendo-se o carma, o

débito que todos temos. Conseguise isso pela devoção a Krishna e pela prática de boas obras nas diversas encarnações. "Todos os praticantes da fé que conhecem o significado de sacrifício, purificam-se da reação pecaminosa e, tendo saboreado o néctar dos restos de tal sacrifício, vão para a suprema atmosfera eterna."²⁹ Dizem também os hare krishnas: "Aqueles que dançam batendo palmas perante a divindade em demonstrações de êxtase, desses vão saindo todos os pássaros das práticas pecaminosas, que voam para o alto".³⁰

Meditação Transcendental

A Meditação Transcendental é uma ioga ou prática espiritual, introduzida no Ocidente pelo seu criador, o iogue Maharishi Mahesh, que a apresentou como uma filosofia ou exercício religioso. Encontrando certo ceticismo por parte dos ocidentais, menos místicos que os orientais, Maharishi fez uma reformulação de seu programa. Na década de 70, passou a apresentá-la e a divulgá-la como um exercício psicológico, com bases científicas, cujos objetivos eram aliviar o stress, produzir paz interior — portanto com efeitos positivos para a sociedade — e capacitar o seu praticante a participar da projeção astral (experiência em que a alma sai do corpo) e da levitação. Até hoje a Meditação Transcendental é divulgada com essa fechada de prática não religiosa, e a maioria dos ocidentais desconhece sua verdadeira natureza e suas teses religiosas.

Crenças da Meditação Transcendental

Deus. A Meditação Transcendental baseia-se nos escritos sagrados do Hinduísmo que oferecem uma visão panteística de Deus. Portanto, o deus da seita é panteístico, e o objetivo do fiel é integrar-se plenamente à unidade divina. É claro que tal posição anula a doutrina de um Deus singular, com personalidade distinta. "A existência é a presença viva de Deus, a realidade da vida. É a verdade eterna; é o absoluto da liberdade eterna."³¹

Jesus Cristo. A Meditação Transcendental ignora quase totalmente a pessoa de Jesus Cristo, mas Maharish ensina que qualquer um pode tornar-se um iluminado como Jesus, se adotar as técnicas da Meditação Transcendental. Pelo modo como ele desconhece Jesus e por sua visão do mundo, podemos deduzir que ele não o vê como o único Filho de Deus, manifesto em carne. (Ver, por exemplo, *Meditation of Maharishi Mahesh Yogi*, desse autor, pp. 123, 124.)

Salvação. Nessa seita, atinge-se a salvação quando se tem consciência de estar em união com a Inteligência Criadora. "A solução para todos os problemas é o fato de que não há problemas. Assim que alguém reconhece essa verdade, não tem mais problemas."³² Para se chegar a esse ponto, é preciso praticar as meditações da seita: "... pela Meditação Transcendental podemos obter a união, e por meio dela, destruir uma imensa montanha de pecados, de quilômetros e quilômetros de extensão. Não existe outra saída".³³ O termo salvação talvez nem seja adequado, já que ninguém é de fato pecador, estando apenas esquecido de sua unidade com a divindade.

Conclusão

Existem centenas de outras seitas orientais. Apresentamos aqui o Rajneeshismo, o Hare Krishna e a Meditação Transcendental, apenas como amostras do pensamento oriental. O leitor que desejar maiores informações sobre as seitas orientais e sobre o Hinduísmo em geral pode consultar a bibliografia que citamos.

Em conclusão, lembramos que o Hinduísmo, com suas facetas variadas e suas contradições, não tem afinidade alguma com o Cristianismo. Todas as formas do Hinduísmo negam a Trindade bíblica, a divindade de Cristo e as doutrinas da

expição, do pecado e da salvação pela graça através do sacrifício de Cristo. Trocam a ressurreição pela reencarnação, e a graça e a fé por obras humanas. Portanto, é impossível obter-se a paz com Deus por meio do Hinduísmo ou de qualquer uma de suas seitas. CS. Lewis observou com muito acerto que, no fim de todas as buscas religiosas, o homem tem de escolher entre o Hinduísmo e o Cristianismo. O primeiro contém todas as outras religiões; o segundo exclui todas elas. Não é* olhando para dentro de si mesmo que o homem obtém a paz com Deus, mas olhando para aquele sobre quem Moisés e os profetas escreveram: Jesus de Nazaré, o Filho e o Cristo de Deus.

1. Iogue Ramacharaka, *The Philosophies and Religions of Índia* (As filosofias e religiões da Índia), Chicago, IL: The Yogi Publication Society, 1930, pp. 271, 272.
2. Ninan H. Smart, *The Religious Experience of Mankind* (A experiência religiosa da humanidade), New York: Charles Scribner's Sons, 1976, pp. 155, 156.
3. *Acharya* significa "professor".
4. Comunidade religiosa (ou mosteiro).
5. Sannyasins são os discípulos iniciados. Os homens tem o título de *swami*, e as mulheres recebem o nome de "ma".
6. Russell Chandler e Tyler Marshall, *Guru Brings His Ashram to Oregon* (Guru traz sua *ashram* para o Oregon), no Los Angeles Times, D de agosto de 1981, parte 1, p. 14.
7. "Pied Piper of Poona" (O flautista de Poona), em *Etemity*, set. 1981, p. 14.
8. *This is a Revolution*, (Isto é uma revolução), Bhagwan Shree Rajneesh, Videocassete 18C236, de 28 de dezembro de 1980.
9. Chander Uday Singh, *Sins of Bhagwan* (Os pecados de Bhagwan) em *Índia Today*, 15 de junho de 1982.
10. *Ibidem*.
11. Jens Johansen, *The Master Will Not Speak Again* (O mestre não falará de novo), em *New Religious Movements Update* (Atualização dos novos movimentos religiosos), Vol. 5, N.º 3/4, dezembro de 1981, p. 81.
12. Bill Dietrich, *Conflict Over Rajneeshpuram* (O conflito a respeito de Rajneeshpuram), no Times de Seattle, 9 de set. de 1984, p. A2.
13. Win McCormack e Bill Driver: *Rajneeshpuram: Valley of Death?* (Rajneeshpuram, vale da morte?), Oregon Magazine, setembro de 1984, p. 26.
14. *Ibidem*, pp. 30, 31.
15. Bhagwan Shree Rajneesh, *Rajneeshism, An Introduction to Bhagwan Shree Rajneesh and his Religion* (Rajneeshismo, uma introdução ao Bhagwan Shree Rajneesh e sua religião), Rajneeshpuram, Oregon: Rajneesh Foundation International, 1983, pp. 56-57.
16. Rajneesh, *Rajneeshism*, op. cit., p. 60.
17. *Ibidem*, p. 61.
18. *Ibidem*, p. 15.
19. A citação 6 título do Videotape 18C144, de 2 de setembro de 1980.
20. *Discourses on the Sufi Way* (Discursos sobre o método sufi), citado no Victor Valley Daily Press, 18 de setembro de 1981, p. B3.
21. *Sannyas*, abril de 1978, p. 18.
22. *Jesus, Buddha: Their Days Are Finished* (Jesus, Buda: os dias deles acabaram), videocassetes 18C321 e 18C322, 7 de março de 1981.
23. *He or She? On Beliefs — The Book of Books VI* (Ele ou ela? Acerca das crenças — O livro dos livros VI) Videocassete 18S133, 22 de abril de 1980.
24. Bhagwan Shree Rajneesh, em um discurso feito perante trinta discípulos em Rajneeshpuram, a 12 de novembro de 1984.
25. *Ibidem*
26. Dietrich, *Conflict over Rajneeshpuram* (Conflito a respeito de Rajneeshpuram), op. cit., p. B3.
27. Extraído da Revista *Forward*, Vol. 5, n.º 1, março de 1982. As respostas de Eckart Tolle são identificadas pelas iniciais E.F.
28. Siddha Swarup Ananda Goswami, *Jesus Loves Krishna* (Jesus ama Krishna), Vedic Christian Committee and Life Force, Krsna Yoga View-point, 1975, p. M.
29. A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, *Bhagavad-Gita As It Is* (O Bhagavad-Gita como ele

é), New York: The Bhaktivedanta Book Trust, 1968, p. 81.

30. Prabhupada, *The Nectar of Devotion* (O néctar da devoção), New York: The Bhaktivedanta Book Trust, 1968, p. 81.

31. Maharishi Mahesh Yogi, *The Science of Being and the Art of Living* (A ciência de existir e a arte de viver), New York: The New American Library, 1968, p. 22.

32. Maharishi Mahesh Yogi, *Maharishi Mahesh Yogi on the Bhagavad-Gita* (Iogue Maharishi Mahesh fala sobre o Bhagavad-Gita), New York: penguin Books, 1967, p. 257.

33. *Ibidem*, p. 299.

8

MORMONISMO, OS SANTOS DO ÚLTIMOS DIAS

Os Mórmons no Brasil

De acordo com o almanaque da Igreja Mórmon, seus primeiros membros no Brasil foram os imigrantes alemães Augusta Kuhlmann Lippelt e seus quatro filhos, que chegaram ao Brasil em 1923. O marido, Roberto, foi batizado vários anos mais tarde. Os primeiros missionários foram os "élderes" William F. Heinz e Emil A. J. Schindler, acompanhados por Rheinold Stoof, presidente da Missão Sul Americana em Buenos Aires, Argentina. O Pres. Stoof já tinha visitado o Brasil em 1927 e retornou com os "élderes" em 1928 para começar o proselitismo entre as pessoas de língua alemã. O primeiro batismo da seita em solo brasileiro foi realizado em 14 de abril de 1929, e o primeiro local de reunião de sua propriedade na América do Sul foi inaugurado em 25 de outubro de 1931, em Joinville, estado de Santa Catarina.

Em 25 de maio de 1935 foi criada uma missão sediada no Brasil. No princípio os missionários ensinavam apenas em alemão, mas em 1937 o *Livro de Mórmon* foi traduzido para o português e um ano depois os missionários começaram a ensinar em nossa língua. Por volta de 1959, a seita já contava com 3.700 membros. Em 1966 foi organizada a Estaca São Paulo, a primeira da nação, tendo Walter Spat como presidente. O templo em São Paulo, único no país, foi inaugurado em 30 de outubro de 1978.

A Igreja Mórmon conta hoje com 302 mil membros distribuídos em 56 estacas, 338 alas, 229 ramos, 25 distritos e 10 missões em todo o território nacional (*Church Almanac*, 1991-1992, pp. 119, 120).

A história dos mórmons neste país é marcada pelo racismo, em consequência de sua doutrina igualmente racista. Segundo o historiador mórmon Dr. Lawrence J. Nielsen, durante anos a igreja evitou converter pessoas de ascendência africana, e os missionários desenvolveram vários métodos (até a prática de verificar álbuns de fotografias) para detectar tal linhagem a fim de não batizar pessoas erradas. Desenvolveram também códigos secretos — sinais de mão — para se comunicar sem serem reconhecidos pelos negros. Segundo o pesquisador mórmon Mark L. Grover, durante os anos 50 a missão brasileira estabeleceu oficialmente como seu alvo principal a "pureza racial de todos os novos convertidos".

Ela também tirou dois capítulos inteiros das edições brasileiras do livro *O Caminho da Perfeição* como parte de sua tentativa de limitar as informações aos membros brasileiros sobre tal doutrina ofensiva. Como resultado, os mórmons brasileiros e o público em geral desconhecem as dezenas de declarações claramente racistas feitas pelas autoridades mórmons na sua literatura oficial em inglês. O referido livro foi traduzido sem mudanças para o alemão, francês, espanhol e japonês.

A decisão da igreja em 1978 de abrir o sacerdócio às pessoas com "sangue negro" foi o resultado da impossibilidade de determinar corretamente a linhagem racial de seus membros brasileiros, afirma o apóstolo mórmon LeGrand Richards em outubro do mesmo ano, numa entrevista pouco conhecida, trazida a público no Brasil pelo Instituto Cristão de Pesquisas.

Segundo a doutrina mórmon, uma só gota de sangue africano era suficiente para manter a maldição que recai sobre as pessoas de pele escura e desqualificar um

possível candidato ao sacerdócio. Qualquer um que fosse ordenado por engano estaria administrando ordenanças inválidas, assim atrapalhando seriamente a ordem da igreja. A igreja, explicou Richards, foi forçada a reconsiderar sua posição porque um "templo sagrado", no valor de quatro milhões de dólares, estava para ser inaugurado em São Paulo em agosto daquele ano e a igreja teria de negar a entrada aos membros de origem africana.

Como resultado da decisão de 1978, a igreja tem crescido maciçamente no Brasil (em 1978, havia 55 mil membros; quatro anos depois, havia 160 mil, e no ano seguinte, 200 mil) e aberto novos trabalhos missionários em pelo menos dez países anteriormente fechados na África e no Caribe, além de trabalhos mais amplos entre os negros nos Estados Unidos e África. Na verdade, a Igreja Mórmon mudou a prática do sacerdócio em relação ao negro, contudo a sua doutrina continua racista. O público e os membros da igreja têm o direito de saber a verdade tal qual ela é (Jo 8.32).

Perspectiva Histórica

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias sobressai entre todas as seitas religiosas ativas dos Estados Unidos pelo fato de possuir a história mais interessante. Ela merece a atenção e o estudo de todos os que se interessam pelas religiões originadas no continente americano.

Os mórmons, como essa seita é mais conhecida, dividem-se em dois grupos principais: a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cuja sede fica em Salt Lake City, em Utah, e a Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com sede em Independence, Missouri. Hoje, passados mais de cento e sessenta anos de fundação da seita, os mórmons contam com cerca de oito milhões de adeptos; possuem considerável quantidade de bens nas áreas rural e industrial dos Estados Unidos, e desenvolvem intensa atividade missionária por todo o mundo, rivalizando com a igreja evangélica. Em fins de 1991, o primeiro grupo, que é o principal objeto de estudo deste livro, afirmava possuir mais de oito milhões e cem mil membros. A Igreja Reorganizada conta com pouco mais de 200.000 em todo o mundo, sendo considerada, em alguns lugares, uma "seita fundamentalista". Vamos ocupar-nos pouco da Igreja Reorganizada que, por sinal, rejeita a denominação "mórmon". Mas não há dúvida de que, nas últimas décadas, ela tem conquistado muito território, e seus membros são pessoas dedicadas e zelosas. Eles estão constantemente provocando a igreja de Utah, lembrando-lhes que, nas disputas em tribunais, ficou comprovado que eles constituem os legítimos seguidores da igreja original, sendo o grupo de Utah o cismático. Desde a sua fundação, a Igreja Mórmon tem-se caracterizado por grande zelo e prosperidade, bem como por um admirável espírito missionário. Antes mesmo da Segunda Grande Guerra, a igreja já possuía mais de dois mil missionários em várias partes do mundo. Após a guerra, a seita aumentou grandemente sua divulgação em toda a parte e hoje tem mais de 44.500 "missionários" ativos.

Um fato curioso é responsável por esse grande número de obreiros: a Igreja Mórmon tem o hábito de incentivar seus jovens mais promissores — os rapazes aos 19 anos, e moças, aos 21 — a dar dois anos de trabalho num campo missionário, com sustento próprio. Em alguns casos, são os próprios pais dos jovens que os sustentam durante esse trabalho. É interessante observar que, aproximadamente a cada duas semanas, cerca de setenta a noventa jovens ingressam nesse tipo de atividade missionária.

Atualmente, o crescimento da Igreja Mórmon está na casa das 300.000 conversões por ano. O índice de nascimentos dentro da seita é de 28,1 por milhar, o que contrasta com o índice do país que é em média de 15,9 por milhar.' Pelo que ensina a seita, o mórmon deve sempre manter seu corpo no melhor estado de saúde

possível, e os adeptos são aconselhados a não fazer uso de fumo e bebidas alcoólicas, e até a evitar café, chá e outras bebidas que contêm cafeína, como a Coca-Cola. A igreja dá forte ênfase ao ensino sobre o dízimo, estabelecido no Velho Testamento, e exige que todos os seus membros o pratiquem. O resultado disso é que em 1982 a igreja tinha acumulado bens no valor de dois bilhões de dólares,² uma quantia vultosa para uma organização relativamente pequena. Precisamos lembrar também que a seita emprega muito bem esse dinheiro, aplicando-o na expansão da igreja. Isso é comprovado pelo fato de que eles estão expandindo rapidamente sua aquisição de propriedades tanto para propósitos comerciais como eclesiásticos. Hoje, os "santos" possuem quarenta e dois templos em funcionamento, e seis em projeto ou sendo construídos, em países de todos os continentes. Sua universidade, a Brigham Young University, afirma ter mais de 28.000 alunos em seus dois *campi*.

Difundida como é por um povo decidido, zeloso e de mentalidade missionária, que pratica uma religião de "boas obras" e vida pura, a seita mórmon aplica todos os anos milhões de dólares na divulgação dos ensinamentos de seus principais profetas, Joseph Smith e Brigham Young. Ao mesmo tempo, procura converter toda e qualquer pessoa que queira dar-lhe ouvidos, independente de filiação a outra seita ou religião.³ Além da arrecadação regular proveniente dos dízimos, a igreja incentiva também outro tipo de contribuição que chama de "ofertas de jejuns". Essa prática incomum consiste de jejuar-se no primeiro domingo de cada mês, e dar para a igreja o dinheiro que seria gasto nessa refeição, como uma contribuição voluntária para sustento dos pobres.

Como o Mormonismo valoriza bastante a educação, não é de se estranhar que possuam cursos de "seminários" e "institutos" para alunos de nível médio ou de faculdade, cuja matrícula é de mais de 375.000 estudantes. Isso já era de se esperar, visto que a igreja tem experimentado um crescimento fabuloso. Além disso, eles possuem mais de cinquenta escolas fora dos Estados Unidos, sendo a maioria delas no México e em países do Pacífico Sul.

Portanto, a Igreja Mórmon não é das que atraem pessoas de baixa escolaridade, como é o caso das Testemunhas de Jeová. Pelo contrário; ela enaltece a educação. Por causa disso é que suas impressoras colocam em circulação anualmente milhões de exemplares de literatura de divulgação da seita. Outro aspecto desse grupo é que está sempre construindo templos e capelas. Os templos são dedicados especialmente à realização de cerimônias secretas como casamentos "celestiais", selamentos, batismo pelos mortos e outras ordenanças em favor dos mortos. (Somente em 1982 foram realizados quase quatro milhões e quinhentos mil desses rituais em favor de outrem.) Esses templos, em geral lindas construções de alto custo, com mobiliário caro, são vedados a "gentios", nome com que designam todos que não pertencem à seita. Além de darem forte ênfase à educação, os mórmons também apreciam esportes, passatempos, teatro, música, cursos de economia doméstica para noivas, danças e festivais de teatro. Eles possuem uma organização encarregada de cuidar dessas atividades, a Mutual, que já promoveu milhares de bailes e outras programações, com o objetivo de oferecer entretenimento para os jovens. Esses bailes sempre são iniciados com uma oração e encerrados com o cântico de um hino. A seita fez tudo que é humanamente possível para transformar sua igreja num segundo lar para os jovens. Ao que parece, o programa tem obtido muito sucesso, do que dá testemunho a ausência de delinquência juvenil entre seus afiliados.⁴

Acentuando a valorização que a Igreja Mórmon dá ao trabalho de missões, o Coro do Tabernáculo Mórmon tomou-se famoso e bastante conhecido no país todo (EUA), principalmente daqueles que ouvem rádio. Ele é composto de 350 cantores e de seu repertório constam cerca de 810 hinos. Recentemente o grupo comemorou cinquenta anos de transmissões radiofônicas. Se alguém pensa que os mórmons constituem um grupo de pouca influência nos Estados Unidos, é bom saber que são

eles o grupo religioso com maior número de membros no "Who's Who" (Quem é quem — listagem de personalidades importantes do país). O mesmo pode-se dizer das sociedades científicas honoríficas americanas. Muitos líderes da igreja mórmon têm sobressaído também em cargos governamentais. O principal deles é o ex-Ministro da Agricultura, Ezra Taft Benson, atual profeta da igreja. Outros são: David M. Kennedy, Secretário do Tesouro (que hoje se aproveita de sua posição no ministério como uma espécie de embaixador da seita); Angela (Bay) Buchanan e o falecido Ivy Baker Priest, Tesoureiros; Terrel H. Bell, Ministro da Educação; George Romney, ex-governador do estado de Michi-gan; Marriner S. Eccles; três embaixadores dos Estados Unidos a países escandinavos, vários senadores, etc. A seita está longe de ser uma organização de pouca influência. Pelo contrário; constitui uma grande força política e social que deve ser encarada com respeito, fato reconhecido pelas pessoas mais bem informadas.

Organização Eclesiástica

A organização e administração geral da Igreja Mórmon é dirigida pelas "Autoridades Gerais". A mais alta autoridade é a Primeira Presidência (ocupada hoje por Ezra Taft Benson e dois conselheiros). Eles têm a assessoria do "Quorum dos Doze Apóstolos", do "Primeiro Quorum dos Setenta" e sua presidência, do Bispado Presidente e do Patriarca da igreja-Toda a autoridade entre os mórmons acha-se atribuída ao sacerdócio, do qual existem dois tipos: "aarônico" (ou menor) e "de Melquisedeque" (ou superior); quase todos os membros do sexo masculino acima de doze anos pertencem a uma dessas duas ordens. Administrativamente a igreja é dividida em territórios que consistem de "alas" e "estacas". A ala consiste de um grupo de quinhentos a mil membros. Cada ala é presidida por um bispo e dois conselheiros. A estaca é formada pelo agrupamento de diversas alas, sendo supervisionada por um presidente de estaca e dois conselheiros, auxiliados por doze sumo sacerdotes, que constituem o alto concílio da estaca. Eles contam hoje com aproximadamente 18.810 alas e ramos, 1.837 estacas e 267 missões em operação na igreja (sendo 77 missões na América Latina). Esses diversos grupos se auxiliam mutuamente, formando uma coalizão muito forte, dando assistência uns aos outros dentro do âmbito da igreja. E bom mencionar que, por ocasião da depressão econômica dos Estados Unidos em 1929, seus armazéns cuidaram deles fielmente, de modo que foram muito poucos os membros que passaram algum tipo de necessidade material.

Os mórmons estão sempre demonstrando grande zelo em sua atividade missionária. Seus missionários são muito bem treinados, e conhecem seus dogmas a fundo, sabendo citar a Bíblia profusamente. Assim sendo, esses hábeis discípulos de Joseph Smith e Brigham Young infelizmente calam muitos crentes pelas citações que fazem, pois exibem um pseudo-domínio das Escrituras, perante o crente, deixando-o confuso e admirado.

Assim como acontece às outras seitas, o Mormonismo também sofre sua parcela de perseguição e difamação. Mas diferentemente de muitos dos outros grupos, que preferem ignorar os ataques, os mórmons têm tentado diversas vezes defender seus "profetas". Isso freqüentemente os têm deixado em sérios embaraços.⁵

Em média os membros da seita caracterizam-se por uma vida moral muito boa. De modo geral, são pessoas agradáveis, quase sempre hospitaleiras, extremamente dedicadas à família e aos ensinamentos da igreja. Infelizmente, porém, a maioria ignora as questionáveis origens de sua religião, tanto no que diz respeito à sua história quanto à sua doutrina. Quando descobrem que a formação dela nada tem de belo e nem de cristão, mostram-se sinceramente chocadas. Essa faceta pouco conhecida do Mormonismo é "um lado da moeda" que inúmeros dos seus historiadores procuram esconder dos membros, numa tentativa de omitir certos fatos negativos, que podem ser facilmente comprovados. São esses fatos que vamos recordar agora, com o objetivo

de obter um retrato fiel da religião de Joseph Smith.

O Início da Igreja Mórmon

As sementes daquela que mais tarde seria a religião mórmon achavam-se em germinação na mente de Joseph Smith Jr., o "profeta", que em 1816 era conhecido do povo de Palmyra, Nova Iorque, simplesmente como Joe Smith.

Aquele que seria o futuro "profeta" dos mórmons nasceu em Sharon, Vermont, a 23 de dezembro de 1805, sendo o quarto filho de Joseph e Lucy Smith. Logo ao chegar ao mundo, encontrou duas circunstâncias adversas: seu pai e o ambiente em que viveria.

O velho Joseph Smith era um homem místico que passava grande parte de seu tempo a procurar imaginários tesouros escondidos (sendo obcecado em particular pelo do Capitão Kidd). Além disso, algumas vezes tentou imprimir dinheiro falso, o que, pelo menos numa ocasião, levou-o a um confronto com a polícia local. É claro que esses fatos são do conhecimento geral e qualquer mórmon bem informado sabe disso. Ademais, existe ainda o testemunho do Juiz Daniel Woodard, da comarca de Windsor, Vermont, e antigo vizinho da família Smith. Há um registro em um número da revista *Histórica! Magazine*, de 1870, no qual esse juiz afirma que Smith era de fato um caçador de tesouros, e havia-se "envolvido com um tal Jack Downing para fabricar dinheiro falso, mas confessou-se culpado e denunciou o próprio cúmplice, conseguindo livrar-se da pena".⁶

A mãe do futuro profeta era bem parecida com o marido nesse aspecto, um produto da época e do ambiente em que viviam. Era dada a idéias religiosas extremadas, e cria nas superstições mais triviais. Já na velhice, Lucy Smith "escreveu" um livro intitulado *Biographical Sketches of Joseph Smith and His Progenitors for Many Generations* (Dados biográficos de Joseph Smith e seus antepassados de muitas gerações). Essa obra foi impressa pela Igreja Mórmon de Liverpool, Inglaterra. Mas ela desagradou profundamente a Brigham Young, o primeiro sucessor de Smith, que a baniu alegando conter muitos erros". Depois deu uma contra ordem dizendo: "Caso decidamos publicar esses dados, só o faremos depois que totem devidamente corrigidos". (*Millenial Star*, Vol. 17, citando uma carta pessoal de Young, datada de 31 de janeiro de 1885.)⁷

É evidente que Lucy Smith nunca poderia ter escrito tal livro. Na verdade, ele teria sido escrito por uma tal Sr.^a Coray, que fielmente deu forma escrita à obra que veio a ser conhecida como a "História da Sr.^a Smith". Ao longo deste capítulo voltaremos a falar dela e da história de Joseph Smith. Mencionamo-la aqui apenas para mostrar os fatos contraditórios apresentados pela seita e pela mãe de Smith com relação à infância e juventude do "profeta", sua formação e práticas religiosas.

Voltemos agora ao objeto principal deste nosso estudo, Joseph Smith Jr. O chamado do "profeta" teve início no ano de 1820, quando ele alegou ter recebido uma visão maravilhosa, na qual Deus Pai e Deus Filho se materializaram e conversaram com ele, num momento em que orava numa floresta próxima. Ele narra o acontecido com grande riqueza de detalhes em seu livro *The Pearl of Great Price* (A pérola de grande valor [Joseph Smith — História 1.1-25]). Aí ele revela que os dois personagens expressaram uma opinião bem negativa da igreja cristã, e por extensão do mundo inteiro, e lhe anunciaram que era preciso proceder-se à restauração do verdadeiro Cristianismo, e que ele, Joseph Smith Jr., fora escolhido para dar início à nova dispensação.

É interessante observar que, ao que parece, Smith não deve ter ficado muito impressionado com a visão celestial, pois, pouco depois, juntamente com o pai e o irmão, reiniciou a prática de procurar tesouros. Eles pareciam determinados a encontrar o tesouro do Capitão Kidd, utilizando "pedrinhas mágicas", "varas mágicas",

ou simplesmente "escavando".⁸

Dizem as narrativas que, apesar das inúmeras tentativas, a família Smith nunca conseguiu encontrar nada. Mas deixaram nos estados de Vermont e Nova Iorque verdadeiras crateras que dão testemunho de seu aparente "zelo sem entendimento".

Anos depois, o "profeta" iria lamentar muito essas atividades supersticiosas de sua juventude, declarando que jamais unha sido caçador de tesouros. Certa vez ele disse: "Em outubro de 1825 fui contratado por um senhor de nome Josiah Staal, que morava em Chenango, no Estado de Nova Iorque, para trabalhar para ele. Ele ouvira rumores de que os espanhóis haviam descoberto uma mina de prata em Harmony, na Comarca de Susquehannah, em Pensilvânia, e antes de me contratar já havia começado a escavar no local para ver se conseguia encontrá-la. Depois que me reuni a ele, juntamente com outros trabalhadores, fomos para lá para fazer escavações à procura da mina. Trabalhei no local durante quase um mês. Como não obtivemos sucesso na empreitada, finalmente convenci o velho de que devíamos parar com as escavações. Daí provém a lenda de que na juventude eu teria sido caçador de tesouros".⁹

É possível que essa explicação dos fracassos do profeta nas suas buscas de tesouros satisfaça aos crédulos e aos novatos em questões históricas. Mas quem tem acesso aos fatos percebe logo que Smith adulterou a verdade. Aliás, esta parece estar sempre contrária a ele. E a informação que melhor nos dá base para ter dúvidas sobre a veracidade da explicação dada pelo profeta é fornecida por uma autoridade que é nada menos que Lucy Smith, a mãe dele. Ao relatar o mesmo incidente, ela afirma que Staal "procurou Joseph por ter ouvido falar que este possuía certos segredos pelos quais ele era capaz de avistar coisas invisíveis para os olhos naturais" (*The Story of the Mormons — A história dos mórmons*, de Linn, p. 16).

Além da evidência da Sr.^a Smith, existem outras (aliás evidências fortíssimas), que comprovam — dissipando qualquer dúvida que alguém possa ter — que o profeta era de fato um praticante habitual da adivinhação pela "pedrinha mágica" e que supervisionou e participou de expedições de caça a tesouros. Ele afirmava também possuir poderes sobrenaturais que, segundo dizia, auxiliavam-no nessas buscas. E para remover de vez qualquer dúvida com relação ao fato de que na juventude Smith foi mesmo "caçador de tesouros" e fez uso de "pedrinhas mágicas", citaremos três das fontes mais abalizadas, as quais, segundo cremos, comprovam nossa afirmação de que aqueles que conheceram bem Joseph Smith sabiam que ele era um embusteiro. Devemos lembrar também que, certa vez, o velho Joseph Smith, dando uma entrevista que seria depois publicada no número de maio de 1870 da *Historical Magazine*, disse claramente que, quando jovem, o "profeta" utilizava com entusiasmo a "pedrinha mágica", fora caçador de tesouros, e mais, ele "lia a sorte", localizava objetos extraviados por meio de uma "pedrinha mágica" e alegava possuir poderes sobrenaturais para realizar tais façanhas. Para comprovar o relato do pai de Joseph acerca das estranhas atividades do filho, há ainda o depoimento do Rev. John A. Clark, que procedeu a uma "exaustiva investigação" junto aos vizinhos da família Smith.

"Era Joe quem conduzia as excursões que faziam à procura de tesouros, bem antes de ocorrer-lhe a idéia de uma Bíblia de ouro. Ele punha num chapéu uma pedrinha especial com a qual identificava os locais onde deveriam cavar." (*Gleanings by the Way — Respingando pelo caminho*, p. 225, 1842.)

A minuta de um processo judicial datada de 20 de março de 1826 — *Nova Iorque contra Joseph Smith* — revela que "Smith possuía certa pedra que vez por outra consultava com a finalidade de saber onde havia tesouros enterrados... e que ele procurara o Sr. Staal várias vezes".¹⁰ O tribunal considerou o réu culpado do crime de cavar terreno à procura de tesouros.

Em 1820, Joseph Smith Jr. afirmou ter tido uma visão celestial pela qual ele fora escolhido como o profeta ungido do Senhor para a atual dispensação. Mas foi só em 1823, ocasião em que o anjo Moroni apareceu ao lado de sua cama, provocando nele um forte tremor, que Smith começou a falar das fabulosas "placas de ouro" que depois se tornariam o *Livro de Mórmon*.

De acordo com o relato que ele fez dessa extraordinária revelação, que se acha registrada no livro *Pérola de Grande Valor* (Joseph Smith — História 2.29-54), o anjo Moroni, filho glorificado de um homem chamado Mórmon, cujo nome dá título ao livro, apareceu ao lado de sua cama, e por três vezes apresentou ao caçador de tesouros, que afirma ter ficado estupefato, o chamado para uma missão. Smith só escreveu isso alguns anos depois, mas nem o lapso de tempo justifica o sério erro que cometeu ao relatar a proclamação feita pelo anjo. A confusão existe principalmente nas primeiras edições do livro *Pérola de Grande Valor*, nas quais o nome do anjo mensageiro é Moroni. Contudo, nas últimas edições, com a mesma autoridade profética, Joseph diz que o mensageiro divino fora Nefi, uma personagem totalmente diferente, que aparece no *Livro de Mórmon*. Esse desastrado trunco-mento do sistema de comunicações divino foi corrigido depois por escritores mórmons mais cautelosos, que procuraram expurgar dos escritos de Smith, Young e outros autores anteriores todos os enganos sobre fatos e dados históricos que não pudessem ser explicados. Portanto, nas edições mais recentes, as "revelações" acham-se bem harmonizadas, e identificam "Moroni" como sendo o indivíduo que lhe apareceu à meia-noite. Contudo, para os mais fiéis, aparentemente não faz muita diferença se foi Moroni ou Nefi quem lhe levou a mensagem.

Enfim, Smith alega ter recebido em 1827 as placas de ouro, a partir das quais teria escrito o *Livro de Mórmon*. Pouco depois do histórico encontro das placas, que ele desenterrou no monte Cumorah perto da cidade de Palmyra, Smith pôs-se a "traduzir" os hieróglifos nelas escritos no idioma "egípcio reformado". Para isso, utilizou uma espécie de óculos miraculosos, chamados "Urim e Tumim", que o prestimoso Moroni teve a previsão de fornecer ao incipiente profeta. No decorrer deste livro abordaremos ainda a forma como Smith procedeu a essa "tradução" e as dificuldades que teve com um tal de Martin Harris, com sua esposa e com o Professor Charles Anthon, um notável erudito. Mas qualquer um que tenha um pouco de conhecimento do caráter de Joseph Smith percebe claramente que há uma trama por trás de tudo. Então vamos continuar a história do profeta.

Na época em que Joseph estava fazendo a tradução das placas (1827-29), certo professor, um mestre-escola itinerante de nome Oliver Cowdery, fez-lhe uma visita em casa do sogro (onde ele estava morando havia alguns meses, acolhido que fora pelos pais de sua esposa, que o receberam por causa da filha). Ali, Cowdery convenientemente se "converteu" à religião do profeta, e pouco depois tornou-se um dos "escribas" que redigiram o que Joseph afirmava ser o conteúdo das placas, apesar de nunca as terem visto. Com o passar do tempo, os dois se tornaram amigos íntimos. O trabalho de "tradução" e o seu zelo espiritual foi tão intenso que, a 15 de maio de 1829, os céus não puderam mais conter sua alegria. Assim, João Batista em pessoa foi enviado a toda pressa ao pequeno estado da Pensilvânia por ordem de Pedro, Tiago e João, para conferir a Joseph e Oliver o "sacerdócio aaronico".

Esse admirável acontecimento é narrado em *Pérola de Grande Valor* (Joseph Smith — História 2. 68-73), após o que Oliver batizou Joseph, e este a Oliver. Ao que parece eles ficaram algum tempo ainda abençoando um ao outro, e profetizando acerca de eventos futuros, que "iriam acontecer em breve". Smith teve o cuidado de não se preocupar muito em escrever essas profecias, pois, na maioria das vezes, essas previsões não se realizavam no tempo indicado, o que explica também por que ele tinha o cuidado de não dar muitos detalhes.

Em seguida, deixando o estado de Pensilvânia, que agora se achava mais santificado, e imortalizado pelo fato de João Batista haver procedido ali à iniciação de Joseph no sacerdócio aaronico, voltou ao Estado de Nova Iorque, dirigindo-se para a casa de Peter Whitmer, na cidade de Fayette. Permaneceu ali até terminar a "tradução" das placas e publicar e registrar o *Livro de Mórmon*, o que se deu em 1830. Então, no dia 6 de abril de 1830, o profeta, juntamente com seus irmãos Hyrum e Samuel, e ainda Oliver Cowdery e Peter Whitmer Jr., fundaram oficialmente "uma nova sociedade religiosa" que recebeu o nome de "A Igreja de Cristo" (mais tarde o nome foi mudado para Igreja dos Santos dos Últimos Dias, e por fim recebeu a denominação atual, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias). E foi assim que nasceu uma das mais virulentas seitas americanas: o Mormonismo começava para valer.

Após esse "importante" acontecimento, em 1.º de junho de 1830, o profeta convocou uma reunião com a presença de cerca de trinta homens. Nessa ocasião, decidiu-se que iriam iniciar trabalhos missionários pelo país, e alguns dos anciãos recém-ordenados foram comissionados para se tornarem missionários entre os índios. Em agosto, "converteu-se" ao Mormonismo um diligente pregador, de nome Parley P. Pratt. Em setembro, outro grande pregador, Sidney Rigdon, de Ohio, também "conheceu a verdade" e "converteu" toda a sua igreja à religião de Smith. A seita agora começava a alastrar-se para fora dos limites dos estados de Pensilvânia e Nova Iorque, Por razões que mais adiante analisaremos.

É bom observar que Sidney Rigdon e Parley Pratt praticamente a partir do dia da sua "conversão" foram apontados para altas posições na hierarquia mórmon, como também Orson Pratt. Até hoje, são os escritos deles, juntamente com os de Young, Orson Pratt, Charles Penrose e James Talmage que melhor defendem a causa mórmon. Ainda iremos abordar, num capítulo à parte, o papel que Sidney Rigdon teve no desenvolvimento do Mormonismo. Mas é importante lembrar que mais tarde ele foi acusado de apostasia e expulso da Igreja Mórmon, devido principalmente ao seu famoso "Sermão do Sal", que pregou em 1833 na comarca de Jackson, Missouri. Nesse sermão, Rigdon se deixou dominar por uma inflamada retórica e atacou os habitantes do lugar. Isso praticamente colocou o povo do estado em pé de guerra com os mórmons, que ali sofreram severa perseguição e por fim foram expulsos em novembro de 1833.

Esse sermão que provocou tamanho tumulto não favoreceu muito a Sidney perante seus irmãos mórmons. Ele se tornou conhecido como o "sermão do sal de Sidney", pois ele usara um texto de Mateus e discorrera sobre a questão do sal que perdeu o sabor. Ele faz uma devastadora análise do caráter do "profeta" Smith, com o conhecimento de quem está do "lado de dentro". Trata-se de uma magistral exposição dos fatos relativos ao profeta. Todos aqueles que querem endeusar o questionável caráter do primeiro profeta mórmon deviam lê-lo.

Pouco depois dessa reunião em Fayette, o núcleo original da Igreja Mórmon mudou-se para Kirtland, Ohio, onde no espaço de apenas seis anos o número deles aumentou para 16.000 membros. Foi dessa cidade que Smith e Rigdon começaram a fazer suas incursões em Jackson, Missouri. Não era a primeira vez que os dois sofriam perseguição. Nesse lugar, foram submetidos a uma antiga forma de castigo: foram recobertos de pixe no qual se afixaram penas, sendo em seguida expulsos da cidade. Quando ainda estava em Missouri, Smith comprou uma propriedade de aproximadamente vinte e cinco hectares, na qual, afirmou ele, seria construído o templo de Sião, a sede terrena do reino de Jesus Cristo. Um fato interessante é que hoje o local desse templo encontra-se em poder de um pequeno ramo da seita, a Igreja de Cristo do Lote do Templo, que diz ter rejeitado uma oferta de cinco milhões de dólares, feita pela Igreja de Utah, para compra do "terreno sagrado".

Foi em Kirtland também que se estabeleceu a Primeira Estaca de Sião, bem como o *quorum* dos doze apóstolos, que seriam dirigidos por um grupo de três presidentes, que por sua vez eram supervisionados pelo "profeta". Mas a principal razão para eles terem se mudado para Kirtland fora a forte impopularidade de que estavam sendo alvo Joseph Smith e suas revelações junto àqueles que o conheciam bem. Esses consideravam sua nova religião um embuste, um logro, e portanto dificilmente se tornariam adeptos dela. Está claro que Smith logo deu um jeito de "receber" uma revelação divina, dando-lhes autorização para se mudarem. Aliás, entre os anos de 1831 e 1844, o profeta alegou ter recebido mais de 135 revelações diretas de Deus, que levaram o grupo a construir Kirtland e depois a cidade mórmon de Nauvoo, em Illinois. Foi em Kirtland que Smith introduziu sua infame prática da poligamia, mais tarde confirmada por "revelação divina". Alguns mais desinformados negam isso, afirmando que ele não era polígamo. Mas para se confirmar tal fato basta consultar a famosa coleção Berriam, da biblioteca pública de Nova Iorque. Ali encontram-se inúmeros volumes de informações de primeira mão que mostram o contrário. São depoimentos de vários adeptos da seita que participaram de muitas das experiências e dão testemunho da total imoralidade praticada por Smith e pelos líderes da Igreja Mórmon. Aos poucos, a prática foi sendo adotada por outros membros dela, até atingir todo o grupo. Foi preciso que o governo dos Estados Unidos ameaçasse confiscar todas as suas propriedades, e dizer que iria dissolver a seita, para que eles acabassem com a prática, então já amplamente aceita.

Em 1890, o presidente Wilford Woodruff aboliu oficialmente a poligamia da Igreja Mórmon, o que é um exemplo concreto de que eles sacrificaram convicções religiosas em favor de sua sobrevivência política e econômica. Hoje em dia isso tem sido assunto de muitas discussões nos círculos mórmons. O fato é que em Kirtland, Nauvoo e Jackson eles conseguiram conquistar muitos novos adeptos, por não serem ainda bem conhecidos na região, e não se saber muita coisa sobre o caráter do profeta. Mas no estado de Nova Iorque, a fama de Smith não era das melhores, o que serviu para tornar seu caráter mais conhecido. Em sua clássica obra sobre os mórmons *The Origin, Rise and Progress of Mormonism* (A origem, ascensão e crescimento do Mormonismo), Fomeroy Tuc-ker apresenta um bom número de depoimentos dados por vizinhos da família Smith e por conhecidos pessoais de Joseph Smith Jr., todos devidamente apoiados por juramentos. Todos eles afirmam unanimemente que Joseph Smith Jr. tinha fama de possuir o "hábito de exagerar ou dizer inverdades... e por causa das afirmações extravagantes que fazia, aqueles que o conheciam bem davam pouco crédito às suas palavras. Ele era capaz de dizer os absurdos mais gritantes ou os exageros mais patentes com a maior seriedade" (p. 16).

Um dos mais interessantes depoimentos sobre a família Smith e sobre Joseph Jr. foi o que E. D. Howe obteve. Howe foi contemporâneo de Smith e fez muitos estudos a seu respeito, quando ele ainda era vivo. Até hoje, nenhum dos historiadores mórmons conseguiu refutar as acusações por ele feitas. E tão grande é o peso das evidências apresentadas que nem o próprio Smith teve coragem de rebatê-las, embora as conhecesse bem.

Howe obteve uma declaração assinada por sessenta e dois habitantes da cidade de Palmyra, no estado de Nova Iorque, que não pode ser ignorada por todos aqueles que querem estudar seriamente o Mormonismo.

"Nós, abaixo-assinados, conhecemos a família Smith durante vários anos, quando eles residiam próximo de nós, e não hesitamos em afirmar que os consideramos destituídos de caráter moral, que eles não merecem a confiança de nenhuma comunidade. Tinham fama principalmente de se dedicarem a projetos visionários, e passavam a maior parte do tempo escavando a terra à procura de tesouros que pensavam estar escondidos na região. Ainda hoje existem perto da casa

em que moravam imensas escavações, onde eles estavam sempre procurando tesouros enterrados. Joseph Smith e seu filho, Joseph Jr., eram particularmente considerados pessoas sem caráter moral, portadores de péssimos hábitos." (*Mormonism Unveiled* — O mormonismo desvendado — Zanesville, Ohio, 1834, p. 261.)

Mas ao ler isso, é provável que alguns achem injusto citarmos apenas um lado da história. E quanto aos depoimentos favoráveis aos mórmons? E a resposta é: por incrível que pareça, não existe nenhum depoimento favorável aos mórmons, dado por indivíduos confiáveis e bem informados daquela época, que tivessem conhecido bem a família Smith e Joseph.

Há apenas o trabalho dos "grandes sábios", os historiadores mórmons que citam acontecimentos de mais de um século atrás, para contestar as acusações feitas pelos vizinhos deles, pelo sogro de Joseph e por muitos ex-mórmons que tinham conhecimento dos fatos e registraram evidências que nem mesmo os historiadores deles se deram ao trabalho de refutar.

À medida que os mórmons iam-se desenvolvendo e prosperando em Nauvoo, Illinois, e a prática da poligamia começava a tornar-se mais conhecida do restante da comunidade mórmon e também de pessoas de fora do grupo, a desconfiança em relação ao "profeta" foi-se ampliando. Isso se configurou principalmente quando John C. Bennet, um de seus antigos assessores, revelou a prática da poligamia em Nauvoo. Mas quando o "profeta" (ou "general", como Smith gostava de ser chamado nessa fase) não suportou mais essa crescente onda de críticas, ordenou a destruição do principal porta-voz dos que o antagonizavam, *The Nauvoo Expositor*, uma publicação anti-mórmon. Foi então que as autoridades do estado de Illinois resolveram intervir. O "profeta" e seu irmão Hyrum foram presos e levados para uma cadeia em Carthage, para aguardar julgamento pelo empastelamento do jornal. Contudo, no dia 27 de junho de 1844, um populacho de cerca de duzentas pessoas invadiu a cadeia e brutalmente linchou Smith e seu irmão Hyrum. Dessa forma, sem o querer, o profeta recebeu a coroa de mártir da seita, e conquistou para si, entre os mórmons, a perpétua aura de "verdadeiro profeta".

Com o assassinato de Joseph Smith, a grande maioria dos mórmons aceitou a liderança de Brigham Young, que então tinha quarenta e três anos de idade, e já comandara o grupo anteriormente, quando os salvara da ira dos cidadãos de Missouri.

Em 1846, ele anunciou que os "santos" iriam deixar Nauvoo. Em 1847, após uma penosa viagem pelas regiões desérticas do sudoeste americano, Young chegou com o primeiro grupo de mórmons ao vale do grande Lago Salgado. Aí determinou o destino final dos "santos" ao exclamar: "Eis o lugar!" Eles se achavam na região que depois viria a ser o estado de Utah.

Brigham Young dirigiu a Igreja Mórmon por mais de trinta anos, tendo herdado, por indicação divina, o mando profético de seu antecessor, prática que é ainda hoje observada. Assim cada novo presidente da Igreja Mórmon alega ter a mesma autoridade que tiveram Joseph Smith e Brigham Young — uma sucessão profética infalível.

A "escritura espiritual" que, segundo os mórmons, deu-lhes o direito de propriedade sobre o vale do grande Lago Salgado, foi-lhes concedida em junho de 1848. Nessa ocasião, as plantações dos mórmons estavam assoladas por uma praga de gafanhotos, e apareceu ali um enorme bando de gaivotas que praticamente salvou a colheita. Assim, pelo que ensinam os mórmons, Deus deu prova clara de sua bênção sobre a Igreja dos Santos dos Últimos Dias.

Naturalmente, não podemos analisar a história do Mor-monismo sob a direção de Brigham Young em todos os seus detalhes, pois só aí teríamos assunto para um livro. Vamos apenas lembrar que se Smith deu à seita seu empurrão inicial, Brigham Young deu-lhe o impulso necessário para que ela se firmasse como uma religião de

fato. O próprio Young foi uma personalidade de múltiplas facetas, e é impossível compreender plenamente a doutrina da seita sem ver a enorme influência que exerceu sobre ela o "profeta" Young com seus ensinamentos. A doutrina mórmon é uma aglutinação dos ensinamentos de Smith, Young e dos pronunciamentos dos presidentes que os sucederam. Portanto, não se pode entender o Mormonismo sem a pessoa de Young.

Brigham Young foi um homem de grande coragem, possuidor de uma mente muito atilada, mas também capaz de atos de crueldade que hoje, convenientemente, foram esquecidos pelos historiadores mórmons. Uma evidência de sua determinação de controlar todo o estado de Utah foi o fato de ter dado ordem para a chacina de mais de cem imigrantes que não eram mórmons. O incidente ficou conhecido como "o massacre do monte Meadows". Nessa ocasião, em 1857, por razões que apenas Young conhecia, ele mandou que o bispo John D. Lee destruísse uma caravana na qual estavam os imigrantes, praticamente indefesos. O bispo obedeceu fielmente, e vinte anos depois foi preso, julgado, condenado à pena de morte e executado pelo governo dos Estados Unidos por esse crime, um ato cruel e autocrático.

Em seu notável livro, *The Confessions of John D. Lee* (Confissões de John D. Lee), o eterno ponto fraco no plano de "reconstrução" histórica dos mórmons, Lee confessou a parte que teve no infame acontecimento, jurando que havia agido por ordem de Young. Além disso, o seu depoimento e o de seus auxiliares bem como de outros que participaram do massacre indicam sem sombra de dúvida que foi Young quem ordenou a ação e a sancionou. A medida que continuarmos estudando a doutrina mórmon, veremos que isso não é estranho ao caráter de Young. Em Utah, ele era a lei, e como alguém já disse muito acertadamente: "O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente".

O Mormonismo hoje está bem diferente do que era na época de seus fundadores, no que diz respeito a princípios e práticas. É verdade que continua fiel às doutrinas básicas, mas nos casos em que o ensino da seita entra em conflito com as leis da nação ou prejudica sua influência política, como na poligamia, por exemplo, os Santos dos Últimos Dias sabiamente preferem ignorar (ou "reinterpretar", como dizem) as orientações dadas pelos dois profetas principais. A história dos mórmons é bastante vasta e complexa. Existe um grande volume de livros, depoimentos, declarações em cartório, fotografias, boatos e opiniões. Para se obter um quadro fidedigno é preciso uma cuidadosa análise das evidências contemporâneas: só então se obtêm fatos concretos. Pelos membros da seita, só podemos ter pena e compaixão. De um modo geral, são pessoas sinceras, industriais, diligentes e dedicadas na divulgação e proclamação de sua fé. Apenas lamentamos que tenham aceitado sem questionamento algum um adulterado relato da origem da seita e da formação de seu corpo de doutrinas, ao invés de examinar com cuidado as diversas fontes de informação existentes, que não apenas contradizem mas provam, de modo irrefutável, que a grandiosa, retocada história dos mórmons é falsa. É nossa esperança que, à medida que formos vendo o desenrolar das doutrinas mórmons e a formação de suas bases, o leitor possa perceber melhor a evolução da seita e os riscos que corre aquele que aceita de primeira vista o evangelho segundo Joseph Smith e Brigham Young. O veredito da História é frontalmente contrário a versão particular dos mórmons, principalmente no que diz respeito a Smith e Young. E existe também um grande volume de documentação que todos os mórmons, com algumas exceções, preferem ignorar. Contudo os fatos são por demais óbvios para serem ignorados.

Uma Nova Revelação: "a Bíblia Mórmon"

Além da versão inglesa tradicional da Bíblia — a Versão do Rei Jaime — que os mórmons acreditam conter parte da Palavra de Deus, "até onde a sua tradução for correta", os mórmons adotam mais três livros: *Doutrina e Convênios*, *Pérola de Grande*

Valor, e a principal obra da seita, *O Livro de Mórmon*. Esses constituem o cânone das escrituras oficiais, são as "quatro obras-padrão". O último mencionado, o *Livro de Mórmon*, é o objeto de análise deste capítulo, já que ocupa uma posição central na doutrina e história mórmon, e precisa ser examinado atentamente. Muitos teólogos e outros estudiosos do assunto, pessoas capazes e bem preparadas, já efetuaram estudos sobre o *Livro de Mórmon*, e grande parte deles já foi publicada. Fiz amplas consultas a todas as informações documentadas e comprovadas que existem. Tive um enorme trabalho para verificar a autenticidade de todo o material recolhido, então escolhi apenas as informações que puderam ser comprovadas sem sombra de dúvida, as quais se acham à disposição dos leitores nas principais instituições de ensino do país (Universidade Stanford, Seminário Teológico Union, Departamento de Pesquisa da Biblioteca do Congresso, Biblioteca Pública de Nova Iorque, etc).

Fazer uma avaliação da complexa estrutura do *Livro de Mórmon* é tarefa muito difícil. Sugerimos ao leitor que desejar outros informes que consulte a bibliografia apresentada ao fim deste capítulo.

A História dos Povos Antigos

O *Livro de Mórmon* narra a história de dois povos antigos que teriam vivido no continente americano. Segundo ele, a primeira dessas duas civilizações teria partido da torre de Babel (pelo cálculo deles no ano 2.250 a.C), dirigiram-se para a Europa, e de lá emigraram para a costa leste da América Central.

O segundo grupo teria saído de Jerusalém por volta do ano 600 a.C, antes da destruição da cidade e do cativeiro babilônico. De acordo com a narrativa mórmon, esse povo cruzou o Oceano Pacífico, indo desembarcar na costa oeste da América do Sul. O *Livro de Mórmon* pretende ser uma narrativa condensada dos pontos mais importantes da história dessas civilizações. O autor do livro é um profeta chamado Mórmon. O livro é a "tradução do relato abreviado dos registros dessas civilizações", e "contém um breve esboço da história do povo Jaredita, a primeira civilização, extraído de registros deles encontrados durante o período de existência da segunda".

Os Jareditas foram destruídos devido à sua "corrupção". Foram castigados por sua apostasia, e a civilização deles foi totalmente aniquilada.

O segundo grupo, que chegou à América por volta do ano 600 a.C, eram judeus justos, cujo líder era um homem chamado Nefi. Eventualmente esse grupo também teve sorte igual à dos Jareditas; dividiu-se em dois grupos que guerreavam entre si: nefitas e lamanitas (índios). Devido a suas práticas pecaminosas os lamanitas receberam uma maldição, a pele amorenada.

Dizem os registros mórmons que Cristo veio à América, revelou-se aos nefitas, pregou o evangelho para eles e instituiu o batismo e a ceia do Senhor.

Infelizmente, os nefitas não conseguiram resistir aos lamanitas. Foram derrotados e dizimados por eles, numa grande batalha travada perto do monte Cumorah em Palmyra, estado de Nova Iorque, aproximadamente no ano 385 de nossa era.

Cerca de mil e quatrocentos anos depois, dizem os mórmons, Joseph Smith Jr. desenterrou a condensação feita por Mórmon, escrita em hieróglifos da língua egípcio-reformada, em placas de ouro. Utilizando o Urim e o Tumim (óculos sobrenaturais) ele os traduziu para o inglês. E foi assim que surgiu o *Livro de Mórmon*, publicado em 1830, tendo estampado o nome de Joseph Smith Jr., como seu "autor e proprietário".

Para evitar confusão, é preciso que se diga que foram revelados a Smith quatro tipos de placas: as placas de Nefi, as de Mórmon, as de Éter e as de latão, ou placas de latão de Labão.

As placas de Nefi continham principalmente a história secular, embora houvesse ainda as menores, que supostamente narravam eventos sagrados. O segundo grupo de

placas continha um resumo das de Nefi, feito por Mórmon, acrescido de comentários dele, e algumas notas históricas adicionais escritas por seu filho Moroni. O terceiro conjunto continha o registro da história dos Jareditas, também condensada por Moroni, que a ela acrescentou ainda seu comentário. Este grupo leva o nome de Livro de Éter.

O quarto grupo de placas teria vindo de Jerusalém e conteria extratos dos nefitas. Nelas se encontravam principalmente citações das Escrituras Hebraicas bem como genealogias.

Joseph Smith alega ter recebido as placas em 1827 da mão de Moroni, "um ser que ressuscitara".

O Objetivo do Livro de Mórmon

Os teólogos cristãos, arqueólogos e antropólogos não conseguem entender bem o objetivo e a finalidade do *Livro de Mórmon*, devido aos inúmeros problemas que ele apresenta quando comparados com os fatos. Mas será bom examinarmos uma explicação do propósito dele dada pelos próprios mórmons.

"Há um princípio da lei divina e civil que diz: "por boca de duas ou três testemunhas toda a questão será decidida" (2 Co 13.1). A Bíblia, com o seu relato sobre o relacionamento de Deus com o homem do continente oriental e seu cuidado por ele, é uma testemunha da verdade. O *Livro de Mórmon* é outra e tem o mesmo objetivo. Ele apresenta as providências de Deus com relação a essa importantíssima questão básica que é a redenção, bem como de modo geral com relação às leis da natureza, e demonstra que essas bênçãos não se achavam limitadas apenas ao mundo oriental, pois "Deus amou o mundo" (Jo 3.16), e não apenas uma parte dele, já que ministrou também em favor dos homens do grande continente ocidental. Sendo ele habitado por grandes civilizações, tinha o direito de receber as bênçãos do Pai da raça, e efetivamente delas participou.

"O propósito declarado do *Livro de Mórmon* (citado na sua introdução), é universal: testemunhar ao mundo sobre a verdade e a divindade de Jesus Cristo, e sua missão de salvar o homem por meio do evangelho que ensinou. Esse testemunho é para judeus e gentios. A casa de Israel rejeitou seu Messias, e por isso também foi rejeitada, dispersa, e seu governo foi derrubado. Então, o evangelho que eles rejeitaram foi pregado aos gentios. Desde então, o povo de Israel tem permanecido incrédulo com relação a Cristo, não recebendo a palavra de homens inspirados. Há muitos textos proféticos na Bíblia revelando que nos últimos dias eles voltarão a gozar do favor divino, vão se reunificar e se estabelecer permanentemente em sua terra, a Palestina. O *Livro de Mórmon*, o livro selado, pelo que dizem a profecia bíblica e o seu próprio texto, é uma confirmação, uma revelação adicional dada por Deus no sentido de que Jesus Cristo é o Messias, uma reafirmação das alianças com os patriarcas. Nele há várias profecias a respeito da reunificação e restauração do povo de Israel, bem como de muitas outras bênçãos para eles. O Deus de Israel irá fazer uma "nova aliança" com seu povo, não a velha aliança mosaica, mas outra, uma aliança posterior, pela qual eles serão reestruturados como nação, e viverão na sua terra santa. (Ver também Jeremias 31.34; Ezequiel 20.33-38, etc., textos bíblicos que predizem a mesma coisa.) O *Livro de Mórmon* interpreta as profecias do Velho Testamento mostrando isso, pois reproduz as predições de seus autores inspirados. Ele afirma fazer parte dessa nova aliança com Israel.

"Declara ser o livro selado, mencionado em Isaías 29, o qual cita e interpreta. Ensina que, como resultado de sua revelação, o povo de Israel irá compreender a mensagem da salvação em Cristo; que o povo não terá temores mas estará em segurança e receberá grandes bênçãos divinas; que a revelação do seu conteúdo será

seguida de grandes bênçãos de natureza material para a Palestina, de modo que a terra será redimida, deixando de ser estéril para ser fértil, e assim a nação poderá voltar a viver ali, como no passado. E é verdade que após o surgimento do livro essa terra já foi favorecida com muitas bênçãos. Hoje ela produz abundantemente. Os judeus têm permissão de voltar para lá e fundar cidades, indústrias e núcleos agrícolas. E exatamente como prediz o livro, muitos judeus estão começando a crer em Cristo. Afirmam os editores do livro que com tais predições cumpridas, agora é tarde demais para qualquer cumprimento semelhante por outro registro.

"O livro afirma também que os remanescentes dos primitivos habitantes das antigas Américas — isto é, as populações indígenas — irão, por meio da revelação dos registros de seus antepassados, converter-se à fé e participar das bênçãos das alianças feitas com seus pais. Indica também que eles vão deixar de viver em condições primitivas e tomar-se-ão esclarecidos, e que as nações gentias que hoje ocupam suas terras irão apoiá-los para que se libertem das baixas condições em que vivem. Isso é parte do propósito do livro.

"No Evangelho de João 10.16, há uma afirmação feita por Jesus Cristo que é citada pelos que crêem que o *Livro de Mórmon* é de origem divina. Diz o texto: "Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho e um pastor". Com base nesse texto, aliado a outra afirmação de Jesus: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15.24), eles crêem que, já que Jesus Cristo, como diz o registro, nunca apareceu aos gentios, e a "salvação vem dos judeus", ou de Israel (Jo 4.22), a promessa concernente a "outras ovelhas" cumpriu-se quando Cristo apareceu aos nefitas."¹²

Então, para os mórmons, a Bíblia profetizou o aparecimento do *Livro de Mórmon*. Este, por sua vez, interpreta as profecias do Velho Testamento e afirma ser parte da nova aliança de Deus com Israel. Supostamente, ele é também "outra testemunha" de que o evangelho de Cristo é verdadeiro. Mas, infelizmente para os mórmons, essa suposta testemunha muitas vezes se acha em conflito direto com a revelação bíblica, como veremos mais adiante. Então, a idéia de que o *Livro de Mórmon* deve ser considerado "parte da nova aliança" é, no mínimo, um grande absurdo, e não acha justificativa nem nas evidências internas dele, nem no testemunho da ciência ou da história.

Evidências Científicas Contrárias ao Livro de Mórmon

Numa tentativa de justificar as afirmações do *Livro de Mórmon* e dar-lhes validade, a maior autoridade em Mormonismo, Joseph Smith Jr., o profeta mórmon, relatou um acontecimento que, se verdadeiro, constituiria evidência fortemente favorável a algumas das afirmações dos mórmons com relação à sua Bíblia. Felizmente, trata-se de um fato sobre o qual podemos apresentar inúmeras evidências contrárias.

Smith apresenta essa declaração no seu livro *Pérola de Grande Valor* (Joseph Smith — História 2.62-64, edição de 1982), e vale a pena examiná-la.

"... Comecei a copiar os caracteres das placas. Copiei um número considerável deles e por meio do Urim e Tumim traduzi alguns... o já mencionado Sr. Martin Harris veio à nossa casa, tomou os caracteres que eu tinha tirado das placas e partiu com eles para a cidade de Nova Iorque. Quanto ao que aconteceu com respeito a ele e aos caracteres, quero referir-me a seu próprio relato das circunstâncias, como ele me contou quando do seu regresso, e que é o seguinte: "Fui à cidade de Nova Iorque e apresentei os caracteres como tinham sido traduzidos, assim como sua tradução, ao professor Charles Anthon, cavalheiro célebre pelos seus conhecimentos literários. O professor Anthon declarou que a tradução estava correta, muito mais que qualquer outra que ele tinha visto antes traduzida do egípcio. Então mostrei-lhe aqueles que

ainda não haviam sido traduzidos e me disse que eram egípcios, caldeus, assírios e arábicos; e disse que eram caracteres verdadeiros". (Parte 2, versos 62, 63 e 64.)

Então, pelo que afirma Joseph Smith, seu colega Martin Harris obteve do erudito professor Charles Anthon da Universidade de Colúmbia, uma confirmação da tradução dos caracteres hieroglíficos em egípcio reformado, encontrados nas placas que Moroni lhe havia dado. O problema dessa afirmação de Smith é que o professor Anthon nunca disse nada disso, o que, felizmente, ficou registrado numa longa carta que dirigiu ao Sr. E. D. Howe, um contemporâneo de Joseph Smith que efetuou uma extensa e exaustiva pesquisa acerca do profeta mórmon e das origens do Mormonismo. Os mórmons nunca conseguiram refutar Howe e por isso o temem e detestam. Isso se aplica não apenas aos historiadores da seita, mas também a outros membros dela em nossos dias.

Assim que Howe ficou sabendo da afirmação de Smith com relação a Anthon, escreveu para ele, na Universidade de Colúmbia. O professor replicou-lhe numa carta que integra a coleção de documentos de Howe e constitui um clássico das provas contrárias aos mórmons cuja existência eles gostariam que todos esquecessem. Vamos reproduzi-la aqui.

Nova Iorque, 17 de fevereiro de 1834

Sr. E. D. Howe
Painseville, Ohio

Prezado Senhor:

Recebi hoje de manhã sua correspondência de 9 do corrente, e sem perda de tempo passo a respondê-la. Essa história de que eu teria dito que a inscrição dos mórmons estaria em "hieróglifos em egípcio reformado" *é totalmente falsa*,^D Alguns anos atrás, fui procurado por um lavrador, pessoa de aparência muito simples e humilde. Trazia-me um bilhete do Dr. Mitchell, de nossa cidade, hoje já falecido, no qual ele me pedia que tentasse decifrar, se pudesse, um papel que o homem me entregaria, e que ele não pudera entender. Assim que examinei o tal papel, percebi que *se tratava de uma brincadeira ou talvez de uma farsa*. Quando perguntei ao homem que me mostrara o papel onde o arranjará, ele, segundo me recordo, contou-me o seguinte: alguém encontrara no norte de Nova Iorque um "livro de ouro" que consistia de algumas placas de ouro, reunidas mais ou menos no formato de um livro, atadas com arame do mesmo metal. Juntamente com o livro, ele encontrara um par de "óculos de ouro"! Esses óculos eram tão grandes que se tentássemos colocá-los no rosto os dois olhos caberiam numa lente só. Eles eram largos demais para o rosto humano. E quem olhasse para as placas de ouro com aqueles óculos não apenas conseguiria ler seus caracteres, mas também entenderia o significado deles. E tudo isso se achava em mãos apenas de um rapaz, que possuía um baú no qual estavam guardados o livro e os óculos. Esse jovem ficava encerrado dentro de um quarto do sótão de uma casa, oculto por uma cortina. E era assim, sem ser visto por ninguém, que ele colocava os óculos, ou melhor, colocava uma das lentes no rosto, decifrava os caracteres impressos no livro, escrevia-os num pedaço de papel, e depois entregava as folhas para outra pessoa do outro lado da cortina. Mas não disse nada no sentido de que ele decifrara os caracteres "por um dom de Deus". Tudo era feito com os tais óculos grandes. Esse lavrador me disse também que fora-lhe pedido que desse uma contribuição em dinheiro para a publicação desse "livro dourado", pois ele causaria uma profunda transformação no mundo, salvando-o da destruição. Os pedidos tinham sido feitos com tal veemência que ele estava pensando em vender seu sítio e entregar o dinheiro apurado para as pessoas que estavam desejando publicar o livro. Mas como última precaução, decidira vir a Nova Iorque para consultar a opinião de pessoas mais

esclarecidas sobre o significado das palavras que estavam no papel que ele trouxera consigo, e que seria uma cópia do conteúdo do livro, embora até aquele momento o rapaz que tinha os tais óculos ainda não tivesse lhe dado a tradução dele. *Ao ouvir esse estranho relato, mudei minha opinião a respeito do papel. Em vez de achar que se tratava de uma peça que alguém desejava pregar em eruditos, comecei a achar que era parte de um plano para tirar dinheiro do lavrador. Falei-lhe sobre minhas suspeitas, e aconselhei-o a ter muito cuidado com esses aproveitadores.* Então ele me pediu que desse minha opinião por escrito, o que, naturalmente, me recusei a fazer. Então o homem foi embora levando consigo a folha de papel. *Esse papel, aliás, continha uma escrita muito estranha. Consistia de várias letras tortas, dispostas em colunas que pareciam ter sido copiadas de um livro no qual havia diversos tipos de alfabeto. Eram letras gregas e hebraicas, cruces e semicírculos, caracteres romanos escritos de cabeça para baixo ou de lado, todos dispostos em colunas perpendiculares, ao fim das quais via-se uma espécie de círculo dividido em vários compartimentos dentro dos quais havia mais caracteres estranhos, que obviamente tinham sido copiados do calendário mexicano apresentado por Humboldt, mas disfarçados de tal maneira que não se pudesse identificar sua procedência,* Eu estou dando esses detalhes sobre o tal papel porque, desde que teve início essa febre mórmon, tenho conversado muito com meus amigos sobre o assunto, e me recordo bem de que a folha continha tudo menos "hieróglifos egípcios". Algum tempo depois aquele mesmo homem me fez outra visita. Trouxe um exemplar do livro dourado já impresso, querendo vendê-lo a mim. Eu não quis. Então pediu permissão para deixar o exemplar comigo para que eu o examinasse. Recusei também, embora ele insistisse bastante. Adverti-o mais uma vez, dizendo-lhe que em minha opinião ele fora vítima de um engodo. Perguntei-lhe o que acontecera com as placas de ouro. Informou-me que se achavam guardadas num baú, juntamente com os óculos grandes. Aconselhei-o a procurar um juiz e mandar abrir o baú. Respondeu-me que se fizesse isso traria sobre si a "maldição divina". Mas como eu insistisse em que fizesse o que eu lhe recomendara, respondeu-me que abriria o baú se eu aceitasse que a "maldição divina" recaísse sobre mim. Repliquei que aceitava de bom grado e que incorreria em qualquer risco desse tipo, desde que pudesse libertá-lo das garras desses trapaceiros. Em seguida ele foi embora. "Esse é então o relato de tudo o que sei com relação à origem do Mormonismo. Gostaria de pedir-lhe que me fizesse o grande favor de publicar esta carta imediatamente, no caso de ver meu nome associado com esses terríveis fanáticos.

Respeitosamente,

Charles Anthon, LL.D.
Universidade de Colúmbia

A carta do Prof. Anthon é bastante reveladora e destrói toda a veracidade das palavras de Smith e Harris. Além disso, podemos questionar também como o professor Anthon poderia ter dito que as letras que lhe foram mostradas por Martin Harris, copiadas por Joseph Smith, e apresentadas como parte do material extraído da revelação do *Livro de Mórmon*, eram caracteres "egípcios, caldeus, assírios e arábicos" quando o próprio *Livro de Mórmon* afirma que a escrita era em "egípcio reformado", a língua falada pelos nefitas. E já que a língua do *Livro de Mórmon* não era falada por "nenhum outro povo", como o professor Anthon poderia ter confirmado que a tradução feita por Smith estava correta? Até hoje ninguém achou o menor traço dessa língua que chamam de "egípcio reformado". Todos os lingüistas reconhecidos que estudaram as provas apresentadas pelos mórmons as rejeitam, dizendo que não passam de

fábulas.

Evidências Arqueológicas

O *Livro de Mórmon* afirma ser a descrição do surgimento e desenvolvimento de duas grandes civilizações. Vamos citar alguns trechos do livro que descrevem a grandeza dessas civilizações:

"E toda a face da terra se achava coberta com edifícios, e o povo era quase tão numeroso como as areias do mar". (Mórmon 1.7.)

"... finas obras de madeira, em edifícios, em máquinas e também em ferro e cobre, bronze e aço, fabricando [sic] toda espécie de ferramentas...". (Jarom 1.8 e 2 Nefi 5.15.)

"... cereais, sedas ... gado, bois, vacas, carneiros, porcos e cabras... cavalos e burros... elefantes...". (Ver Éter 9.17-19.)

"... se multiplicaram e se espalharam... começou a ser povoada toda a face da terra, desde a parte sul do mar até o litoral norte, e do litoral oeste até o do leste". (Helamã 3.8.)

"... tinham sido mortos dois milhões [de Jareditas]". (Ver Éter 15.2.)

"... de suas viagens marítimas, da construção de seus barcos, templos, sinagogas e santuários...". (Helamã 3.14. Ver também 2 Nefi 5.15 e Alma 16.13.)

"... houve mais dez que caíram... cada qual com seus dez mil...". (Ver Mórmon 6.10-15.)

"... espadas, cimitarras... armaduras... escudos... capacetes armadura". (Ver Alma 43.18,19; 3.5 e Éter 15.15.)

"E multiplicamo-nos consideravelmente espalhando-nos sobre a face da terra; e nos tornamos imensamente ricos...". (Jarom 1.8.)

Ver também Nefi 8.9, 10, 14 e 9.4, 5, 6, 8, onde se relata que várias cidades afundaram nas profundezas do mar e da terra com os seus habitantes.

Além das afirmações acima, extraídas do *Livro de Mórmon* que sugerem uma grande expansão da cultura dessas raças, o livro contém uma lista de trinta e oito cidades, o que prova que essas civilizações foram realmente poderosas, e que, pelas leis da pesquisa arqueológica de povos antigos, deveriam ter deixado grande quantidade de resíduos que poderiam ser analisados. Mas isso não aconteceu, como demonstraremos adiante. Os mórmons ainda não refutaram os principais arqueólogos que não apenas negam as afirmações do livro sobre a existência de tais civilizações, mas ainda oferecem muitas provas demonstrando que alguns dos dados constantes dele são impossíveis.

A carta que transcrevemos a seguir foi enviada ao Rev. R. Odell Brown, pastor da Igreja Metodista de Hillcrest, Fredericksburg, Virgínia, um profundo estudioso do Mormonismo e dos seus ensinamentos. O Dr. Brown, em meio à sua pesquisa, escrevera ao Departamento de Antropologia da Universidade de Colômbia, em Nova Iorque. A resposta que ele recebeu é de grande importância, pois estabelece o fato de que o *Livro de Mórmon* não é correto e nem verdadeiro no que diz respeito às ciências da arqueologia e antropologia. "Prezado Senhor,

"Peço desculpas pelo atraso em responder sua carta de 14 de janeiro de 1957. Já ouvi, de várias outras pessoas, a mesma indagação que o senhor fez com relação ao *Livro de Mórmon*... Contudo... poderia dizer que não creio existir nesse livro nada de valor no que diz respeito a informações pré-históricas sobre os índios americanos, e acredito que a grande maioria dos arqueólogos americanos concordaria comigo. O livro é incorreto, bíblica, histórica e cientificamente.

"Com respeito ao Dr. Charles Anthon da Universidade de Colúmbia, não sei quem ele é e discordo da opinião que, segundo os Santos dos Últimos Dias (mórmons), ele expressa. Desconheço qualquer base para a relação entre hieróglifos egípcios e o

Livro de Mórmon ou a pré-história dos índios americanos... "Sinceramente, Wm. Duncan Strong (assinado)."

Também o Instituto Smithsonian, de Washington, pronunciou-se acerca das alegações feitas no *Livro de Mórmon*. Obviamente, os mórmons não podem ignorar uma informação de fonte científica tão conceituada.

"1. O Instituto Smithsonian nunca utilizou o *Livro de Mórmon* como fonte de orientação científica. Os arqueólogos deste instituto não vêm nenhuma conexão entre a arqueologia do Novo Mundo e a matéria de que trata o livro.

"2. O tipo físico do índio americano é basicamente mongolóide, achando-se bastante relacionado com os povos do centro, leste e noroeste da Ásia. As evidências arqueológicas demonstram que os ancestrais dos índios de hoje chegaram ao Novo Mundo — passando provavelmente por uma faixa de terra que havia no Estreito de Bering, durante a última Era Glacial — numa contínua série de pequenas migrações, que tiveram início por volta de vinte e cinco a trinta mil anos atrás.

"3. As evidências existentes dão a entender que o primeiro povo a chegar a este continente pelo leste foram os noruegueses, que aportaram na região nordeste da América do Norte por volta do ano 1000 d.C. Não existe nada que comprove que eles tenham chegado ao México ou à América Central.

"4. Existe uma tese científica de que se os índios americanos tiveram algum contato com as civilizações do Velho Mundo este não teve muita relevância para o desenvolvimento dos nativos americanos. Uma das principais evidências disso é o fato de que, antes de 1492, não havia no Novo Mundo nenhuma das plantas alimentícias e nenhum animal doméstico (com exceção do cachorro) conhecidos no Velho Mundo. Os índios americanos não tinham trigo, cevada, aveia, arroz, pão, nem animais como porcos, galinhas, cavalos, jumentos, camelos e gado. Os cães domésticos que havia entre os índios eram animais que tinham acompanhado seus ancestrais, provenientes do noroeste da Ásia. A batata doce comestível existia nos dois continentes, mas é provável que ela fosse originária do Novo Mundo e tivesse sido levada daí para as terras do Pacífico.

"5. Antes de 1492, não eram utilizados no Novo Mundo materiais como ferro, aço, vidro e seda (a não ser ferro de meteorito não fundido, que era aproveitado ocasionalmente). No período pré-colombiano, havia utilização de pepitas de cobre nativo em várias regiões do continente, mas a verdadeira metalurgia só era praticada no sul do México e na região andina, sendo que no final da era pré-histórica trabalhava-se com ouro, prata, cobre e suas ligas, mas não com ferro.

"6. É possível que a transferência de traços culturais das terras do Pacífico para a América Central e a costa noroeste da América do Sul tenha-se iniciado centenas de anos antes da era cristã. Contudo esse tipo de contato entre os hemisférios se deveu a viagens acidentais de indivíduos procedentes do leste e sul da Ásia. Entretanto, não há certeza de que tais contatos se tenham dado. Certeza existe é de que os índios não tiveram contato, nem com os antigos egípcios e hebreus, nem com outros povos da Ásia Ocidental e do Oriente Médio.

"7. Nenhum egiptólogo de renome, nenhum arqueólogo especializado em pesquisas do Velho Mundo, nenhum conhecedor da pré-história do Novo Mundo conhece ou confirma nenhum tipo de associação entre resíduos arqueológicos do México e do Egito.

"8. Todos os registros de descoberta de escritos em egípcio, hebraico ou outras línguas do Velho Mundo no Novo em contextos pré-colombianos são publicações de jornais, revistas ou livros sensacionalistas. E nenhum desses achados foi reconhecido por cientistas de renome. E também não há registro de inscrições em escritas do Velho Mundo em nenhum ponto das Américas antes de 1492.

"Verão de 1979."

Pelo que diz esse documento, fica claro que as cidades mencionadas no *Livro de Mórmon* são imaginárias, que neste continente nunca houve elefantes, e que os metais nele citados nunca foram encontrados nas regiões habitadas por civilizações contemporâneas. Não se trata aí de um teólogo tentando atacar a doutrina dos mórmons, mas, sim, de reconhecidos especialistas em arqueologia refutando o *Livro de Mórmon* com base no fato de que seus relatos não se acham em harmonia com as descobertas científicas. Os missionários mórmons não gostam muito de conversar sobre os pontos doutrinários cujas provas em contrário são bem conhecidas. O fato é que as provas existem e provêm de fontes irrefutáveis.

O Fato Mongolóide

Um dos principais argumentos da teologia mórmon é o de que os índios americanos são descendentes dos lamanitas, os quais pertenciam à raça semita, sendo de origem judaica. Como já vimos, essa afirmação aparece freqüentemente nos textos mórmons. Se pudermos demonstrar que os índios em

hipótese alguma podem ser descendentes de semitas estaremos provando que essa história de Neffí e de sua viagem para a América no ano 600 a.C. é falsa.

Portanto é de grande valor saber que as descobertas dos antropólogos e de outros estudiosos da genética mostram que não há a menor semelhança entre os caracteres físicos das raças do Mediterrâneo, dentre as quais a judaica ou semítica, e os dos índios. No que diz respeito ao genótipo, existe pouca ou nenhuma relação entre os dois grupos, e do ponto de vista do fenótipo, os índios são considerados descendentes do grupo mongolóide, e não do caucasoíde mediterrâneo.

Ora, se os lamanitas, como afirma o *Livro de Mórmon*, fossem descendentes de Neffí, que era judeu, portanto caucasoíde do Mediterrâneo, então seus descendentes, isto é, os índios, necessariamente deveriam ter o mesmo fato sangüíneo, e o seu fenótipo, ou características aparentes, seriam as mesmas. Mas esse não é o caso. Ensinam os antropólogos que os índios não são originários da raça semítica, mas possuem o fenótipo característico dos mongolóides. Se pudermos fazer um estudo antropológico completo ou ler autores como W. C. Boyd (*The Contribution of Genetics to Anthropology*) e Bentley Glass, o grande geneticista da Universidade Johns Hop-kins, descobriremos que as afirmações dos mórmons com base no *Livro de Mórmon* não se harmonizam com as descobertas dos geneticistas e antropólogos. Não existe a menor base para a alegação de que os índios da América (ou lamanitas, como dizem os mórmons) se acham relacionados com a raça à qual Neffí (que era semita) supostamente pertencia.

Correções, Contradições e Erros

Existe grande volume de informações concernentes ao material contido no *Livro de Mórmon*, com relação a plágios, anacronismos, profecias falsas e outras práticas errôneas. Contudo só podemos apresentar aqui uma condensação delas, fartamente documentada.

Desde a sua publicação em 1830, o *Livro de Mórmon* já foi submetido a diversas "correções", para que chegasse à forma que apresenta hoje. Vejamos algumas dessas "correções":

1. No livro de Mosíah, capítulo 21, verso 28, lemos que o "rei Mosíah tinha um dom de Deus". Contudo, na edição original, o nome desse rei era Benjamim, um lapso que os cuidadosos escribas mórmons corrigiram. É claro que não se trata de um erro tipográfico, já que existe pouca ou nenhuma semelhança entre os dois nomes. Ao que parece, ou Deus cometeu um erro quando inspirou o registro do fato ou então Joseph Smith errou quando o traduziu. Mas os mórmons não aceitam nenhuma das duas

hipóteses, e por isso, acham-se, por assim dizer, sem saída com uma contradição.

2. Se compararmos o texto atual de 1 Nefl 19.16-20.1 com o da edição de 1830, veremos que há mais de cinquenta modificações no "inspirado" *Livro de Mórmon*: palavras foram suprimidas, ortografia corrigida, palavras e frases foram acrescentadas ou trocadas de posição. Esse é um modo estranho de lidar com uma revelação inspirada por Deus!

3. No livro de Alma 28.14-29.1-11 foram feitas mais de trinta modificações em relação à edição original. E na página 303 da primeira edição foi retirada uma sentença: "Sim, decreta-lhes decretos que não podem ser alterados". (Ver Alma 29.4.)

4. Na página 25 da edição de 1830, lemos o seguinte: "E disse-me o anjo: Eis aqui o Cordeiro de Deus, sim, o Pai Eterno". Mas nas edições mais recentes, lemos em 1 Nefi 11.21 assim: "E disse-me o anjo: Eis aqui o Cordeiro de Deus, sim, o Filho do Pai Eterno".

5. A Igreja Católica Romana ficaria encantada com uma frase da página 25 da edição original do *Livro de Mórmon*, que confirma um dos seus dogmas, isto é, o de que Maria é mãe de Deus: "A virgem que vês é a mãe de Deus". Mas os editores mórmons mais atentos perceberam o deslize que os ligava à doutrina romana e corrigiram o texto de 1 Nefi 11.18, que hoje diz o seguinte: "A virgem que vês é a mãe do Filho de Deus, segundo a carne".

Pelos exemplos apresentados acima e que são apenas algumas das quase quatro mil alterações de palavras encontradas no *Livro de Mórmon* — algumas das quais são recentes, tendo sido feitas em 1981 — podemos ver que, de forma alguma, esse livro pode ser reconhecido como Palavra de Deus. A Bíblia diz: "A palavra do Senhor, porém, permanece eternamente". (1 Pe 1.25.) E o Senhor afirmou: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". (Jo 17.17)

O registro bíblico tem um timbre de verdade. Por outro lado, o *Livro de Mórmon* é claramente falso, com um excessivo número de erros que não podem ser considerados mera coincidência.

Além do fato de o livro haver passado por várias revisões, ele contém ainda plágios da Bíblia, mais precisamente, da versão do Rei Jaime; possui anacronismos, falsas profecias e erros grosseiros, que não podem simplesmente ser ignorados. Embora alguns deles já sejam bem conhecidos dos que estudam o Mormonismo, vale a pena repeti-los aqui.

No depoimento das três testemunhas (Oliver Cowdery, David Whitmer e Martin Harris), que vem impresso no início do livro, há a seguinte declaração: "... um anjo de Deus baixou dos céus, trouxe e mostrou-nos as placas, de maneira que vimos as gravações sobre as mesmas...".

É bom observar que Martin Harris, em sua conversa com o professor Anthon a respeito da matéria "traduzida" dessas miraculosas placas, negou que as tivesse visto. Aliás, quando insistiram com ele, declarou que as vira apenas "com os olhos da fé", o que é muito diferente de uma revelação feita por um mensageiro angelical.

Os mórmons não gostam muito de revelar isso, mas o fato é que posteriormente essas três testemunhas apostataram da fé mórmon, e seus contemporâneos mórmons falam delas em termos pouco elogiosos ("ladrões e falsários").

Se fizermos um estudo atento da literatura mórmon em seus primórdios, veremos também que existem três artigos escritos por Joseph e seu irmão Hyrum, nos quais eles atacam o caráter das testemunhas do *Livro de Mórmon*, o que por si só torna o depoimento delas suspeito.

Plágios — A Versão Rei Jaime

De acordo com um estudo feito, o *Livro de Mórmon* contém pelo menos vinte e cinco mil palavras tiradas da Bíblia, na Versão do Rei Jaime (em inglês). Aliás, existem

tantas citações exatas, palavra por palavra, e algumas delas tão longas, que os mórmons estão sempre sujeitos a constrangimentos por isso.

Comparando o livro de Moroni capítulo 10 com 1 Coríntios 12.1-11, e 2 Nefi 14 com Isaías 4 e ainda 2 Nefi 12 com Isaías 2, vemos que Joseph Smith recorreu amplamente à Bíblia para suplementar a suposta revelação das placas de ouro.

O capítulo 14 do livro de Mosiah é uma cópia de Isaías 53. E o texto de 3 Nefi 13.1-18 é cópia de Mateus 6.1-23.

Os mórmons ingenuamente explicam que, quando Cristo apareceu no continente americano após sua ressurreição e pregou aos nefítas, usou a mesma linguagem empregada na Bíblia. Dizem também que quando Nefi veio para a América trouxe consigo exemplares das Escrituras hebraicas, o que explica as citações do Velho Testamento no livro. O problema dessas explicações é que as inscrições das miraculosas placas, ao serem traduzidas, por uma estranha razão, eram escritas na linguagem da Versão do Rei Jaime, apesar de terem sido feitas cerca de mil anos antes dessa versão ter sido elaborada, em 1611. Essa explicação que os mórmons dão exige muito da nossa credulidade, e só eles mesmos se dispõem a crer nela.

Existem outros exemplos de plágio da Versão do Rei Jaime, inclusive paráfrases de textos. Um desses textos é 1 João 5.7, reproduzido em 3 Nefi 11.27,36. O problema dessa passagem é que os estudiosos a consideram uma interpolação que não se encontra na maioria dos manuscritos do Novo Testamento, mas foi inserida na Versão do Rei Jaime, de onde Smith a retirou, já que desconhecia o íato.

Outro exemplo desse tipo de erro é encontrado em 3 Nefi 11.33,34, uma citação quase direta de Marcos 16.16, que muitos estudiosos do Novo Testamento consideram uma adição feita por algum escriba mais zeloso. Mas Joseph Smith não sabia disso também, e assim copiou esses erros, o que prova que nem ele nem as supostas placas de ouro eram inspiradas por Deus.

Vale a pena citar mais dois exemplos de plágio da referida versão, que acabaram se tornando um tiro pela culatra para os mórmons.

No terceiro capítulo de Atos encontramos o conhecido sermão de Pedro no dia de Pentecostes, onde ele parafraseia Deuteronômio 18.15-19. Ao escrever o livro de 3 Nefi, Joseph Smith coloca essa paráfrase de Pedro nos lábios de Cristo, quando este, dizem eles, pregava aos nefítas. O profeta se esqueceu de que, no momento em que Jesus estava supostamente pregando seu sermão, este ainda não fora pregado por Pedro.

Além disso, em 3 Nefi, ele faz de Cristo um mentiroso, pois no capítulo 20 verso 23, ele atribui as palavras de Pedro a Moisés, como se o apóstolo estivesse fazendo uma citação direta deste. Na verdade, como já observamos, Pedro fez uma paráfrase do texto de Moisés. As palavras que ele emprega são bem diferentes. Mas Joseph Smith não fez uma verificação acurada, e daí provém seu erro gritante.

Em segundo lugar, no *Livro de Mórmon*, há um mesmo erro de tradução que ocorre na Versão do Rei Jaime. Nessa versão, o texto de Isaías 4.5 vem escrito assim: "*For upon ali the glory shall be a defense*" — que em português significa: "Porque sobre toda a glória haverá uma defesa. (Ver 2 Nefi 14.5.)

As traduções mais modernas indicam que o texto correto é ' "*For over ali the glory there will be a canopy*" e não ' "*defense*". (Em português: "Porque sobre toda a glória haverá um dossel".) O termo hebraico "*chuppah*" não significa "*defense*" (em português, defesa), mas sim um dossel ou toldo. Evidentemente Joseph Smith não tinha conhecimento disso, como não o tinham também os tradutores que elaboraram a Versão do Rei Jaime, da qual ele fez a cópia.

Existem vários outros pontos onde se nota esse tipo de erro, como por exemplo o de Abraão 1.20, onde Smith informa que "Faraó significa rei pelo sangue real", quando o dicionário diz que o termo faraó quer dizer "uma grande casa ou palácio".

Na versão americana *Revised Standard*, o texto de Isaías 5.25 está colocado nos seguintes termos: "*And their corpses were as refuse in the midst of the streets*". (Em português: "E os cadáveres deles estavam como lixo no meio das ruas".) Aí o termo hebraico *suchah* é corretamente traduzido como *refuse* (refugo), e não como *torn* (estraçalhado, em português). Mas na Versão do Rei Jaime, esse mesmo texto está assim: "*And their carcasses were torn in the midst of the streets*". (Em português: "Os seus cadáveres estavam estraçalhados no meio das ruas"). Pois no *Livro de Mórmon* esse texto aparece (2 Nefi 15.25) tal qual está na Versão do Rei Jaime, palavra por palavra, reproduzindo inclusive o erro de tradução do vocábulo *suchah*, o que derruba suas alegações de que o livro é para ser levado a sério como uma obra confiável.

Anacronismos e Contradições

Mas os erros do *Livro de Mórmon* não se limitam apenas aos inúmeros plágios que faz da Versão do Rei Jaime. Ele revela ainda uma grande desinformação no que diz respeito à história universal e à história dos judeus. Ao que parece, os Jareditas tinham janelas de vidro nas misteriosas barcasas em que atravessaram o oceano. Além disso, Nefi conhecia o "aço" e a "bússola", embora nenhum dos dois existisse ainda. Isso demonstra que Joseph Smith era um péssimo conhecedor da história e dos costumes do povo hebreu.

Labão, um dos personagens do livro (1 Nefi 4.9), utiliza uma espada de aço, e o próprio Nefi afirma possuir um arco de aço. Os mórmons justificam isso citando Salmo 18.34 numa nota de rodapé*. Contudo as traduções mais modernas indicam que a palavra do Velho Testamento, traduzida como "aço", seria mais corretamente traduzida como "bronze" (já que o aço ainda não existia).

Às vezes os mórmons tentam defender o fato de que Nefi possuía uma bússola (que na época ainda não existia), citando o texto de Atos 28.13, na Versão do Rei Jaime, que diz: "*And from thence we fetched a compass*". (Em português: "E dali arranjamos uma bússola".) Mas as traduções modernas derrubam esse subterfúgio fazendo uma versão correta da passagem: "*And from thence we made a circle*". (Em português: "E de lá fizemos um círculo".)

Além desses anacronismos já citados, o *Livro de Mórmon* apresenta também contradições. Ele contradiz não só a Bíblia, mas também outras revelações supostamente provenientes do mesmo Deus que teria inspirado o *Livro de Mórmon*. A Bíblia afirma que o Messias de Israel nasceria em Belém (Miquéias 5.2), e o evangelho de Mateus registra o cumprimento dessa profecia (2.1). Mas no *Livro de Mórmon* lemos o seguinte: "... o Filho de Deus vem sobre a face da terra. E eis que nascerá de Maria, em Jerusalém, que é a terra de nossos antepassados...". (Alma 7.9,10.)

O *Livro de Mórmon* apresenta Jerusalém como uma cidade (1 Nefi 1.4), o que Belém também era. Trata-se, portanto, de uma contradição flagrante.

Existem também muitos outros casos que mostram Deus em contradição consigo mesmo, se é que realmente ele tem alguma coisa a ver com a inspiração do *Livro de Mórmon*, da *Pérola de Grande Valor*, *Doutrina e Convênios*, e outros textos da autoria de Joseph Smith.

Diz o *Livro de Mórmon*, por exemplo, que a remissão dos pecados é obtida através do batismo (3 Nefi 12.2 e Morôni 8.11): "Benditos serão os que... forem batizados, porque... serão remidos os seus pecados... E eis que o batismo é para o arrependimento, a fim de que se cumpram os mandamentos, para a remissão dos pecados".

Mas em *Doutrina e Convênios* (seção 20, versículo 37), lemos o oposto: "Todos aqueles que se humilharem... e manifestam verdadeiramente por suas obras, que receberam o Espírito de Cristo para a remissão de seus pecados, serão recebidos por batismo na Sua igreja".

Essa mensagem vinda diretamente dos céus quase provocou um tumulto na Igreja Mórmon, e por isso os teólogos dessa igreja evitam ostensivamente entrar em discussões sérias sobre o assunto.

As contradições de Joseph Smith não param no batismo. Outro clássico exemplo de suas manobras é a poligamia. Em *Doutrina e Convênios* (132.34,32), ele diz: "Deus instruiu Abraão, e Sara deu Agar por esposa a Abraão. E por quê? Porque esta era a lei; e de Agar proveio muita gente... Vai, portanto, e faz as obras de Abraão; guarda a Minha lei e serás salvo".

Mas por outro lado, o *Livro de Mórmon* contém a seguinte afirmação categórica:

"Portanto, eu, o Senhor Deus, não permitirei que esse povo proceda como os antigos... Pois que nenhum homem dentre vós deve ter mais que uma esposa; e não terá nenhuma concubina. Porque eu, o Senhor, deleito-me na castidade das mulheres...". (Jacó 2.26-28.)

Ao que parece, Joseph Smith fabricava revelações de acordo com a vontade do momento. Pela sua reputação e atos subseqüentes, vemos que, no exemplo citado, o fator determinante foi o sexo.

Vejamos um último exemplo da confusão que existe entre o *Livro de Mórmon* e outras revelações "inspiradas", um conflito entre duas obras que constam no *Pérola de Grande Valor*: o *Livro de Moisés* e o *Livro de Abraão*. Diz o primeiro: "Sou o Princípio e o Fim, o Deus Onipotente, e por meio de Meu Unigênito criei estas coisas; sim, no princípio criei o céu e a terra sobre a qual estás". (Moisés 2.1.)

* A Versão do Rei Jaime, no texto citado, diz *a bow ofeteel* (um arco de aço). N. da T.

Já no *Livro de Abraão* encontramos uma negação desse monoteísmo, pois lemos ali: "Então o Senhor disse: Desçamos. E Eles desceram no princípio, e Eles, isto é, os Deuses, organizaram e formaram os céus e a terra". (Abraão 4.1.) Não sei como seria possível conciliar esses dois pronunciamentos da revelação mórmon, supostamente corretos. E os próprios mórmons parecem relutantes em fornecer explicações plausíveis.

A questão das falsas profecias do Mormonismo tem sido bem analisada em vários livros excelentes. Mas gostaríamos de lembrar que Joseph Smith recorreu a artigos publicados em jornais e revistas.

Aliás, uma de suas famosas profecias relacionadas com a guerra civil americana foi tirada de matérias encontradas em publicações do estado de Nova Iorque na ocasião.

Smith afirma o seguinte na seção 87 de *Doutrina e Convênios*: "...a começar pela rebelião da Carolina do Sul... os Estados do Sul... pedirão auxílio a outras nações, mesmo à Grã Bretanha... e então as guerras se esparramarão sobre todas as nações... E... os escravos se levantarão contra seus senhores... e os remanescentes... vexarão os gentios com dolorosa aflição".

Embora a guerra civil tenha de fato ocorrido, o que aconteceu alguns anos após a morte de Smith (em 1844), a Inglaterra não entrou em guerra com os Estados Unidos, nem houve guerras entre todas as nações, como dizia a profecia. Além disso, os escravos não se rebelaram contra seus senhores, e os "remanescentes", os índios, eles, sim, foram afligidos fortemente pelos gentios, sendo derrotados e confinados a reservas indígenas.

O profeta Smith fracassou redondamente aí, como também na profecia de *Doutrina e Convênios* 124.22,23,59, onde disse que iria possuir a casa que construía em Nauvoo "para todo o sempre".

A verdade dos fatos é que nem Joseph nem a sua semente depois dele viveram na casa de Nauvoo "de geração em geração". A casa foi destruída após a morte dele, e os mórmons se mudaram para o Estado de Utah.

Esses e outros exemplos mostram que Smith, além de ser péssimo escriba, era também um falso profeta. Em sua profecia acerca da restauração de Israel à Palestina, ele previu o milênio para os seus dias. Na realidade, a profecia de Ezequiel 37 começou a cumprir-se em 1948, mais de cem anos após sua morte.

É claro que nessa análise das origens do *Livro de Mórmon*, logo surge a pergunta: Já que o livro obviamente não vem de Deus, de onde então vem ele? Uma hipótese tem sido aventada por inúmeros estudiosos do mormonismo, os quais também a têm discutido longamente. Os principais deles são E. D. Howe, Pomeroy Tucker e William A. Linn.

Todos concordam que o *Livro de Mórmon* provavelmente é uma ampliação dos escritos de Solomon Spaulding, um pastor aposentado que escreveu uma série de romances com contexto bíblico semelhante ao do livro. Os mórmons gostam de lembrar que um dos manuscritos de Spaulding, intitulado "*Manuscript Story*" (História do manuscrito), foi encontrado no Havaí mais de cem anos atrás, e em muitos aspectos era diferente do *Livro de Mórmon*.

Mas o Dr. James D. Bales, em seu excelente livro, *The Book of Mórmon?* (Livro de Mórmon?), faz uma observação de grande importância que se harmoniza perfeitamente com o que tenho descoberto na pesquisa que levei a efeito nessa última década. Diz ele:

"De há muito se argumenta que existe grande semelhança entre o *Livro de Mórmon* e um dos romances históricos de Solomon Spaulding. É claro que os Santos dos Últimos Dias negam isso.

"Mas e se os Santos dos Últimos Dias estiverem certos e não houver relação alguma entre o livro deles e os escritos daquele autor? Isso simplesmente significa que os que afirmam haver essa relação estão errados. Mas isso não comprova nada sobre a questão da origem do livro, se é inspirado por Deus ou não. Uma pessoa pode estar enganada quanto à identidade do autor do *Livro de Mórmon*, e ao mesmo tempo estar certa ao afirmar que ele não foi escrito por homens inspirados por Deus. E é fácil demonstrar que o livro é de origem humana, o que, afinal, é o principal aspecto da discussão. A questão fundamental não é saber qual foi o homem ou homens que o escreveram, mas se foi escrito por pessoas inspiradas por Deus. Sabemos que foram homens que o escreveram, e que tais homens, sejam eles quem forem, não estavam sob a inspiração divina.

Isso pode ser ilustrado pelo livro *Science and Health With Key to the Scriptures* (Ciência e saúde com a chave das Escrituras), o livro-texto das igrejas da Ciência Cristã. A Sr^a Eddy afirma ter sido a autora dele, e tê-lo escrito sob a inspiração de Deus. Outros afirmam que ela simplesmente re-escreveu e ampliou um manuscrito do Sr. Quimby, e as evidências parecem comprovar a veracidade disso. Mas e se aqueles que assim pensam não conseguirem provar que estão com a razão? Ficaria então comprovado que o livro foi inspirado por Deus? É claro que não. Ficaria comprovado apenas que não há nenhuma relação entre o livro da Sr.^a Eddy e o manuscrito de Quimby, mas, não, que ele não possa ter sido escrito por outra pessoa qualquer sem inspiração divina. Mas seja quem for o autor ou autores de *Science and Health*, o certo é que ele é de origem humana, e não divina. Assim também ocorre com o *Livro de Mórmon*. Mesmo que fosse impossível provar quem o escreveu, podemos saber que ele é de origem humana, e não inspirado por Deus.

"Ninguém está querendo dizer que todo o *Livro de Mórmon* teria sido escrito por Spaulding. Os textos teológicos, por exemplo, não foram introduzidos por ele. Essas partes trazem a marca de Smith, Cowdery e Sidney Rigdon. (Ver as provas apresentadas no livro de Shook, *The True Origin of the Book of Mormon* — A verdadeira origem do *Livro de Mórmon*). O que se afirma é que eles pegaram um dos manuscritos de Spaulding e inseriram nele mais alguns fatos, bem como muitos textos bíblicos, e

que essa obra veio a ser o *Livro de Mórmons*. (Ver os depoimentos de John Spaulding, irmão de Solomon, e de Martha Spaulding, esposa de John.) Eles afirmam que a parte histórica foi criada por Spaulding. (E. D. Howe, *Mormonism Unveiled* — O Mormonismo descoberto, 1834, pp. 278 ss; e Shook, *The True Origin of the Book of Mormon* — A verdadeira origem do *Livro de Mórmon*, pp. 94 ss.).

"Os mórmons argumentam que a descoberta de um dos manuscritos de Spaulding demonstra que ele não serviu de base para o *Livro de Mórmon*."

"Declaro que o manuscrito de Spaulding foi descoberto em 1884 e acha-se atualmente na biblioteca da Faculdade de Oberlin, em Ohio. Depois de examiná-lo, notou-se que não há a menor semelhança entre ele e o *Livro de Mórmon*. A teoria de que Solomon Spaulding teria sido o autor desse livro não deve ser mencionada mais, a não ser num museu." (William A. Morton, *op. cit.*, p. 6.)

"Essa declaração contém três erros: a sugestão de que Spaulding teria escrito apenas um manuscrito, a de que o manuscrito encontrado em 1884 seria o mesmo que os críticos afirmam constituir a base para o *Livro de Mórmon* e a afirmação de que o manuscrito de Oberlin não contém a menor semelhança com o *Livro de Mórmon*."

"1. *Spaulding escreveu mais de um manuscrito*. D. P. Harlburt e Clark Braden fizeram essa afirmação antes mesmo de o manuscrito de Honolulu ter sido encontrado (Charles A. Shook, *op. cit.*, p. 77). A filha de Spaulding também deu um depoimento dizendo que seu pai havia escrito "outros romances". (Élder George Reynolds, *The Myth of the "Manuscript Found"* — O mito do "manuscrito encontrado", Utah, 1833, p. 104). A história desse manuscrito lembra mais um primeiro rascunho, tosco e inacabado.

"2. *O manuscrito encontrado em Honolulu intitulava-se "Manuscript Story"* (História do Manuscrito) e não "*Manuscript Found*" (Manuscrito encontrado). Esse manuscrito de Honolulu já se encontrava em mãos de críticos dos mórmons desde 1834. Mas eles não disseram que o *Livro de Mórmon* se baseava nele. Diziam que o manuscrito que dera origem ao *Livro de Mórmon* era outro. (Charles A. Shook, *op. cit.*, p. 77, 15, 185; *The "Manuscript Found or Manuscript Story" of the Later Rev. Solomon Spaulding* — O "manuscrito encontrado ou história do manuscrito" do falecido Rev. Solomon Spaulding, Lamoni, Iowa: impresso e publicado pela Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1885, p. 10).

"3. Embora o *Manuscript Story* não seja considerado o *Manuscript Found*, este, sim, o manuscrito que serviu de base para o *Livro de Mórmon*, existe uma grande semelhança entre ele e esse livro. Os pontos de similaridade são explicados pelo fato de que o *Manuscript Story* era o esboço inicial de uma das obras de Spaulding, que ele depois refez, vindo a ser o *Manuscript Found*."

"Em 1834, Howe publicou uma sinopse do manuscrito que hoje se encontra em Oberlin (Howe, *Mormonism Unveiled*, p. 288) e apresentou o original às testemunhas que afirmaram haver muitos pontos semelhantes entre o *Manuscript Found* de Spaulding e o *Livro de Mórmon*. Na época (1834), essas testemunhas reconheceram o manuscrito obtido por Harlburt, hoje em Oberlin, como sendo um dos escritos de Spaulding, mas não aquele que haviam afirmado ser semelhante ao *Livro de Mórmon*. Declararam ainda que Spaulding lhes dissera que havia modificado seu plano original, voltando bem atrás no tempo, e escrevendo no velho estilo bíblico para que a narrativa parecesse bem antiga." (Howe, *Mormonism Unveiled*, p. 288; Theodore Schroeder, *The Origin of the Book of Mormon, Reexamined in Its Relation to Spaulding's "Manuscript Found"*, p. 5 — Reexame da origem do *Livro de Mórmon* em sua relação com a obra *Manuscript Found* de Spaulding.)

"Esse depoimento é confirmado pelo fato de que há muitos pontos semelhantes entre o manuscrito de Oberlin e o *Livro de Mórmon*.^M

Então está bem claro que os mórmons tentaram apresentar um manuscrito que

reconhecidamente *não* é o livro cujo texto Smith depois copiou e ampliou, resultando no que hoje é conhecido como o *Livro de Mórmon*, com o objetivo de negar o que testemunhas oculares afirmaram, isto é, que foi outro manuscrito de Spaulding (*Manuscript Found*) que ele utilizou para criar a Bíblia mórmon.

E o Dr. Bales tem razão quando afirma:

"Existem muitos pontos semelhantes entre eles, muitos pontos mesmo, o que não pode ser desconsiderado. Dessa forma, a evidência interna, aliada ao depoimento de testemunhas, apresentado no livro de Howe e reproduzido no de Shook, demonstra que Spaulding fez uma revisão do *Manuscript Story*, que depois veio a ser o *Manuscript Found*, cujas partes históricas serviram de base para o *Livro de Mórmon*. E foram também as referências religiosas do livro que forneceram, em parte, a idéia dos trechos religiosos do *Livro de Mórmon*.

"Contudo é desnecessário discutir a questão da autoria do *Livro de Mórmon*, seja numa conversa particular ou num debate público. O que importa de fato é estabelecer se o livro é ou não de origem divina. Alguns mórmons parecem achar que, se conseguirem provar que o manuscrito de Spaulding não tem nada que ver com o *Livro de Mórmon*, terão dado um grande passo no sentido de provar sua origem divina. Todavia, não é esse o caso. Devemos demonstrar que o *Livro de Mórmon* não é de origem divina, fazendo uma comparação da Bíblia com o próprio livro*¹⁵

Lembremo-nos de que o *Manuscript Story* contém pelo menos setenta e cinco pontos semelhantes ao *Livro de Mórmon* o que não pode ser considerado uma simples coincidência.

Por último, quem estuda o Mormonismo deve comparar o conteúdo do livro com o da Bíblia. E assim que o fizer verá que ele não fala de acordo com "a lei e o testemunho*" (Is 8.20). Dessa forma, deve ser rejeitado como uma falsa revelação, duas vezes condenada por Deus (Gl 1.8,9).

O autor dessa "revelação", Joseph Smith, foi descrito na Bíblia (como o foi também o castigo que receberia), cerca de três mil e trezentos anos antes de nascer. Seria bom que os mórmons atentassem para a seguinte passagem:

"Quando profeta ou sonhador se levantar no meio de ti, e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, e disser: Vamos após outros deuses, que não conhecestes, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador; porquanto o Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, e de toda a vossa alma, Andareis após o Senhor vosso Deus, e a ele temereis; guardareis os seus mandamentos, ouvireis a sua voz, a ele servireis e a ele vos achegareis. Esse profeta ou sonhador será morto, pois pregou rebeldia contra o Senhor vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito, e vos resgatou da casa da servidão, para vos apartar do caminho que vos ordenou o Senhor vosso Deus, para andardes nele. Assim eliminarás o mal do meio de ti. Se teu irmão, filho de tua mãe, ou teu filho, ou tua filha, ou a mulher do teu amor, ou teu amigo que amas como à tua alma, te incitar em segredo, dizendo: Vamos, e sirvamos a outros deuses, — que não conhecestes, nem tu nem teus pais, dentre os deuses dos povos que estão em redor de ti, perto ou longe de ti, desde uma até a outra extremidade da terra, não concordarás com ele, nem o ouvirás; não o olharás com piedade, não o pouparás, nem o esconderás, mas certamente o matarás. A tua mão será a primeira contra ele, para o matar, e depois a mão de todo o povo. Apedrejá-lo-ás até que morra, pois te procurou apartar do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão". (Dt 13.1-10.)

Portanto, o *Livro de Mórmon* constitui uma desobediência à Palavra de Deus pois fez acréscimos a ela e à única revelação de Deus. O castigo para esse tipo de erro é terrível e assustador:

"Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico*. Se

alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa, e das coisas que se acham escritas neste livro. Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus". (Ap 22.18-20.)

Ao debater com um mórmon, não devemos levar a questão para níveis pessoais criando um antagonismo pelo indivíduo. Basta discutir nos planos histórico e teológico. Mesmo agindo com educação e tato, podemos deixar bem claro que não concordamos com os ensinamentos deles. Os fatos impugnam até as próprias "testemunhas" da veracidade do *Livro de Mórmon*, já que o profeta Smith escreveu dois artigos contra elas, e Hyrum, seu irmão, também escreveu um. Isso certamente depõe contra o caráter de tais pessoas e contra a confiabilidade delas como testemunhas.

Foi Joseph Smith que declarou guerra ao Cristianismo, quando atribuiu a Deus a afirmação de que todas as denominações cristãs estão "erradas", que os seus credos são "uma abominação" e que todos os cristãos são "corruptos... tendo religiosidade aparente, mas negam o meu poder" (*Joseph Smith — History* 1.19).

A responsabilidade pela hostilidade de que eles têm sido alvo cabe a eles mesmos. As perseguições que eles têm sofrido (que se devem em grande parte ao fato de repetirem as insultuosas acusações feitas por Smith e de praticarem a poligamia) devem recair sobre eles mesmos. Foram eles que deram início ao antagonismo, não as igrejas cristãs. Não queremos com isso justificar aqueles que perseguiram acerbamente os primeiros mórmons, mas em muitos casos eles foram provocados a fazer o que fizeram pelos excessos praticados pelos mórmons. (Observação: um exemplo disso seria a expulsão deles da Comarca de Jackson, Missouri.)

Então, podemos tranquilamente deixar o julgamento da Bíblia mórmon a cargo da História, e a doutrina deles ao pronunciamento da imutável Palavra de Deus. Mas temos de expor a verdade com relação a essas coisas e ter sempre em mente que, apesar de os mórmons serem sinceros, isso não deve impedir-nos de emitir críticas justas à fé deles e à base dela, o *Livro de Mórmon*, e às "revelações" de Joseph Smith. A verdade deve ser dita em amor, mas deve ser dita.

A Doutrina do Mormonismo

A Igreja Mórmon tem afirmado, quase desde a sua fundação, que possui algo que nenhuma outra igreja afirma possuir: os sacerdócios de Arão e Melquisedeque.

Os mórmons ensinam que Joseph Smith e Oliver Cowdery receberam o sacerdócio aarônico das mãos de João Batista em 15 de maio de 1829, e que "o sacerdócio de Melquisedeque foi conferido a Joseph Smith e Oliver Cowdery, por ministração de Pedro, Tiago e João, pouco depois de terem recebido o aarônico".¹⁶

Na doutrina mórmon, as ordens de Melquisedeque e de Arão são um só sacerdócio, "e não têm princípio de dias nem fim de anos" (*Doutrina e Convênios* 84.17). E é somente pela autoridade desse sacerdócio, afirmam eles, que falam e atuam em nome do Senhor, para a salvação da humanidade. Para compreendermos bem esse ensino, vamos considerar um trecho de um dos principais livros mórmons que tratam do assunto do sacerdócio:

"Esse legítimo sacerdócio tem por objetivo auxiliar as pessoas em todas as esferas da vida, espirituais ou temporais. Por isso, existem nele divisões ou ofícios, cada uma com sua responsabilidade própria, para atender a um tipo de problema.

"O Profeta Joseph Smith disse certa vez que todo sacerdócio é de Melquisedeque. Isto significa que o sacerdócio de Melquisedeque engloba todos os cargos e autoridades do sacerdócio. Isso se encontra no livro *Doutrina e Convênios*, seção 107, verso 5: "Todas as outras autoridades ou ofícios da igreja são apêndices deste sacerdócio*".

"Nas Escrituras são mencionados dois sacerdócios, o de Melquisedeque e o de Arão, ou levítico. Embora sejam dois sacerdócios, o de Melquisedeque engloba o aarônico ou levítico; e sendo superior detém a mais alta autoridade do sacerdócio e as chaves do reino de Deus em todas as eras do mundo, até a prosperidade final da terra. Também é o canal pelo qual são revelados dos céus todo conhecimento, doutrina, o plano da salvação e todas as questões importantes".¹⁷

O conceito de sacerdócio da Igreja Mórmon então contém a idéia de que Deus estabeleceu nela presidentes, apóstolos, sumo sacerdotes, o *quorum* dos setenta e "élderes", e que cada cargo possui sua própria autoridade.

O presidente da igreja, afirmam eles, "pode deter e exercer as responsabilidades administrativas inerentes a esse cargo; o poder do sacerdócio é descentralizado; primeiro de acordo com os ofícios e suas jurisdições; segundo de acordo com cada portador individual do sacerdócio. Isso significa que, embora a igreja como um todo tenha de responder perante a autoridade central no que diz respeito a questões que envolvem toda a igreja, os relacionamentos na organização não restringem a plena iniciativa e livre desenvolvimento de nenhum dos *quorum* ou grupos de *quoruns* das divisões territoriais, nem dos membros particularmente... O sacerdócio oferece ao governo da igreja uma instrumentalidade "funcionar" que é ao mesmo tempo eficiente e responsável na centralização, mas flexível e descentralizado na administração prática".¹⁸ Ao que parece, então, na doutrina mórmon o sacerdócio ocupa uma posição de grande importância, e dele fazem parte quase todos os membros do sexo masculino maiores de doze anos, o que os torna aptos a ocupar cargos. Portanto, se refutarmos a afirmação mórmon de que eles estão de posse desse sacerdócio, estaremos abalando os próprios fundamentos da seita.¹⁹

Com isso em mente, vamos examinar os textos bíblicos que melhor refutam essa alegação dos mórmons. E há um grande número desses textos nas Escrituras.

Melquisedeque, que era rei de Salém e sacerdote do Deus altíssimo, é mencionado brevemente em conexão com Abraão no capítulo 7 de Hebreus. O autor da carta explica que o sacerdócio de Melquisedeque é superior ao de Arão e aos ritos ministrados pelos levitas, pois Abraão, que foi o pai dos filhos de Levi, pagou o dízimo a Melquisedeque. Isso mostra que Melquisedeque era superior a Abraão. O autor de Hebreus explica isso da seguinte maneira: "Evidentemente, é fora de qualquer dúvida, que o inferior é abençoado pelo superior. Aliás, aqui são homens mortais os que recebem dízimos, porém ali, aquele de quem se testifica que vive. E por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão. Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste". (Hb 7.7-10.)

Mas a demonstração de que o sacerdócio de Melquisedeque é superior ao de Arão não teria significado algum se o escritor do livro não dissesse o seguinte depois: "Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquiseque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão? Pois, quando *se muda* o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei".

A argumentação do capítulo 7 de Hebreus, como se pode ver fazendo uma exegese cuidadosa desse texto, é que Jesus Cristo, que é "sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque" (v. 17), por causa de seu sacrifício na cruz, mudou o sacerdócio de Arão (v. 12), substituindo-o pelo seu próprio sacerdócio da ordem de Melquisedeque.

Cristo não pertencia à tribo de Levi e não fazia parte do sacerdócio de Arão. Ele era da tribo de Judá; no entanto, seu sacerdócio é infinitamente superior ao de Arão. É claro então que o sacerdócio levítico não poderia dar origem ao de Melquisedeque.

Ele acabou. Isso foi representado pelo fato de o véu do templo haver-se rasgado de alto a baixo por ocasião da crucificação (Mt 27.51).

O autor da carta aos hebreus afirma ainda que Cristo é o nosso grande sumo sacerdote e que ele "penetrou os céus", "para comparecer, agora, por nós, diante de Deus" Além disso, declara que "Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu... nem ainda para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio. Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de si mesmo o pecado" (Hb 9.24-26).

O texto citado mostra claramente o fato de que o antigo sacerdócio, pelo qual os sacerdotes poderiam entrar no interior do templo uma vez por ano no dia da expiação, chegara ao fim, pois Cristo oferecera uma expiação eterna pelos pecados do mundo todo (1 Jo 2.2).

Esses fatos são muito relevantes quando comparados com a afirmação dos mórmons de que possuem o sacerdócio aarônico que, segundo a Palavra de Deus, "mudou" e foi perfeitamente consumado naquele que é Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, o Senhor Jesus Cristo.

O sacerdócio do Senhor não tem de ser passado de pai para filho para se perpetuar, já que todos os homens morrem.

Já o sacerdócio aarônico era assim, perpetuando-se através da ordem levítica. Mas o escritor de Hebreus diz que o Senhor Jesus Cristo se levantou "à semelhança de Melquisedeque". Ele é "outro sacerdote, constituído, não conforme a lei de mandamento carnal", que por natureza é temporário, mas segundo o poder da vida imperecível. O termo grego *akatalutou* é corretamente traduzido como "imperecível, indestrutível e indissolúvel", e nesse contexto refere-se à vida de Cristo. Ele não foi constituído sacerdote da mesma forma que os levitas, cujo ofício passava de pai para filho. O sacerdócio dele é segundo a ordem de um Ser eterno. Seu sacerdócio é infinito porque ele é eterno.

É preciso compreender todos esses fatos para se refutar as alegações dos mórmons quanto à perpetuidade do sacerdócio aarônico, mas principalmente para refutar o conceito que têm do sacerdócio de Melquisedeque, e que alegam haver recebido,

E o Espírito Santo derruba essa segunda alegação dos mórmons em termos concisos, mas de forma clara e insofismável, no mesmo capítulo 7 de Hebreus.

"...por isso mesmo Jesus se tem tornado fiador de superior aliança. Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar; este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Com efeito nos convinha um sumo sacerdote, assim como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores, e feito mais alto do que os céus, que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro por seus próprios pecados, depois pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu. Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre." (Hb 7.22-28.)

Observemos particularmente o verso 24 que, no original grego, abala totalmente o ensino mórmon. No grego, o verso 24 diz literalmente o seguinte: "Este, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio intransferível".²⁰

O termo grego *aparabatos*, que literalmente significa "intransferível", tem a conotação de algo definitivo. O dicionário grego-inglês de Thayer explica isso da seguinte maneira: "Sacerdócio imutável e que portanto não pode ser passado a um

sucessor, Hb 7.24" (p. 54).

E como a palavra ocorre apenas uma vez no Novo Testamento grego, não dá margem nem para se apelar para uma tradução contextual. Temos aí um caso em que, por mais que se tentem manipulações semânticas, será impossível ignorar a força do contexto e da gramática.

Então, pela inspiração do Espírito Santo, o autor de He-breus afirma que o sacerdócio de Melquisedeque pertence apenas a Jesus Cristo, não apenas pelo fato de ele ser Deus e ter em si a imperecibilidade, mas também porque é intransferível. Esse sacerdócio acabou com a ordem levítica, consumou o sacerdócio aarônico, pertence apenas ao Filho de Deus e, pela vontade do Pai, não pode ser transferido a ou-trem. Não há como ignorar a argumentação dessas revelações das Escrituras. Não há nenhum teólogo ou exegeta que as explique de outro modo. E verdade que os mórmons alegam possuir o sacerdócio de Arão e Melquisedeque, mas é preciso que se diga que eles estão contrariando um ensino expresso das Escrituras, as quais eles afirmam respeitar. E ainda não apareceu nenhum teólogo mórmon que explicasse essa contradição.

Em seu livrinho interessante e esclarecedor, intitulado *Gods, Sex and the Saints* (Deuses, sexo e os santos), o Dr. George Arbaugh faz a seguinte observação: "Os mórmons estão sabendo que a colheita está madura e que a foice deve cortar as igrejas cristãs. A estratégia de seu proselitismo ousado é levantar perguntas e argumentações estereotipadas" (p. 39).

Depois o Dr. Arbaugh comenta que um dos aspectos que os mórmons mais enfatizam é o sacerdócio. Eles estão sempre dizendo a quem se dispuser a ouvi-los, e particularmente para os prosélitos em potencial, que "você não possui o sacerdócio".

Para responder a isso, o crente mais atento deve mostrar que os mórmons não possuem nenhum sacerdócio, mas que a igreja de Cristo, sim, sempre teve um sacerdócio, e que isso está claro no Novo Testamento. Esse sacerdócio foi bem salientado pelo grande teólogo da Reforma, Martinho Lutero, que o chamou de "sacerdócio de todos os crentes".

E o Dr. Arbaugh então observa:

"Na Igreja Luterana há milhões de sacerdotes a mais que na organização dos Santos dos Últimos Dias, já que todos os crentes são sacerdotes. O sacerdócio dos crentes é universal. Isso quer dizer que todo crente pode dirigir-se a Deus em oração, por direito próprio, e pode falar do Senhor ao seu próximo. Ele não precisa da mediação de outro sacerdote para a realização dos atos de fé cristã. E aliás, como seria possível qualquer outra pessoa ou sacerdote praticar por outrem a essência da fé cristã, isto é, amar a Deus e ao próximo?

"Nos primórdios da Igreja Mórmon, só havia élderes (anciãos), mas depois foram estabelecidos outros cargos adicionais. Por causa disso, a seção 20, nos versículos 65 a 67, de *Doutrina e Convênios* foi "corrigida" em relação à sua versão original no *Book of Convnamendments* (*Livro de Mandamentos*). O próprio Mormonismo comete a torpeza de falsificar suas escrituras com a finalidade de dar a entender que sempre houve na estrutura da igreja os mesmos cargos" (p. 44).

O Verdadeiro Sacerdócio

No início do livro de Apocalipse, o apóstolo João faz uma afirmação impressionante quando diz:

"Graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono, e da parte de Jesus Cristo, a fiel testemunha o primogênito dos mortos, e o soberano dos reis da terra. Aquele que nos ama, e pelo seu sangue nos libertou de nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos".

(Vv. 4-6.)

Como é clara e incisiva essa declaração bíblica feita pela autoridade apostólica! Jesus Cristo, que é o soberano dos reis da terra, aquele que continua a amar-nos e que, com seu sangue, nos libertou de nossos pecados, também "nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai". Este é, de fato, o verdadeiro sacerdócio.

O cristão não precisa de templos, nem de cultos secretos, ritos e mistérios. Seu sacerdócio não tem nada que ver com ofícios especiais e poderes para se comunicar com os mortos, algo que os sacerdotes mórmons alegam praticar. (Ver *Leaves from the Tree*, livro de catecismo para jovens, escrito pelo líder mórmon Charles Penrose, p. 38.) No sacerdócio cristão acham-se incluídos todos aqueles que foram libertos de seus pecados pelo sangue de Jesus Cristo, que gozam do eterno amor do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

O apóstolo Pedro, em seus escritos, amplia ainda mais esse conceito, quando afirma:

"Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz, vós, sim, que antes não éreis povo, mas agora sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia". (1 Pe 2.9,10.)

Vemos então que o apóstolo afirma que muito antes de haver esses mitológicos sacerdócios mórmons, já existia um sacerdócio que compreendia todos os remidos, um "sacerdócio real", que não era nem de Arão e nem de Melquisedeque. Esse corpo sacerdotal é constituído de todos os consagrados "embaixadores de Cristo", para citarmos os termos do apóstolo Paulo, cuja tarefa é exortar aos homens para que se reconciliem "com Deus", "conhecendo o temor do Senhor" (2 Co 5.20 e 11).

Como já observamos, o Mormonismo dá muita importância a essa questão de sacerdócio. Mas como já vimos também não se trata do sacerdócio descrito na Bíblia. No lugar dele, colocaram uma revelação do "profeta" Smith acerca de um sacerdócio que foi mudado (Hb 7.12) e outro que por natureza é "intransferível" (7.24). O resultado então é que eles não possuem nenhum sacerdócio, já que negam a verdadeira divindade de Jesus Cristo e a natureza de Deus, e assim anulam a possibilidade de participar do sacerdócio de todos os crentes. Para que uma pessoa possa fazer parte do "reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai" (Ap 1.4-6), e ser membro do "sacerdócio real" (1 Pe 2.9), precisa primeiro passar por um novo nascimento, uma experiência ou encontro pessoal com o Deus-Homem da Bíblia, Jesus Cristo. Com sua doutrina de muitos deuses, sua visão errada do nascimento virginal de Cristo e a condenação que fazem de todas as igrejas, que consideram "abominação" {*Pérola de Grande Valor*, Joseph Smith — História 2.19), os mórmons cancelam qualquer possibilidade de serem incluídos em alguma forma de cristianismo. Afinal o Cristianismo não é apenas a aplicação na prática da ética cristã. Não se pode dizer que alguém tem o evangelho com base apenas em uma similaridade de termos, e ainda mais com o sentido modificado. O Cristianismo não é apenas um sistema de afirmações doutrinárias (embora eles sejam de grande importância). E, isso sim, uma experiência viva com o Deus da Bíblia que se encarnou no homem de Nazaré. Então o próprio Mormonismo, com suas inúmeras excentricidades doutrinárias e sua radical negação dos ensinamentos do Cristianismo histórico, se desqualifica como religião cristã. E seu sacerdócio, ao qual eles dão tanta importância, na verdade é a antítese do sacerdócio visto na revelação divina.

Devemos desejar ansiosamente que um maior número de crentes esteja cada vez mais familiarizado com o ensino bíblico acerca do verdadeiro sacerdócio, do qual todos nós participamos. Só podemos debater e refutar com sucesso a doutrina do sacerdócio exposta pelos mórmons depois que obtivermos um conhecimento total dos princípios

fundamentais do Cristianismo.

A Doutrina de Deus Segundo os Mórmons

A maioria das pessoas que estudam o Cristianismo concorda que seria impossível alguém negar a existência do Deus verdadeiro, o Deus das Escrituras, e ainda assim dizer que é cristão. Os escritores do Novo Testamento e o próprio Jesus ensinaram que existe somente um Deus. E todos os teólogos da igreja, desde os seus primórdios, sempre afirmaram que o Cristianismo é uma religião monoteísta no sentido mais estrito do termo. E na verdade foi esse fato que o diferenciou, a ele e ao Judaísmo do qual provém, das sociedades politeístas da Grécia e de Roma. A Bíblia é inflexível em sua afirmação de que Deus não reconhece a existência de nenhuma outra divindade. Aliás, o Senhor está sempre falando de sua singularidade, com vemos nas seguintes revelações:

"Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, o meu servo a quem escolhi; para que o saibais e me creiais e entendais que sou eu mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador... Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e *além de mim não há Deus...* Vós sois as minhas testemunhas. Há outro Deus além de mim?

Não, não há outra Rocha que eu conheça... Eu sou o Senhor, e não há outro; *além de mim não há Deus*; eu te cingirei, ainda que não me conheces... *Pois não há outro Deus senão eu*, Deus justo e Salvador não há além de mim. Olhai para mim, e sede salvos, vós, todos os termos da terra; *porque eu sou Deus, e não há outro*". (Is 43.10,11; 44.6,8; 45.5,21,22.)

No Velho Testamento, Deus é conhecido por muitos nomes: Elohim, Jeová, Adonai, El-Gibor. Também é identificado por combinações de dois nomes, como Jeová-Elohim, Jeová-Sabaoth, etc. Se há uma coisa que o Velho Testamento hebraico nos ensina é o fato de que existe somente um Deus: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor". (Dt 6.4.) E como todos sabemos, o monoteísmo judaico deu origem ao monoteísmo cristão, um derivado do outro por meio de uma revelação progressiva dada pelo Espírito Santo. Não é necessário elaborar muito neste ponto. É do conhecimento de todos que os fatos que apresentamos aqui são verdadeiros. Mas quando estudamos o conceito de Deus esposado pelos mórmons, vemos que ocorre uma mudança radical, embora sutil, no emprego do vocabulário bíblico, como constataremos.

Inicialmente, temos de reconhecer também que a Bíblia emprega o termo "deus" para designar outros indivíduos, como Satanás, que Cristo chama de "príncipe deste mundo" e que em outro lugar é identificado como "o deus deste século". Temos de esclarecer, porém, que sempre que o termo é aplicado a indivíduos, a espíritos e outros, temos de analisar o seu emprego contextual e metafórico cuidadosamente, obtendo assim uma imagem clara da situação toda. O Senhor disse a Moisés, por exemplo: "Vê que te constituí como deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta". (Êx 7.1.) Quando comparamos isso com Êxodo 4.16 ("Ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus"), vemos que ele estava falando de um tipo de relacionamento. Pelo contexto, vemos também que Moisés, pelos poderes de que Deus o investira, se tornara um "deus" aos olhos de Faraó. Arão, por sua vez, seria o profeta daquele "deus" (Moisés), que Faraó veria, já que ele era o porta-voz de Moisés. Portanto, observando a linguagem e analisando o contexto, vemos que não há dúvida de que se trata de um emprego metafórico do termo. Todos os eruditos do Velho Testamento concordam nesse ponto. E não há margem para dúvidas de que existe apenas um Deus vivo e verdadeiro, como atestam as citações que já apresentamos.

Outro exemplo de emprego semelhante é a aplicação do termo *Elohim*, plural

que é muitas vezes traduzido como Deus no Velho Testamento. Em alguns contextos, os juizes de Israel são chamados de "deuses", não que tivessem a natureza intrínseca da divindade, mas porque aos olhos do povo eles se tornaram como "deuses" (SI 82; cf. Jo 10), já que eram os representantes do Senhor dos Exércitos. Aliás o sentido literal do vocábulo aí é "poderosos". No Novo Testamento, o apóstolo Paulo é muito claro ao afirmar que, no que diz respeito ao mundo, "há muitos deuses e muitos senhores, todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as cousas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo" (1 Co 8.5,6). Jesus também expressou essa verdade quando disse: "Eu sou o primeiro e o último, e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos". (Ap 1.17,18.) Concluímos, então, que a teologia da tradição judaico-cristã não admite o politeísmo, que aliás é a antítese do monoteísmo radical adotado pelo Judaísmo e pelo Cristianismo. O Deus do Velho Testamento e o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo são a mesma Pessoa. A Igreja Cristã sempre ensinou isso. Além do mais, ela sempre declarou que a natureza de Deus é puramente espiritual. O Senhor Jesus afirmou: "Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade". (Jo 4.24.) E há muitos outros textos da inspirada Palavra de Deus em que o Espírito Santo revelou a natureza espiritual de Deus bem como o feto de que ele é "uno". O apóstolo Paulo também nos lembra que "o mediador não é de um, mas Deus é um" (Gl 3.20), e o salmista nos relembra a imutabilidade de sua natureza: "De eternidade a eternidade tu és Deus". (SI 90.2.) E ao narrar o início da criação, Moisés registra o seguinte: "E o Espírito de Deus pairava por sobre as águas". (Gn 1.2.) Portanto, os "deuses" mencionados nas Escrituras não o são nem por identidade nem por natureza. São "deuses" por aclamação ou porque os homens os vêem como tal, o que é muito diferente do Deus vivo e verdadeiro, descrito pela epístola aos hebreus como "Pai dos espíritos" (Hb 12.9; Gl 4.8,9).

A Verdade Acerca do Deus dos Mórmons

Em contraste gritante com as revelações das Escrituras, temos as "revelações" de Joseph Smith, Brigham Young e de todos os "profetas" mórmons que os sucederam. Para deixarmos bem claro qual é a verdadeira crença dos mórmons com relação à natureza de Deus, damos a seguir uma série de citações tiradas de fontes reconhecidamente mórmons, que revelam plenamente o que eles querem dizer quando falam de "Deus".

1. "No princípio, o cabeça dos Deuses convocou um conselho dos Deuses; e estes se reuniram e engendraram (prepararam) um plano para criar o mundo e povoá-lo." (*Ensinaamentos do profeta Joseph Smith*, p. 341.)

2. "O próprio Deus já foi como somos agora — ele é um homem exaltado..." (*Ensinaamentos do profeta Joseph Smith*, p. 336.)

3. "O Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também; mas o Espírito Santo não possui um corpo de carne e ossos; mas é um personagem de Espírito..." (*Doutrina e Convênios* 130.22.)

4. "Eles [os deuses] existem, portanto seria melhor nós nos esforçarmos para sermos um com eles." (*Discursos de Brigham Young*, p. 227.)

5. "Como o homem é, Deus foi; como Deus é, o homem poderá vir a ser." (Profeta Lorenzo Snow, citado por James E. Tammage, em *Regras de Fé*, p. 389.)

6. "Cada um desses Deuses, inclusive Jesus Cristo e seu Pai, possui não apenas um espírito organizado, mas também um glorioso corpo imortal de carne e ossos..." (Parley P. Pratt, *Key to the Science of Theology*, ed. 1965, p. 44 — Chave para a ciência da teologia.)

7. "Então o Senhor disse: Desçamos. E Eles desceram no princípio, e Eles, isto é, os Deuses, organizaram e formaram os céus e a terra." (Abraão 4.1.)

8. "Lembremos que Deus, nosso Pai celeste, talvez tenha sido criança um dia, e mortal como nós. Mas foi subindo passo a passo na escala da progressão, na escola do desenvolvimento; ele seguiu adiante e venceu, até atingir o ponto em que se encontra agora." (Apóstolo Orson Hyde, *Journal of Discourses*, vol. 1, p. 123 — Jornal de Discursos.)

9. "Os profetas mórmons estão constantemente nos ensinando a sublime verdade de que Deus, o Pai eterno, antigamente era um homem mortal que passou por uma aprendizagem numa vida terrena semelhante à que nós temos agora. Ele se tornou Deus — um ser exaltado — através da obediência às mesmas verdades eternas do evangelho a que agora estamos tendo a oportunidade de obedecer" (Hunter, *op. cit.*, p. 104.)

10. "Cristo era Deus, o Pai de todas as coisas... Eis que sou Jesus Cristo, sou o Pai e o Filho" (Mosíah 7.27 e Éter 3.14, *Livro de Mórmon*.)

11. "Quando nosso pai Adão veio para o jardim do Éden, veio com um corpo celestial, e trouxe consigo a Eva, uma de suas esposas. Ele ajudou a criar e organizar este mundo. Ele é Miguel, o arcanjo, o Ancião de Dias, acerca do qual homens santos têm falado e escrito. Ele é nosso Pai e nosso Deus, o único Deus com quem temos de tratar." (Brigham Young, *em Journal of Discourses* vol. 1, p. 50 — Jornal de Discursos.)

12. Historicamente, até mesmo os mórmons mais fiéis tinham dificuldade em aceitar essa doutrina de Adão-Deus. Por isso, em 8 de junho de 1873, Brigham Young fez a seguinte declaração:

"Quanta descrença existe na mente dos Santos dos Últimos Dias a respeito de uma doutrina que lhes revelei, e que me fora revelada por Deus, isto é, a de que Adão é nosso pai e nosso Deus...

"'Ora', diz alguém, 'Por que ele se chamava Adão?' Ele foi o primeiro homem a existir na terra, bem como seu criador e estruturador. Foi ele que, com a ajuda de seus irmãos, trouxe-a à existência. Depois disse: 'Quero que meus filhos que se encontram no mundo espiritual venham viver aqui. Antigamente eu vivia numa terra como esta, sendo mortal. Mas fui fiel, recebi minha coroa e a exaltação?' (*Deseret News*, 18 de junho de 1873, p. 308.)

Poderíamos continuar citando textos de muitos livros e outras publicações oficiais dos mórmons, mas creio que esses bastam para provar o fato.

A Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que discorda da igreja de Utah com respeito ao politeísmo, afirma constantemente que Joseph Smith nunca praticou nem ensinou a poligamia e o politeísmo. Mas as citações diretas de palavras de Smith que damos em seguida, onde ele fala da pluralidade de deuses e da doutrina de que os homens mórmons podem tornar-se deuses, irritam profundamente a Igreja Reorganizada. Mas a verdade é que ele o disse.

As citações seguintes são de um sermão de Smith publicado no jornal mórmon *Times and Seasons* (15 de agosto de 1844, pp. 613-614), quatro meses depois de ele o haver pregado no funeral do élder King Follet e dois meses após a morte do próprio Smith, ocorrida em Carthage, Illinois.

Esse discurso foi ouvido por mais de dezoito mil pessoas e copiado por quatro escribas mórmons. É importante observar que a divisão da seita só iria ocorrer cerca de três anos e meio depois. Então, ao que parece, os antecessores deles não discordavam da doutrina de Smith, como eles hoje o fazem. Tampouco negaram que o profeta tivesse pregado esse sermão e ensinado o politeísmo, como faz hoje a Igreja Reorganizada. Mas deixemos que os fatos falem por si mesmos.

"Quero que todos vós o conheçais [Deus] e estejais familiarizados com ele... Que tipo de ser era Deus no início?...

"O próprio Deus já foi como somos agora — ele é um homem exaltado,

entronizado em céus distantes... Se vós pudésseis vislumbrá-lo hoje, vê-lo-íeis em forma de homem — como vós em toda pessoa, imagem e na própria forma de um homem...

"Vou contar-vos como Deus veio a ser Deus. Temos imaginado e suposto que Deus é Deus desde todo o sempre... Estes conceitos são incompreensíveis para alguns, embora muito simples. O primeiro princípio do Evangelho é conhecermos com toda certeza o caráter de Deus e saber que podemos falar com ele, como falamos uns com os outros; sim, que o próprio Deus, o Pai de todos nós, habitou sobre uma terra, tal como o próprio Jesus Cristo o fez... O que declarou Jesus? (Tome nota, Élder Rigdon!) As Escrituras informam-nos que Jesus disse que, como o *Pai* tem poder em si mesmo, da mesma forma deu também poder ao Filho — para fazer o quê? Ora, o mesmo que fez o Pai. A resposta é óbvia... Aqui, então, está a vida eterna — conhecer o único Deus sábio e verdadeiro; e tereis que aprender como tornar-vos deuses vós mesmos, e como serdes reis e sacerdotes para Deus, da mesma forma como todos os deuses fizeram antes de vós, isto é, passando de um pequeno degrau para outro, de uma capacidade menor para outra maior; de graça em graça, de exaltação, até que... sejais capazes de... assentar-vos em glória, como aqueles que estão entronizados em poder infinito.." (*Ensinos do Profeta Joseph Smith*, pp. 337 e 338.)

Vemos então, que a doutrina mórmon é politeísta e ensina de fato que o universo é habitado por diversos deuses que geram filhos espirituais, os quais, por sua vez, se revestem de corpos em diversos planetas. O deus deste planeta é "Eloim". (O ensinamento de Brigham Young no sentido de que Adão é nosso Pai celeste é agora oficialmente negado pelas autoridades da Igreja Mórmon. Mas elas ainda mantêm a crença de que nosso Deus é um homem que ressuscitou e foi glorificado.) Além disso, os "inspirados" pronunciamentos de Joseph Smith mostram que inicialmente ele era unitarista; depois passou para o triteísmo e afinal chegou ao politeísmo pleno, contradizendo totalmente as revelações do Velho e do Novo Testamento, como já vimos. A doutrina da Trindade adotada pelos mórmons é uma grosseira distorção do ensino bíblico, embora eles tentem camuflar suas heresias envolvendo-as numa terminologia semi-ortodoxa. Já mencionamos essa questão anteriormente, mas é preciso estar sempre a repeti-la para evitar que essa terminologia fique sem contestação.

À primeira vista pode parecer que ela é ortodoxa, mas considerando-se suas inquestionáveis fontes, percebe-se claramente que os mórmons procuram rodear o assunto sem defini-lo. A verdade é que o mormonismo nunca aceitou de fato a doutrina da Trindade adotada pela igreja cristã. Aliás eles a negam frontalmente ao distorcer o significado do termo. Essa é uma das principais razões por que eles não são aceitos em nenhum concílio de igrejas cristãs (Associação Nacional de Evangélicos, Concílio Nacional de Igrejas Cristãs, Concílio Mundial de Igrejas, Concílio Americano e Internacional de Igrejas, etc.). A doutrina mórmon de que o Pai é um homem comum é a raiz de seu politeísmo, e os leva a negar não apenas a Trindade divina revelada nas Escrituras, mas também a natureza imaterial de Deus, que é puramente Espírito. Em artigo na revista *Look*, eles afirmam que aceitam a trindade, mas, como já vimos, não é a Trindade cristã. Jesus ensinou que Deus, o Pai, não possui um corpo de carne e ossos (ver João 4.24 e comparar com Lucas 24.39). O apóstolo mórmon James Talmage explica esse ensino da igreja da seguinte maneira no livro *Regras de Fé*:

"A Igreja de Jesus Cristo proclama que o Deus incompreensível, 'sem corpo, partes ou paixões*', não pode existir, e afirma sua crença e fidelidade ao Deus vivo e verdadeiro das Escrituras e das revelações... Jesus Cristo é o Filho de Eloim tanto espiritual como corporalmente, isto é, Eloim é literalmente o Pai do espírito de Jesus Cristo e também do corpo com que Jesus cumpriu sua missão na carne... Jeová, que é

Jesus Cristo, o Filho de Eloim, é chamado 'o Pai'... No capítulo 4 de 'Jesus o Cristo' explica-se que Jesus Cristo, a quem também conhecemos por Jeová, foi o poder executivo de Eloim, o Pai, na obra da criação". (Pp. 52,423,424.)

Nessas esclarecedoras revelações, Talmage comete o erro de apresentar Eloim e Jeová como dois deuses distintos. Aparentemente, ele ignora o fato de que Eloim, "o deus maior", e Jeová Jesus, o "deus menor", gerado por Eloim — no hebraico são reunidos num nome composto, "Jeová, o Poderoso", ou simplesmente, "Jeová Deus", como se pode ver em qualquer concordância hebraica do Velho Testamento. (Senhor = Jeová; Deus = Eloim.) Mary Baker Eddy também cometeu o mesmo erro no glossário de seu livro *Science and Health With Key to the Scriptures* (Ciência e Saúde com chave bíblica). Ela também desconhecia o hebraico. Assim, ao cometer o mesmo erro gramatical, a Ciência Cristã e os mórmons se unem, embora seja bem provável que não estejam conscientes disso.

O argumento apresentado por Talmage de que "negar a materialidade da pessoa de Deus é negar a Deus; porque uma coisa sem partes não tem o todo e um corpo imaterial não pode existir" é um absurdo lógico e teológico. Basta que citemos os anjos que a Bíblia define como "espíritos ministra-dores" (Hb 1.14), que possuem "corpos" imateriais, constituídos de substância espiritual, e que sem dúvida alguma existem.

Outra contradição absurda dos mórmons é a que apresentam em sua doutrina da pré-existência da alma. Eles dão à alma um significado diferente do que encontramos no Velho e no Novo Testamentos, ensinando que ela não é imaterial, quando a Bíblia ensina claramente que ela o é. Quando o Senhor estava na cruz, disse: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". É claro que se tratava de algo imaterial. E o apóstolo Paulo, ao preparar-se para deixar este mundo e ir para as regiões celestes, deu a entender que seu verdadeiro eu espiritual (que certamente era imaterial, pois seu corpo morreria) estava desejoso de partir e estar com Cristo, o que era incomparavelmente melhor (Fp 1.21-23). Também Estêvão, ao morrer, entregou seu espírito (ou natureza imaterial) nas mãos do Pai dizendo: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito!" (At 7.59.) E há inúmeras outras passagens tanto no Velho como no Novo Testamento que ensinam que pode existir um "corpo imaterial", desde que seja constituído de uma substância espiritual como é o Deus Pai e o Espírito Santo, e como era Jesus enquanto Logos pré-encarnado (Jo 1.1; comparar com 1.14). Na verdade, em vez de afirmar sua "crença e fidelidade ao Deus vivo e verdadeiro das Escrituras e das revelações", como Talmage afirma, os mórmons atestam fidelidade é a um conceito politeísta, a um panteão de deuses junto aos quais pretendem viver, para lá gozar de uma eternidade poligâmica, aprimorando-se para chegar à condição de deuses. Nem nas fileiras da mitologia paga encontraremos uma estrutura semelhante à complexa rede que os mórmons criaram, e que disfarçam com uma terminologia cristã ortodoxa, como já demonstramos anteriormente. Quem estuda bem o Mormonismo não pode negar que a seita rejeita a doutrina cristã da Trindade. Depois de citar o credo niceno e a doutrina cristã da igreja primitiva, Talmage declara o seguinte em *Regras de Fé*: "Seria difícil conceber maior número de contradições e falta de concordância expressas em tão poucas palavras... A imaterialidade de Deus, como afirmado nestas declarações sectárias é inteiramente contrária às Escrituras e absolutamente contradita pelas revelações da pessoa e atributos de Deus..." (P- 51).

Depois de estudar centenas de livros sobre a doutrina mórmon, além de inúmeros panfletos sobre o assunto, posso afirmar com toda sinceridade que, nesses mais de dez anos em que venho pesquisando as seitas, tenho visto que, dentre todas elas, os que pior usam a terminologia, e têm mais desconsideração pelo contexto e mais abandonam os princípios acadêmicos de estudo são os teólogos mórmons em sua tentativa de parecer ortodoxos e ao mesmo tempo minar as bases do Cristianismo histórico. O emaranhado do seu complexo sistema politeísta leva o estudioso sincero a

questionar o sistema ético desses teólogos, e seus ostensivos esforços para reescrever a história, a teologia bíblica e as leis de interpretação bíblica para poderem dar base às doutrinas de Joseph Smith e Brigham Young. Sem medo de ser contestado, afirmo que os mórmons não passariam por um exame acurado, e nem iriam querer isso, a não ser que pudessem controlar os resultados, apelando à nossa "tolerância" e "mente aberta".

Certa vez quando eu estava discutindo a doutrina de Deus ensinada pelos mórmons com uma jovem que pensava em converter-se a essa seita, fiz o oferecimento de me retratar de tudo que digo neste capítulo e num outro livro [*Mormonism* (Mormonismo) — Zondervan Publishing House, 1958], se os élderes mórmons que a aconselhavam fizessem uma declaração por escrito no sentido de que eles e sua igreja rejeitavam o politeísmo aceitando o monoteísmo da tradição judaico-cristã. Foi um oferecimento sincero, feito na presença de testemunhas. E nos últimos vinte anos já fiz a mesma sugestão, centenas de vezes do púlpito, a milhares de ouvintes. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está bem ciente dela. Enquanto para os mais incautos eles deixam transparecer que são monoteístas, defendem sua tese politeísta para os iniciados. Como o camaleão, eles estão sempre mudando de cor para se adaptarem ao lugar onde se encontram.

Em seu clássico sobre o assunto, *Revelation in Mormonism* (Revelação no Mormonismo, 1932), G. B. Arbaugh documentou exaustivamente a progressão da doutrina mórmon, passando do unitarismo ao politeísmo. O estudo que ele realizou é de valor incalculável e tem estado à disposição de todos os teólogos interessados na questão há cerca de sessenta anos. E a Igreja Mórmon tem pleno conhecimento disso. Mas até hoje nenhum deles refutou as provas apresentadas por Arbaugh, nem as conclusões a que ele chegou. Aliás, sempre que alguém trata da origem dos seus "escritos sagrados", ou oferece provas palpáveis acerca da sua politeística distorção do evangelho de Jesus Cristo, eles caem na defensiva, o que é bastante significativo. É muito difícil escrever sobre a doutrina dos mórmons com brandura, quando se vê claramente que eles são tão enganosos na apresentação de informação e tão intransigentes ao condenar todas as outras religiões, exaltando a "restauração do evangelho" que, segundo eles, foi confiada a Joseph Smith. Entretanto, não podemos nunca confundir a doutrina com as pessoas, como fazem muitos. Em-

bora seja bíblico demonstrarmos hostilidade para com a doutrina, hostilizar a pessoa já não o é.

Continuando com nosso estudo, vamos considerar as palavras do apóstolo Orson Pratt, que, escrevendo em *The Steer* (O vidente), declarou o seguinte: "No céu, onde nossos espíritos nasceram, existem muitos Deuses, cada um com sua própria esposa ou esposas, que lhe foram dadas antes da sua redenção, quando ainda se encontravam em seu estado mortal". (R 37.) Nessa sentença, Pratt resume toda a hierarquia do politeísmo mórmon. E as citações que já apresentamos anteriormente, tiradas de uma abalizada fonte mórmon, corroboram essa afirmação de Pratt, não deixando margem para dúvida.

Os mórmons ensinam que no Velho Testamento várias pessoas viram a Deus "face a face" (Êx 33.9,11,23; 24.9-11; Is 6.1,5; Gn 5.24; 6.5-9; etc.). Mas pode-se refutar isso com base na linguagem e na ciência da análise comparativa de textos (hermenêutica). Do ponto de vista da lingüística, podemos refutar todos os textos citados pelos mórmons para provar que "Deus possui corpo físico que pode ser visto" com base na declaração expressa de Deus: "Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá". (Êx 33.20.)

No texto de Êxodo 33.11 (face a face), a expressão hebraica tem o sentido de "íntimo" e em nenhum sentido nega a afirmação do verso 20. Uma expressão semelhante é empregada em Deuteronômio 5.4, ao passo que em Gênesis 32.30 quem

feia é o anjo do Senhor, e não o próprio Jeová. O Velho Testamento está cheio de teofenias (manifestações de Deus em forma humana), ocasiões em que Deus falou ou se revelou em manifestação angélica. E todos os teólogos do Velho Testamento aceitam, quase sem ressalva, que os antropomorfismos (atribuição de características humanas a Deus) são a explicação lógica para muitos dos encontros de Deus com o homem. Mas dizer, como fazem os mórmons, e como ensinou o profeta Smith, que essas ocorrências comprovam que Deus possui um corpo de carne e osso, é, pelo que se vê, um argumento muito fraco, uma tentativa de se impingir o politeísmo a uma religião que é estritamente monoteísta.

Outro argumento importante para os mórmons são as expressões "o braço do Senhor", "a mão do Senhor", "os olhos do Senhor", "narinas", "boca", etc., que aparecem na Bíblia. Afirmam eles que tais palavras comprovam que Deus possui forma física. É que ignoram um fator extremamente importante: o de que no Velho Testamento era muito comum empregarem-se metáforas literárias. Se os mórmons quiserem de fato aplicar literalmente todas as metáforas para serem coerentes em sua interpretação bíblica, é provável que tenham muita dificuldade no Salmo 91 onde se diz que Deus nos cobrirá "com as suas penas, sob suas asas estarás seguro". Se o Senhor possui olhos, ouvidos, braços, mãos, narinas, boca, etc., então por que não teria também penas e asas? Os mórmons nunca conseguiram dar uma resposta satisfatória para essa questão, pois é óbvio que o emprego metafórico e antropomórfico desses termos com relação a Deus são artifícios literários para transmitir idéias sobre o relacionamento dele com o homem. Da mesma forma, figuras tais como penas e asas falam de seu cuidado e proteção àquele que "habita no esconderijo do Altíssimo, e descansa à sombra do Onipotente". Seria melhor que os mórmons fizessem um bom estudo do Velho e do Novo Testamentos, procurando os inúmeros termos neles empregados com sentido metafórico e, para serem coerentes, teriam de reconhecer que Jesus não era uma porta (Jo 10.9), nem um pastor (Jo 10.11), nem uma videira (Jo 15.1), nem um caminho (Jo 14.6), nem um pão (Jo 6.51), e outras figuras semelhantes, da mesma forma que a frase "nosso Deus é fogo consumidor" não indica que Jeová seria uma fornalha ou a boca de um vulcão.

Ao que parece, os próprios mórmons se sentem inseguros com relação ao emaranhado da estrutura politeísta revelado nos textos de Joseph Smith já citados. Ali ele diz que Cristo é o Pai e o Filho, mas mais adiante dá a entender que existe um mistério nisso e que só o Filho poderia explicar como ele podia ser o Pai e o Filho ao mesmo tempo. Depois, para complicar ainda mais o problema, ele diz que os dois são "personagens distintos", e finalmente povoa todo o universo com suas divindades politeístas e polígamas. Quem examinar atentamente os livros de Abraão e Moisés, contidos em *Pérola de Grande Valor* (que, dizem eles, foi "traduzido" por Smith), trechos de Éter, no *Livro de Mórmon*, dos livros *Doutrina e Convênios* e *Discursos de Brigham Young*, o dogma da pré-existência da alma, a natureza polígama dos deuses,

Lúcifer como irmão de Jesus, a hierarquia do céu ("telestial" terrestre e celestial, correspondendo respectivamente ao subsolo, quinquagésimo andar e torre de observação do Edifício Empire State em Nova Iorque), bem como as doutrinas da salvação universal, do milênio, da ressurreição, do juízo e castigo final, descobrirá um panorama que culmina com um paraíso polígamo de duração eterna. Assim é a doutrina de Deus que os mórmons pregam, ou melhor, a doutrina dos deuses, que supera a tudo que a mitologia paga já criou.

O Espírito Santo dos Mórmons

Depois de haver discutido a natureza e os atributos de Deus contrastando com a mitologia mórmon e seu panteão de divindades polígamas, resta-nos ver o que eles ensinam a respeito da terceira pessoa da Trindade, já que se dignam falar dele, como

"um personagem de Espírito".

E interessante observar que, no seu esforço de imitar o Cristianismo ortodoxo sempre que possível, eles descrevem o Espírito Santo nos seguintes termos:

"O termo Espírito Santo e seus sinônimos comuns, Espírito de Deus, Espírito do Senhor, ou simplesmente Espírito, Consolador e Espírito de Verdade, aparecem nas Escrituras com significados claramente distintos, referindo-se em alguns casos à pessoa de Deus, o Espírito Santo e em outros ao poder ou autoridade desse grande Personagem, ou aos meios pelos quais Ele age... O Espírito Santo, sem dúvida, possui poderes e afeições pessoais e esses atributos existem nele num grau perfeito. De maneira que Ele instrui e guia, testifica do Pai e do Filho, reprovava o pecado, fala, manda e comissiona... Estas não são expressões figurativas mas sim declarações claras dos atributos e características do Espírito Santo". (*Regras de Fé*, p. 151.)

Vamos relembrar aqui as palavras de Talmage, que escreveu *Regras de Fé* (como já mencionamos). Diz ele: "Diz-se, pois, que Deus está presente em todas as partes, porém isto não quer dizer que qualquer dos membros da Trindade possa em pessoa estar *fisicamente* em mais de um lugar por vez... Ao admitir a personalidade de Deus, vemo-nos obrigados a aceitar o fato de sua materialidade; na verdade, não pode existir um 'ser imaterial', nome sem sentido que alguns têm usado para designar a condição de Deus, porque a expressão mesma

é uma contradição de palavras. Se Deus tem forma, esta forma forçosamente deve ser de proporções determinadas e, portanto, de extensão limitada quanto ao espaço. É impossível que Ele possa ocupar mais de um espaço em tais limitações, ao mesmo tempo...". (Pp. 42,43.)

Se existe uma contradição na doutrina mórmon é essa. Talmage afirma que o Espírito Santo é "um personagem de Espírito" obviamente "um ser imaterial", e Deus. (Ver *Doutrina e Convênios* 20.28.) Portanto, não possui uma forma de natureza material, donde se conclui que não possui dimensões nem está limitado no espaço. Assim sendo pode ocupar mais de um lugar no espaço ao mesmo tempo. Isso se acha em contradição com o que Talmage afirma anteriormente no mesmo livro. Então, para os mórmons, "uma coisa sem partes não tem o todo e um corpo imaterial não pode existir" (*Regras de Fé*, p. 52). Entretanto, o Espírito Santo é "um personagem de espírito", um dos deuses dos mórmons, pelo que diz *Doutrina e Convênios*. E para culminar tudo, diz: "Ele é um ser imaterial que possui uma forma espiritual e proporções determinadas". Agora parece que aqui a doutrina mórmon se embaralha de vez, pois Talmage não concorda com Talmage, nem com *Doutrina e Convênios*. Eles são forçados a assumir a posição lógica de afirmar que Deus é matéria em um momento. Mas no momento seguinte, negam essa materialidade dele ao falar do Espírito Santo. Seria muito interessante ver como seus teólogos explicam essa contradição lógica e teológica.

O eminente teólogo mórmon Parley P. Pratt tornou ainda mais complicada a doutrina do Espírito Santo ensinada pela seita quando escreveu o seguinte: "Isso nos leva a estudar mais a fundo a substância que é chamada de Espírito Santo ou Luz de Cristo... Existe uma substância, fluído ou essência divina, chamada Espírito, extensamente difusa no meio desses elementos eternos... Esse elemento divino, ou Espírito, é o agente imediato, ativo ou controlador de todos os santos poderes miraculosos... A mais pura, mais refinada e mais sutil dessas substâncias é a que denominamos Espírito Santo, a menos compreendida, menos reconhecida por aqueles que têm pouco esclarecimento". (*Key to the Science of Theology*, pp. 45, 105, 46.)

Então, no pensamento de Pratt — que é uma voz oficial da doutrina mórmon, cujos escritos são veiculados em sua igreja, pois é considerado um representante e uma autoridade dela — o Espírito Santo é ao mesmo tempo uma substância, um fluído e uma pessoa. Mas não é isso que as Escrituras ensinam. Elas sempre retratam

Deus Espírito Santo, a Terceira Pessoa da Trindade, como um ser eterno, onipotente, onipresente e onisciente, que possui todos os atributos da Divindade e é um com o Pai e com o Filho em unidade de substância. Os mórmons se acham divididos, para não dizer pior, em sua doutrina do Espírito Santo, embora seja raro que Talmage corajosamente tenha feito uma tentativa de sintetizar o emaranhado de informações conflitantes e "revelações" deixadas por Smith, Young e os primeiros escritores mórmons em seus escritos. Mas por mais que ele se esforce, não consegue desfazer a confusão que há entre eles com relação a esse assunto, como podemos ver pelos dados seguintes.

Em *Doutrina e Convênios* 20.37, encontramos o seguinte: "Todos aqueles que se humilharem... e manifestam verdadeiramente por suas obras, que receberam o Espírito de Cristo para a remissão de seus pecados, serão recebidos por batismo na sua igreja".

Quem recebeu essa revelação foi o profeta Joseph Smith, que afirma que ela procede da sala do trono dos "deuses". E eles têm de crer nele a qualquer custo. Mas foi o mesmo Smith que traduziu o *Livro de Mórmons*, no qual se lê claramente o seguinte:

"Bem-aventurados serão os que... forem batizados, porque... serão remidos os seus pecados... Eis que o batismo é para o arrependimento, a fim de que se cumpram os mandamentos, para a remissão dos pecados". (3 Nefi 12.2; Moroni 8.11.)

Num texto, Smith disse que o batismo devia seguir o ato inicial — a remissão dos pecados. No outro, afirmou que o ato inicial — a remissão dos pecados — troca de posição e vem depois do batismo. E, segundo Talmage, "Deus concede o dom do Espírito Santo aos obedientes; e só confere este dom depois da fé, do arrependimento e do batismo na água. Os apóstolos da antigüidade prometiam o ministério do Espírito Santo somente àqueles que tinham recebido o batismo da água para remissão dos pecados" (*Regras de Fé*, p. 154).

E naturalmente logo surge a pergunta: quando é, então, que o Espírito Santo é concedido ao fiel? E indagamos: será que segundo a doutrina mórmon ele pode mesmo ser dado ao homem, já que não está bem definido se a remissão dos pecados precede o batismo ou se vem depois dele? Vemos aqui novamente como é confusa a doutrina do Espírito Santo para os mórmons.

E podemos continuar nossa análise da doutrina do Espírito Santo ensinada pelos mórmons. Vejamos principalmente o interessante capítulo do livro *Mórmon Doctrine* (Doutrina mórmon, Salt Lake City, 1888), de autoria do presidente Charles Penrose, onde ele se refere ao Espírito Santo empregando por mais de vinte vezes o pronome neutro *it**, referindo-se, portanto, a algo que não é uma pessoa. Contudo dentro do politeísta esquema mórmon ele é uma divindade. E Penrose encerra seu comentário dizendo o seguinte: "Assim como o batismo é o nascer da água, assim a confirmação é o nascimento ou batismo do Espírito. Ambos são necessários para se entrar no Reino de Deus... Quem possui o Espírito Santo é infinitamente rico. Aqueles que o recebem podem perdê-lo, e depois que o perdem são os mais pobres dentre os homens. Mas existem vários graus de posse. Muitos dos que o obtêm caminham na luz dele de forma limitada. Entretanto há uns poucos que ouvem os sussurros dele e, por sua mediação, chegam a ter comunhão direta com seres celestiais da mais elevada ordem. Para esses, a luz do Espírito vai-se tornando mais e mais clara a cada dia que passa". (Pp. 18,19.)

Então o Mormonismo, com toda a sua complexidade, e por não estar em conformidade com a revelação da Palavra de Deus, na verdade, está sempre contradizendo a Bíblia. Em vez de falar num Deus que é pura substância espiritual (Jo 4.24), eles apresentam um Deus de carne e osso e um panteão de deuses em estágios infinitos de desenvolvimento. Para eles, Deus se acha encerrado dentro de um

molde estreito, racionalista e materialista, Para eles, Deus não pode ser um ser incompreensível, embora as Escrituras ensinem que em muitos aspectos ele o é. "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos." (Is 55.8,9.) Os teólogos mórmons tornam complicadas e confusas as afirmações simples das Escrituras com o objetivo de obter base para o ensino politeístico de Joseph Smith e Brigham Young. Portanto, está óbvio que o Deus da Bíblia não é o mesmo "deus" dos mórmons, o "Adão-deus" de Brigham Young e a divindade de carne e osso de Joseph Smith. Por sua natureza, todas as religiões teístas e monoteístas acham-se em oposição ao politeísmo dos mórmons. E o Cristianismo, em particular, repudia todos os esforços dessa seita para se passar por "ministros de justiça" (2 Co 11.15), reconhecendo-os como falsos e enganosos.

*Em inglês, o pronome *it* é usado para designar objetos inanimados, em vez de *he* ou *she* {*ele* ou *ela* , em português). Por isso o autor comenta que ao empregar *ir* com referência ao Espírito Santo, o escritor mórmon nega que ele seja uma pessoa. N. da T.

O Nascimento Virginal de Cristo

Uma das principais doutrinas bíblicas, que se acha singularmente associada à suprema manifestação terrena do Deus eterno, é a do nascimento virginal de Cristo. Num certo sentido, essa doutrina acha-se indissolúvelmente ligada à da en-carnação, já que é o meio pelo qual Deus resolveu manifestar-se ao mundo. Vários textos da Bíblia ensinam que Deus se revestiu da figura humana na manjedoura de Belém. E os cristãos de todas as gerações têm reverenciado esse mistério que foi predito pelo profeta Isaías:

"Portanto o Senhor mesmo vos dará sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel". (Is 7.14.)

"Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz". (Is 9.6.)

O apóstolo Paulo refere-se à divindade do Senhor Jesus inúmeras vezes, declarando que "nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Cl 2.9).

Todas as tentativas para depreciar ou negar o nascimento virginal de Cristo, como as que têm sido feitas por alguns teólogos liberais com grande empenho, acabaram fracassando. Isso se dá porque as narrativas simples desse importante evento, que encontramos em Mateus e Lucas, resistem às teorias de reconstrução retrospectiva formuladas por esses críticos.

Algumas pessoas assumem uma posição de meio termo com relação a essa doutrina. Apontam a questão biológica como sendo essencial. Afirmam que Mateus e Lucas, que tiveram contato pessoal com as testemunhas diretas do fato (Maria, José, Isabel, etc), não criam de fato no que haviam escrito. O que fizeram foi simplesmente atribuir a Cristo uma concepção sobrenatural para dar mais glória à sua personalidade. Mas apesar desses conceitos anti-bíblicos adotados pelos liberais e pelos chamados "neo-ortodoxos" serem abomináveis, eles não se assemelham ao conceito da doutrina do nascimento virginal de Cristo elaborado pelo profeta mórmon Brigham Young. O ensino mórmon sobre essa doutrina baseia-se diretamente nos pronunciamentos de Brigham Young. E como já vimos anteriormente, ele e Joseph Smith são as maiores autoridades do Mormonismo.

Então vejamos o que diz Brigham Young acerca da doutrina do nascimento

virginal de Jesus: "Quando a virgem Maria concebeu o menino Jesus, o Pai o havia gerado à sua semelhança. Ele *não* foi gerado pelo Espírito Santo. E quem era o Pai? Ele é o primeiro ser da família humana, e quando assumiu um tabernáculo (corpo), este foi gerado por seu Pai no céu, da mesma forma que os tabernáculos de Caim, Abel e dos outros filhos e filhas de Adão e Eva. Dos frutos da terra, os primeiros tabernáculos terrenos foram criados pelo Pai, e assim por diante, sucessivamente... Jesus, nosso irmão mais velho, foi gerado na carne pelo mesmo indivíduo que se achava no jardim do Éden e que é nosso Pai celestial". (*Journal of Discourses*, vol. I, pp. 50, 51.)

Para entendermos melhor o que o "profeta" Young está dizendo, vamos considerar outro de seus pronunciamentos encontrado no mesmo contexto:

"Quando nosso pai Adão entrou no jardim do Éden, vinha em corpo celestial, e trouxe consigo Eva, *uma de suas esposas...* Ele é *nosso Foi e Deus, o único Deus com quem temos de tratar*".

Como já vimos ao analisar a doutrina de Deus esposada pelos mórmons, eles ensinam que o politeísmo é a ordem divina. A pedra angular da doutrina deles é a crença em muitos deuses, que aliás são polígamos. Parley Pratt, um dos principais escritores da seita, cujos livros são recomendados pelas suas editoras como exemplos da sua posição teológica, também escreve a respeito dessa doutrina. Diz ele:

"Cada um desses Deuses, inclusive Jesus Cristo e seu Pai, que possuem não apenas um espírito organizado mas também um glorioso corpo imortal de carne e osso..." (*Key to the Science of Theology*, ed. 1966, p. 44.)

Além da questão dessa visão politeísta, existe o fato de que muitas outras autoridades mórmons ensinam a concepção sexual de Jesus proposta por Young e outros. O apóstolo James Talmage diz o seguinte em *Regras de Fé*:

"...a singular condição dele (Cristo), com um corpo de carne, como filho de uma mulher mortal (Maria) e de Pai imortal, ou ressurreto e glorificado (Eloim)". (P. 473, ed. 1974, em inglês.)

Portanto, Brigham Young ensinou, sim, essa doutrina an-tibíblica, falando sobre ela abertamente em mais de um texto, como está registrado no *Journal of Discourses*, vol. 8, p. 67; vol. 4, pp. 216, 218; vol. 10, p. 192; vol. 13, p. 145; vol. 9, p. 291; vol. 3, p. 365; vol. 4, p. 27.

"Quando chegou a ocasião em que o Primogênito, o Salvador, deveria vir a este mundo e assumir um tabernáculo, o próprio Pai veio pessoalmente e favoreceu aquele Espírito com um, ao invés de permitir que qualquer *outro* homem o fizesse." (*Discursos de Brigham Young*, p. 50.)

Nos textos acima, vemos claramente o politeísmo crasso ensinado pelos mórmons. E não há como camuflar o que Young está dizendo quando se refere ao Pai como um "homem" glorificado, ressurreto. A expressão "qualquer outro homem" derruba todos os esforços dos apologistas mórmons para defender Young e desmascara seu ensino revelando-o como anticristão.

Estamos vendo, portanto, que o ensinamento da seita com relação ao nascimento do Senhor Jesus é uma abominável distorção da revelação bíblica, criada para harmonizar-se com o dogma deles sobre o deus de carne e osso. Para os mórmons, como declara uma de suas maiores autoridades, nosso Salvador foi gerado, não por um ato direto do Espírito Santo, mas por uma relação sexual entre um "Pai imortal ou ressurreto e glorificado" e Maria — uma idéia blasfema que pode ser comparada às terríveis concepções da mitologia grega, em que os deuses geravam filhos humanos por meio de relações físicas com algumas mulheres escolhidas.

E Brigham Young ainda declara: "Ele (Cristo) *não* foi gerado pelo Espírito Santo... Jesus, nosso irmão mais velho, foi gerado na carne pelo mesmo indivíduo que se achava no jardim do Éden e que é nosso Pai celestial". (*Journal of Discourses*, vol. 1,

pp. 50, 51.) Não há a menor dúvida de que aí ele se refere à doutrina do Adão-deus, por mais que os seus defensores hoje tentem negar que ele a tenha ensinado. As palavras estão muito claras» e é fácil demonstrar isso com comparações de referências. É evidente que ele nega que Jesus foi gerado pelo Espírito Santo, como qualquer um pode perceber.

Contudo a liderança da Igreja Mórmon, embora aceite a doutrina exatamente como Young a enunciou, é muito cautelosa ao ensiná-la a um "gentio" (aquele que não é mórmon), só permitindo que ele entenda todas as implicações desse ensino depois que se achar fortemente inclinado a aceitar as influências da seita. Percebemos isso pelo fato de que, na revista *Look*,²² num artigo que depois é transcrito no livro de Leo Rosten *A Guide to the Religions of America* (Guia das religiões da América, 1963, pp. 131-141), eles apelam para subterfúgios semânticos a fim de não apresentar essa sua postura ao público em geral.

No livro citado, levantou-se a pergunta: "Os mórmons crêem no nascimento virginal de Jesus?" (P. 134.) E a resposta é dada por um porta-voz deles, um alto membro da hierarquia mórmon: "Sim. Os Santos dos Últimos Dias aceitam a crença na concepção miraculosa de Jesus, o Cristo".

É claro que se esse porta-voz deles, o apóstolo Richard L. Evans, tivesse exposto a doutrina de Brigham Young do modo como tem sido ensinada pela igreja e aparece em suas publicações oficiais, até mesmo os cristãos nominais teriam ficado chocados e fariam algum comentário adverso. E o que a Igreja Mórmon menos deseja é propaganda negativa. Aliás, eles até possuem uma assessoria de relações públicas para evitar tais constrangimentos. Por isso Evans recorreu a uma impropriedade semântica para dar a impressão de que sua religião é "ortodoxa"*, o que ela não é.

Segundo a revelação bíblica do nascimento de Cristo, o Senhor foi concebido por um ato direto do Deus Espírito Santo, sem qualquer interferência humana. A Bíblia declara expressamente que a concepção ocorreu quando Maria estava "desposada com José, sem que tivessem antes coabitado". Portanto, o texto de Mateus: "Achou-se grávida pelo Espírito Santo" (1.18) contradiz taxativamente e de forma clara o ensino de Brigham Young. E o anjo Gabriel, que apareceu a José com a finalidade de tranquilizá-lo, dando-lhe certeza de que a concepção de Cristo era de origem divina, reafirma o fato dizendo: "Porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo". (V. 20.)

Também Lucas, o médico amado, ao falar do nascimento virginal, descreve a revelação sobre o modo como o Senhor foi concebido em termos que não deixam dúvida: "Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus". (Lc 1.35.)

Alguns defensores da ideologia mórmon tentam usar a frase "o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra" para dizer que isso significa que ela concebeu numa relação com o deus mórmon. Isso provaria que Brigham Young falou a verdade. Mas como veremos pelo relato de Mateus, essa argumentação é impossível e nem merece que continuemos a refutá-la.

É verdade que a natureza do nascimento virginal de Cristo tem provocado muitos debates. Mas o ensino cristão sempre foi uma aceitação literal do evento como se acha registrado nos primeiros capítulos dos evangelhos de Mateus e Lucas. É bom observar que até mesmo os teólogos liberais e neo-ortodoxos repudiam os conceitos grosseiramente pagãos e politeístas enunciados por Young e incorporados à doutrina mórmon.

Vamos repetir as negativas do "profeta" Young: "Ele (Jesus) não foi gerado pelo Espírito Santo... Jesus, nosso irmão mais velho, foi gerado na carne pelo mesmo indivíduo que se achava no jardim do Éden e que é nosso Pai celestial". Isso se opõe frontalmente ao firme testemunho das Escrituras, que dizem:

"Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo. Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. Enquanto ponderava nestas cousas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo". (Mt 1.18-20.)

Não há dúvida, portanto, de que a Igreja Mórmon hoje acha-se em apuros com seu odioso ensino sobre a concepção de Jesus. Alguns mórmons com quem temos conversado repudiam violentamente esse ensino, afirmando que Brigham Young nunca pregou tal coisa. Mas quando lhes mostramos os textos do *Journal of Discourses* do profeta, bem como citações de publicações da seita nos anos de 1854 a 1878, são obrigados a confessar que, sob a liderança de Young, a igreja ensinava isso. Então, temerosos de ter de comparecer perante um "tribunal" da igreja acusados de não reconhecerem a autoridade profética de Young, eles o admitem com certa relutância, ou então silenciam.

B. H. Roberts, escritor e historiador mórmon, escrevendo no *Desert News* (23 de julho de 1921, seção 4, p. 7), chegou a negar que a Igreja Mórmon ensinasse a doutrina do Adão-deus ou do nascimento virginal de Cristo enunciado por Young. Respondendo a uma acusação da Igreja Presbiteriana no sentido de que "a Igreja Mórmon ensina que Adão é Deus... e que Jesus é filho dele por um processo natural de geração", ele afirma:

"Na verdade, a Igreja Mórmon não ensina essa doutrina. Alguns dos seus adeptos adotaram essa tese, sendo que alguns deles gozam de certa proeminência nos concílios... *É possível* que Brigham Young e outros tenham ensinado essa doutrina, mas a igreja nunca a aceitou como sua doutrina".

O problema dessa afirmação de Roberts é que, primeiro, ele não se achava autorizado a falar pela igreja e, segundo, acha-se em conflito direto com os ensinamentos dela na questão da autoridade profética, para não citar as *Regras de Fé*, de Talmage, já mencionadas. Além disso, emprega termos abrandados quando diz que **é possível* que Brigham Young e outros tenham ensinado essa doutrina", mas como já vimos, Young *ensinou, sim*, a doutrina; e de acordo com a fé mórmon, ele

era profeta de Deus, assim como Joseph Smith, e profeta da mesma categoria que Jeremias, Ezequiel e Daniel. Portanto, se ele ensinou a doutrina, e principalmente se ele a expôs na Convenção Geral semestral da igreja, então é, por definição, uma doutrina da igreja. Isso só é contestado por desinformados estudiosos do Mormonismo.

Achamos que precisa ficar bem documentado que a Igreja Mórmon aceita como doutrina sua tudo que Joseph Smith e Brigham Young disseram, para que o leitor tome conhecimento do péssimo hábito que eles têm de alterar o sentido dos termos e moderar declarações com a finalidade de não revelar claramente o que ensinam.

Damos a seguir uma citação de *The Latter Day Saints Biographical Encyclopedia* (Enciclopédia biográfica dos Santos dos Últimos Dias, 5 de janeiro de 1901, n.º 1, vol. 1), uma publicação oficial da Igreja Mórmon, na qual se pode ver a autoridade de Brigham Young e sua elevada posição na seita. À luz dessas palavras e de outros textos da seita, fica difícil acreditar que uma doutrina dele possa ser rejeitada pelos mórmons, o que, aliás, na verdade, *não acontece*.

"Numa revelação recebida pelo Profeta Joseph Smith em 19 de janeiro de 1841, o Senhor diz: "Dou-lhes o meu servo Brigham Young para ser presidente do Conselho Itinerante dos Doze, os quais detêm as chaves para abrir a autoridade do meu reino nos quatro cantos da terra e depois disso, levar minha palavra a toda criatura.

"O Conselho dos Doze é o segundo em autoridade, vindo logo abaixo da Presidência da igreja. No caso de morrer o Profeta, os Doze passarão a comandar a

igreja, tendo à frente o presidente deles. E foi assim que Brigham Young chegou à liderança da igreja, pois foi o homem designado por Deus para suceder ao Profeta Joseph Smith... Quando se confirmou que os Doze constituiriam a autoridade máxima da igreja, Brigham Young se levantou para falar. E ali, na presença da multidão, ele se transfigurou pelo espírito e poder de Deus, de modo que sua figura, tamanho, semblante e voz ficaram parecidos com os do Profeta martirizado. Até mesmo os que não eram membros do grupo foram tomados de grande admiração, e ficaram na expectativa de ver e ouvir o Vidente falecido. A partir daquele momento, todas as dúvidas e incertezas foram varridas do coração dos fiéis, que passaram a ter certeza de que o manto de Joseph Smith caíra sobre os ombros de Brigham Young. Depois que Joseph e Hyrum foram mortos pela causa, a perseguição não parou. Os profetas foram assassinados, mas a verdade não morreu. O homem que fora o cabeça da igreja foi levado, mas a autoridade que ele detinha foi transferida para outros... Durante os trinta anos em que ele administrou a igreja como seu Presidente, fez diversas viagens, sempre acompanhado de seus colegas de Sacerdócio... Embora não tivesse proferido muitas profecias, edificou fielmente sobre as bases lançadas pelo Profeta Smith. Todos os seus atos e orientações foram proféticos, como os eventos posteriores o demonstraram amplamente. Ele foi Profeta, estadista, pioneiro e colonizador." (Pp. 11, 13, 14.)

Se o leitor desejar mais informações para suplementar esse minucioso relato que comprova a autoridade de Brigham Young e sua posição como enunciador de doutrinas, encontrará inúmeras declarações acerca da forma de governo da Igreja Mórmon nas publicações deles. Todas elas dão indicação de que os sucessivos primeiros presidentes da seita "vestem" o "manto profético" de Joseph Smith e Brigham Young. Também eles são considerados profetas de Deus, como o foram Joseph e Brigham.

Depois de analisarmos todos os fatos, as evidências que temos em mãos revelam duas coisas que os escritores da seita ainda não explicaram satisfatoriamente. A primeira é que a Igreja Mórmon ensina que o cargo de profeta confere a quem o detém autoridade absoluta. E a segunda é que Brigham Young é considerado o *segundo* grande nome na sua linha profética. Portanto, quando lemos as afirmações dele acerca da natureza divina e do nascimento virginal do Senhor, e notamos as evasivas dos mórmons, bem como o fato de que nunca fizeram uma negativa clara, de cunho oficial, não é difícil concluir qual é na verdade o pensamento deles sobre o assunto. E o crente que preza a revelação de Deus a respeito da natureza do nascimento de seu Filho não vê possibilidade de ter comunhão com os mórmons, que acatam os ensinamentos de seu profeta. Desse modo, sempre que um deles falar na "concepção miraculosa de Jesus, o Cristo", devemos lembrar o que eles querem dizer com isso. Essa frase não pode ser vista como equivalente à do Novo Testamento, onde Deus falou o seguinte: "Porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo". (Mt 1.20.)

Salvação e Juízo Final

A salvação pessoal é uma das mais importantes doutrinas do Mormonismo. E como o Cristianismo é o evangelho ou a "boa nova" de que Deus opera a redenção do homem em Cristo, é inevitável que os dois cheguem a um confronto.

Segundo a doutrina mórmon, para a salvação é preciso não apenas fé em Cristo, mas também o batismo por imersão, a observância dos ensinamentos dessa igreja, a prática de boas obras e "a guarda dos mandamentos de Deus (que) purificará a mancha do pecado" (*Journal of Discourses*, vol. 2, p. 4). Ao que parece, Brigham ignorava a afirmação bíblica de que "sem derramamento de sangue não há remissão [de pecado]" (Hb 9.22).

Vemos, então, que a doutrina mórmon da salvação acha-se em oposição à

revelação do Novo Testamento de que a justificação é pela fé e a redenção ocorre unicamente pela graça mediante a fé em Cristo (Ef 2.8-10).

Brigham Young, uma autoridade da seita mórmon sob qualquer ponto de vista, rejeitou a doutrina cristã da salvação, segundo a qual, qualquer pessoa, a qualquer momento, mesmo na undécima hora, pode arrepender-se de seus pecados e receber o perdão e a vida eterna. Ele escreveu o seguinte:

"Dizem as nossas velhas tradições que se um homem culpado de atos sanguinários e brutais se arrepender no momento de sua execução, pode ter a salvação. E naquele instante ouvirá alguém dizer: 'Graças a Deus! Ele foi para o céu, para ser coroado na glória, pelos méritos de nosso Redentor, Cristo, o Senhor/ Isso é um absurdo! Tal indivíduo nunca verá o céu'. (*Journal of Discourses*, vol. 8, p. 61.)

O problema é que o profeta Young também não explica então as palavras que o Senhor Jesus Cristo, na cruz, dirigiu ao ladrão que estava ao seu lado, e que no último momento arrependeu-se de seus pecados, dizendo: "Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino". (Lc 23.42.) E a resposta que Jesus lhe deu não deixa margens a dúvidas: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso". (Lc 23.43.)

Outro texto que Brigham Young ignorou foi a parábola dos trabalhadores na vinha (Mt 20.1-16), onde Cristo ensina que Deus concorda em dar a todos os que o servirem a mesma herança, isto é, a vida eterna. É provável que ele fosse um dos que "murmuravam contra o dono da casa, dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo os igualaste a nós que suportamos a fadiga e o calor do dia" (w. 11, 12).

Mas a resposta que o Senhor dá é clara, límpida: "Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu, e vai-te; pois quero dar a este último, tanto quanto a ti. Porventura não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?" (Vv. 13-15.)

Está claro que o Senhor estava ensinando que o "salário base" — para usar uma terminologia moderna — de todos os trabalhadores do reino é o mesmo, isto é, a redenção eterna. Mas as dimensões e conteúdo do galardão serão diferentes de acordo com os serviços prestados. Portanto, quem busca em Cristo a salvação, recebe-a, seja na primeira ou na undécima hora. Dizem as Escrituras que o "dom gratuito de Deus é a vida eterna". E embora um crente possa obter galardões pelo seu serviço a Deus, na medida em que se entrega ao poder do Espírito Santo e dá frutos para o Senhor, Deus não faz acepção de pessoas. Ele dispensa sua salvação igualmente a todos os que o buscam.

Segundo os mórmons, os deuses que criaram esta terra dispuseram que Adão, que iria tornar-se o governante dela, e sua esposa, Eva, estivessem destinados a pecar para que a raça humana que hoje a povoa pudesse ser gerada e eventualmente chegasse a alcançar a divindade. Então, a "queda" do homem, no Éden, foi na verdade o meio "pelo qual Adão e Eva se tornaram mortais e puderam gerar filhos mortais" (*A Rational Theology* — Uma teologia racional, de J. Widstoe, Deseret Publishing Company, p. 47).

Como os mórmons crêem na pré-existência da alma, crêem também que essas almas têm de assumir a forma humana já que é necessário que lhes seja dado um corpo para terem poder e alegria. Essa idéia foi uma das primeiras explicações que deram para justificar a poligamia, que acelerava a geração de corpos para as almas filhas da galáxia de deuses inventada por Joseph Smith. Lendo atentamente o *Livro de Abraão*, verificamos que os deuses deliberaram que a vida neste planeta teria por objetivo disciplinar seus filhos espirituais e ao mesmo tempo dar-lhes oportunidade de se reproduzirem e eventualmente chegar à condição de deuses e possuir seu reino pessoal e individual.

Segundo a revelação mórmon, o local onde esses planos foram concebidos foi uma grande estrela, de nome Kolob. E os estudiosos do Mormonismo não se surpreendem ao descobrir que Lúcifer, que era um espírito irmão de Jesus antes da sua encarnação, caiu do céu por causa da inveja. Cristo fora indicado pelos deuses para ser o redentor da raça humana que iria cair, em decorrência do pecado de Adão, e Lúcifer aspirava a essa posição. Daí seu antagonismo para com Cristo. E sobre isso existe até um texto em que Lúcifer diz: "Eis-me aqui, manda-me e serei Teu filho e redimirei a humanidade toda, de modo que nem uma só alma se perderá, e sem dúvida, o farei; portanto, dá-me a Tua honra". (*Livro de Moisés*, capítulo 4, que se encontra em *Pérola de Grande Valor*, onde estão registrados todos esses eventos, inclusive a queda de Satanás e a fundação do Jardim do Éden (cap. 6), que, pelo que Joseph Smith afirma em outro lugar, estava localizado em Missouri, Estados Unidos, e não na Mesopotâmia!)

No *Livro de Moisés* acha-se registrado também que Caim, o primeiro assassino, foi o genitor da raça negra. Diz lá que ele se tornou negro em consequência da maldição divina. Com base nessa tese, durante muitos anos os mórmons evitaram criar trabalhos missionários entre povos dessa raça. Eles crêem que as almas pré-existentes que não se mostraram muito valentes na luta entre Cristo e Satanás, que foi travada no céu, foram punidas, recebendo um corpo negro em sua vida mortal. Até 1978, não se podia conceder aos negros as "bênçãos*" e "privilégios" do sacerdócio. Mas depois houve uma revelação de conveniência, segundo a qual eles poderiam ter pleno acesso a essas glórias. Desse modo, habilidosamente removeram o último dos grandes obstáculos que havia para começarem a "evangelizar" a África e o restante do mundo livre.

Quanto aos índios, que segundo o *Livro de Mórmon* são descendentes dos ímpios lamanitas, ensinam os mórmons que eles têm a pele morena como castigo do seu deus pelos erros de seus antepassados. Portanto, está bem claro que o Mormonismo possui uma vergonhosa história, com doutrinas e práticas que pregam a supremacia da raça branca.

A doutrina da salvação esposada pelos mórmons contém esses e outros ensinamentos interessantes. Mas é importante que vejamos também o que eles dizem a respeito do seu redentor.

Essa é outra das principais áreas em que eles divergem muito do Cristianismo histórico.

A Doutrina do Salvador

O registro bíblico acerca do Salvador do mundo, o Senhor Jesus Cristo, é bem conhecido de todos os que estudam as Escrituras. Segundo a teologia cristã, existe apenas um Deus (Dt 6.4; 1 Co 8.4-6) e Jesus Cristo é o Verbo eterno que se fez carne (Jo 1.1 e 1.14). Ao ser recebida pelos filhos dos homens, a segunda Pessoa da Trindade capacita-os a se tornarem filhos de Deus (Jo 1.12). E as Escrituras ensinam que isso ocorre com base no favor imerecido de Deus e no seu grande amor para com a raça perdida.

O Senhor Jesus ofereceu um sacrifício eterno pelos pecados humanos, e a salvação não é obtida por meio das obras da lei nem por qualquer outro esforço humano (Gl 2.16; Ef 2.9), mas unicamente pela graça divina, mediante a fé (Ef 2.8). O Salvador revelado no Novo Testamento existia eternamente como Deus. Viveu uma vida santa, imaculada e sem pecado, à parte dos pecadores, e "não conheceu pecado". Foi um "homem de dores e que sabe o que é padecer", o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29).

O Salvador de que falam os mórmons é muito diferente, como revelam suas publicações oficiais. Não é a segunda Pessoa da Trindade, pois, como já vimos, eles

rejeitam essa doutrina cristã. Ele não chega nem a ser parecido com o Salvador do Novo Testamento. De acordo com o ensino mórmon, Cristo, em sua existência anterior à encarnação, era um espírito irmão do diabo (como é mencionado em *Pérola de Grande Valor*, Moisés 4.1-4, e depois confirmado por Brigham Young em *Journal of Discourses*, vol. 13, p. 282), e ainda celebrou seu próprio casamento com as "Marias e Marta, de modo que pôde ver seus descendentes antes de ser crucificado" (apóstolo Orson Hyde, *Journal of Discourses*, vol. 4, pp. 259, 260). E como já mencionamos anteriormente, basta vermos o ensino mórmon sobre o nascimento virginal de Cristo para percebermos o quanto o Jesus deles é diferente do Cristo revelado na Bíblia.

Além desse sórdido ensino, Brigham Young afirmou taxativamente que o sacrifício realizado por Jesus Cristo na cruz, em que derramou seu próprio sangue, foi insuficiente para a purificação de certos pecados. Em seguida ele ensina a doutrina da "expição pelo sangue", hoje suprimida pela igreja, mas que nunca foi oficialmente repudiada.

Para se compreender melhor a limitação que Young atribui ao poder purificador do sangue de Cristo, vamos citar suas palavras:

"Suponhamos que um homem encontre sua esposa na cama com seu próprio irmão e traspasse os dois com uma lança. Esse homem seria justificado e os dois teriam com isso expiado seus pecados, sendo recebidos no reino de Deus. Se fosse eu, nesse caso, faria exatamente isso. Por mais que eu amasse minha esposa, numa circunstância dessas, eu enfiaria uma lança no coração dela, e estaria com as mãos limpas...

"Qualquer homem ou mulher que violar as alianças feitas com seu Deus terá de pagar o débito. O sangue de Cristo nunca apagará esse erro. O indivíduo tem de expiá-lo com seu próprio sangue. Mais cedo ou mais tarde lhe sobrevirão os castigos do Todo-Poderoso e cada um terá de fazer expiação pelas suas alianças... Todos os homens amam a si mesmos, e, se todos conhecessem esses princípios, de bom grado derramariam seu próprio sangue... Eu poderia citar inúmeros casos de homens que foram mortos legitimamente, para expiação de seus pecados... Isto é amar ao próximo como a si mesmo; se ele precisa de auxílio, ajude-o; e se ele quiser ser salvo e for necessário derramar seu sangue na terra para que ele possa ser salvo, derrame-o." (*Journal of Discourses*, vol. III, p. 247, e vol. IV, pp. 219, 220.) Nessa citação, Brigham nega de forma tão clara que o sacrifício expiatório de Cristo tenha sido suficiente e eficiente, que os mórmons tiveram que arranjar uma "explicação" para definir o que ele realmente quis dizer. Argumentam eles que "Brigham Young só quis dizer que os criminosos são executados para expiar seus crimes".

Entretanto, eles deixam de lado qualquer explicação para o fato de que não é disso que Young está falando. O que ele diz realmente é que o que o sangue de Cristo não poderia purificar, o do próprio homem purifica. Isso significa que em alguns casos, o sacrifício humano — que Brigham afirma ter ocorrido e com a aprovação dele — teve uma eficácia que o sangue de Cristo não teve.

Os mórmons não aceitam a doutrina bíblica de que a expiação efetuada por Cristo é suficiente, como diz o apóstolo

João: "O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo 1.7), pois ela revela a verdade bíblica contradizendo as palavras de Young.

Pelo ensino da Bíblia, não há nenhuma dúvida de que é em Jesus Cristo que nós temos a redenção e que seu sangue é o meio pelo qual nossa consciência é purificada (Hb 9.14) e nós somos libertos de nossos pecados (Ap 1.5). Ele é o fundamento de nossa justificação (Rm 5.9).

O Cristo dos mórmons não pode salvar ninguém pois, como diz o apóstolo Paulo, é "outro Jesus", tema de um "evangelho diferente", e que dá origem a um "espírito diferente", cujo precursor (o mensageiro angélico, Moroni) foi previsto pelo

apóstolo (Gl 1.8,9). E juntamente com toda essa revelação ele deve ser considerado "anátema", ou literalmente "amaldiçoado" por Deus.

É possível que algumas pessoas tenham dificuldade em compreender um conceito que de fato é incrível, mas o Mormonismo se encaixa perfeitamente nas descrições dadas pela palavra de Deus. O maior dos apóstolos, em sua segunda carta aos coríntios, após mencionar um falso Jesus, um evangelho e um espírito diferentes, afirma que tais coisas não devem surpreender a igreja cristã:

"Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras". (2 Co 11.13-15.)

Na verdade, trata-se de uma linguagem muito dura, mas foi a escolhida pelo próprio Deus, e quem quiser levar a sério as revelações das Escrituras e a autoridade apostólica não pode ignorá-la.

O Mormonismo, então, com seus apóstolos, sacerdócio, templos, sinais secretos, símbolos, apertos de mão e mistérios, mascara-se como a "igreja restaurada". Mas em seu âmago, em seu ensino acerca do Messias, ele se mostra contrário a todos os principais ensinamentos da Bíblia.

Salvação Pela Graça?

É muito comum encontrar-se nas publicações mórmons a seguinte afirmação: "Todos os homens são salvos pela graça somente, sem nenhuma atuação de sua parte". É feto que essa frase parece perfeitamente ortodoxa, mas se quisermos saber exatamente o que eles querem dizer, precisamos estudar *todas* as afirmações deles com relação a essa doutrina.

Em uma de suas publicações oficiais (*What the Mormons Think of Christ* — O que os mórmons pensam de Cristo, de B- R. McConkie), eles dão sua própria interpretação:

"A graça é simplesmente a misericórdia, o amor e a condescendência de Deus para com seus filhos, em decorrência da qual ele ordenou o plano de salvação para que eles possam estar capacitados a progredir e se tomar iguais a ele... Todos os homens são salvos pela graça somente, sem nenhuma atuação de sua parte, o que significa que são ressurretos e se tornam imortais devido ao sacrifício expiatório de Cristo... Além de serem remidos da morte, todos os homens, pela graça de Deus, têm a capacidade de obter a vida eterna. Isso se chama salvação pela graça, aliada à obediência às leis e às ordenanças do evangelho.

"Por isso, Nefi foi inspirado a escrever: "Trabalhamos diligentemente para as escrever, afim de persuadir nossos filhos e nossos irmãos a acreditarem em Cristo e a se reconciliarem com Deus; pois sabemos que é pela graça que somos salvos, depois de tudo o que pudermos fazer".

"Os cristãos estão sempre falando do sangue de Cristo e do seu poder para purificar. Contudo, grande parte do que se crê e se ensina a esse respeito é um absurdo tão grande e obviamente tão falso que quem crer nisso perde a salvação. Muitos, por exemplo, chegam a ponto de crer ou pelo menos alegar que se confessarmos a Cristo com os lábios e afirmarmos que o aceitamos como nosso Salvador pessoal, seremos salvos. Dizem eles que, pelo sangue dele, sem qualquer outro ato de nossa parte, além da fé, somos purificados... E por último, em nossos dias, ele disse claramente: "Meu sangue não os purificará se eles não me ouvirem"... No reino de Deus, a salvação nos é oferecida por causa do sangue expiatório de Cristo. Mas ela só pode ser recebida se houver fé, arrependimento, batismo e perseverança até o fim em guardar os mandamentos de Deus". (Pp. 27-33.)

O texto que acabamos de citar é um exemplo clássico do que se pode chamar de

ambigüidade teológica. Num primeiro momento, ele diz que o princípio básico para a salvação é a graça divina. Mas logo em seguida afirma que ela deve estar "aliada à obediência às leis e às ordenanças do evangelho".

E conclui dizendo que confessar a Cristo e aceitá-lo como Salvador pessoal é "um absurdo tão grande e obviamente tão falso". McConckie deprecia o fato de que pelo sangue de Cristo "sem qualquer outro ato de nossa parte, além da fé, somos purificados" (p. 31).

Contudo, o ensino bíblico com relação a isso é bastante claro. Somos salvos apenas pela graça, como já mencionamos anteriormente. Mas isso não nos capacita a "progredir" e nos "tornar iguais a ele". Como já vimos, para os mórmons, esse "progredir" implica em nos tornarmos deuses, e não na santificação do crente, nem na possibilidade de ele estar em conformidade com o Espírito Santo, como ensina o Cristianismo e como vemos claramente na carta aos romanos (capítulos 8 e 12).

Essa afirmação de McConckie de que a "salvação pela graça" tem de ser "aliada à obediência às leis e às ordenanças do evangelho" logo introduz toda a série de exigências e observâncias legalistas da seita. No fim, a salvação não é obtida pela graça absolutamente. Na realidade ela se acha dependente dos esforços humanos: "batismo e perseverança até o fim em guardar os mandamentos de Deus" (p. 33).

Não é esta a doutrina cristã da redenção, que o apóstolo Pedro descreve com clareza quando diz:

"Sabendo que não foi mediante cousas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso futil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo... pois fostes regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente". (1 Pe 18, 19, 23.)

Ao contrário do que ensinam os mórmons, o verdadeiro modo de se obter a salvação é confessar a Cristo com os lábios e aceitá-lo como "nosso Salvador pessoal". O texto bíblico diz que "com o coração se crê para a justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação" (Rm 10.10). O mandamento do evangelho é: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo". (At 16.31.) Naturalmente, tal conceito é totalmente estranho em relação ao que os mórmons querem que aceitemos. Jesus Cristo morreu para nos reconciliar com Deus, para salvar-nos por sua graça, para nos remir com seu sangue e nos santificar com seu Espírito, e não meramente para garantir nossa ressurreição, como diz o Sr. McConckie. Mas os mórmons rejeitam firmemente as doutrinas bíblicas. Ao que parece, eles não conseguem conceber um Deus que pode salvar o homem sem que este faça algum esforço. É o que revela a declaração de Nefi: "Pois sabemos que é pela graça que somos salvos, depois de tudo o que pudermos fazer". No Mormonismo é o próprio indivíduo que se esforça para atingir a perfeição, a santificação e a divindade. A graça é um mero acessório.

Brigham Young, uma das principais autoridades da seita, ensinou o seguinte com relação à salvação: "Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de *continuarem* a ser filhos de Deus". (*Journal of Discourses*, vol. 4, p. 7.)

Segundo a doutrina de Young, "em vez de receber o evangelho para nos tornarmos filhos de Deus, eu diria que recebemos o evangelho para que possamos *continuar* a ser filhos de Deus. Não somos todos nós filhos de Deus ao nascermos neste mundo? O Faraó, o rei do Egito, era tão filho de Deus quanto Moisés e Arão. A diferença foi que ele rejeitou a palavra do Senhor, a verdadeira luz, e eles a receberam".

Pela doutrina da pré-existência da alma, os mórmons crêem que já são filhos de Deus e que, aceitando-o, eles simplesmente se capacitam a "continuar sendo filhos de Deus". Isso contradiz frontalmente a revelação bíblica, que diz: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem

no seu nome". (Jo 1.12.)

E o apóstolo Paulo apresenta um argumento muito forte, quando afirma: "Isto é, estes filhos de Deus *não* são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa". (Rm 9.8.) E com a mesma firmeza ele declara que somente aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus podem ser chamados filhos de Deus (Rm 8.14). Assim, é difícil entender como o "Faraó, o rei do Egito" poderia ser filho de Deus tanto quanto Moisés e Arão, como pensa Brigham Young. A Bíblia ensina que "todos vós sois filhos de Deus *mediante a fé* em Cristo Jesus" (Gl 3.26), e está claro que Brigham Young ignorou esse fato.

Um dos maiores e mais relevantes ensinamentos da Palavra de Deus é o de que a salvação "não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia" (Rm 9.16). Jesus Cristo nos remiu da maldição da lei tornando-se maldição por nós (Gl 3.13).

O Senhor Jesus ensinou que "todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora" (Jo 6.37). E a salvação que ainda hoje ele oferece à humanidade não é "por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou" (Tt 3.5).

Na seita mórmon, ensina-se ousadamente a salvação universal, pois como diz o Sr. Evans, apóstolo e porta-voz dessa igreja: "Os mórmons crêem na salvação universal; todos os homens serão salvos, mas cada um em sua própria ordem". (Revista *Look*, 5 de outubro de 1954.)

Entretanto, as Escrituras ensinam que nem todos os homens serão salvos e que no fim dos séculos alguns irão "para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna" (Mt 25.41-46).

No livro de Apocalipse, o apóstolo João apresenta exortações muito graves que contradizem essa doutrina da salvação universal proposta pelos mórmons:

"E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo, e contra o seu exército. Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta, e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre". (19.19,20.)

"O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos... E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo". (20.10,15.)

"Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idolatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte". (21.8.)

"... também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem, e quem quer que receba a marca do seu nome". (14.10,11.)

Por mais que nos esforcemos, não podemos ver salvação universal nesses textos, em que os termos gregos, no seu sentido mais forte, falam de tormento, castigo e de um fogo eterno que desafia os conhecimentos químicos do homem.

A doutrina mórmon do "casamento celestial", que foi uma decorrência de seu conceito original de poligamia e que substituiu essa prática em 1890, quando eles foram forçados a abandonar essa conduta imoral sob pena de perder o território do estado de Utah, acha-se ligado à sua doutrina de salvação. Eles crêem que a família continuará a existir durante a eternidade e daí advém sua insistente prática de selar

os homens mórmons com várias mulheres, bem como de selar as famílias deles. Foi por isso que eles instituíram diversos ritos e cerimônias especiais em favor dos mortos (principalmente de parentes): o batismo pelos mortos e a imposição das mãos para que pessoas já falecidas recebam, "por procuração", o dom do Espírito Santo.

A Escatologia Mórmon

Os mórmons crêem na segunda vinda de Cristo. Eles ensinam que, por ocasião desse retorno, os judeus estarão reunidos na Palestina e os mórmons serão, de forma milagrosa, levados para o estado de Missouri. Depois disso, Deus derramará seus castigos sobre toda a terra, menos na velha e na nova Jerusalém. (Ver *Doutrina e Convênios* 29.9-11.)

Os mórmons possuem alguns pontos em comum com a seita "Anglo-israelismo", já que acredita na futura restauração das dez tribos israelitas que se perderam. A diferença é que essa seita afirma que as tribos perdidas são os ingleses, ao passo que os mórmons crêem que elas se encontram nas regiões polares e serão libertas e conduzidas para Sião (Missouri), onde compartilharão com o restante dos "santos" as riquezas que vieram acumulando nesses séculos todos. "Algumas pessoas já gastaram milhões de dólares enquanto outras centenas perderam a vida tentando encontrar um país acima do Pólo Norte. Mas um dia encontrarão essa terra rica e de clima cálido, habitada pelas dez tribos de Israel, dividida ao meio por um rio. Numa das margens dele vive a tribo de Manassés que é mais numerosa do que todas as outras juntas. Assim disse o profeta (Joseph Smith)." (*The Young Woman's Journal*, vol. 3, pp. 263,264. Ver também *Mormonism and the Mormons — O Mormonismo e os mórmons*, D. R. Kidder, p. 91.)

Além disso, eles crêem que todos os homens ressuscitarão corporalmente e que a salvação se dará num céu triplo. Na doutrina mórmon, existem três céus: o "telestial", o "terrestial" e o celestial. O inferior é destinado aos incrédulos que rejeitaram o evangelho e aos que estiverem no inferno, aguardando a última ressurreição. No segundo céu ficarão os cristãos que não aceitaram a pregação mórmon, bem como os mórmons que não viveram de acordo com as exigências da igreja e os homens de boa vontade de outras religiões que rejeitaram as revelações dos santos. O último céu, o celestial, por sua vez, também é dividido em três níveis. O mais elevado deles é aquele em que se atinge a divindade, onde o indivíduo possui um reino para si e sua família. O pré-requisito básico para se chegar a esse estado é que a pessoa tenha sido selada num casamento celestial em um templo mórmon durante sua vida na terra. Até mesmo no reino celestial o processo para se tornar deus é lento e progressivo. Mas no fim, cada um daqueles que se tornarem deuses irá com sua família para um planeta próprio que ele deverá governar e povoar.

Quase é desnecessário dizer que tal consumação da salvação pregada pelos mórmons é o oposto do que revela a Bíblia. As Escrituras não falam nada sobre o ser humano chegar à divindade, seja por um ato direito ou por um crescimento progressivo. Elas ensinam que o destino dos remidos no céu resulta de uma providência especial de Deus, algo que "nem olhos viram, nem ouvidos ouviram" e que "jamais penetrou em coração humano", pois se trata de coisas "que Deus tem preparado para aqueles que o amam". E Deus nos revelou muitas dessas coisas pelo seu Espírito. Mas como Paulo explicou, aliás de forma bem eloquente, "agora vemos como em espelho, obscuramente, *então* veremos face a face" (1 Co 13.12).

Precisamos entender claramente então que a salvação, no sentido bíblico do termo, é um dom gratuito de Deus, que recebemos pela graça, mediante a fé, no sacrifício vicário realizado por Cristo na cruz. O Senhor Jesus Cristo disse: "Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida". (Jo 5.24.) O mandamento do evangelho para

todo mundo em toda a parte é que "se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17.31).

As Escrituras não concordam com os mórmons quando estes ensinam que as boas obras são um *meio* de salvação. Tiago ensina claramente (capítulo 2) que as obras são *fruto* da salvação e servem para revelar nossa justiça perante os homens, mostrando que temos uma fé que nos justifica diante de Deus (Rm 4 e 5).

Nenhum mórmon pode afirmar hoje que *possui* a vida eterna em Cristo. Essa vida é o próprio poder do evangelho, o qual é confiado à igreja de Cristo (Rm 1.16,17). Usemos esse poder para procurar levá-los a um conhecimento redentor do Cristo da Bíblia e da preciosa salvação que Jesus comprou para nós com seu próprio sangue.

João, o apóstolo amado, explica isso nos seguintes termos:

"Se admitirmos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; ora, este é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho. Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus, o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho. E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus. E esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito.. Sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz no maligno. Também sabemos que o Filho de Deus é vindo, e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna". (1 Jo 5.9-15, 19,20.)

Vamos, então, seguir nas pegadas deles, pois "a noite vem, quando ninguém pode trabalhar", e os mórmons também são almas pelas quais Cristo morreu.

Nas páginas anteriores, vimos como os membros dessa seita empregam termos e frases bíblicas e até adotam doutrinas cristãs no intuito de afirmar que pertencem à fé cristã. Além disso, dão muita importância ao seu trabalho de relações públicas e se esforçam ao máximo para não empregarem termos que revelem como são erradas suas teses doutrinárias. Vimos também que eles se consideram a verdadeira e única igreja de Cristo em nossos dias, e todos os outros grupos como gentios e apóstatas da verdadeira religião cristã.

E vemos isso também nas palavras do próprio Joseph Smith, a quem todos os mórmons têm de reconhecer como o profeta de Deus, e um profeta em condições de igualdade — quando não de superioridade — aos do Velho Testamento. Pois Smith escreveu o seguinte a respeito de uma conversa que ele alega ter tido com a divindade.

"Meu objetivo ao me dirigir ao Senhor foi saber qual de todas as seitas era a verdadeira, a fim de saber a qual unir-me. Portanto, tão logo voltei a mim o suficiente para poder falar, perguntei aos Personagens que estavam na luz acima de mim, qual de todas as seitas era a verdadeira e a qual deveria unir-me,

"Foi-me respondido que não me unisse a nenhuma delas, porque todas estavam erradas; e o Personagem que Se dirigiu a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação à Sua vista; que todos aqueles mestres eram corruptos, que: 'Eles se chegam a Mim com os seus lábios, porém, seus corações estão longe de mim; eles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o Meu poder'.

"Novamente proibiu que me unisse a qualquer delas; e muitas outras coisas me disse que não posso, no momento, escrever".²³

Além dessas afirmações de Smith, Samuel W. Taylor, um conhecido escritor

mórmon, escreveu o seguinte, respondendo à pergunta: "Os mórmons são cristãos?":

"São, sim. Mas não são nem protestantes, nem católicos. Os mórmons crêem que as outras igrejas se apartaram do verdadeiro Cristianismo e que a religião deles — mórmons — é uma restauração do evangelho".

Então está bem claro que o Mormonismo se esforça grandemente para se apresentar como a única igreja cristã, tendo uma mensagem exclusiva, profetas infalíveis e revelações superiores para uma nova dispensação que, segundo eles, teria iniciado com Joseph Smith Jr.

Mas a palavra final, tanto da História como da doutrina bíblica, é que a religião de Joseph Smith não passa de um pesadelo politeísta de doutrinas distorcidas, vestidas com a terminologia cristã. E basta esse fato, se os outros não forem suficientes, para que a consideremos uma seita não cristã.

Aqueles que estão considerando a possibilidade de entrarem para o Mormonismo, lucrariam grandemente se fizessem um estudo atento dos fatos e evidências aqui abordados, para que não sejam enganados, perdendo-se nesse labirinto espiritual que é o Mormonismo.

1. O crescimento dos mórmons a partir de 1900 tem sido extraordinário. Em 1900, 268.331 membros; 1910: 393.437; 1920: 526.032; 1930: 672.488; 1940: 862.664; 1950: 1.111.314; 1960: 1.693.180; 1970: 2.930.810, e 1980: 4.633.000.

2. A *Associated Press* calculou em 1975 que a entrada diária da seita era de pelo menos três milhões de dólares, sendo que 60% disso são isentos de impostos.

3. Para darmos um exemplo, em abril de 1978, a revista *Seleções do Reader's Digest* publicou um encarte de oito páginas com publicidade dos programas da igreja, que foi o primeiro de uma série que custou 12 milhões de dólares, dirigido aos quase 50 milhões de leitores da revista.

4. Contudo dados de estatística social do estado de Utah, cuja população é constituída em grande parte (70%) de mórmons, mostram que os índices de divórcio, suicídio, maus tratos a crianças e gravidez de adolescentes são mais elevados que a média do resto do país, e estão crescendo.

5. Ver *The Myth Makers* (Criadores de mitos), de Hugh Nibley.

6. *Historical Magazine, New Series*, Vol. 8, n.º 5 — Novembro de 1870.

7. *Millennial Star*, 21 de outubro de 1885.

8. "Pedrinhas mágicas" são pedras supostamente mágicas que, colocadas num chapéu, indicam o paradeiro de objetos perdidos ou tesouros escondidos, escurecendo ligeiramente. Varas mágicas eram varetas que supostamente revelavam a existência de água ou de um tesouro escondido.

9. *Millennial Star*, Vol. 14, Suplemento.

10. *Frazers Magazine, New Series*, Vol. 7, fevereiro de 1873.

11. Todos os egitptólogos e filólogos consultados a respeito da questão afirmam que tal língua não existe. Contudo, os mórmons continuam a manter a alegação, mesmo conhecendo bem esse fato.

12. *The Book of Mormon*, R. K. Salyards Jr.

13. Os grifes são do autor, para enfatizar alguns trechos. M. *The Book of Mormon?* de James D. Bales, Ph. D. The Manney Com-pany, North Worth, Texas, pp. 138-142.

15. *Ibidem*.

16. *The Priesthood and Church Government*, John A. Widtsoe.

17. *Ibidem*, pp. 102, 103.

18. *Ibidem*, p. 103.

19. Até junho de 1978, descendentes de africanos não podiam ter o sacerdócio por causa do ensino de que se acham sob maldição, por não terem mostrado coragem na sua existência pré-mortal. Devido a essa maldição não podiam atingir a exaltação (divindade).

20. A afirmação feita pelos mórmons de que Melchisedec conferiu seu sacerdócio a Abraão quando este lhe pagou os dízimos (Gn 18) não encontra apoio nas Escrituras (*Priesthood and Church Government*, John A. Widtsoe, p. 109). Deve-se sempre pedir aos mórmons referências bíblicas para essa questão. A falta delas dá-nos oportunidade de minar as bases de sua argumentação, que já é fraca.

21. É muito importante notar que Brigham Young ensinava que "sempre que ele pregava um

sermão e o enviava aos filhos dos homens, eles os chamavam de Escrituras" (*Journal of Discourses*), Isso se refere também à doutrina Adão/Deus.

22. 5 de outubro de 1954.

23. *Joseph Smith — História 2.1-25*, em *Pérola de Grande Valor*.

24. *The American Weekly*, 3 de abril de 1955.

9

AS SEITAS NO CAMPO MISSIONÁRIO

Em nosso estudo de cada seita, mencionamos em que elas sempre encontram melhor aceitação entre aqueles que já conhecem o evangelho. Os crentes novos, os cristãos nominais e os que possuem apenas um conhecimento superficial das Escrituras aceitam com mais facilidade as doutrinas delas. Nos Estados Unidos, elas se acham em evidência por toda a parte. Seus adeptos realizam intensas campanhas de divulgação, ansiosos que estão para atingir o alvo que eles tanto ambicionam: ter prestígio e ser reconhecidos como denominações cristãs. Contudo, no campo missionário, a situação é bem diferente. E é disso que vamos nos ocupar agora.

Em meados de 1958, tive oportunidade de participar de uma equipe de conferencistas que realizariam palestras nos campos missionários, patrocinada pela Visão Mundial, então presidida pelo Dr. Bob Pierce. O objetivo dessas reuniões era oferecer ajuda a pastores, missionários e outros obreiros cristãos, na Ásia e África. Nessas viagens, aprendi muito acerca dos métodos empregados pelas seitas no exterior. Descobri que, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos, de modo geral, ao chegar num lugar, elas preferem permanecer no anonimato, só se identificando depois que já estabeleceram ali uma cabeça de ponte. Essa medida é muito importante em locais onde o trabalho missionário é recente ou mesmo onde já é antigo. Além de se esforçarem para conquistar os evangélicos, os promotores das seitas procuram dirigir-se ao povo em sua própria língua. É nesse ponto que as editoras da Torre de Vigia, dos Mórmons e da Escola de Unidade Cristã revelam maior eficiência. Os missionários que se defrontam com Testemunhas de Jeová no Japão, por exemplo, já sabem que vão encontrar exemplares de *A Sentinela* e *Desperta!* publicados em japonês, enviados da sede da seita em Brooklyn, Nova Iorque. Outro problema sério é a falta de literatura cristã para combater esses movimentos. Devido à maneira como as seitas fazem sua divulgação, essa literatura precisaria ser impressa na língua do país em questão. Mas ela praticamente inexistente.

Descobri, por exemplo, que as Testemunhas de Jeová estavam tentando convencer as pessoas de que sua tradução da Bíblia (Tradução do Novo Mundo) era a "mais recente versão americana", e todos deveriam aceitar a exposição que ela faz das doutrinas mais discutidas, pois era a "melhor e mais nova versão feita a partir das línguas originais".

É claro que um crente bem instruído sabe que a versão da Torre de Vigia só é aceita por ela mesma e por aqueles que não se acham a par de suas distorções. E a Torre de Vigia prontamente oferece sua *bíblia* a todos que se interessarem, crentes ou não, algo que a igreja cristã tem tido dificuldade em fazer, mesmo no século XX.

Damos a seguir um gráfico do crescimento das Testemunhas de Jeová nos últimos anos, que bem revela o perigo crescente dessas seitas hoje em dia.

Quadro Comparativo dos Publicadores e Batizados das Testemunhas de Jeová:

	PUBLICADORES	RELAÇÃO ANO ANTERIOR	BATISMOS
1985	3.024.131	+6,9%	189.800
1986	3.229.022	+6,9%	225.868

1987	3.395.612	+5,7%	236.843
1988	3.592.645	+6,0%	239.268
1989	3.787.188	+5,6%	263.855
1990	4.017.213	+6,1%	301.518

O gráfico acima é desalentador para o trabalho de missões evangélicas. Os seminários, institutos bíblicos e faculdades evangélicas precisam analisar as implicações de crescimento tão rápido, já que muito pouco tem sido feito para preparar pastores e missionários para enfrentar esses problemas em seu país de origem ou no campo missionário.

E se lembrarmos que 33% das Testemunhas de Jeová vivem nos Estados Unidos enquanto que os outros 67% estão nos outros países, o quadro se torna ainda mais grave. Só não enxerga o problema quem não quer.

Em 1990, por ocasião do culto da Refeição Noturna das Testemunhas de Jeová, que ficou conhecido como "Memorial", elas contavam com a presença de 9.950.058 em seus salões do reino, o que denota um aumento de quase oito milhões de presentes em relação aos 1.553.909 de 1961.

Não admira que muitos missionários e pastores nos Estados Unidos comecem a dar mostras de desânimo. É doloroso ver uma seita herética como essa obter cada vez mais sucesso em seus esforços proselitistas, principalmente na divulgação de suas publicações, enquanto aqueles que pregam o evangelho de Jesus Cristo encontram pouco ou nenhum apoio em ponto tão vital como o evangelismo pela literatura.

O Crescimento Mundial da Sociedade Torre de Vigia

Relatório do trabalho de divulgação realizado em 1990, na sede mundial, nos Estados Unidos

Pioneiros	536.508
Congregações	63.018
Total de horas gastas em estudos bíblicos	895.229.424
Valor gasto em manter pioneiros	US\$34.302.428,21
Revistas <i>A Sentinela</i> e <i>Despertai!</i>	
Vendidas	621.120.000
Estudos bíblicos ministrados	3.624.091

Então, em tudo e por tudo, as Testemunhas de Jeová estão-se transformando em crescente preocupação; em verdadeiro desafio para os evangélicos que desejam levá-los a um conhecimento de Jesus Cristo como Salvador pessoal e, assim, responder a todo aquele que lhes pedir a "razão da esperança que há" neles. "Cristo em vós, a esperança da glória." (1 Pe 3.15; Cl 1.27.)

Atividades Missionárias dos Mórmons

O trabalho missionário da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmon) também está-se desenvolvendo rapidamente, ultrapassando até as Testemunhas de Jeová.

Gabando-se de um contingente de missionários que chega ao redor de 40.000 obreiros de tempo integral, apoiados por uma igreja cuja renda bruta anual é de mais de 5 bilhões de dólares, a seita Mórmon avança em ritmo acelerado, principalmente em seus novos campos missionários da América do Sul e África.

Damos a seguir um gráfico do crescimento de seu movimento missionário nos últimos anos. Ele serve para mostrar-nos que as Testemunhas de Jeová não são a

única seita que compete, em larga escala com o Cristianismo nos campos missionários.

Crescimento da Igreja Mórmon

1900	268.331
1910	393.437
1920	526.032
1930	672.488
1940	862.664
1950	1.111.314
1960	1.693.180
1962	1.965.786
1975	3.700.000
1982	5.000.000
1988	6.659.000
1989	7.000.000
1990	8.000.000

As técnicas empregadas pelos missionários mórmons, em muitos aspectos, são bem semelhantes às das Testemunhas de Jeová. Também eles fazem visitas de casa em casa e se mostram incansáveis em visitar aqueles com quem eles próprios ou os missionários que os precederam mantiveram contato. Mas, diferentemente dos obreiros da Sociedade Torre de Vigia, eles se apresentam bem aparelhados com diversos tipos de recursos de comunicação e exemplares grátis dos seus livros sagrados, que, segundo eles, dão uma "interpretação correta da Bíblia". Entre outros citamos: o Livro dos Mórmons, Doutrina e Convênios, "A Pérola de Grande Valor", adotados em português. Eles tomam muito cuidado para não mencionar que houve tempo em que discriminavam a raça negra. Não ficaria bem que a "igreja restaurada de Jesus Cristo" (mórmons) estivesse ativamente procurando promover as raças indígenas, divulgando seu mito arqueológico, e, ao mesmo tempo, ignorasse a raça negra por causa da cor da pele e de uma suposta maldição. Seria bom que, sempre que possível, os missionários evangélicos mencionassem essa gritante incoerência, aliás muito conhecida na África, onde, até pouco tempo atrás, a ausência do trabalho mórmon era comprometedora e bastante notada. Durante grande parte da conturbada existência dessa igreja, seus esforços missionários achavam-se limitados às raças que, segundo ensinavam Joseph Smith e Brigham Young, possuíam a qualificação necessária. Vendo-a praticar tal discriminação racial, ninguém pode levar a sério sua afirmação de que é a igreja de Cristo restaurada.

Os crentes que não estão informados sobre a verdadeira natureza dos ensinamentos dessa seita podem até defender seus conhecidos mórmons, que lhes parecem pessoas sinceras, boas, espirituais e de vida irrepreensível. Falam do maravilhoso trabalho de assistência aos necessitados desenvolvido por eles; elogiam sua operosidade e sucesso administrativo. Também reconhecemos tais valores, que consideramos uma grande contribuição para a sociedade. Isso nós não criticamos. Mas o fato de alguém possuir essas virtudes por si só não o torna cristão. Satanás fica muito satisfeito quando seus seguidores se apresentam com uma bela fachada. Essas virtudes, repetimos, não têm valor algum no que diz respeito a ser aceito por Deus, se o indivíduo não se curvar às revelações que Deus faz acerca de seu Filho, Jesus Cristo. "Essas atitudes, na verdade, são fruto da experiência cristã, e se o crente não as demonstrar em sua vida, não está realizando o propósito de Deus para ele." (Gordon R. Fraser, *Is Mormonism Christian?* — O Mormonismo é cristão?)

Observaremos apenas que certas técnicas de trabalho proselitista são comuns a todas elas. Será bom mencionar as principais.

1. Eles não se identificam pelo nome com que são popularmente conhecidos (Testemunhas de Jeová, Mórmons, Swedenborguianismo). Preferem títulos como Santos dos Últimos Dias, Estudantes da Bíblia e Igreja da Nova Jerusalém. Geralmente só revelam sua origem histórica depois que o interessado já está sendo doutrinado.

2. Muitas seitas não colocam identificação em suas publicações, e por isso às vezes é difícil reconhecer a procedência de determinada literatura, devido à semelhança da terminologia usada na exposição de seus ensinamentos.

3. Em seus cultos públicos, também, os missionários raramente se identificam dando o nome do grupo a que pertencem. Os Adventistas do Sétimo Dia, principalmente, adotam essa prática, embora não sejam uma seita não-cristã. Mas o fato de muitos deles relatarem em se dar a conhecer, demonstra que alguns dos seus métodos de proselitismo são desagregadores. Parte da liderança adventista repudia tais métodos, mas apesar disso, alguns continuam a empregá-los nos campos missionários.

4. Todas as grandes seitas citam bastante a Bíblia, quase sempre fora de contexto. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, chegam a oferecer exemplares de sua versão própria para "interpretar melhor as Escrituras". (Os mórmons também possuem sua "versão inspirada".)

5. Quando insistimos em que eles definam seu conceito de certas doutrinas históricas como a Trindade, a Divindade de Jesus Cristo e a salvação pela graça, eles as negam.

6. Durante grandes campanhas evangelísticas, como a de Billy Graham, por exemplo, eles procuram fazer o acompanhamento e discipulado dos novos convertidos. Já fizeram isso na Inglaterra e em outros lugares. Os Mórmons e Testemunhas de Jeová são especialistas nessa tática. Alguns deles até já foram vistos em salas de acompanhamento, após o apelo evangelístico, para tentar um trabalho de proselitismo junto aos decididos.

São essas, então, algumas das características dos métodos empregados pelas principais seitas nos campos missionários. Não há dúvida de que elas estão alcançando muito sucesso e de que a igreja cristã precisa se levantar e enfrentar o problema enquanto ainda é tempo.

10

O JESUS DAS SEITAS

Desde os primórdios do Cristianismo, tanto os primeiros apóstolos e discípulos, como todos os seguidores de Cristo vêm enfrentando o problema da distorção da revelação que Deus deu ao homem através da pessoa de Jesus Cristo. E não apenas os ensinamentos de Cristo têm sido distorcidos, mas, também, o que é pior; sua pessoa tem sido apresentada de forma errada. E claro que se a doutrina de Cristo, isto é, de sua pessoa, natureza e obra, for distorcida, a ponto de alterar a identidade do doador da vida, então a vida que ele veio trazer ao homem é da mesma forma negada. E é precisamente nesse aspecto que, hoje, temos diante de nós o fenômeno que o apóstolo Paulo menciona em 2 Coríntios 11.4, e que ele chama de "um outro Jesus".

A Natureza do Outro Jesus

Os fatos acerca da pessoa e da obra de Cristo constituem o alicerce da fé cristã. Se forem desvirtuados e interpretados fora de seu contexto, tornando-se o oposto de sua configuração bíblica, toda a mensagem do evangelho sofre uma alteração radical. Assim seu valor é reduzido. O apóstolo Paulo percebeu isso claramente, como também João e Judas. Por essa razão, eles insistem em que se mantenha a identidade e o ministério do Jesus histórico, em contraste com as falsificações de sua pessoa, que já começavam a surgir em seus dias.

O "outro" Jesus das falsas seitas daquele tempo (gnosticismo e galacianismo) constituía uma ameaça às igrejas de Colossos, Éfeso e Creta. Daí as veementes censuras e advertências contidas nas cartas de 1 João, Gaiatas e Colossenses.

Rara compreender melhor como podemos aplicar esses textos em nossos dias, vamos examinar facetas desse "outro Jesus" sobre o qual a Bíblia tanto nos adverte. Assim entenderemos bem toda essa questão.

1. O Jesus da Ciência Cristã

Como já mencionamos, a estrutura teológica da Ciência Cristã não passa de uma versão moderna do gnosticismo, da qual a Sr.^a Eddy veio a ser o arauto no século XX. E ela diz o seguinte acerca do seu Jesus:

"O cristão que crê no primeiro mandamento só pode ser monoteísta. Assim ele realmente concorda com a crença dos judeus em apenas um Deus, e não reconhece a Jesus Cristo como sendo Deus, como o próprio Jesus Cristo declarou, mas como Filho de Deus". (Ciência e Saúde — Com a Chave das Escrituras.)

E para que ninguém entendesse erradamente o que ela queria dizer, explicitou ainda mais seu ponto de vista:

"O Cristo espiritual era infalível; Jesus, sendo um homem de carne e osso, não era o Cristo". (*Miscellaneous Writings* — Obras miscelâneas.)

Ora, lendo atentamente o capítulo 16 de Mateus, vemos que Jesus acatou a confissão feita por Pedro de que ele era o Cristo, o Filho de Deus vivo. Por outro lado, seria tolice defender a idéia de que ele não possuía um corpo de carne e osso, já que o Novo Testamento revela que ele nasceu de uma mulher, achava-se sujeito às mesmas limitações da natureza a que nós estamos sujeitos, a não ser pelo pecado, e que sofreu morte física, na cruz, em nosso lugar. O Jesus que a Sr.^a Eddy apresenta é um princípio ou ideal divino, que seria inerente a todos os homens, e do qual Jesus seria a manifestação suprema. Como ela negava a existência do universo material, negava

também a realidade da carne e do sangue.

Afirmava que o mundo físico era apenas uma ilusão da mente mortal. Conclui-se daí que nem Cristo nem homem algum possui um verdadeiro corpo de carne e osso. Para ela, portanto, Jesus não veio em carne.

Em relação a essa questão, entendemos melhor as palavras do apóstolo João, quando ele diz:

"Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo". (1 Jo 4.2b,3.)

Então essas palavras se aplicam perfeitamente ao Jesus da Ciência Cristã e à sua profetisa, a Sr.^a Eddy.

"Quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho." (1 Jo 2.22.)

Creio não ser preciso ressaltar mais esse ponto. Está bem evidente que o "outro" Jesus da Ciência Cristã é um Jesus gnóstico, uma idéia, um princípio, mas não o Deus encarnado (Jo 1.14; Is 7.14; Mt 1.23). Portanto, embora os cientistas cristãos e a Sr.^a Eddy ralem de Jesus e o citem em suas publicações, o Cristo deles não é igual ao da Bíblia. Trata-se de uma falsificação muito bem feita, acerca da qual o Espírito Santo já advertiu claramente a igreja.

2. O Jesus das Testemunhas de Jeová

"As Escrituras verdadeiras podiam falar e falam do Filho de Deus, o verbo, como "um deus". Ele é "poderoso deus", mas não o Deus Todo-Poderoso, que é Jeová." (Is 9.6.) (*A Verdade vos Tornará Livres.*)

O Jesus das Testemunhas de Jeová, então, é um anjo que se tornou homem. É um deus, mas não o Deus Filho, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. (*Raciocínios à Base das Escrituras*, p. 219.)

Como já demonstramos amplamente em nossa análise das Testemunhas de Jeová, a Bíblia refuta esse ensino e nega taxativamente a cristologia da Torre de Vigia, pois ensina que Jesus Cristo é o Verbo, o Deus unigênito (Jo 1.18, no grego), e nada menos que o grande "Eu Sou" de Êxodo 3.14 (comparar com João 8.58). É também o Primeiro e o Último, citado no Apocalipse e em Isaías, conhecido por todos os que estudam bem as Escrituras. (Comparar Apocalipse 1.16,17 com Isaías 44.6.)

Como o Cristo da Sr.^a Eddy é uma idéia abstrata e o das Testemunhas de Jeová é um segundo deus, originariamente um anjo, ambos se encaixam na descrição feita por Paulo de um "outro" Jesus.

3. O Jesus dos Mórmons

Jesus, que segundo eles, antes de encarnar-se era o espírito-irmão de Lúcifer, fora polígamo, tendo sido casado com as Marias e com Marta. Por sua fidelidade, recebera o prêmio de governar esta terra. (Veja, no vol. II de "O Império da Seitas", a sessão sobre o mormonismo.)

Em sua epístola aos Gaiatas, Paulo afirma que "Deus é um" (3.20). Além disso, há inúmeras passagens no Velho Testamento, que aliás mencionamos em nosso estudo dos Mórmons (vol. II), que demonstram como é falsa a idéia da multiplicidade de deuses, bem como a de que o homem possa aspirar alcançar qualquer grau de divindade. Quanto à teoria de que Jesus fosse polígamo e irmão de Lúcifer, não precisamos tecer maiores comentários sobre o assunto.

Existem muitas razões por que precisamos ter estudos como este, mas vamos buscar na Bíblia os motivos básicos. Acreditamos que, na Palavra de Deus, que é a fonte da nossa crença, encontraremos as evidências de que é da vontade do Senhor

que façamos a defesa dessa fé.

Vamos começar lembrando que Jesus Cristo e seus apóstolos estavam sempre advertindo seus ouvintes e leitores com relação a falsos profetas e mestres.

Como dissemos no primeiro capítulo deste livro, no evangelho de Mateus, capítulo 7, Cristo faz uma advertência bem definida (vv. 15-23).

Nesse texto, ele fez revelações muito importantes. Ele nos advertiu de que haveria falsos profetas, que se apresentariam vestidos com pele de ovelhas, mas com um espírito, uma natureza interior de lobos (v. 15). Ensinou também que poderíamos reconhecê-los por seus frutos. Revelou-nos ainda que eles profetizariam, expeliriam demônios e fariam milagres; tudo em nome de Jesus (v. 16,22). E sabendo que eles fariam todas essas coisas, o Senhor conclui: "Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci... os que praticais a iniquidade". (V. 23.)

Mais adiante, no capítulo 24 de Mateus, o Senhor completa sua informação acerca deles quando fala de sua segunda vinda. Diz ele: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos". (V. 24.)

Portanto, são bem claras as razões por que devemos responder a essas pessoas e mesmo evangelizá-las. A igreja tem de fazê-lo porque o Senhor e seus apóstolos o ordenaram. Embora essa prática seja impopular, todo cristão verdadeiro precisa estar seriamente envolvido nela, se não por outra razão, pelo menos por obediência ao Senhor.

Não há dúvida de que se nossa mãe, esposa, filhos, ou mesmo nossa pátria fossem atacados ou difamados, procuraríamos defendê-los a qualquer custo, impelido pelo nosso amor por eles. Quanto mais, então, o amor que temos por nosso Redentor deve inspirar-nos a defender a ele e ao evangelho!

O Jesus das seitas é uma caricatura do Deus encarnado apresentado no Novo Testamento. Além do imperativo de evangelizar os que se acham envolvidos pelas seitas, temos a necessidade de responder a "todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós" (1 Pe 3.15). Essa esperança é o Jesus da teologia e da história bíblicas. Assim que enxergamos claramente a verdadeira natureza do Jesus das seitas, será fácil desempenharmos nosso dever com fidelidade, e, contrastando-o com a Bíblia, desmascarar, perante todos, não somente a ele, mas ao seu inventor. Podemos resumir tudo citando a grave advertência de Jesus, que disse incisivamente: "Vede que vo-lo tenho predito". (Mt 24.25.)

11

A EVANGELIZAÇÃO DAS SEITAS

Existem muitos crentes hoje, tanto da classe pastoral como da liderança leiga, que estão repensando o conceito de evangelização e de sua importância, se não para toda a igreja, pelo menos para si mesmos. Um número cada vez maior de crentes está começando a pensar mais em termos de evangelismo pessoal, em vez de evangelização de massa. É que, desde os primórdios do Cristianismo, o trabalho evangelístico bem-sucedido e de resultados mais duradouros, é o evangelismo pessoal. Embora seja fato que os grandes evangelistas conseguem atrair multidões de ouvintes, é verdade também que existe necessidade do chamado "contato pessoal". Um exemplo disso é o fato de que Billy Granam, por diversas vezes, tentou suprimir de seu programa de rádio "Hora da Decisão", a conhecida frase de encerramento: "Deus o abençoe muito", mas não o conseguiu, porque os ouvintes, apesar de constituírem um grupo imenso, gostam da sensação de relacionamento pessoal que a expressão lhes proporciona.

Todas essas idéias nos levam a considerar uma questão de grande importância. O que é evangelismo? Seria apenas reuniões de massa, onde as conversões a Cristo acontecem por atacado? Ou quem sabe não seria função das igrejas promoverem uma ou duas semanas de conferências evangelísticas ou avivalistas por ano? Quando falamos em evangelismo, será que nos referimos principalmente à pregação pelo rádio e pela televisão? Ou estará ele associado a todas essas formas de comunicação do evangelho, e, ao mesmo tempo, a nenhuma delas? Será que o evangelismo deveria ser basicamente pessoal ou individual (cada crente sentindo a responsabilidade de evangelizar o seu próximo), constituindo então a raiz da qual se alimentaria a árvore do evangelismo eclesiástico, e de massas, seja em cruzadas ou em pregações pelo rádio e tevê? Para responder a essas perguntas e enxergar na perspectiva correta a evangelização das seitas não-cristãs, vamos analisar atentamente o padrão estabelecido no Novo Testamento.

As observações e técnicas que apresentamos a seguir são muito proveitosas, se utilizadas num genuíno esforço cristão para evangelizar os adeptos das seitas; não como uma panacéia, mas como um método seguro de levá-los a uma fé pessoal em Jesus Cristo. Aliás, esse é o objetivo certo de qualquer esforço evangelístico, em qualquer época.

1. O Elemento Humano

Um dos primeiros pensamentos que se apresentam ao crente que tenta evangelizar algum adepto de uma seita é o de que esse indivíduo pertence a uma "raça" especial, imune às técnicas de evangelismo empregadas, além de bom conhecedor da Bíblia, preparado para confundir o crente comum, quando não doutriná-lo. Trata-se de uma forte barreira psicológica, que existe na mente de muitos crentes.

Embora haja alguns traços de verdade nessa imagem, o fato é que nós a criamos com base em alguma experiência anterior, direta ou indireta, com o simpatizante da seita, na qual não nos saímos muito bem. Muitas vezes somos derrotados, nos sentimos frustrados e envergonhados. De modo geral, isso nos deixa reticentes, com receio de que a situação se repita.

A outra explicação para esse fenômeno é o temor de permitir que tais indivíduos

entrem em nossa casa, receio aparentemente gerado pelo ensino de 2 João 10:

"Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhes deis as boas-vindas".

Muitos pastores têm instruído suas ovelhas no sentido de não abrirem a porta de sua casa aos partidários dessas seitas, com base nessa passagem e em outros textos que tiram de contexto. O procedimento correto seria convidá-los a entrar e, seguindo a tradição do evangelismo cristão, apresentar-lhes a mensagem de Cristo. Não há nada na Bíblia que nos exima de nossa responsabilidade como embaixadores de Cristo, e as seitas não constituem uma categoria especial para o evangelismo.

Provavelmente estamos certos ao supor que a maioria dos membros das seitas possui um conhecimento prático da Bíblia. Muitos deles são bastante diligentes no estudo dela e da literatura de seu grupo. E talvez seja verdade também que os mais doutrinados parecem imunes à pregação do evangelho e à defesa que fazemos dele (quando necessário). Mas absolutamente não constituem espécimes raros em cuja presença o crente seja forçado a calar-se e o Espírito Santo fique sem poder algum. É um grave erro pensar assim, e todo crente consciente deve afastar essa idéia de sua mente.

Precisamos manter na lembrança que eles são almas preciosas, pelas quais Jesus Cristo se sacrificou; que são seres humanos com lar, família, amigos, emoções, problemas, sonhos, temores e frustrações como todos os outros. Eles são especiais apenas no sentido em que se consideram "profundamente religiosos", e por causa dessa noção são dos mais difíceis de ser alcançados pelo evangelho de Cristo.

Ao abordar o problema do evangelismo de seitas, deve ser lembrado que os seus membros, em seus respectivos sistemas de teologia, são quase sempre por natureza dependentes de suas formas, ou cerimônias, rituais, boas obras, uma vida correta ou auto-sacrifício como um meio de agradar a Deus e obter a justificação. Fundamentalmente então, a seita é uma forma de auto-salvação, enfatizando libertação do pecado através do esforço humano ou mérito em cooperação com o conceito que eles têm da personalidade da deidade.

O cristão deve então, diante deste fato, mostrar com base na Bíblia (desde que a maioria das seitas reconhecem sua autoridade, ou pelo menos em parte o fazem), o absurdo da auto-justificação, justiça ou esforço humano como um meio de se obter a redenção. Deveríamos sempre lembrar que arrependimento, expiação, regeneração, ressurreição e retribuição no sentido bíblico raramente faz parte do vocabulário do adepto de

uma seita, e nunca de sua experiência pessoal. O cristão deve definir, aplicar e defender os significados históricos desses termos antes de ser possível proclamar efetivamente o evangelho. Numa palavra, deve-se começar pelo início, repetir, enfatizar e repetir. Isto é semear a semente que um dia, somente pela graça de Deus, produzirá frutos para a vida eterna.

De modo geral, as pessoas que se agregam às seitas possuem uma estrutura psicológica que faz delas vítimas de uma ilusão de grandeza, muitas vezes aliada a um obstinado sentimento de orgulho pessoal. Esse sentimento contribui para criar neles a ilusão de que possuem a verdadeira fé salvadora, e de que são os guardiões e defensores da única verdade sagrada e os ministradores da revelação divina para a humanidade que se acha emaranhada num Cristianismo que foi deturpado por teólogos e filósofos e, portanto, precisa ser restaurado por meio dos esforços deles.

Em minha experiência, tenho percebido que quase todos adotam a tese de que no fim, o grupo deles derrotará todos os seus adversários, herdará o reino eterno e terá a satisfação de ver seus inimigos sendo atormentados ou então destruídos. Esse tipo de indivíduo apega-se à ilusão de que em breve será guindado a uma posição de majestade ou de grandeza que, associada aos seus conceitos acerca de sua capacidade

pessoal e supostos méritos perante Deus, resulta numa alucinação coletiva, cercada de terríveis trevas espirituais.

A primeira reação do adepto da seita é colocar-se na defensiva. Eles se acham bem cientes da falta de união e amor fraternal que caracterizam muitos movimentos ditos evangélicos. Pelo que sabem, os evangélicos só se unem para fazer oposição a eles. Assim, procuram ressaltar as várias divisões nos círculos do cristianismo ortodoxo, isso sem mencionar a falta de clareza no que diz respeito às doutrinas básicas da fé cristã. E nunca se cansam de dizer: "Nós, pelo menos, somos unidos. Vocês estão divididos, até mesmo em seus próprios grupos". Esse tipo de acusação fere profundamente o cristão verdadeiro. Para responder a ela, vamos inicialmente reconhecer que de fato há divergências de opinião, mas elas giram em torno de questões de menor importância; em seguida iremos salientar que nos achamos fortemente unidos nas doutrinas fundamentais do evangelho, que todas as seitas negam, de uma forma ou de outra.

O crente precisa estar sempre lembrado de que os mais instruídos dentre eles podem constituir-se em oponentes dificílimos, pois gostam de citar textos, modificar termos e fazer interpretações distorcidas dos textos que apresentarmos. Devemos estar sempre vigilantes para não sermos levados a concordar com algo que eles poderão dizer, mas que, mais adiante, utilizarão para contra-argumentar, em detrimento do evangelho e de nosso testemunho pessoal.

2. Bases Comuns

Antes de tentar evangelizar um adepto de uma seita, o crente deve, sempre que possível, procurar uma base comum entre ambos (de preferência a autoridade e inspiração das Escrituras, ou o caráter de Deus), e continuar a conversa a partir daí.

Tenho de insistir na necessidade de iniciarmos sempre de uma base comum, se é que desejamos conduzir de forma positiva a evangelização das seitas. Se não tivermos um ponto de partida comum, uma base em que os dois estão de acordo, a conversa terminará transformando-se em discussão, com acusações de ambos os lados, amarguras, e assim se fecharão as portas para novas conversas, e a alma daquela pessoa se perderá. Portanto uma atitude amistosa, uma manifestação franca e sincera de amor cristão, e a disposição de debater pontos de divergência muito contribuirão para afastar qualquer atitude de suspeita que o outro possa abrigar, e criar boas oportunidades para um testemunho eficaz e proveitoso.

Durante todo o tempo, o crente deve orar muito. Sempre que possível, deve orar também na presença do adepto da seita e orar com ele, para que este, pelas orações que ouve, possa perceber que, pela nossa fé em Jesus Cristo, gozamos de um relacionamento com aquele que é o Pai dos espíritos e nosso Pai.

3. Semeadura Subliminar

A indústria da publicidade nos Estados Unidos é a pioneira em estudos sobre a motivação. Foram eles que nos ensinaram que é possível implantar-se uma idéia na mente de um indivíduo sem passar pelo seu nível de consciência, isto é, sem que ele esteja consciente disso. E de fato eles têm conseguido fazer registros mentais no público, exercendo uma enorme influência sobre nossos pensamentos e atos. As vinhetas publicitárias tocadas no rádio ou exibidas na televisão estão constantemente levando as pessoas a adquirirem os produtos anunciados.

Os crentes que desejam evangelizar discípulos das seitas heréticas podem tirar proveito desse tipo de descoberta no campo da sugestão subliminar, com resultados notáveis.

Estou plenamente convicto de que a Palavra de Deus e a oração dirigida ao Pai através do Espírito, constituem a mais poderosa força motivadora do universo. E nós

podemos lançar mão dela, de forma subliminar, para a evangelização desses indivíduos, implantando sementes de idéias acerca do evangelho de Cristo, e até o próprio evangelho. Vou explicar como se pode fazer isso, narrando experiências pessoais.

As Testemunhas de Jeová são os mais ativos e ardorosos pregadores dentre as seitas. Toda vez que alguns deles me visitavam, empregava com sucesso as medidas que descrevo a seguir.

Eu convidava o pessoal da Torre de Vigia para entrar em minha casa, mas antes que eles comessem a falar de suas publicações, eu dizia que nunca conversava sobre a Bíblia ou sobre religião sem antes orar. E todos concordavam com a sugestão feita. Então, imediatamente, abaixava a cabeça e orava, dirigindo-me ao Senhor como "Deus Jeová". Todas as vezes que tratamos com as Testemunhas de Jeová, precisamos ter o cuidado de referir-nos a Deus como Jeová, senão eles não orarão, nem inclinarão a cabeça. Ficarão a admirar os bibelôs e outros objetos ornamentais da sala, ou a folhear a Bíblia, a abrir as pastas, ou a fazer outras coisas esperando que terminemos a oração. Se o leitor quiser saber como tomei conhecimento disso, devo confessar que algumas vezes abria os olhos.

Quando mencionamos o nome "Jeová", a maioria deles também logo abaixa a cabeça. Assim que terminamos de orar, iniciamos de imediato a conversa, não lhes dando tempo de orar também. Dizemos mais ou menos o seguinte:

"Sobre o que desejavam mesmo falar?"

Depois de conversar durante algum tempo e de ouvir o máximo que suportava das doutrinas do "pastor" Russell, mencionava para eles que a hora já ia adiantada, e sugeria que encerrássemos com uma palavra de oração. Imediatamente inclinava a cabeça e orava de novo. Falta-me explicar que, todas as vezes que orava, para iniciar ou encerrar a visita, praticamente pregava o evangelho para eles, ressaltando a divindade de Cristo, sua morte para remissão de nossos pecados, a certeza de que temos a vida eterna, pela fé nele, no presente, e que obtemos a salvação apenas pela graça, independente de obras. Citava bastante as Escrituras, na verdade pregava um pequeno sermão de três minutos. Dessa forma, estava implantando na mente deles a verdade do evangelho de Jesus Cristo. E tudo isso, felizmente, sem ser interrompido. O fato é que nenhum deles, nem mesmo o mais ardoroso seguidor do "pastor" Russell, ou de Joseph Smith e Brigham Young pode interromper uma oração. Tenho observado que essa técnica produz um tremendo impacto sobre as Testemunhas de Jeová ou membros de outras seitas. É que, pelo menos durante seis minutos, temos a oportunidade de apresentar-lhes a mensagem de Jesus Cristo sem ser interrompido.

Devemos lembrar que a Palavra de Deus não voltará para ele vazia, "mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a designei" (Is 55.11).

Como sabemos, os seguidores das seitas possuem seu vocabulário particular. Por isso, é necessário que o crente faça uma definição acurada dos termos que usa ao falar de sua conversão, o que ela significa e quais os seus efeitos sobre seu espírito e mente. Este é o único argumento que não tem resposta: uma vida transformada, corretamente alicerçada na autoridade das Escrituras, motivada pelo amor a Deus e ao próximo. Alguns dos termos básicos que o crente precisa definir bem são: novo nascimento, justificação, expiação, a divindade de Cristo e sua ressurreição, perdão, graça e fé. É imprescindível que se fale também acerca do castigo eterno, pois foi para salvar-nos dele que Cristo morreu.

5. O Segredo da Paciência

Um dos aspectos mais importantes na evangelização das seitas é a paciência que se deve ter com seus seguidores. Todos os que já realizaram esse tipo de trabalho sabem que ele exige do crente muita compreensão e graça. Muitas vezes o adepto da

seita (principalmente os Mórmons e Testemunhas de Jeová) irritam o crente, tentando fazer com que perca a calma, justificando assim seus argumentos.

Se uma pessoa fosse atacada e duramente agredida por um cego enfurecido, provavelmente, não somente o perdoaria, mas teria paciência e compreensão para chegar a amá-lo, a despeito da atitude dele. Afinal, tanto a razão como a lógica argumentam que, sendo cego, num certo sentido, ele não é responsável por suas ações.

Definida a questão de que o veneno das seitas só pode ser neutralizado eficazmente com o antídoto da sã doutrina, o passo seguinte é "vacinar" todos os crentes contra os ensinamentos delas. Encontramos a solução nas próprias páginas da Palavra de Deus. E preciso que os crentes estudem 2 Timóteo 2.15; que os pastores e professores ensinem 1 Timóteo 4.1, e que haja a disposição de se começar dos preceitos básicos da doutrina, como Cristo, depois de ressuscitado, instruiu os discípulos que duvidavam. Precisamos rever as razões por que os cristãos crêem nesses preceitos. Recomendamos que se faça um estudo intensivo, principalmente das seguintes doutrinas: a inspiração das Escrituras, Trindade, Divindade de Cristo, pessoa e obra do Espírito Santo, expiação, justificação pela fé, obras, a ressurreição corporal de Cristo, e a ressurreição do homem.

Todo mundo sabe que, para o antídoto de um veneno atuar eficazmente, tem de ser ministrado na hora certa e com a dosagem receitada por um médico competente. Assim também deve ser com a doutrina cristã. Ela não deve ser ensinada de maneira árida, comose faz muitas vezes. Temos de ministrá-la em pequenas doses, durante um longo período de tempo. E o tratamento precisa ser iniciado imediatamente, a partir das classes de crianças da escola dominical até nos seminários, quando necessário.

A igreja cristã precisa entender, enquanto ainda há tempo, que o ensino da sã doutrina não implica obrigatoriamente numa ortodoxia morta. Quando entendemos corretamente a instrução doutrinária e sua aplicação na prática, elas constituem gigantescas pilastras de verdade sobre as quais nossa fé se assenta. Os grandes líderes e obreiros cristãos que têm surgido através dos séculos pregando o evangelho da graça são pessoas formadas nesse conhecimento.

A evangelização dos seguidores das seitas é tarefa da igreja de Cristo, da qual todo cristão é membro, sendo parte integrante do corpo de Cristo. Enquanto não reconhecemos isso, e os pastores e líderes não insistirem com os cristãos para que resistam aos atrativos de Hollywood, parem de adorar esse grande *deus* que é a televisão, e passem a fazer visitas de casa em casa, anunciando a um mundo perdido a boa-nova do amor de Deus em Jesus Cristo, a evangelização das seitas continuará sendo uma das grandes falhas da igreja cristã de nossos dias.

____12____

RECUPERANDO O TERRENO PERDIDO

Na coleção *O Império das Seitas*, apresentamos um estudo e análise das principais seitas não-cristãs, à luz do ensino da Palavra de Deus. Elas têm sido um constante desafio ao trabalho missionário da igreja de Cristo. Todos os grupos que analisamos são, reconhecidamente, adversários do cristianismo histórico. Então a pergunta que logo nos ocorre é: "Que medidas a igreja pode tomar, tanto nas alas ecumênicas, como nas independentes, para enfrentar esse problema que são as seitas modernas?"⁴¹

Tenho a firme convicção de que, se a igreja adotasse as sugestões que damos a seguir e as pusesse em prática imediatamente, iria ter em mãos a solução para esse problema que cresce a cada dia.

Primeiro Projeto: Coletar e Organizar Dados

Se quisermos oferecer a pastores, missionários, leigos ou estudantes qualquer tipo de informação sobre as seitas, temos de fazer um cuidadoso estudo da origem e das doutrinas de cada uma delas. Já descobrimos que a maioria dos adeptos das seitas está disposta a ouvir o que temos a dizer-lhe, principalmente se o que dizemos contradiz os ensinamentos que recebeu, e desde que os fatos apresentados sejam bem corretos e dignos de crédito. Temos visto inúmeros Mórmons e Testemunhas de Jeová, por exemplo, resolverem fazer um segundo exame de sua religião após um contato com crentes que estudaram bem a questão.

Em segundo lugar, é preciso analisar os dados estatísticos relacionados com o crescimento e desenvolvimento das seitas, para apontarmos as áreas de maior crescimento e analisar os fatores que contribuíram para ele em contraste com aquelas regiões onde ele não aconteceu.

Ainda outro recurso que poderá ser utilizado é estar atento a anúncios de jornais e revistas dos principais centros urbanos do mundo (os principais alvos das grandes seitas), para se ficar a par de atividades delas, tais como convenções, conferências missionárias, pregações especiais, etc. Para que um projeto de pesquisa dessa magnitude e amplitude alcance seus fins, precisa da cooperação de todos os grupos evangélicos interessados, contribuindo com informações dessa ordem bem como com suporte financeiro.

Segundo Projeto: Literatura Especializada

Assim como a função do primeiro projeto seria coletar, organizar e condensar dados e informações úteis, o segundo projeto seria uma espécie de passo seguinte. Falamos da publicação e distribuição desse material em escala internacional, inclusive com a tradução dele. Como bem sabem todos os missionários, o valor de folhetos, panfletos e livros publicados e distribuídos largamente nos Estados Unidos e em países onde as seitas estão crescendo com grande rapidez, seria de valor inestimável.

Na América do Sul — onde as Testemunhas de Jeová e os Mórmons vêm crescendo consideravelmente em número e em influência — além das seitas espiritualistas e animistas naturais da região, pesquisas preliminares indicam que quase noventa por cento dos indivíduos consultados não apenas desejam literatura que os auxilie a refutar e evangelizar os adeptos das seitas, mas também as solicitam com urgência.

Terceiro Projeto: Reavaliação da Educação

Desde que a cerca de duzentos anos, a atividade cristã missionária passou a ser realizada de forma mais ordenada, a pregação do evangelho vem enfrentando muitos problemas. O que mais tem contribuído para perturbar a obra de missões são as barreiras de língua, cultura, raça, nacionalismo militante e a concorrência entre missionários de linhas confessionais diferentes.

Para piorar a situação, algumas das principais seitas não-cristãs, como o Islamismo, o Budismo, o Hinduísmo, o Taoísmo, Xintoísmo, etc, fazem forte oposição aos missionários cristãos» de modo que em muitas regiões o evangelho tem avanço muito lento, e em algumas quase não é reconhecido.

E além de tudo, como já mencionei, aparecem as seitas heréticas originárias dos Estados Unidos, muitas das quais já estão estabelecidas em todo o mundo. Alguns desses movimentos estão conseguindo ganhar adeptos em campos já trabalhados por outros, obtendo enorme sucesso. Utilizando os mesmos métodos empregados pela igreja primitiva, elas procuram observar os padrões de cultura dos povos que estão catequizando, oferecem publicações na língua deles, e de um modo ou de outro, procuram sempre dar grande ênfase à Bíblia. Em muitos casos, pregam abstinência de álcool, fumo, bem como de outras práticas que chamam de mundanas ou pecaminosas.

É interessante observar que inicialmente eles procuram sempre os cristãos. Raramente tentam pregar aos que ainda não foram evangelizados, que deveriam ser o principal interesse de um genuíno programa missionário.

As seitas estão sempre dando ênfase à Bíblia, mas a despeito dessa atitude, todas elas, sem exceção, se apresentam como infalíveis intérpretes da Palavra de Deus. Tal dogmatismo só é igualado pelo dos teólogos jesuítas. Em vez de apresentarem a Bíblia como uma infalível regra de fé e prática, eles a relegam a um segundo plano. E fazem isso de maneira tão sutil, que o discípulo nem se apercebe que a principal fonte de autoridade de suas crenças não são as Escrituras, mas a interpretação que sua própria seita faz do texto bíblico.

Embora os missionários e obreiros cristãos saibam disso muito bem, ao que parece, esse conhecimento ainda não chegou aos seminários, faculdades teológicas e institutos bíblicos. Aliás, nos Estados Unidos, menos de cinco por cento dessas instituições ministram cursos sobre religiões comparadas e seitas não-cristãs como matéria obrigatória em seus currículos. Esse descaso nos deixa abismados quando pensamos nas incursões que as seitas têm feito nas fileiras evangélicas.

Com base no que temos visto no passado, podemos afirmar com segurança que nesta década, se todas as condições permanecerem inalteradas, as seitas deverão intensificar em três ou quatro vezes mais a sua atividade de propaganda. E a pergunta que fazemos é: Será que a igreja de Jesus Cristo irá erguer-se para fazer frente a isso, enquanto ainda é tempo? Ela precisa

preparar-se para defender a afirmação escriturística, inspirada pelo Espírito Santo, de que só a Palavra de Deus "é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2 Tm 3.16).

Quarto Projeto: Conferências Sobre as Seitas

Nossa última sugestão para o projeto de se realizar um esforço unificado no objetivo de fazer frente ao desafio das seitas é promoverem-se séries de conferências focalizando exclusivamente essas religiões. Isso poderia ser feito nas igrejas, ou em escolas bíblicas e seminários, ou mesmo nos acampamentos de jovens, com preletores competentes.

Essas conferências têm despertado grande interesse, já que nelas mostramos os

contrastes entre as seitas e o cristianismo histórico. Se as conduzirmos de maneira ordeira, acadêmica, sem contudo torná-las elitizadas, promovendo uma sessão de perguntas e respostas ao final de cada palestra, elas poderão atender a dois propósitos: ao mesmo tempo em que fazemos a exposição dos ensinamentos divergentes das seitas, fortalecemos a fé dos crentes nas grandes doutrinas fundamentais da fé cristã. Estou engajado nesse ministério há vários anos, sempre obtendo bons resultados. Mas ainda há muita coisa para se fazer. As Escrituras nos dizem: "Erguei os vossos olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa... mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara". (Jo 4.35; Mt 9.37,38.) O Instituto Cristão de Pesquisas pode oferecer seminários com preletores especializados. Contudo a oferta ainda é pequena em relação à demanda, e precisamos atender a ela o mais breve possível.

Concluindo então nossas observações, a caminhada para a recuperação não será nada fácil. Pelo contrário, será conturbada por problemas e conflitos. Mas se decidirmos encetá-la, veremos ao final, e mesmo durante o percurso, que muitos foram libertos das seitas, outros foram convencidos a não se unir a elas e outros ainda foram evangelizados e fortalecidos por um esforço positivo da igreja cristã de não apenas proclamar a mensagem da graça redentora, mas também defender os ensinamentos e as boas-novas de seu Salvador. Podemos obter muito sucesso nesse esforço de recuperar o terreno perdido, mas é preciso que comecemos logo.

BIBLIOGRAFIA

REFERENCIAS GERAIS

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas, Luz Para o Caminho, 1990.

BERKHOF, Louis. *A História das Doutrinas Cristãs*. São Paulo, Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992.

ELWELL, Wilter, ed. *Enciclopédia Histórica e Teológica da Igreja Cristã* (em 3 volumes). São Paulo, Edições Vida Nova, 1988.

WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro, JUERP/ ASTE, várias edições.

VAN BAALEN, Jan Kaarl. *O Caos das Seitas*. São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1986.

LEITE FILHO, Tácito da Gama. *Seitas do Nosso Tempo* (coleção em 5 volumes). Rio de Janeiro, JUERP, 1985-1991.

SCHLESINGER, Hugo e Porto, Humberto. *Crenças, Seitas e Símbolos*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

GARDNER, Martin. *Manias e Crenças em Nome da Ciência*. São Paulo, IBRASA, 1980.

WOODROW, Alain. *As Novas Seitas*. São Paulo, Edições Paulinas, 1979.

CASTEX, C, Bernardo. *Estudando a Bíblia com os Originais Hebreus e Gregos*. São Paulo, se., 1965.

ZEN-BUDISMO

CONZE, Edward. *Budismo, Sua Essência e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.

HUMPHREYS, Christmas. *O Zen-Budismo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977."

SUZUKI, D. T. *Introdução ao Zen-Budismo*. Rio de Janeiro, Civilização

Brasileira, 1961, e São Paulo, Editora Pensamento, 1969.

RYOKAN, R. M. G. *Textos Budistas e Zen-Budistas*. São Paulo, Editora Cultrix, 1967.

ISLAMISMO

HADDAD, Jamil Almansur. *O que é o Islã*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

WILLIAMS, John Alden. *Islã-mismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.

RAHMAN, Fazlur. *O Islã*. Lisboa, Arcádia, 1966.

DERMENGHEM, Émile. *Maomé e a Tradição Islâmica*. Rio de Janeiro, Agir, 1957.

BLACHERE, Régis (tradutor). *O Alcorão*. São Paulo, Difel, 1969.

CHALLITA, Mansor (tradutor). *O Alcorão*. Rio de Janeiro, Record, s.d.

HAYEK, Samir ei (tradutor). *Alcorão Sagrado*. São Paulo, Tangará, 1977.

FARES, Mohamed Ahmad A. *Islã-mismo: Mandamentos, Fundamentos*. Curitiba, ed. do autor, 1985.

FARES, Mohamed Ahmad A. *Introdução ao Sagrado Alcorão*. Curitiba, ed. do autor, 1986

LOPES, Antônio Maria. *Igreja e Islã em Diálogo*. Cucujães (Portugal), Escola Tip. das Missões. 1967.

PICKTHALL, Marmaduke. *The Meaning of The Glorious Qur'an*. Karachi, Taj, s.d.

SHAH, Idries. *The Sufis*. Anchor Books, New York, 1971.

HAMIDULLAH, M. *Introduction to Islam*. Muhammad Ashraf, Kashmir (Pakistan), 1979.

Livros Evangélicos

McCURRY, Don & Glasser, Carol. *A Cruz e a Mesquita*. Patrocínio, Amigos de Ismael, 1983.

SHEIKH, Bilquis. *Atrevi-me a Chatnar-lhePai*. Miami, Ed. Vida, 1981

FRATERNIDADE ROSACRUZ

VAN BAALEN, Jan Karel. *O Caos das Seitas*. São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1986.

HEINDEL, Max. *Conceito Rosa-cruz do Cosmos*. São Paulo, Fraternidade Rosacruz, s-d.

RELIGIÕES ORIENTAIS

Bibliografia Suplementar

DOSSMANN, Daniel. *A loga Diante da Bíblia*. São Paulo, Ação Bíblica do Brasil, s.d.

MAHARAJ, Rabi R. *Morte de um Guru*. São Paulo, Edições Vida Nova, 1990.

MAYER, Jean-François. *Novas Seitas, um Novo Exame*. São Paulo, edições Loyola, 1989.

CLEMENTS, R. D. *Deus e os Gu-rus*. São Paulo, ABU Editora, 1980.

Hinduísmo

RENOU, Louis. *Hinduísmo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1964.

LEMAÎTRE, Solange. *Hinduísmo ou Sanatana Dharma*. São Paulo, Editora Flamboyant, 1958.

CINTRA, Raimundo. *OLótus e a Cruz*. São Paulo, Edições Paulinas, 1981.

ZIMMER, Heinrich. *Idosofias da Índia*. São Paulo, Palas Athena, 1986.

STELLA, Jorge Bertolaso. *As Religiões da Índia*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1971.

STELLA, Jorge Bertolaso. *Introdução aos Upanichades*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1969.

Religiões e Seitas Não-Occidentais em Geral e Religião Comparada

PIAZZA, Waldomiro O. *Religiões da Humanidade*. São Paulo, Edições Loyola, 1977.

SCHLESINGER, H. e Porto, H. *As Religiões Ontem e Hoje*. São Paulo, Edições Paulinas, 1982.

SCHLESINGER, H. e Porto, H. *Crenças, Seitas e Símbolos Religiosos*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

CHALLAYE, Félicien. *Pequena História das Religiões*. São Paulo, IBRASA, 1962.

Vários autores. *As Grandes Religiões*. Lisboa, Edições Paulistas, 1960.

AEGERTER, Emmanuel. *As Grandes Religiões*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1957.

WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa: As Religiões no Mundo*. Petrópolis, Editora Vozes, 1983 (4.¹ ed).

DE LA SAUSSAYE, Pierre Daniel Chantepie. *Historiadas Religiões*. Lisboa, Editora Inquérito, 1940.

HUBY, José. *Christus — História das Religiões*. São Paulo, Livraria Acadêmica Saraiva, 1941.

JURGI, Edward J. *História das Grandes Religiões*. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1956.

- CUTTAT, Jacques-Albert. *O Encontro das Religiões*. São Paulo, Editora Herder, 1968.
- COPPEL, R. *As Religiões*. Rio de Janeiro, Cedibra, 1972.
- DESROCHE, Henri. *O Homem e Suas Religiões*. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.
- GAER, Joseph. *A Sabedoria das Grandes Religiões*. São Paulo, Editora Cultrix, 1965.
- HEILBETZ, Josef. *Fundamentos Teológicos das Religiões Não-Cristãs*. São Paulo, Editora Herder, 1969.
- NEEDLEMAN, Jacob. *As Novas Religiões*. Rio de Janeiro, Editora Artenova, 1975.
- WOODROW, Alain. *As Novas Seitas*. São Paulo, Edições Paulinas, 1979.
- Vários autores. *Novos Movimentos Religiosos*. Petrópolis, Concilium/Vozes, 1983.
- BISCHOFBERGER, O. *Os Jovens Seduzidos pelas Novas Seitas*. São Paulo, Edições Paulinas, 1986.
- As Grandes Religiões*. São Paulo, Editora Abril, s.d.

Livros Evangélicos

- HOOFT, W.A.V. *Cristianismo e Outras Religiões — Um ensaio sobre o sincretismo*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1968.
- LANDERS, John. *Religiões Mundiais*. Rio de Janeiro, JUERP, 1986.
- CHAPMAN, Colin. *Cristianismo: A Melhor Resposta*. São Paulo, Edições Vida Nova, 1978 (anteriormente editado como *O Cristianismo no Banco dos Réus*).
- TAYLOR, William Carcy. *Religiões e Seitas*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1955.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. *Seitas Orientais*. Rio de Janeiro, JUERP, 1987.
- COPELAND, Luther E. *O Cristianismo e as Religiões do Mundo*. Recife, STBNB, 1966.
- O Desafio das Novas Religiões*. São Paulo, ABU Editora (Série Lausanne), 1984.

Obras em Espanhol

- LEWIS, Gordon L. *Lo que todos deben saber sobre la meditación trascendental*. Barcelona, CLIE, 1976.
- MILLER, Calvin. *La servidumbre de los yogas y las filosofías orientales*. Barcelona, CLIE, 1980.

MORMONISMO

Livros da Própria Seita

- RICHARDS, LeGrand. *Uma Obra Maravilhosa e um Assombro*, n.e., n.l., 1966.
- SMITH, Joseph, Jr. *O Livro de Mórmon*. São Paulo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1981.
- SMITH, Joseph Fielding. *Ensinaamentos do Profeta Joseph Smith*, n.e., n.l., s.d.
- TALMAGE, James E. *Regras de Fé*. São Paulo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1981.
- WIDTSOE, John A. *Discursos de Brigham Young* (compilados do *Journal of Discourses*), n.e., n.l., s.d.

Livros Evangélicos

- FRASER, Gordon H. *Seria Cristão o Mormonismo?* São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1965.

McELVEEN, Floyd C *A Ilusão Mórmon*. Miami, Editora Vida, 1981.
 GEER, Thelma. *Por que Abandonei o Mormonismo*. Miami, Editora Vida, 1992.
 JUCKSCH, Alcides. *Quem São os 'Santos dos Últimos Dias'?* São Leopoldo, Editora Sinodal, 1977.
 DECKER, J. Edward. *Ao Moróni com Amor*. Miami, Editora Vida, 1981.
 BORCHERS, Walter Gilwill. *O Mormonismo*. São Paulo, Livraria Liberdade, 1943.
 RANSOM, Ira T. *ABíblia, OMor-monismo — 'Pesado foste na balança e achado em falta'*. São Paulo, Imprensa Batista Regular, s.d.
 SILVA, Plínio M. *Os Mórmons*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1960 (da coleção "Teses Pastorais", Vol. II, fascículo 4).
 JUSTUS, Amilto. *Vinte Razões por que Não Sou Mórmon*. Curitiba, edição do autor, s.d.
 LISBOA, Abdenago. *O Mormonismo Desmascarado*. Belo Horizonte, Editora Canaã. 1961.

Obras Católicas

RUMBLE, L. *Os Mórmons ou Santos dos Últimos Dias*. Petrópolis, Editora Vozes, 1959.
 WOODROW, Alain. *As Novas Seitas*. São Paulo, Edições Paulinas, 1979.

Obras Seculares

AMORIM, Nádia F. M. *Os Mórmons em Alagoas: Religião e Relações Raciais*. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.
 LIMA, Délcio M. *Oi- Demônios Descem do Norte*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1987.
 SANDRI, Dominique. *No Rastode ... Seitas e Sociedades Secretas*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1980.

Obras Evangélicas Sobre Seitas em Geral que Falam do Mormonismo

LEITE FILHO, Tácito da Gama. *Seitas Proféticas*. Rio de Janeiro, JUERP, 1985.
 WALKER, Luisa J. *Qual o Caminho?* Miami, Editora Vida, 1981.
 VAN BAALEN, J.K. *O Caos das Seitas*. São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1986.
 BREESE, Dave. *As Marcas das Seitas*. São José dos Campos, Editora Fiel, 1987.

Obras em Francês

GILLETTE, Alain. *Les mórmons: théocrates du désert*. Paris, Éditions Desclée de Brouwer, 1985.
 BOUSQUET, G. W. *Les mórmons*. Paris, PUF, 1949.

Obras em Espanhol

COWAN, Marvin W. *Los mormones: Sus doctrinas refutadas a la luz de la Biblia*. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1977.
 HOEKEMA, Antônio A. *Mormonismo*. Grand Rapids, Subcomisión de Literatura Cristiana de la Iglesia Reformada, 1977.
 DECKER, Edy Hunt, Dave. *Fabricantes de Dioses*. Puerto Rico, Editorial Betania, s.d.
 McELVEEN, Floyd. *Los mormones: Sus doctrinas, sus errores*. Barcelona, CLIE, 198a
 MARTIN, \fcaltcr. *Mormonismo*. Puerto Rico, Editorial Betania, 1982.
 BOGARD, B. *El mormonismo*. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, s.d.
 SUARES, Domingo Fernandez. *El mormonismo: ¿Revelación divina o invención*

humana? El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1977.

JACOBSON, Jay. *El mormonismo refutado*. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1972.

BRAVO, Ernesto. *Los mormones*. Buenos Aires, Editorial Claretiana, s.d.

CONTRACAPA

O QUE CARACTERIZA UMA SEITA HERÉTICA?

Jesus sabia que nos últimos tempos surgiriam falsos cristos, falsos mestres e falsos profetas, que enganariam a muitos, "vede que ninguém vos engane..." advertiu ele.

Você saberia reconhecê-los?

Como discernir o ensino falso do verdadeiro?

Por que as seitas se alastram tão rapidamente?

Como evangelizar quem está preso a uma delas?

O Império das Seitas é uma obra reconhecida internacionalmente como o que há de melhor no assunto. Sem sacrificar a exatidão acadêmica de suas pesquisas, o Dr. Walter Martin escreve de maneira clara e interessante, examinando cada seita sob três prismas:

- Análise histórica do seu surgimento.
- Exame teológico acurado dos principais ensinamentos.
- Comparação entre eles e o ensino bíblico, com ênfase na exegese e na doutrina.

Dividida em volumes menores para facilitar a aquisição e o manuseio, O Império das Seitas é uma obra de referência de valor inestimável tanto para o obreiro quanto para o leigo.

Conferencista internacional com quatro doutorados, o Dr. Walter Martin é reconhecido como um dos grandes apologistas da fé cristã em nossos dias. Foi também o fundador do Instituto Cristão de Pesquisas, organização que dirigiu até sua morte em 1989.